

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO,
HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE
PGAU-CIDADE

CLÁUDIO CASTELAN MINATTO

**MORFOLOGIA URBANA DO BALNEÁRIO MORRO DOS
CONVENTOS (ARARANGUÁ-SC): ELEMENTOS
ESTRUTURADORES E CONFORMAÇÃO URBANA**

Dissertação de Mestrado

FLORIANÓPOLIS/SC
2015

CLÁUDIO CASTELAN MINATTO

**MORFOLOGIA URBANA DO BALNEÁRIO MORRO DOS
CONVENTOS (ARARANGUÁ-SC): ELEMENTOS
ESTRUTURADORES E CONFORMAÇÃO URBANA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU - Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Área de concentração em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.
Linha de pesquisa: LP 2- Planejamento Urbano, Gestão e Meio Ambiente

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Marques Rossetto,



**FLORIANÓPOLIS/SC
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Minatto , Cláudio Castelan
Morfologia urbana do balneário morro dos
conventos (Araranguá-SC) : elementos estruturadores
e conformação urbana / Cláudio Castelan Minatto ;
orientadora, Profa. Dra. Adriana Marques Rossetto
, 2017.
250 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós
Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da
Cidade, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

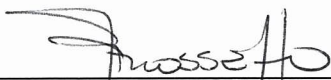
1. Arquitetura. 2. Morfologia Urbana. 3.
Elementos Estruturantes. 4. Balneário Morro dos
Conventos. I. Rossetto , Profa. Dra. Adriana
Marques . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo,
História e Arquitetura da Cidade. III. Título.

CLÁUDIO CASTELAN MINATTO

**MORFOLOGIA URBANA DO BALNEÁRIO MORRO DOS
CONVENTOS (ARARANGUÁ-SC): ELEMENTOS
ESTRUTURADORES E CONFORMAÇÃO URBANA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de "Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura das Cidades no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura das Cidades da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de dezembro de 2015.



Prof.ª Dr.ª Adriana Marques Rossetto
Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Adriana Marques Rossetto
Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Lisete Assen de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC



Prof. Dr. Ayrton Portillo Bueno
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC



Prof.ª Dr.ª Raquel Fortes do Amaral
Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI

AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador dos céus e da terra e de tudo que neles há – por vencer mais uma etapa na jornada da vida.

À professora orientadora Dra. Adriana Marques Rossetto, pela disposição, orientação, ajuda, por apoiar e acreditar na realização deste trabalho;

Aos meus avós, João de Bona Castelan (*in memoriam*), Maria José Nunes Pires Castelan (*in memoriam*) e a minha madrinha Maria Helena Castelan Carlson (*in memoriam*), que sempre apoiaram e incentivaram na luta dos meus ideais, com seus incentivos constantes;

Aos meus pais, Frederico Geraldo Minatto e Maria de Lourdes Castelan Minatto, que com um ato de amor fui concebido, e que com a educação a qual me proporcionaram fui direcionado ao sucesso nos meus objetivos;

Aos meus irmãos, Eduardo, Cristina, Rita e Paulo que sempre demonstraram ser amigos e que com carinho disponibilizaram de auxílio, apoiando e incentivando a caminhada;

À Universidade Federal de Santa Catarina, ao corpo docente do Curso de Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura das Cidades - PGAU CIDADE, pela cumplicidade e pelas aulas ministradas, e aos funcionários; em especial a Adriana Vieira secretária executiva do programa de mestrado;

Enfim, a todos os amigos (as), que nesta trajetória compartilharam nos momentos de tristeza, carinho e incentivo, e aos colegas de curso pela troca de experiências.

O olhar dirigido ao povo das praias acompanha, em sua evolução, aquele que o viajante coloca sobre a paisagem; as imagens, os esquemas e as práticas que eles, induzem se super põem, se alternam ou se combinam. Convém, todavia, não superestimar a inovação, sublinhando-se, antes de evocar a renovação das leituras, o peso das permanências... Aos olhos do viajante, o povo das praias faz-se então depositário do legendário das praias. Processo muito rico de possibilidades e mais tardio do que se acreditou por muito tempo. O estabelecimento de uma topografia lendária baseada nas narrativas de espaço reforça a indeterminação, a vacuidade do território; impõe a imagem de um lugar de incultura em cujo interior reina uma natureza invariante. Seria conveniente analisar melhor a correspondência que se estabelece entre o território litorâneo e o corpus legendário em vias de constituição. É evidente que essa atividade do imaginário implica uma recusa da apropriação e da exploração econômica desses lugares, cujos contos e lendas reafirmam a disponibilidade. Nessa perspectiva, as praias, juntamente com os matagais e os pântanos, autorizam um discurso de recusa da modernidade (CORBIN, 229-236).

RESUMO

O caráter multidisciplinar para estudos em urbanismo, arquitetura e desenho urbano, aponta uma pluralidade de enfoques pelos quais podemos compreender a cidade. Para estas áreas do conhecimento a morfologia é definida como o estudo da forma urbana. O estudo apresentado centra-se no Balneário Morro dos Conventos, localizado no litoral do Município de Araranguá, sul do Estado de Santa Catarina. A investigação teve como principal elemento motivador o entendimento da relação entre o meio natural e o meio construído, passado e o presente, assim como os aspectos que influenciaram a dinâmica de transformação do Morro dos Conventos ao longo do tempo. Elaborar-se uma análise para compreender a morfologia do território do Balneário identificando os elementos estruturantes da conformação do seu espaço e da paisagem. Buscando contribuir em informações acerca da morfologia para programas de gestão, processos de planejamento e projetos urbanos que visem um crescimento, desenvolvimento numa relação equilibrada entre o natural e o construído deste espaço litorâneo. Recorrendo a uma revisão bibliográfica, buscou-se conhecimento para orientar a análise da morfologia, dos seus aspectos entre ambiente natural e construído. Identificando as características naturais, de ocupação e traçado de todo o recorte, dividiu-se o território em Unidades Espaciais. A partir daí, analisam-se as características naturais, de ocupação, formas do traçado e seus espaços decorrentes. O Balneário revela uma dinâmica de crescimento urbano bastante estagnado tendo os elementos naturais como os principais estruturadores dos espaços. Os espaços construídos, os elementos naturais, desempenham papel essencial na formação das paisagens e na imagem do lugar. As áreas de preservação atuam como limites da ocupação, contribuindo em manter a atividade turística e a legibilidade do Balneário Morro dos Conventos. É fundamental uma relação equilibrada dos aspectos ambientais e urbanos, para garantir a continuidade da qualidade ambiental, a presença dos diferentes ecossistemas das áreas de preservação e conformação relevante da paisagem, tanto no cenário ambiental, como cultural no âmbito da região e Estado.

Palavras-chave: Morfologia Urbana, Elementos Estruturantes, Balneário Morro dos Conventos.

ABSTRACT

The multidisciplinary character for urbanism, architecture and urban design studies, points to a plurality of approaches by which we can understand the city. For these knowledge areas the morphology is defined as the urban form study. The study presented focuses in Balneário Morro dos Conventos, in Araranguá Municipality Coast, in Santa Catarina state. The investigation had as the main motivational element the understanding of the relation between the natural environment and the built environment, the present and the past, as well as the aspects which influenced the dynamics of transformation of Morro dos Conventos over the years. It is elaborated an analysis to understand the Balneário territory morphology identifying the structuring elements of the landscape and space conformation. Searching to contribute to information about morphology for management programs, planning processes and urban projects which aim a growing, development in a balanced relation between the natural environment and the built environment of this Coastal area. Having the help of a literature review, it was searched knowledge to guide the morphology analysis, of its natural and built environments aspects. Identifying the natural and occupancy characteristics, and the urban layout of all studied area, the territory was divided in Space Units. From this, it was analyzed the natural and occupancy characteristics, urban layout forms and their resulting spaces. Balneário reveals urban transformations which structured its morphology, a quite stagnant dynamic urban growth and the natural elements that are the main spaces builders. The built spaces, the natural elements, play an essential role in the landscapes formations, and in the image place. The preservation areas act as occupancy limits, contributing in keeping the tourist activity and the Balneário Morro dos Conventos legibility. It is fundamental a balanced relation between the urban and the environmental aspects. To guarantee the permanence of the environmental quality, the presence of different ecosystems of the preservation areas and the landscape relevant conformation, in the environmental scenery, as well as cultural within the region and state.

Key Words: Urban Morphology, Structuring Elements, Balneário Morro dos Conventos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Ocupação do litoral	56
Figura 2 - Mapa de Primeiras Povoações do Litoral de Santa Catarina	69
Figura 3 - Mapa dos Caminhos das Tropas	70
Figura 4 - Mapa de Localização de Araranguá	73
Figura 5 - Municípios limítrofes de Araranguá	75
Figura 6 - Vista parcial centro de Araranguá.	82
Figura 7 - Em destaque Reconstituição do Plano Urbano de Araranguá - 1886.....	83
Figura 8 - Centro de Araranguá início do século XIX	84
Figura 9 - Parte do Mapa aerofoto do Traçado Urbano de Araranguá - 1956.....	85
Figura 10 - Mapa de Araranguá com localização do Morro dos Conventos.....	87
Figura 11 - Limites da área de estudos do Bairro Balneário Morro dos Conventos.....	88
Figura 12 - Vista parcial das formações rochosas no	91
Figura 13 - Vista parcial aérea da planície da foz do rio Araranguá	92
Figura 14 - Distribuição dos cursos de água da bacia do Rio Araranguá	93
Figura 15 - A- Vista norte parcial da cobertura vegetal da planície do Rio Araranguá	94
Figura 16 - Vista parcial do conjunto Morro dos Conventos a	95
Figura 17 - Vista parcial do território do Bairro Balneário Morro dos Conventos.....	97
Figura 18 - Perfil urbano-ambiental da ocupação	97
Figura 19 - Vista parcial sentido noroeste, a partir do mirante natural (próximo ao Farol).	98
Figura 20 - Vista parcial sentido noroeste, a partir do mirante natural (próximo ao Farol).	99
Figura 21 - Vista parcial da ação dos ventos sobre as dunas próximas as escarpas	100
Figura 22 - Vista parcial da foz do rio Araranguá com Oceano Atlântico	101
Figura 23 - Mapa do empreendimento - Cidade Balneária Morro dos Conventos.....	102

Figura 24 - Perspectiva do empreendimento - Cidade Balneária Morro dos Conventos.....	103
Figura 25 - Mapa aerofoto da Região Morro dos Conventos - 1956 ...	105
Figura 26 - Abertura das vias e construção do hotel e outras edificações início anos 50.....	106
Figura 27 - Farol datado de 1953 e sua localização na ponta do Morro dos Conventos.....	107
Figura 28 - Vista parcial da execução trabalhos de escavação.....	107
Figura 29 - A - Vista parcial da fachada sul do hotel e corte no morro para passagem da via de conexão. B - Vista parcial corte no morro e a via de conexão sentido mar acima passarela de ligação entre lados	108
Figura 30 - A Vista parcial da terraplanagem da via estruturadora da parte alta com a parte da planície frente ao mar. B – Vista parcial do Edifício Erechim	108
Figura 31 - Estruturação da Cidade Balneária Morro dos Conventos anos 50	109
Figura 32 - Rede de caminhos - Estrutura geral Elementos da composição espacial.....	110
Figura 33 - A Vista parcial da praça, Igreja e Galpão de Madeira.....	111
Figura 34 - Estruturação da Cidade Balneária Morro dos Conventos anos 70	112
Figura 35 - Vista parcial da porção parte alta com vistas ao hotel. Em evidência	113
Figura 36 - Vista parcial da porção parte alta com vistas ao hotel.....	114
Figura 37 - Imagens internas Complexo do Camping Morro dos Conventos	115
Figura 38 - Imagens Complexo Iate Clube Morro dos Conventos.....	116
Figura 39 - Rede de caminhos - estrutura geral e elementos de composição espacial.....	117
Figura 40 - Mapa do Plano Diretor de 1981 - Vias - Bairro Balneário Morro dos Conventos.....	118
Figura 41 - Proposta do empreendedor de 1996 para ocupação da parte	119
Figura 42 - O Tecido Urbano - Bairro Morro dos Conventos - Vias ...	121
Figura 43 - O Tecido Urbano - Bairro Morro dos Conventos - Vias/Parcelas	122

Figura 44 - O Tecido Urbano - Bairro Morro dos Conventos - Vias/Parcelas/Edificações.....	123
Figura 45 - Espaços Institucionais - Relação de percursos	124
Figura 46 - Relação espaços públicos: Posto de Saúde, Posto Combustível, Escola.....	125
Figura 47 - Relação espaços públicos: Praça, Igreja, Centro Comunitário, creche e estacionamento.....	126
Figura 48 - Divisão das Unidades Espaciais do Bairro Balneário Morro dos Conventos	128
Figura 49 - Unidade Espacial 01- Assentamento Local	129
Figura 50 - Vista da delimitação da Unidade Espacial 01.....	130
Figura 51 - Vista da delimitação da Unidade Espacial 01 e Sub Unidades Espaciais.....	132
Figura 52 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 01 e Sub Unidades Espaciais - Vias	133
Figura 53 - Imagem (A) Vista da delimitação da Subunidade Espacial 01-A	134
Figura 54 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Vias/Parcelas	135
Figura 55 - Vista aérea a partir satélite da Bifurcação da localidade do Canivete.....	137
Figura 56 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Detalhe Parcelas	138
Figura 57 - Vista parcial dos sítios, destinados a lazer e festas ao fundo a Lagoa dos Bichos	139
Figura 58 - Vista parcial dos comércios e suas relações com a via principal.....	141
Figura 59 - Vista parcial Subunidade Espacial -A - Edificações	142
Figura 60 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 01-B e suas vias.	143
Figura 61 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Vias/Parcelas	145
Figura 62 - Vista parcial das residências, das vias e suas relações com o entorno	146
Figura 63 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Detalhe parcelas/lotes	147

Figura 64 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Edificações	149
Figura 65 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 01- C – Vias	150
Figura 66 - Vista parcial das ruas estreitas, passeios, muros e relações Rua X Lotes	152
Figura 67 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Vias/Parcelas.....	153
Figura 68 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- C - Parcelas/Lotes	154
Figura 69 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Detalhe Parcelas/Lotes	156
Figura 70 - Vista parcial das ruas fletidas estreitas, ângulos e relações Rua X Lotes	157
Figura 71 - Vista parcial Subunidade Espacial 1-C - Edificações	158
Figura 72 - Vista parcial aérea evidenciando as vias principais ao centro urbanização.	159
Figura 73 - Unidade Espacial 02 – Zona Rural-Planície Agrícola.....	160
Figura 74 - Imagem Vista da delimitação da Unidade Espacial 02	161
Figura 75 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias	163
Figura 76 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias-Parcelas .	163
Figura 77 - Vista parcial da estrada secundária para área inundável com plantações de arroz.....	164
Figura 78 - Vista parcial da plantação de fumo ao fundo árvores, arbustos nas cotas mais altas.	165
Figura 79 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias-Parcelas-Edificações.....	166
Figura 80 - Vista parcial do campo da zona agrícola,.....	167
Figura 81 - Unidade Espacial 03- Balneário Paiquerê	168
Figura 82 - Vista da delimitação da Unidade Espacial 03	169
Figura 83 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 03- A – Vias	170
Figura 84 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Vias-Parcelas	170
Figura 85 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Vias-Parcelas-Lotes-Detalhes.....	171
Figura 86 - Vista das ruas, edificações, vegetação e vazios.....	172

Figura 87 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias/Parcelas/Edificações	172
Figura 88 - Unidade Espacial 04 - Morro dos Conventos	174
Figura 89 - Imagem Vista da delimitação da Unidade Espacial 04.....	175
Figura 90 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 - Vias...	177
Figura 91 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 - Vias - Parcelas	178
Figura 92 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 - Vias - Parcelas - Lotes - Aproximação	179
Figura 93 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 -Vias-Parcelas- Edificações.....	180
Figura 94- Aproximação da Subunidade Espacial 04	181
Figura 95 - Imagens Vias-Passeio Público - Hotel - Edificações-Comércios	182
Figura 96 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04-B	183
Figura 97 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04-B	183
Figura 100 - Vista da delimitação da Unidade Espacial 05.....	187
Figura 101 - Vista parcial da Unidade Espacial 05 e limites naturais.	189
Figura 102 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 05- Vias	190
Figura 103 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 05- Vias-Parcelas	191
Figura 104 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 04 -Vias- Parcelas-Lotes-Aproximação.....	192
Figura 105 - Vista Parcial da Via Principal Parte Baixa/Alta-Praça/Campo Futebol-.....	193
Figura 106 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 04 -Vias- Parcelas-Lotes-Edificações.....	194
Figura 107 - Unidade Espacial 06 - Áreas de Preservação Permanente	195
Figura 108 - Mapa com a delimitação da UE06 - Áreas de Preservação	197
Figura 109 - Vegetação de Restinga.....	198
Figura 110 - Vegetação de Restinga por entre as dunas.....	199
Figura 111 - Vista parcial das Dunas mais elevadas frente ao paredão rochoso	201
Figura 112 - Vista parcial das Dunas mais elevadas frente	201
Figura 113 - Vista parcial das Dunas situações diversas.....	202

Figura 114 - Vista parcial das Dunas mais elevadas frontais e campos de dunas.	203
Figura 115 - Vista parcial das Dunas frontais e faixa praial frente à área mais urbanizada	203
Figura 116 - Vista parcial dos Campos de Dunas e construções sobre as dunas	204
Figura 117 - Vista parcial do Acesso de veículos, estacionados e circulando na faixa praial.....	205
Figura 118 - Vista aérea parcial do geossítio no Morro dos Conventos	206
Figura 119 - Vista parcial das camadas tabulares das rochas sedimentares.....	207
Figura 120 - (A)- Vista parcial localização das Furnas, a seta vermelha sinaliza a	207
Figura 121 - Vista parcial do Farol datado de 1953 no Morro dos Conventos	208
Figura 122 - Vista frontal do geossítio a partir da praia do Morro dos Conventos. Na foto pode-se visualizar a estrutura tabular das rochas do Morro dos Conventos e as dunas presentes na área.	209
Figura 123 - A - Vista parcial aérea do Rio Araranguá no Morro dos Conventos.	210
Figura 124 - Vista parcial da Lagoa dos Bichos ao fundo propriedades da UE-01	211
Figura 125 - Vista parcial de riachos e canais a partir da lagoa dos Bichos	212
Figura 126 - Vista parcial da formação de banhados	212
Figura 127 - Mapa Síntese dos Mapas Mentais	234
Figura 128 - Gráfico síntese das Categorias	236
Figura 129 - Gráfico da Categoria Elementos Naturais	237
Figura 130 - Gráfico da Categoria Vias	237
Figura 131 - Gráfico da Categoria Pontos Referenciais.....	238
Figura 132 - Gráfico da Categoria Ocupações/Edificações	238
Figura 133 - Gráfico da Categoria Equipamentos Comunitários	239
Figura 134 - Gráfico da Categoria Instituições Comunitária/Posto Combustível.....	239
Figura 135 - Vista Parcial do Farol, entorno e Funcionalidade.....	241
Figura 136 - Vista Parcial do Farol entorno e Funcionalidade.....	242

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
1.1 OBJETIVOS	24
1.1.1 Objetivo Geral	24
1.1.2 Objetivos específicos	24
1.2 JUSTIFICATIVA	25
1.3 METODOLOGIA	26
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	28
CAPÍTULO II – A CIDADE, SUA MORFOLOGIA E PAISAGEM	29
2.1 A CIDADE.....	29
2.2 A MORFOLOGIA URBANA	34
2.3 A MORFOLOGIA DO TRAÇADO URBANO.....	37
2.3.1 A forma urbana e suas análises.....	39
2.3.2.1 Os espaços públicos urbanos	49
2.4 A ORIGEM E MORFOLOGIA DAS CIDADES NO BRASIL	52
2.5 DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO LITORAL DE SANTA CATARINA	68
2.5.1 As cidades catarinenses.....	70
CAPÍTULO III – A CIDADE DE ARARANGUÁ: SUA ORIGEM	73
3.1 ARARANGUÁ: EVOLUÇÃO URBANO-TERRITORIAL	76
3.2 BAIRRO BALNEÁRIO MORRO DOS CONVENTOS	87
3.2.1 Localização e contexto do Bairro Balneário Morro dos Conventos	87
3.2.2 Histórico - O projeto e implantação da "Cidade Balneária Morro dos Conventos"	102
3.3 ELEMENTOS ESTRUTURADORES DA MORFOLOGIA DO BALNEÁRIO MORRO DOS CONVENTOS	120
3.3.1 Traçado, Parcelamento e Edificações	120
3.3.2 Espaços Institucionais e sua Relação com o Sistema de Espaços Públicos	124
3.3.3 Unidades Espaciais.....	126
3.3.3.1 Unidade Espacial 01 (UE 01).....	128
3.3.3.1-a) Sub Unidade Espacial 01-A (UE 01-A) - Traçado linear "espinha de peixe"	133

3.3.3.1-b) Sub Unidade Espacial 01-B (UE 01-B) - Traçado com malha orgânica.....	143
3.3.3.1-c) Sub Unidade Espacial 01-C (UE 01-C) - Traçado Orgânico irregular.....	150
3.3.3.2 Unidade Espacial 02 (UE 02) - Zona Rural - Planície Agrícola	159
3.3.3.3 Unidade Espacial 03 (UE 03) - Balneário Paiquerê.....	167
3.3.3.4 Unidade Espacial 04 (UE 04) - Morro dos Conventos - Parte Alta	173
3.3.3.5 Unidade Espacial 05 (UE 05) - Morro dos Conventos.....	186
3.3.3.6 Unidade Espacial 06 (UE 06) - Áreas de Preservação Permanente	195
3.4 SÍNTESE DAS UNIDADES ESPACIAIS	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
REFERÊNCIAS.....	223
ANEXO.....	233
ANEXO I – UMA APROXIMAÇÃO À IMAGEM PÚBLICA DO MORRO DOS CONVENTOS.....	234
MAPA MENTAL 01 - MORADOR.....	244
MAPA MENTAL 02 - MORADOR.....	245
MAPA MENTAL 03 - TURISTA	246
MAPA MENTAL 04 - TURISTA	247
ANEXO II – FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO EMPREENDIMENTO - LADO 01	248
ANEXO III – FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO EMPREENDIMENTO - LADO 02	249
ANEXO IV – (EX) DA ATUAÇÃO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - JORNAL DA MANHÃ DA MANHÃ 31/01/2013	250

1 INTRODUÇÃO

A formação dos núcleos urbanos ou das cidades, bem como dos seus desenhos, é decorrente da interação das atividades sociais com o meio ambiente, em contínuo processo de transformação das paisagens naturais e das construídas. Podemos considerar a cidade como produto das ações do homem sobre o meio natural, tornando-se necessário um melhor entendimento das diversas dimensões, da sua configuração e de todo o conjunto para uma relação harmônica entre o meio natural e os objetos construídos.

Com o processo crescente de industrialização, que se deu após a revolução industrial no século XVIII, a urbanização das cidades no mundo tem seguido uma visão extremamente positivista e progressista, que pressupõe a inesgotabilidade dos recursos naturais. Diante de tal visão, o homem vem promovendo uma série de transformações socioambientais, utilizando recursos naturais em uma dinâmica da relação de troca. Assim, os ecossistemas se moldam entre o meio natural e meio construído.

A partir do fenômeno mundial da urbanização e com o crescimento populacional, e em nome da modernização, no século XX profundas mudanças passam a ocorrer no meio urbano e no meio rural, o que vem influenciando na ocupação de novos espaços, principalmente em países em desenvolvimento. No Brasil, a ocupação territorial privilegiou o litoral desde a sua colonização face à sua posição em relação ao Oceano Atlântico que funcionava como via de comunicação com Portugal.

Posteriormente, esse movimento de ocupação se estendeu para o interior e, quando inicia o processo de industrialização no Brasil, a ocupação na zona litorânea se dá com maior intensidade, propiciando assim novas configurações de urbanização e ocupação na costa marítima brasileira. Surgem também, novos núcleos habitacionais e um maior desenvolvimento das cidades que já concentravam grande parte da população funcionando com suas múltiplas atividades.

No Estado de Santa Catarina, fruto também deste processo de ocupação a dinâmica de urbanização ocorreu com maior intensidade no litoral e posteriormente se estendeu para o interior com a formação de núcleos de habitações, de vilas, que mais tarde se transformariam em cidades. Atualmente a faixa litorânea do estado concentra mais de um terço da sua população e as cinco maiores cidades estão situadas na zona costeira.

O estudo aqui apresentado refere-se ao Balneário Morro dos

Conventos, pertencente à cidade de Araranguá, município do sul do Estado de Santa Catarina. Este lugar, marcado pelos seus espaços, pelos seus atores, por sua paisagem que valoriza seu cenário, guarda as memórias e os testemunhos de todas as atividades que se sucederam e o transformaram no atual Balneário Morro dos Conventos.

Apesar do traçado das ruas e da forma dos quarteirões do núcleo inicial permanecerem quase imutáveis ao longo dos anos, o balneário experimentou um processo de crescimento, no qual novos parcelamentos surgiram com novas tramas de arruamentos e a construção de novas edificações que vão preenchendo os lotes vazios. Hoje, o balneário, um lugar com os seus espaços “vazios” e edificados atrelados à riqueza dos seus elementos naturais, formam um contexto bastante propício e procurado para o turismo, para a contemplação da paisagem, para a prática de esportes e para moradia.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender a morfologia do território do Balneário Morro dos Conventos identificando os elementos estruturantes na conformação do seu espaço e sua paisagem.

1.1.2 Objetivos específicos

Para alcançar a meta central, abordaremos os seguintes objetivos específicos:

- Resgatar elementos acerca da dinâmica da ocupação urbana do Balneário Morro dos Conventos.
- Identificar os elementos morfológicos do Balneário Morro dos Conventos.
- Levantar a percepção dos moradores e visitantes do Balneário Morro dos Conventos em relação aos elementos de legibilidade do lugar.
- Avaliar o papel dos elementos paisagísticos na estruturação da morfologia do Balneário Morro dos Conventos conforme percepção dos moradores e visitantes.

1.2 JUSTIFICATIVA

O conhecimento e a compreensão dos elementos que constituem a morfologia do Balneário Morro dos Conventos e dos fenômenos que lhe deram origem são fundamentais para a continuidade do seu desenvolvimento e para direcionar intervenções urbanísticas conscientes e inovadoras.

A existência de elementos morfológicos que funcionam como fortes estruturadores deste lugar estão diretamente relacionados com seu processo de formação, de crescimento e entre eles os elementos naturais com grande tendência à permanência¹, que têm resistido às transformações urbanas, constituindo uma mais valia para o estudo e para a própria compreensão deste balneário.

Constitui o ponto de partida deste trabalho, a busca de informações para gerar conhecimento, levando-se em conta a relevância histórica, a qualidade paisagística, ambiental do sítio e da região em estudo.

Por se tratar de uma região com forte potencial turístico devido à qualidade e conformação da paisagem, que pode gerar pressão por transformações mais profundas nesta estrutura e perda de características morfológicas que hoje conferem singularidade e beleza cênica ao lugar, buscamos gerar conhecimento que sirvam de subsídio para a gestão pública, no que se refere às ações e às políticas públicas.

A utilização da morfologia e da paisagem no processo de planejamento urbano precisa ser encarada como uma prioridade para o desenvolvimento sustentável de cada cidade, uma vez que o processo de desenvolvimento e a qualidade da paisagem estão vinculados à qualidade de vida de seus habitantes e do meio ambiente.

Desta forma, nota-se a importância de viabilizar estudos e disseminar pesquisas na perspectiva de verificar o que está acontecendo com o uso e ocupação do solo contemporâneo, sob o ponto de vista da manutenção da qualidade das faixas litorâneas, dos serviços ambientais e

¹ Conceito de permanência está ligado diretamente com a continuidade histórica, entre a memória e a contemporaneidade do caráter de uma cidade. A permanência está nos valores históricos apresentados na análise morfológica do tempo presente na cidade. Esses valores históricos vão além das formas da cidade, mas estão nelas representados e referenciados como memória reconstruída de seu desenvolvimento. São valores que revelam as particularidades de uma cidade que esta sempre em formação, é inclusive, poderão permanecer em sua forma futura.

benefícios econômico-sociais que as paisagens prestam à atual e às futuras gerações.

1.3 METODOLOGIA

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.83).

O alcance dos objetivos propostos sustentou-se em uma abordagem qualitativa de cunho exploratório. Para tal abordagem recorreu-se aos ensinamentos de Santos (2008), que recorre ao processo histórico para estudo das cidades. Para este autor "[...] onde mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. E ele, portanto, presente, porque passado e futuro" (SANTOS, 1997, p.84). Assim, a análise da morfologia urbana do Balneário Morro dos Conventos e dos seus espaços públicos estruturantes foi efetuada considerando um período que nos remete aos anos de seu descobrimento chegando aos dias atuais.

Efetuiu-se através de pesquisas bibliográficas, reconhecimento *in loco* da região analisada e busca de dados junto aos órgãos governamentais e não governamentais, os quais nos permitiram um estudo das preexistências, a identificação da estrutura de ocupação colonial e dos momentos mais significativos do seu crescimento e da sua transformação.

Para o estudo do sítio físico natural constituinte da morfologia do Balneário Morro dos Conventos foram realizadas, com ênfase na obra de Serra (1984) Espaço Natural e a Forma Urbana, uma descrição geral a contextualização do espaço natural deste lugar, sendo consideradas, a geomorfologia, o clima e a hidrografia. Ainda em relação à descrição do meio físico, a fim de aprofundar o entendimento de questões ambientais urbanas, incluiu-se aspectos ecológicos e de preservação ambiental. Para esta etapa recorreremos à literatura específica sobre o assunto e também o reconhecimento visual efetivado através de visitas no referido local.

Para entendimento e reflexão da morfologia urbana, da área em estudo, nos apropriamos dos conceitos e da contribuição dos estudos

realizados por Panerai (2006) e por Lamas (2004). Realizou-se um trabalho de campo para a identificação das permanências no bairro Morro dos Conventos como lugar contemporâneo, quer ao nível de traçados e de espaços públicos, quer ao nível de obras edificadas referentes aos momentos mais marcantes do crescimento e da transformação deste bairro/balneário, e que se traduziu fundamentalmente num trabalho fotográfico e de mapeamento. Foram elaborados mapas e croquis, para um maior entendimento do conjunto global dos espaços do Bairro, no sentido de entendimento das relações que se têm estabelecido neste lugar, entre estruturas urbanas e ecossistemas naturais para posterior divisão em unidades espaciais de análise.

Efetuamos um levantamento e busca de documentos cartográficos e iconográficos em arquivos, bibliotecas, prefeitura municipal de Araranguá, Secretarias do Estado de Santa Catarina. Outras informações necessárias para a elaboração destes mapas foram obtidas junto à Prefeitura Municipal, Secretaria de Planejamento de Araranguá (PMA), Fundação Ambiental do Meio Ambiente de Araranguá (FAMA) e Fundação Estadual de Meio Ambiente (FATMA) e bibliotecas. A documentação para a elaboração dos mapas encontrou apoio na base cartográfica oficial digital da prefeitura (escala variável - escala 1/10.000), no mapa aerofotogramétrica do Plano Nacional do Carvão (1956) na escala 1/10.000, na Planta do projeto do Balneário Morro dos Conventos (1958) na escala 1/5.000, na Planta do Plano Físico Territorial Araranguá (1981) na escala 1/50.000, no conjunto de fotos aéreas (1957, 1977, 1994 e 2002) e/ou imagens de satélite e mapas temáticos (vias, rios, relevo, ocupação do solo).

Identificados os momentos mais significativos do desenvolvimento do lugar, objeto do estudo, buscou-se as fontes documentais mais adequadas ao apoio e à sustentação da dissertação. Recolhidas as fontes cartográficas e iconográficas, passou-se à fase de elaboração da cartografia caracterizadora da morfologia natural e urbana do Balneário. O conjunto das informações foi sistematizado em mapas, cuja elaboração partiu de sobreposições que respeitaram cada dimensão de análise considerada. A partir destes mapas, pode-se ter um maior entendimento das relações entre os aspectos naturais e artificiais do espaço.

Após reconhecimento de todo o território do Balneário Morro dos Conventos, os métodos utilizados para análise do território neste

trabalho foram dois: a divisão de todo o território em Unidades Espaciais² distintas considerando a homogeneidade de cada espaço e suas características de agrupamento a partir do traçado urbano e uma segunda divisão dos compartimentos protegidos por lei, neste caso as áreas de preservação permanente (APPs).

A divisão em Unidades Espaciais serviu para classificar e organizar as informações acerca do Balneário, nas suas peculiaridades, usos, características naturais e construídas, agrupadas por características semelhantes que possibilitaram uma leitura mais precisa, proporcionando trocas de escala, sem que se perdesse a compreensão do todo.

A forma do traçado foi o eixo principal deste trabalho, a partir de conceitos de Panerai (2014), entre outros autores, pode-se fazer reconhecimento e análise dos traçados existentes, e ter um entendimento maior de outras dimensões do conjunto total da espacialidade do Morro dos Conventos.

E por fim, para a análise da imagem do lugar, reportou-se aos estudos de Kevin Lynch (1997) com a aplicação de mapas mentais como método de investigação para uma aproximação à imagem pública do Morro dos Conventos, para avaliação da percepção dos indivíduos e das impressões reais dos usuários, afim de, detectar os elementos estruturantes do espaço urbano a partir da visão dos entrevistados no entendimento da identidade do referido lugar. Ver (ANEXO 1).

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro contempla a introdução e demarca o fenômeno investigado; o segundo cuida do referencial teórico, dividido em oito seções que abordam, respectivamente, A cidade, a morfologia urbana, a forma urbana e a sua análise, o sistema da forma urbana, os espaços públicos urbanos, a origem e a morfologia urbana das cidades brasileiras, a forma urbana das cidades catarinenses. O terceiro capítulo versa sobre a cidade de Araranguá, origem e a sua morfologia urbana, apresentação do Bairro Balneário Morro dos Conventos, histórico, a análise, a Imagem do Balneário, a síntese da análise e finalmente, às conclusões, recomendações e sugestões para novas pesquisas.

² Denominação dada pelo autor para divisão do território.

CAPÍTULO II – A CIDADE, SUA MORFOLOGIA E PAISAGEM

2.1 A CIDADE

É remota a origem das cidades. Se é aceito que as cidades primordiais apareceram há cerca de cinco milênios – Ur, Nipur, Uruk, Tebas, Assur, Nínive, Babilônia, entre outras aglomerações –, o longo processo de transformação de uma minúscula célula de povoamento, de origem rural, num espaço organizado de características urbanas, será ainda muito anterior, correspondendo a um período histórico a que poderíamos chamar proto-urbano. Recuando no tempo, concluímos que os sítios da ocupação humana se modificaram, tornando-se cada vez mais complexos. A cidade provém da pequena povoação, do santuário e da aldeia, que, por sua vez, tem origem no acampamento, no esconderijo, na caverna e no amontoado de pedras e, *ab initio*, tudo teve origem na predisposição do ser humano para a vida social (MUNFORD, 1998).

Com sua origem na Antiguidade, o surgimento da cidade se deu a partir das relações humanas das "trocas", ou seja, através do mercado. Hoje existe em todos os lugares do planeta, independente do modo de produção dominante. A cidade é o palco das relações socioeconômicas, históricas, geográficas e ambientais esboçadas pelo homem.

Serra (1984, p. 07) cita:

Platão via com vinculação do fenômeno urbano à divisão do trabalho e à existência de excedentes agrícolas, assim como compreendia a função 'mercado' da cidade e a necessidade de que parte de seus excedentes fosse trocada por produtos que seu sítio não pudesse produzir. Contudo para Platão a cidade era também o Estado.

O autor ainda menciona que "essa idealização da cidade grega é encontrada também em Aristóteles o qual, entretanto, supunha a urbanização como processo natural. É evidente, pois, que a cidade faz parte das coisas da natureza" (SERRA, 1984, p.07).

Desde sua origem, as cidades sempre tiveram enorme importância política e econômica. Corresponde ao local em que se concentram populações e com isto tornam-se produtoras de laços culturais, econômicos, políticos, ambientais e criam tradições. Por isso, elas representam muito mais que a simples sede de poder. Elas espelham as igualdades e as diferenças sociais, viabilizam o acesso a serviços e aos

bens na sociedade contemporânea. Conhecer uma cidade é conhecer como vivem seus habitantes, como promovem suas relações sociais, sua economia, suas tradições e como se manifesta o poder.

Assim, a história das cidades está intimamente relacionada com a história da cultura e do pensamento, e diante disso, os períodos de crise e revolução da cultura são obviamente, em longo prazo, refletidos nas cidades e na forma como nós as entendemos em relação ao passado, presente e futuro.

A noção de cidade divide opiniões e exige a soma de esforços para seu entendimento a parte das mais diversas áreas de conhecimento. Tratando-se de amplo campo de pesquisa, historiadores, antropólogos, sociólogos, geógrafos, economistas, arquitetos e urbanistas, entre outros profissionais, buscam o entendimento da cidade e fazem inúmeras tentativas, ao empregar definições que buscam respostas para a realidade espacial em face à realidade urbana que vivemos.

Então, para esta reflexão e entendimento da cidade e clareza de tal fenômeno, faz-se necessário elencar alguns conceitos que servem como auxílio.

Sob o enfoque do historiador Lewis Mumford (2004, p. 9), “não há definição que se aplique sozinha a todas as suas manifestações, nem descrição isolada que cubra todas as suas transformações, desde o núcleo social embrionário até as complexas formas da sua maturidade e a desintegração corporal da sua velhice”.

Diante desta visão histórica parece não haver critérios universais capazes de determinar o que seja cidade em qualquer tempo, sendo necessária uma definição para cada etapa de desenvolvimento do espaço assim denominado.

Este historiador ainda parece flutuar na ausência do sentido, ao dizer que a cidade é “[...] a forma e o símbolo de uma relação social integrada” se equidistância do arquétipo humano e arquétipo mecânico.

Na vertente antropológica, Robert Ezra Park (1916), representante máximo da Escola de Chicago, para quem “[...], a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a estes costumes e transmitidos por esta tradição” (PARK 1916, p.577), este procura enxergar no produto físico as suas terminalidades genuinamente humanas, tendo a cultura como referência.

Para o sociólogo e filósofo, Léfèbvre a cidade “é um objeto espacial que ocupa um lugar e uma situação” (1972, p.65) ou “a projeção da sociedade sobre um local” (2001, p. 56), enquanto que o “urbano é a simultaneidade, a reunião, é uma forma social que se afirma” (1986, p.159).

Ressalta ainda este autor, que "a vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo, a natureza. É o caso da aldeia, cuja relação com a cidade, na história e no momento atual, está longe de ser totalmente conhecida. É o caso dos parques, dos jardins, das águas cativas" (LÉFÈBVRE, 1986, p. 68).

Na Geografia, ciência humana que também se dedica ao estudo e à compreensão do que pretendemos chamar de cidade. Milton Santos (1992) nos atenta e é enfático ao explicitar a associação conceitual entre urbano e a cidade, mas menciona que é fundamental distingui-los: "a cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim a materialidade visível do urbano enquanto que este é o abstrato, porém o que dá sentido e natureza a cidade" (SANTOS, 1992, p.241).

Na linha de pensamento da arquitetura e urbanismo, Kevin Lynch (1960 apud CHOAY, 1997, p. 308) define a cidade como "[...], construção dentro do espaço, mas uma construção em grande escala, um objeto perceptível só através de longas seqüências temporais". O mesmo se apega à estética urbanística, este é o foco do interesse deste autor, fazer variações sobre a materialidade da cidade enquanto território construído de significado sublimado. Trata da percepção e da interiorização da cidade segundo os princípios da psicologia da Gestalt³. Os conceitos de "caminho", "limite", "bairro", "nó" e "marco" introduzidos por Lynch (1960) exercem grande influência até hoje.

Aldo Rossi (1977, p. 261) em sua obra "Arquitetura da Cidade" conceitua "que nos revelam a cidade como artefato material, uma forma de ocupação do solo e organização do espaço cuja permanência e significação vêm a caracterizá-lo como dos mais importantes legados da nossa cultura material".

Rossi (1977, p. 261) procura entender a forma da cidade a partir de sua arquitetura, citando cidades como Atenas, Paris e Roma para explorar a ideia de arquitetura, não apenas como imagem visível, e sim, como uma construção constante capaz de moldar a cidade, conferindo-

³A palavra alemã Gestalt significa forma ou configuração, para a qual não existe uma equivalência na língua portuguesa ou inglesa, podendo ser entendida como "configuração", "estrutura", "relação estrutural" ou "todo organizado. Segundo a visão da teoria da Gestalt, a configuração de um estímulo complexo é a sua essência. Os elementos que integram parte de um estímulo ou de uma experiência não podem se somar para recriar o original, tendo em vista que a essência do original reside em suas complexas relações e em sua configuração geral, o que é perdido quando as subpartes são analisadas separadamente (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, p, 19).

lhe a imagem de sua cultura. Ou seja, a cidade como manufatura, um artefato que cresce no tempo.

No Brasil, Murilo Marx (1980) em seu livro “Cidade Brasileira” inicia descrevendo que “a cidade, como tal, é obra de todos e, por isso, muito grande e complexa; empenho continuado de gerações. O resultado do seu fazer e de evidentes ou sutis transformações se mostra revelador”. Mais adiante lembra que para “bem orientar o impressionante processo de urbanização do país, torna-se também imperativo conhecer melhor e compreender bem as suas povoações” (MARX, 1980, p.07).

As cidades são “aglomeração de pessoas⁴”, no início são vilas, vilarejos freguesias que crescem e se desenvolvem segundo uma dinâmica espacial, definida por circunstâncias históricas, socioeconômicas e ambientais. A cidade não é apenas “uma forma de povoamento⁵”. A cidade é também um espaço destinado à produção e à distribuição de bens, serviços e renda ou, ainda, “um modo de vida⁶”. É antes de tudo pertencente às coisas da natureza.

É uma resultante entre a ação humana sobre o meio físico. Hoje a cidade nada mais é que um espaço constituído de outros espaços, muitas vezes chamados de lugares, sempre suscetíveis, passíveis de modificações, interligados entre si, formando uma estrutura, através da sequência de pontos e contrapontos não interrompidos. (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 37).

Ou seja, é o produto, a resultante da dinâmica acumulada das características de um determinado espaço e das sucessivas decisões de diferentes atores, com os mais variados objetivos, interesses diante de diversos recursos, que ao passar do tempo influenciam-se mútua e continuamente pelas suas decisões.

A cidade é um palco, é um cenário de transformações, interações de apropriação, é o resultado dos “atos” de uma sincronia entre o lugar⁷ e

⁴Vista como pressuposto da cooperação, isto é, os homens aglomeram-se para cooperar no trabalho destinado ao atendimento de suas próprias necessidades, segundo SERRA (1984, p. 61).

⁵ Entendida como forma de ocupação do território.

⁶ Entendido como o modo de vida urbano, sendo um produto da cidade, não é exclusivo desta.

⁷ Compreende um conjunto de identidades particulares e a existência de um espaço específico. E enquanto “cenário físico da atividade social” (GIDDENS, 1991 p.26-7).

⁸ Conceito de espaço como conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações (SANTOS, 2008, p. 142).

o espaço⁸, é a produção deste espaço e a memória de todas estas mesmas apropriações.

As transformações acontecem em todos os lugares das cidades, existe um passado, um presente e um futuro, uma dinâmica na linha do tempo sobre o "sítio"⁹, uma síntese de vários momentos. De um modo geral, observa-se que geralmente se mantém o sítio, altera-se a "forma"¹⁰, o "desenho urbano"¹¹ e conseqüentemente a sua "configuração formal espacial"¹². Diante destas manifestações, os sítios na contemporaneidade são uma verdadeira síntese de vários momentos da história, aliado às permanências, sem que ocorra um corte epistemológico nesta linha do tempo entre futuro, presente e passado.

Assim a sua forma é apenas a forma de "um determinado momento" do lugar, de um sítio, da cidade. Geraldo Serra (1984) e José Lamas (2004) ao estudar a forma urbana defendem pensamentos distintos, porém complementares, o primeiro diz que "é a disposição no espaço das várias partes da aglomeração urbana" (SERRA, 1984, p.99) e também "o conjunto das relações espaciais que estas mantêm entre si e com o todo, como percebida pelo seu contorno, cor e textura" (SERRA, 1984, p.99). Trata-se de um "projeto coletivo, definido através das relações de poder na sociedade e está, ele mesmo (projeto coletivo), em contínua modificação" (SERRA, 1984, p.102). Por sua vez, José Lamas (2004, p.31) defende que "não é somente um simples produto e não depende só da sociedade que a produz e das condições históricas, sociais, econômicas e políticas em que a sociedade gera o seu espaço e o habita", mas também "de teorias e posições culturais e estéticas" de quem as "idealiza e constrói".

Contudo, a cidade é também entendida como um organismo vivo,

⁹ O sítio geográfico de uma cidade, seja ela de fundação natural ou artificial, refere-se a aspectos intrínsecos ao local e às suas áreas circunvizinhas, como: relevo, solo, clima e vegetação e também enquanto suporte físico das áreas construídas e livres de um aglomerado.

¹⁰ Entendida como disposição no espaço, como contorno espacial dos objetos, como conjunto das relações espaciais entre a disposição destes e suas relações mantidas com o todo, observada e percebida pelo contorno externo, cor textura e dimensões.

¹¹ Campo disciplinar que trata da dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físicos espaciais e sistemas de atividades que interagem com a população através de suas vivências, percepções, e ações cotidianas - DEL RIO (1990, p.54).

¹² Configuração formal espacial, relativo a vazios, cheios e suas relações (HOLANDA, 2007, p.115).

que possui uma forma e se transforma continuamente, produzindo e consumindo. Trata-se de um verdadeiro mosaico em crescimento, resultado este das determinações do espaço natural, dos artefatos arquitetônicos, das ações, interações, inserções do humano que está em constante transformação e que cresce sobre ela própria.

Diante de diversos níveis e uma gama variada de dimensões, a leitura da cidade é tida como de alto grau de complexidade. Lamas (2004) diz que a primeira leitura será sempre o nível “físico-espacial e morfológico”, afirma que é uma leitura “específica da arquitetura”, e que só esta pode evidenciar e ou mostrar a composição de cada espaço e a singularidade de cada forma, e ainda “explicar as características de cada parte da cidade”. Menciona ainda, que a esta, “juntam-se outras níveis de leituras que revelarão diversos conteúdos” entre eles os históricos, econômicos, sociais e outros. Mas categoricamente, afirma que este “conjunto de leituras só é possível, porque a cidade existe como fato físico e material” e que “todos os instrumentos de leitura lêem o mesmo objeto – o espaço físico, a forma urbana”. (LAMAS, 2004, p.31).

2.2 A MORFOLOGIA URBANA

O termo “morfologia” deriva do grego *morphé+lógus* (*morphé*-forma, *lógus*-estudo), tendo como significado mais exato, o estudo das formas exteriores, ou seja, utiliza-se então o termo morfologia para designar o estudo da estrutura e da configuração exterior de um objeto, podendo considerar “a ciência que estuda a forma” ou “a ciência que trata da forma” (LAMAS, 2004, p.37).

O caráter multidisciplinar para estudos em urbanismo, arquitetura e desenho urbano, aponta uma pluralidade de enfoques pelos quais podemos compreender a cidade. Para estas áreas do conhecimento, a morfologia é definida como o estudo da forma urbana. Estuda a forma, os fatos e fenômenos que lhe deram origem, o tempo, a época e os processos de transformações interligando um ao outro. É um conceito relacionado à imagem, à leitura, que os indivíduos fazem dos objetos arquitetônicos e urbanos (edifícios, praças, ruas, cheios e vazios).

Através deste enfoque a morfologia urbana para Lamas (2004, p. 37) é a disciplina que estuda “o objeto - a forma urbana - nas suas características exteriores, físicas e a sua evolução no tempo”, o que torna evidente então, que se deve caracterizar os elementos morfológicos desde sua origem e sua transformação ao longo do tempo.

Este autor nos adverte que “sem o profundo conhecimento da morfologia urbana e da história da forma urbana, arriscam-se os

arquitetos a desenhar a cidade segundo práticas superficiais, usando "feitos" sem conteúdo disciplinar" (LAMAS 2004, p.22). Através de sua obra nos leva "à reflexão e investigação sobre a forma urbana". Pondera também que

a produção da cidade não pode ser entendida como um mero processo de distribuir edifícios no território, resolver problemas funcionais, ou criar condições para o investimento econômico. Antes do mais, o espaço habitado e construído pelo homem é matéria de competência da arquitetura, e não de um somatório de disciplinas, de técnicas e de outras preocupações também necessárias (LAMAS 2004, p. 24).

Neste mesmo sentido, Lamas (2004) destaca que a “morfologia urbana irá estudar essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura”. Para este autor o estudo "morfológico não se ocupa do processo de urbanização, quer dizer, do conjunto de fenômenos sociais, econômicos e outros, motores da urbanização". E salienta que "estes convergem na morfologia como explicação da produção da forma, mas não como objeto de estudo” (LAMAS, 2004, p.37).

Na análise morfológica prevê-se uma determinação no conhecimento das origens, da evolução e da “imagem” do meio urbano. A forma, sendo o objetivo final de toda a concepção, está em conexão com o “desenho”, quer dizer, com as linhas, espaços, volumes, geometrias, planos e cores, a fim de definir um modo de utilização e de comunicação figurativa que constitui a “arquitetura da cidade” (LAMAS, 2004, p.44).

Com isso, a forma urbana pode ser considerada “aspecto da realidade, ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente à materialização dos aspectos de organização funcional e quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos”.

Sendo assim, para que se faça o conhecimento do meio urbano, este implica necessariamente a existência de instrumentos de leitura, que permitam organizar e estruturar os elementos apreendidos, e uma relação objeto estudado e observador.

Para isto, busca-se também aporte e utilização de informações provenientes de disciplinas distintas, como a economia, sociologia, história, geografia, arquitetura, entre outras, uma vez que cada qual

possui seus instrumentos específicos para esta leitura e compreender o todo da morfologia, pois estes se complementam.

Deste modo pode-se explicar um fato concreto: a cidade como fenômeno físico e construído. Explicação essa que "visa à compreensão total da forma urbana e do seu processo de formação. Com imprecisão de linguagem, no calão arquitetônico, muitas vezes as palavras morfologia e forma são usadas indistintamente e sem diferenciação de significado (LAMAS, 2004, p. 44)".

Lamas (2004, p.44) propõe que esse estudo seja feito a partir da análise dos elementos morfológicos - as "unidades ou partes físicas que, associadas e estruturadas, constituem a forma", enfatiza que, "os elementos morfológicos devem relacionar-se com a escala de análise como concepção do espaço".

Seguindo esta lógica e para uma maior compreensão, Santos (1994, p.122) diz que "[...] o espaço tem um papel privilegiado, uma vez que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre esse passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam".

Lamas (2004, p.44) ressalta que esse estudo deve se ocupar dos elementos morfológicos da cidade e da sua articulação entre si com os lugares que constituem o espaço urbano. O espaço urbano enquanto território possui a condição de estabelecer relações entre os indivíduos, ou seja, significa que a arquitetura da cidade estrutura-se para afirmar relações ideológicas e culturais, onde acontecem diversos processos de troca e vivências urbanas (PESCARINI, 2003 p.65). Para Hillier (1986), estas propriedades espaciais são formadas por um conjunto de barreiras e permeabilidades de vários tipos, que pode ser uma simples vizinhança entre células fechadas (construções) e abertas (pátios) em relações diretas umas com as outras e com os espaços públicos.

Para Lamas (2004, p. 39) "um estudo da morfologia urbana não só tem que ter atenção aos "momentos de produção do espaço urbano", como também "identificar esses mesmos momentos e as suas inter-relações".

E salienta que, ao longo da história, a produção do espaço urbano foi o resultado, não só, de regras legais e de convenções sociais, mas também do modo como as várias partes ou elementos da cidade foram organizados e combinados, ou seja, do seu desenho urbano. E que, só mais recentemente, houve a preocupação de planificar e programar as quantidades (densidades, fluxos, volumetria,...), as utilizações (uso do solo) e as localizações, o que, "de um modo geral, precederá o desenho urbano" (LAMAS, 2004, p. 39).

Podemos afirmar que a morfologia urbana é o estudo da evolução das formas urbanas, tendo em atenção o "desenvolvimento urbano"¹³ e a "reutilização"¹⁴ das partes da cidade.

A cidade é em grande escala, uma construção no espaço que só é percebida no decorrer do tempo, é uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções erguido por muitas mãos em um período de tempo relativamente curto. Sua forma deve ser descompromissada e adaptável aos objetivos e às percepções de seus cidadãos.

As funções fundamentais que as formas das cidades podem expressar são: circulação, usos principais do espaço urbano e pontos focais. É indiscutível que se o ambiente for organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá concluí-lo com seus próprios significados e relações (LYNCH, 1997).

2.3 A MORFOLOGIA DO TRAÇADO URBANO¹⁵

Grelha, quadrícula, trama reticular, tabuleiro, plano ortogonal, plano em xadrez, e linearidade. Todos estes termos servem para designar as linhas retas, sinuosas e cruzadas que remetem a uma forma elementar de fazer ruas, largos, praças e edifícios no interior ou nas bordas desses limites, dando origem aos mais antigos traçados urbanos.

O historiador Joseph Rykwert afirma que as primeiras plantas ortogonais para as cidades gregas resultam de antigos ritos e cosmogonias incorporadas às práticas dos agrimensores e geômetras (RYKWERT, 2006). Para Gaston Bardet¹⁶, os traçados ortogonais são puramente convencionais, embora seja com intersecções contínuas, uma

¹³ Entendido como o "conjunto de processos que conduzem ao crescimento das cidades, por expansão ou por alterações no seu interior" (LAMAS, 2004, p. 111).

¹⁴ "Reutilização" resultante de opções administrativas ou de particulares que não só alteram o uso, como também modificam a forma (LAMAS, 2004, p. 112).

¹⁵ Nos estudos sobre a morfologia urbana, alguns autores fazem a distinção entre "morfologia do tecido" e "morfologia do traçado". Para Albert Levy a morfologia do tecido encontra-se sobretudo nos trabalhos da escola italiana, enquanto a morfologia do traçado, ou morfologia dos planos urbanos, constitui uma noção vaga em sua acepção em razão de seus múltiplos usos na atualidade (LEVY, 1992).

¹⁶ A história dos traçados urbanos mostraria a adoção de diversas fórmulas ortogonais em casos e épocas distintas: cruciformes, quadrilhados, retangulares, paralelos, com diagonais (BARDET, 1951).

riquíssima semi-retícula carregada de complexidade estrutural, resultando em um padrão (*pattern*) de vias e quarteirões segundo uma determinada ordem.

Nestor Goulart Reis (1995) defende a tese do “colonialismo cultural”, para este autor, na cultura urbanística do Brasil, padrões urbanísticos estabelecidos durante a administração do Marquês de Pombal (1750-1777) fazem parte de uma estratégia global de colonização perfeitamente estruturada. Neste período denominado pombalino, a linearidade, o traçado em xadrez é introduzido formalmente como parte de uma estratégia incluindo aí uma política de urbanização. Ele será aceito, sobretudo, por sua potência de difusão, já que possui grande maleabilidade no uso do solo e na construção; podendo-se levar a termo reconstruções no interior de cada quarteirão, independente uns dos outros, sem modificar a base geométrica. A regra diretriz é manter uma constância da esquadria permitindo as vias de se adaptarem com liberdade ao terreno e às necessidades funcionais. Ele intensifica o valor dos terrenos nas intersecções das ruas, mas em troca perdem valor os terrenos situados no centro de cada quadra¹⁷.

No processo de expansão de muitas cidades brasileiras, o traçado ortogonal simples constitui a base de reprodução rápida da forma urbana. Todavia, uma vez implantado, fica muito mais difícil adequá-lo a um sistema misto – como é o caso do traçado radioconcêntrico¹⁸ – que melhor atende a crescente demanda de circulação de pessoas e mercadorias. Como afirma Benévolo, utilizando-se apenas o plano em xadrez aumenta-se a incerteza do desenvolvimento futuro e torna precária e genérica a paisagem urbana (BENEVOLO, 1992). Afinal, sozinha a *traza* (um plano regulador de duas dimensões), não possibilita a previsão de como e quando ocorrerá a construção de edifícios nos lotes disponíveis. A cidade deve poder crescer, e não se sabe o quanto

¹⁷ Ver pesquisa de Carlos Nelson Ferreira dos Santos sobre a grelha (SANTOS, 1988).

¹⁸ Os traçados radioconcêntricos são aqueles em que as vias efetuam a disposição de circuitos concêntricos uns contra os outros em relação a um ponto principal interior de onde partem as vias radiais para o exterior e efetuando na passagem a ligação dos diversos circuitos. Esses circuitos podem não ser constituídos de linhas curvas, mas de uma sucessão de linhas retas. Bardet afirma que existem duas categorias: os traçados naturais condicionados pela topografia; e os traçados convencionais, guiados pela preocupação de facilitar a circulação. Esses últimos são muito geométricos e criam formas poligonais regulares (BARDET, 1951).

crecerá. Ao ser estendido em todos os sentidos, o desenho em tabuleiro promove a incerteza das fronteiras, a transitoriedade dos limites externos da cidade.

Para o urbanismo moderno, o traçado em xadrez, apesar de sua inerente racionalidade, traz consigo a dificuldade de adaptação da circulação com o aumento de veículos no espaço urbano.

Le Corbusier propõe “limpar o terreno”, fazer uma “cirurgia” capaz de suprimir práticas correntes e insuficientes como a da rua desenhada no meio daquelas que a cortam, ou o alargamento de uma rua antiga, conseguidas por meio de usurpações, à direita ou à esquerda. A solução seria deixar que a “rua sobrecarregada permaneça no estado em que se encontra”, para então inventar uma “nova rede de ruas muito largas, que têm a ver com a urbanização da era moderna” (LE CORBUSIER, 2004, p.172). Este pensamento tornar-se-á hegemônico. Mas, convém lembrar, a implantação de nova rede viária é operação complexa, cara e demorada.

Pode-se, a partir do exposto, identificar diferentes modos de compreender a relação do traçado da malha com os elementos morfológicos resultantes. Entretanto, é comum o entendimento de que este traçado direcionará a forma como este espaço irá evoluir, condicionado às escolhas coletivas anteriores, presentes e futuras em um contínuo processo de formação e transformação. Neste processo haverá sempre pontos estruturadores amalgamados em cada período que se refletirão nos novos períodos de formação e de transformação do espaço.

2.3.1 A forma urbana e suas análises

“Pensar na cidade e no que expressa a partir de suas formas e lugares é ser morfo-lógico” (SANTOS 1986, p. 60).

Analisar a cidade a partir da sua materialidade, da configuração da forma urbana é uma das maneiras pelas quais podemos identificar os espaços socialmente utilizados. Com este enfoque, alguns arquitetos passaram a estudar a cidade e contribuíram muito com a suas teorias, assim podemos destacar desde Zevi (1978) com sua obra "Saber Ver Arquitetura", Sitte (1992, 1898), Rossi (1995) e Lynch (1981), estes dois com suas teorias contundentes, Panerai (1994), Lamas (1992), Holanda (1985 *et al*), Kohlsdorf (2005 *et al*) com estudos mais recentes, entre outros autores. Existe uma grande afinidade identificada em suas críticas relativas às teorias modernistas e seu legado no espaço urbano. Já Argan

(1993) e Norberg-Schulz (1984) se dedicaram ao exame desta questão segundo os aspectos sócio-culturais e fenomenológicos agregados à paisagem, existindo também outros referenciais.

Bruno Zevi (1978), em sua obra o livro "Saber ver a arquitetura", ao distinguir arquitetura das demais atividades artísticas, diz que "o caráter essencial da arquitetura está no fato de agir com vocabulário tridimensional que inclui o homem" (p.17), define a arquitetura "como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha" (p. 18), e também afirma que a arquitetura provém "do vácuo, do espaço contido, do espaço interior em que os homens andam e vivem", e acrescenta que "o espaço interior [...] é o protagonista do fato arquitetônico" (ZEVI, 1978, p. 25).

O autor estabelece, que

tudo o que não tem espaço interior não é arquitetura, mas que "a experiência espacial própria da arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitado vazios, isto é, tenha criado espaços fechados (ZEVI, 1978, p. 25).

Zevi (1978, p. 25) diz estar certo de que, "todo o espaço urbanístico, tudo que é visualmente limitado por cortinas, quer sejam muros, filas de árvores ou cenários, é caracterizado pelos mesmos elementos que distinguem o espaço arquitetônico", e complementa dizendo que "é óbvio que todos os edifícios colaboram na criação de dois espaços: os interiores, definidos perfeitamente pela obra arquitetônica, e os espaços exteriores ou urbanísticos que estão contidos nessa obra e nas contíguas". A construção do seu espaço físico resulta da sua "arquitetura".

Já Camillo Sitte (1992), foi um dos pioneiros no estudo da forma urbana, investigou a articulação dos espaços relacionando-os à proporção da arquitetura, seus estudos revelaram alguns princípios básicos da composição da forma urbana. Concentrou suas preocupações quanto aos aspectos visuais dos espaços e das edificações.

E na busca de um aperfeiçoamento do urbano, Sitte examinou profundamente os espaços urbanos atraentes do passado, procurando extrair deles os princípios abstratos dos quais teria resultado à base do seu sucesso. Através de um consistente conhecimento histórico o autor fundamentou suas análises, não se limitou apenas em adotar um ponto de vista meramente estilístico. Com isso demonstrou que a forma urbana

quando tratada indevidamente apresentava uma série de problemas e inconvenientes.

Uma vez que esses princípios fossem compreendidos, ele acreditava, "poderiam então ser aplicados novamente, resultando, portanto, em produtos igualmente admiráveis" (SITTE apud ARAÚJO, 1992, p. 59).

Entre os princípios mais presentes nos espaços analisados por ele, foi o de "enclausuramento" reconhecendo que, por necessidades sócio-econômicas a praça enclausurada da antiguidade e do período medieval tinha que ser substituída, pelos mercados fechados mais confortáveis do século XIX. Ele denunciava enfaticamente que, no exterior, os espaços eram basicamente utilizados para o tráfego sendo este, aliás, o principal conflito que Sitte não pôde resolver:

[...] esses sistemas (radial, retangular) cumprem apenas a estandardização da área urbana. São puramente mecânicos em concepção. Reduzem a malha urbana em mera utilidade para o tráfego, nunca servindo aos propósitos de arte. Eles não transmitem nenhum apelo ao sentido da percepção e suas características só são visualizadas através do desenho (SITTE, 1945, p. 59).

Este autor considerou problemáticos alguns aspectos formais, tais como: monotonia, regularidade excessiva, rigidez simétrica, entre outros aspectos resultantes da inadequação formal. Através desta perspectiva, Sitte demonstrou como o desenho da cidade foi sendo formado a partir das suas edificações, sendo resultado de formação ao longo do tempo e como a forma assume diversos aspectos configuracionais (GUIMARÃES, 2004).

Quando afirma que a "forma [da cidade] resume-se na arquitetura da cidade", podendo esta ser entendida como "uma grande manufatura, uma obra de engenharia e de arquitetura [...] que cresce no tempo" ou como "fatos urbanos caracterizados por uma arquitetura e, portanto, por uma sua forma". Aldo Rossi corrobora com o pensamento de Zevi. No entanto, Rossi reconhece que "a arquitetura não representa senão um aspecto de uma realidade mais complexa" (ROSSI, 1966, p. 43).

Esta realidade mais complexa é representada pelos processos sócio-espaciais. E neste sentido é importante ter consciência que a cidade não só é uma estrutura espacial, onde necessariamente existe uma relação entre os elementos que a constituem e o seu espaço, mas também como um resultado da sociedade que a produz e das suas condições

históricas, sociais, econômicas e políticas em que essa sociedade gera o seu espaço e o habita.

Deste modo a apropriação social e cultural do espaço da cidade determina também a sua forma e a configuração dos espaços urbanos possui atributos que permitem informar, com maior ou menor facilidade aos seus usuários, sobre onde estão e como se deslocam conscientemente para outros lugares.

Kevin Lynch também um dos pioneiros ao estudo da morfologia urbana, no final dos anos 50, estudou cidades americanas. Para Lynch (1997, p.11), "contemplar cidades pode ser especialmente agradável, por mais vulgar que o panorama possa ser" seu trabalho, consiste em considerar a imagem da cidade como um atributo que possui estrutura (organização espacial), identidade (particularidade ou aquilo que a difere) e (Imageabilidade) significado (um sentido que é dado para). Essa metodologia tem sido aplicada para auxiliar estudos de morfologia urbana e planejamentos urbanos em vários países ao longo dos últimos 60 anos.

Ao analisar a imagem da cidade e seus elementos, menciona que a sua análise "limita-se aos efeitos dos elementos físicos perceptíveis", porém o autor considera também "o significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome" como outros fatores que são relevantes influenciadores da imagem (LYNCH, 1997, p.57).

No entanto, frisa que os elementos da imagem urbana que estuda, são passíveis de uma classificação conveniente em cinco tipos de elementos, podendo estes se referir a formas urbanas, já que esses estes elementos aparecem em muitos tipos de imagens do meio ambiente: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes (LYNCH, 1997, p. 58).

Lynch (1999), através da análise reflexiva sobre a qualidade ambiental segundo o enfoque do desempenho da forma urbana, destaca-se como marco teórico. Nesta sua teoria da Boa Forma da Cidade, o autor compreende a forma de maneira mais ampla que sua mera estrutura física. Seu objeto é a cidade cuja forma serve aos propósitos humanos.

Este urbanista analisa a forma da cidade a partir da problematização da relação entre os valores, os propósitos humanos e o local, caracterizada como desempenho da forma da cidade. Lynch destaca que a qualidade de um local, decorre do efeito conjunto do local e da sociedade que o ocupa. Em outras palavras: a forma-conteúdo preconizada pelo geógrafo Milton Santos (1999).

Com base na ideia de que todas as pessoas carregam estes mapas em sua memória para facilitar sua navegação pela cidade, Lynch acreditava na existência de imagens públicas e coletivas, em detrimento das diversas e distintas imagens individuais.

Um conceito básico trabalhado pelo autor é o da legibilidade, entendido como a facilidade com que cada uma das partes [da cidade] pode ser “reconhecida e organizada em um padrão coerente” (LYNCH, 1960, p.2).

É importante ter claro que a legibilidade a que Lynch se refere é aquela proveniente dos aspectos visuais da cidade, ou seja, não leva em consideração esquemas que advêm de aspectos físicos da cidade ou outros sistemas que podem contribuir para a legibilidade, mas não são ligados à imagem da cidade especificamente.

Estruturar e identificar o meio ambiente são atividades vitais de todo animal móvel (LYNCH, 1997, p.13). São muitas as espécies de orientação usadas, que por outro lado, a sensação de desorientação é angustiante para quem vivencia a cidade. Um ambiente legível oferece segurança e possibilita uma experiência urbana mais intensa, uma vez que a cidade explore seu potencial visual e expresse toda a sua complexidade.

Lynch critica as formulações teóricas funcionais e normativas, por estas, além de não abordarem a questão da qualidade ambiental, analisarem o espaço “segundo parâmetros que o empobrecem, reduzindo-o a um recipiente neutro, a uma distância dispendiosa, ou a um elemento de distribuição residual de algum outro processo, não espacial” (LYNCH, 1999, p.44).

Na mesma direção Panerai, Castex e Depaule (2004) iniciam, em 1975, um percurso de estudo da forma urbana, observando aspectos das cidades européias, Amsterdam, Frankfurt, Londres, Paris, extraem exemplos de morfologias da modernidade. Segundo os autores, formas que no decorrer de um século, entre os anos de 1860 a 1960 “deformaram a fisionomia” (p.11) das cidades e transformaram nosso modo de vida.

Panerai (2006, p.30) defendendo a análise visual afirma que “além de afastar a ambiguidade produzida pela confusão entre meios específicos dos analistas (arquitetos, urbanistas) e a percepção da cidade por seus habitantes, a obra de Lynch fornece ainda a melhor ferramenta para uma análise global, a melhor porque a mais simples”.

Ao considerar seu interesse pela dimensão física para compreensão da cidade, Panerai (2006, p. 14), diz que “o espaço físico é passível de análises objetivas que permitem revelar um primeiro nível de

significação. Este nível é específico da arquitetura". Com isso, Panerai (2006) percebe que a forma urbana excluiria a influência das condições sociológicas nas práticas dos habitantes. Então este autor também reconhece que a forma urbana não reina solitária, pois há uma autonomia relativa da forma. E por ser relativa essa autonomia, a forma urbana não se acharia excluída das “determinações econômicas e culturais que pesam sobre a produção da cidade e da arquitetura”.

Panerai (2006, P. 14), afirma “[...] a cidade – e sua inserção no território geográfico, sua forma, o desenho de suas vias, a organização de seu tecido, as relações entre seus bairros – não é independente dos grupos sociais que a produzem, que nela vivem e que a transformam”. Isso faz pensarmos que o tecido urbano se forma de maneira influenciada por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos.

Existe, portanto, uma forma física relacionada aos aspectos formais e às concepções estéticas, e uma forma relacionada ao uso. Nesse sentido, o autor propõe a análise morfológica como instrumento para identificar as práticas dos habitantes e a materialização dessas práticas no espaço construído.

O autor ao justificar sua metodologia, argumenta que “a compreensão das formas arquiteturais urbanas é um meio tão legítimo e também tão eficaz como qualquer outro meio de compreender uma sociedade” (PANERAI, 2006, p. 12).

Isso nos faz corroborar com que a forma da cidade, seu tecido urbano é resultado do processo dinâmico de todas as ações do homem sobre o espaço, com todos os fatores e suas influências e todas as dimensões e ou a associação destas, sejam elas sociais, culturais, políticas e econômicas.

Com isso a análise morfológica depende da identificação dos elementos morfológicos que compõem o tecido urbano e de como se estruturam para formação desse tecido. Panerai (2006, p. 77) salienta ainda, o “tecido urbano é constituído pela superposição ou imbricação de três conjuntos: a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações”. E conclui que “Conhecer a forma das cidades e reconstituir sua história é também orientar uma maneira de projetar”.

Lamas (2004) também considera que para a realização da análise morfológica se faz necessário a aglutinação de informações sobre diversos campos disciplinares, como da arquitetura, geografia, história, economia, política e sociologia. O exame dessas informações possibilitará, segundo o autor, explicar a forma urbana e seu processo de formação e de transformação.

Tendo como método de examinar as cidades, segundo preceitos dos aspectos socioculturais e fenomenológicos agregados à paisagem¹⁹, destaca-se o italiano Giulio Carlo Argan (1995). Este com sua obra "História da arte como história da cidade", aponta três importantes conceitos: cidade, objeto e arte. Para o autor, a obra de arte determina um espaço urbano: "o que a produz é a necessidade, para quem vive e opera no espaço, de representar para si de uma forma autêntica ou distorcida a situação espacial em que opera" (ARGAN, 1995, p.2).

Sua metodologia consiste em correlacionar a história da cidade, com a história da arte, e com isso propõe uma definição, de aporte teórico, da cidade relacionada ao espaço e a paisagem: "uma cidade pode ser considerada uma parte recortada da continuidade e infinitude do espaço" (ARGAN, 1995, p.2). O autor faz uma análise da cidade que cresce desmesuradamente, menciona ainda que a cidade "é uma unidade conformada e determinada segundo um sentido. A forma da cidade é um espaço construído, finito e delimitado, compreendido na extensão do espaço *continuum*, que é infinito, ilimitado e não-determinado (ARGAN, 1995, p. 1).

Para este autor, tudo que já foi tomado pelo homem, é o urbano mesclado com a natureza, desta forma, é possível pensarmos a paisagem configurada como um processo histórico de representação das relações sociais, uma tradução estética da sociedade através do qual, práticas e ideologias tornam-se realidades materiais, concebidas pela transformação de seu significado em ordem efetiva dos objetos sobre o território.

Outro arquiteto que veio igualmente a contribuir para este tema foi Christian Norbert-Schulz, focando a sua atenção no *genius loci*²⁰, o "espírito do lugar" herdado da antiguidade romana. Para Norbert-Schulz (1980 apud JAPIASSU; MARCONDES, 1996), não existem diferentes tipos de arquitetura, existem situações diferentes que, para satisfazer às exigências físicas do local e às necessidades psicológicas do ser humano, resultam em diferentes soluções. Para fazer arquitetura significa visualizar o *genius loci*, assim o trabalho do arquiteto reside na criação

¹⁹ Paisagem no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é definida como "espaço de terreno que se abrange de um lance de vista." Nesta pesquisa o termo será utilizado para conferir um caráter distintivo, da criação de lugares.

²⁰ Norbert-Schulz relaciona o conceito de *Genius loci* ao *Daimon* dos gregos: "Na filosofia grega, gênio (espírito) bom ou mau, inferior a um deus, mas superior ao homem: o demônio de Sócrates era um gênio que lhe inspirava e dava conselhos (JAPIASSU; MARCONDES, 1996).

de lugares significantes que permitem ao Homem habitar.

Este autor vê o lugar como uma representação da verdade aparente na arquitetura, uma manifestação concreta do ato de habitar próprio ao homem, porque "a identidade do homem vem da apropriação do lugar" (SCHULTZ, 1980 apud JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 444).

O conceito de lugar na arquitetura e urbanismo se afasta da idéia de uma localização abstrata, ultrapassando-a: na composição desse entendimento está presente uma percepção do local que reúne a presença humana, os elementos construídos, os fatos históricos e culturais que determinam sua qualidade e diferenciação como esclarece Norbert-Schulz, sobre o termo: [...] uma totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas essas coisas determinam uma 'qualidade ambiental' que é a essência do lugar. (NORBERG-SCHULZ, 2008 p. 444).

Ainda ao tratar da ideia de lugar, Norberg-Schulz, atribui menor atenção aos "cercamentos"²¹, e evidencia as propriedades empíricas que a relação entre paisagem e assentamentos pode indicar, e trata do conceito de "caráter" por considerar um segundo dado fundamental ao reconhecimento da estrutura do lugar.

Portanto para este autor, "caráter é um conceito ao mesmo tempo mais geral e mais concreto do que "espaço". Por um lado, indica uma atmosfera geral e abrangente e, por outro, a forma e a substância concreta dos elementos definem o espaço [...] (NORBERG-SCHULZ, 2008 p. 451). E conclui afirmando que "até certo ponto o caráter de um lugar é uma função do tempo; ele muda com as estações, com o correr do dia e com as situações meteorológicas, fatores que acima de tudo, determinam diferentes condições de luz (NORBERG-SCHULZ, 2008 p. 451).

Assim, podemos observar que as mudanças e alterações do caráter de um determinado lugar são atribuídas principalmente aos fenômenos naturais de alterações climáticas, decorrentes da natureza. O autor em sua análise sugere um retorno ao propósito original da construção, ou seja, a criação de um meio adequado para sobrevivência de atividades humanas, e para isso, retira do homem as relações de domínio sobre a paisagem.

Este conceito traz o entendimento de que a cidade não é apenas uma estrutura espacial, onde necessariamente tenha que existir uma

²¹ Denominação, que Norberg-Schulz atribui aos elementos construídos pelo homem.

relação entre o espaço e os elementos que a constituem, mas também como o resultado da produção da sociedade que a produz através das suas condições históricas, sociais, econômicas e políticas em que essa sociedade gera o seu espaço e o habita. Automaticamente a forma da cidade é proveniente da apropriação social e cultural do espaço da cidade.

Quando se analisa a forma urbana²² é fundamental falar de dimensão²³ e de escala, neste sentido de que "a compreensão e concepção das formas urbanas ou do território coloca-se em diferentes níveis, diferenciados pelas unidades de leitura e de concepção" (LAMAS, 2004, p. 73).

Entende-se então que a leitura da cidade, como lugar deverá ser feita simultaneamente por diversas dimensões e escalas, ou seja, em diversos níveis.

Disso convém, para o esclarecimento das relações propostas pelo presente estudo, uma definição ou clareza de conceito das "estruturas" envolvidas no processo de formação da cidade conseqüente estudo da mesma. Assim a pesquisa preocupou-se em delimitar, à luz da bibliografia consultada, aquilo que se entende por elementos morfológicos do espaço urbano, ou seja, suas estruturas. Tratou-se de traçados, ruas, quarteirões, lotes e edifícios.

O traçado compõe-se de um entrelaçado de ruas que se assenta num sítio e determina a distribuição dos outros elementos urbanos, ligando-os às várias partes da cidade. O traçado é uma das permanências que se pode perceber em nossas cidades, sendo geralmente, uma estrutura de difícil variação. (LAMAS, 1989).

A rua compõe o traçado urbano, e assim como ele também é uma permanência na forma da cidade que geralmente sobrevive aos períodos históricos. A rua é o elemento que une diferentes pontos importantes do lugar da cidade, ou seja, ela se transfigura no caminho que se assenta

²² Independentemente de ser a "forma física" de uma praça, de uma rua ou de uma cidade ou, ainda, a "composição de diferentes unidades espaciais e elementos morfológicos" (LAMAS, 2004, p. 73).

²³ Lamas (2004) considera existir três dimensões espaciais na morfologia urbana: a dimensão setorial – a escala da rua; a dimensão urbana – a escala do bairro e a dimensão territorial – a escala da cidade. É importante aqui referir que esta classificação das dimensões espaciais na morfologia urbana apóia-se, como afirma Lamas (p. 75), nas classificações de J. Tricart e de A. Rossi, os quais consideram haver três escalas: uma a nível da rua; outra a nível de bairro e uma última a nível da cidade.

sobre o traçado (LAMAS, 1989).

A via pública, também espaço público sempre funcionou como elemento estruturante dos vários usos da cidade, pois ela que proporcionava acesso e os conectam.

O quarteirão pode se basear tanto na forma construída como no processo de traçado e divisão fundiária. É tanto um contínuo de edifícios agrupados em si, como pode ser um espaço delimitado pelo cruzamento de vias (LAMAS, 1989).

O lote, além de ser uma porção cadastral da estrutura urbana, é, sobretudo, a gênese e o fundamento do edificado. A forma do lote é entendida aqui como condicionante da forma do edifício, e conseqüentemente, da forma da própria cidade (LAMAS, 1989).

O edifício é entendido como o elemento mínimo dentro de uma estrutura urbana. Ele é fator condicionante da morfologia urbana, ou seja, dos diferentes espaços que se identificam como elementos da forma urbana como ruas, praças, avenidas.

Entre estes elementos que evidenciam a morfologia dos espaços urbanos, no contexto da presente pesquisa os espaços públicos urbanos por consistirem-se no palco do cotidiano da vida urbana e dos elementos de ligação entre os outros aspectos da estrutura da cidade, constituem-se em elementos importantes para o entendimento das dinâmicas urbanas e de seus processos de formação e de transformação.

A título de consulta, no Brasil, Kohlsdorf (2005) em sua metodologia trabalha com a Dimensão Topoceptiva. Observa as características configurativas dos espaços incidentes na noção de localização dos indivíduos, em termos de orientação e identificação. Examina-se o desempenho topoceptivo dos lugares em diversos níveis de apreensão do espaço: níveis de conhecimento sensível e abrangência universal (percepção e imagem mental) e nível de conhecimento profissional e abrangência restrita (representação projetual).

Desenvolve sua metodologia baseado em três níveis de estudo.

- Nível da Percepção do Espaço, refere-se ao atendimento de expectativas topoceptivas por meio da percepção humana, nível caracterizado por presença física do observador no espaço considerado. A percepção integra a totalidade dos sentidos e da inteligência, mas a visão é a principal envolvida na percepção espacial humana (em caso de sua deficiência, atua o sistema tátil-cinético). A globalidade qualifica as informações visualmente captadas e sua

decodificação, pois se percebem conjuntos com significados, e jamais aglomerados de elementos isolados.

- Nível da Imagem Mental do Espaço, refere-se ao atendimento de expectativas de orientação e identificação espacial por meio da evocação mental de lugares previamente experimentados. A imagem mental forma-se por representação e interpretação pela memória de características morfológicas recolhidas na percepção; com esta integra o modo de conhecimento sensível, que se apóia em informações captadas pelos sentidos humanos.
- Nível da Representação Projetual do Espaço, refere-se ao atendimento de expectativas de orientação e identificação espacial expressas em aproximações mais objetivas da realidade do que no modo de conhecimento sensível (níveis da percepção e imagem mental). Emprega representações espaciais geométricas e matemáticas necessárias à fidelidade da construção às idéias do projetista, formando um sistema convencionalmente definido; este possui alto grau de abstração e abrangência não universal.

Para cada um destes Níveis de estudo a autora elenca uma série de elementos dentro das Principais Categorias Analíticas Morfológicas a serem analisadas entre elas sítio, traçado, parcelamento edificações e as suas relações.

2.3.2.1 Os espaços públicos urbanos

No campo do urbanismo, o conceito de espaço público apresenta certa ambiguidade, pois tanto nomeia lugares materiais como remete à esfera da vida social e política. É oportuno lembrar aqui que “a aparição de termos novos ou a difusão de antigas palavras sob novas acepções marca geralmente a emergência de novas problemáticas” (CHOAY apud MERLIN, 1998, p. 25).

Com as transformações ao longo dos anos e a dinâmica da vida contemporânea, os espaços públicos passaram a exercer funções diferenciadas. São utilizados, cada qual com os interesses da sociedade que a pertence, muitas vezes servindo de palco para manifestações da vida política, do lazer, do comércio e reuniões de uma sociedade. Porém, atualmente redes sociais, a internet e os *shopping centers*, assim como a insegurança e o descuido dos espaços públicos, retiraram parte das pessoas das ruas e das praças de nossas cidades. No entanto, espaços

públicos ainda são representativos da vida urbana que se faz presente, e são os únicos lugares onde a vida coletiva, sem distinção de raça e classe social, permanece inalterada.

Bettencourt (2010, p. 11) afirma que, "para o urbanista os *espacos públicos urbanos* são espacos exteriores, livres e abertos, com zonas públicas, movimento e atividades".

Porém, esta mesma autora menciona que o autor do livro *Espace Urbain – vocabulaire et morphologie* faz a distinção entre “espaço público” e “espaço público livre”, salientando que é este último que o urbanista apreende. E apresenta a definição:

Espace public – Il est formé des espaces libres publics, pouvant être couverts d’un vert dense ou arboré et généralement affectés à des usages publics, et de ce qui est visible depuis ces espaces. Il comprend donc pour partie le paysage urbain et les façades formant interface entre l’espace public et l’espace privé del’intérieur des bâtiments. Il peut être souterrain.

(O espaço público - É formado de espaço público livres que podem ser cobertos com vegetação densa ou árvores e geralmente destinados para uso público, o que é visível a partir desses espacos. Por isso, inclui, em parte, a paisagem urbana e as fachadas que formam uma interface entre espaço público e espaço privado dentro de edifícios. Pode ele ser subterrâneo).

Espace libre public – Espace libre accessible au public et généralement de propriété publique. (Espaco livre público - Espaco livre acessível ao público e, geralmente, de propriedade pública) (BETTENCOURT, 2010, p. 102).

Neste sentido, no caso de uma rua ou uma praça, o "espaço público" corresponde ao seu espaço livre e a todo conjunto de imagens do cenário dos espacos abertos somado ao arquitetônico que o envolve, ou seja, é o resultado da imagem formada pelo externo dos elementos construídos e os não construídos. Enquanto que o espaço livre público é todo o espaço livre acessível ao público, que geralmente é de propriedade pública.

Já os espacos livres urbanos, definido por Magnoli (1982), são os espacos livres de edificação; todos eles, quintais, jardins públicos ou privados, ruas, avenidas, praças, parques, rios, matas, mangues e praias urbanas, ou simples vazios urbanos.

Chama-se de espaço público não apenas aquele de propriedade pública (os bens de uso comum do povo, as ruas, praças, parques, os imóveis do poder público, as escolas públicas, os postos de saúde, os terminais municipais entre outros), mas todos os lugares de apropriação pública, onde se realizam ações da esfera pública, posto que, a esfera de vida pública apresenta no espaço suas formas de realização.

Então, diante do exposto e do nosso entendimento, os espaços públicos correspondem a uma diversidade de lugares que estão interligados com outros lugares, estes formam uma rede de percursos, ou seja, um sistema de espaços públicos que se atravessam, e de "centralidades"²⁴ que pontuam a cidade, não apenas, estruturando-o através da sua continuidade, como também podem configuram-se em obstáculos.

Cada qual apresenta suas funções, formas, dimensões, arquitetura e valores distintos, e se constituem como referenciais nas cidades, enriquecendo a dinâmica destas e dando vida à própria *urbe*. Em destaque os parques, avenidas, ruas, praças, jardins, largos, colinas, dunas, mangues, pracetas, frentes de mar e de rios entre outros, por serem elementos mais visíveis e acessíveis à população.

Considerando as diferentes dimensões, escalas e graus de compreensão do espaço público, daremos enfoque ao papel destes como elementos estruturadores da forma urbanística, ao longo da história das cidades, da antiguidade até a contemporaneidade. Eles serviram e ainda serve de espaço de encontro e reunião de pessoas, como lugar de contemplação da paisagem, ponto de troca de informação e de bens e serviços, local de cultura, palco de eventos religiosos, de práticas esportivas de diversão entre outras.

Partindo dessa premissa, os espaços públicos são lugares que oferecem e asseguram múltiplos usos, englobando as relações básicas entre o homem, seu ambiente, suas necessidades através de suas formas de uso, entre elas comércio, ponto de encontro e de circulação. No entanto, verificamos que hoje, ao contrário do passado, há uma tendência para uma separação e diversificação desses usos, que nos são assegurados por uma "rede contínua" de espaços públicos que se estendem por toda a cidade.

²⁴ Entendido como estruturantes da forma urbana, quer seja dispersa, fragmentada.

2.4 A ORIGEM E MORFOLOGIA DAS CIDADES NO BRASIL

"A cidade brasileira foi fundada, evoluiu e se consolidou na costa mais oriental das Américas" (MARX, 1980, p.12).

Após o descobrimento do Brasil, o processo de ocupação das terras brasileiras pelos portugueses no período entre 1500 e 1530, fora marcado, fundamentalmente, pela reprodução, no litoral americano, da mesma política de ocupação por feitorias no litoral africano e no Oriente. Segundo Linhares e Teixeira: "Eram postos avançados, normalmente pequenos fortins de madeira, com não mais de meia dúzia de homens ocupados em recolher pau tintorial para a próxima chegada de navios. Arranhava-se o litoral, sem que verdadeiramente se ocupasse o interior ou se criassem vilas e cidades" (LINHARES; TEIXEIRA, 2003, p. 20).

O autor Murillo Marx (1980, p. 14-15) ao descrever a cidade brasileira, menciona "trechos da extensa costa foram eleitos para as fundações urbanas em função da sua latitude, das suas possibilidades de abrigo aos navegantes, da sua ligação com o interior, misterioso e desafiante". O autor diz que "também, de interesses de espanhóis, franceses e holandeses que se interpuseram e ameaçaram os de Portugal".

Desta forma, o sistema de feitorias se caracterizava pelo domínio dos interesses da burguesia mercantil e portuária lusa, cujas atividades se circunscreviam aos limites da circulação de mercadorias, visando apenas lucro de sua comercialização.

Com o processo de urbanização decorrente da política de urbanização de Portugal, a Coroa portuguesa a partir de 1532, iniciou a ocupação regular do território do Brasil, com o sistema das Capitânicas Hereditárias²⁵, pois esta corria o risco de perder as terras brasileiras para espanhóis, franceses e holandeses. Esta era uma tentativa de promover a colonização por meio de capitais privados, sem envolvimento da Coroa, de tal forma que "o sistema era ao mesmo tempo feudal e mercantil, pois delegava poderes da Coroa aos donatários, mas os objetivos eram de caráter comercial" (REIS FILHO, 1968, p.67).

Afirma ainda este autor que "como resultado dessa política, das trinta e sete povoações entre vilas e cidades, fundadas entre 1532 e 1650,

²⁵ O sistema de Capitânicas Hereditárias caracteriza bem a dualidade brasileira Feudal no polo interno mercantil no polo externo. Teoria da Dualidade. RANGEL (1957, p.109).

apenas cerca de sete o seriam por conta da Coroa", e explica ainda que, "cabendo as demais aos donatários e seus colonos" (REIS FILHO, 1968, p.67).

O autor menciona também que "nas capitânias pertencentes à Coroa, cabiam exclusivamente a essa as tarefas de urbanização, reservando-se ao rei os atos relativos à criação ou à elevação dos povoados à condição de vilas e cidades" (REIS FILHO, 1968, p.67). Alguns pontos foram eleitos por serem, estratégicos, o que Marx (1980, p. 101) denomina de

postos avançados ou de apoio como Belém do Pará ou Desterro, a atual Florianópolis. As cidades eram criadas em pontos especiais. Funcionavam como centros regionais e por meio delas revelavam-se tendências centralizadoras da política portuguesa, que se opunham, ainda que discretamente, à dispersão dominante.

No entanto, a formação das primeiras cidades, no Brasil, se confunde com o processo de colonização, tendo se iniciado a partir da ocupação da "costa Atlântica para explorar recursos naturais e expandir direitos territoriais" (MONTE-MÓR, 2004, p.4).

Neste período,

A urbanização foi marcada por uma ocupação rural extensiva pontuada por vilas que organizavam redes urbanas frágeis e isoladas, no cerrado, nas florestas e campos, distantes dos centros costeiros que articulavam economias regionais. A exceção foi a economia mineradora dos setecentos que gerou forte migração interna e externa e deslocou o centro da economia colonial para o sudeste, promovendo a primeira integração parcial do território e economia nacionais e estabeleceu o padrão de concentração que perdura ainda hoje (MONTE-MÓR, 2004, p.4).

No livro *Formação de Cidades no Brasil Colonial*, o arquiteto e também historiador Paulo Ferreira Santos (2001), identifica que as cidades do Brasil do século XVI ao XIX, tiveram em sua grande maioria a formação orientada por imperativos que assim podem ser resumidos:

- Cidades de afirmação de posse e defesa da costa e cidades do litoral em geral, fundadas na maior parte nos dois primeiros séculos, do extremo norte ao extremo sul, a maioria das

quais tendo como base econômica o açúcar, outras não passando de praças-fortes, cuja localização dependeu quase exclusivamente de conveniências estratégicas;

- Cidades de conquista do interior, em que se incluem as do bandeirismo e da mineração, com as quais se fez, do primeiro ao terceiro século, a fixação do homem no sertão;
- Cidades de penetração rumo às fronteiras oeste e sul, cuja fundação ou desenvolvimento resultaram, no terceiro século, dos propósitos de conter eventuais investidas dos castelhanos e dos trabalhos que se completaram com os tratados de limites com a Espanha;
- Cidades do café, embora não se circunscrevam em algumas das mais importantes, ao Período Colonial. São já do quarto século, e se desenvolveram, primeiro, na Região Fluminense, ao longo do Vale do Paraíba, depois por São Paulo, Paraná, entre outras.
- Cidades da borracha, formadas ou desenvolvidas na Região Amazônica, em fins do século XIX e princípios do XX;
- Cidades da indústria, formadas no século XX em regiões de fácil acesso às matérias primas – Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, e outras.

Outros exemplos citados são as colônias de imigrantes, as quais eram previamente localizadas por conveniências demográficas; as cidades itinerantes, que se fundavam à margem dos caminhos, em rotas ditadas por objetivos de que elas não participavam; as cidades de comércio, que decorriam de afluxos populacionais ditados igualmente por objetivos a que ficavam estranhas; as cidades localizadas nas proximidades de fontes de águas medicinais; as balneárias e de veraneio, as turísticas em geral, entre outras.

O autor salienta ainda, que algumas cidades se incluem em mais de um item da classificação apresentada. E que havia cidades fundadas em razão da descoberta de lavras auríferas, que se transmutaram, logo depois, em postos avançados de vigilância da fronteira, e, num terceiro estágio, quando os litígios com os vizinhos foram aplainados, em centros catalisadores da produção da região, e já sem nenhuma lembrança da sua origem. Outras, inicialmente criadas como praças fortes, transformaram-se com o tempo em metrópoles pacíficas que já não guardam vestígios da sua função inicial.

Para identificar os períodos de criação e expansão das primeiras

idades, vamos recorrer ao estudo de Milton Santos (2009) sobre a urbanização brasileira. As primeiras cidades surgidas no Brasil respondiam à lógica colonial, sendo entidades criadas pela necessidade de marcar na Colônia a presença da Metrópole, para onde se dirigiam grande parte dos recursos da produção, baseada quase que somente na exploração dos recursos naturais.

A mudança veio com a expansão da agricultura comercial, o ciclo da cana-de-açúcar, quando então os produtores passaram a ter a casa na cidade como residência mais importante. Esta é apontada por Roger Bastide (apud SANTOS, 2009) como a primeira revolução em termos de urbanização ocorrida no Brasil, iniciada no século XVIII e que se expandiu no XIX, quando a mecanização da produção ensejou a outra revolução, a técnica.

Para Santos (2009, p. 29)

O Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíram segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior. Havia, sem dúvida, para cada um desses subespaços, pólos dinâmicos internos. Estes, porém, tinham entre si escassa relação, não sendo interdependentes.

Esse é o quadro apresentado até meados do século XIX, quando a produção do café em São Paulo, incluindo também o Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais, vem adicionar um impulso significativo ao processo de divisão territorial do trabalho.

O autor Murillo Marx (1980, p. 109), afirma categoricamente que:

o mapa do Brasil revela um desequilíbrio notável. As aglomerações urbanas se concentram ao longo da costa; o seu gigantesco território está quase vazio em sua maior parte. É como se a rede de núcleos urbanos fosse se esgarçando a partir do oceano. Os nós dessa rede, as cidades, vão se afastando entre si da praia para o interior. Como nas rendas, aglutinam-se em certas regiões. Na Nordeste, na Sul e na Sudeste, a maior e mais densa.

Figura 1 - Mapa da Ocupação do litoral



Fonte: Marx (1980)

A urbanização também se acentua, na carona da inserção de um novo parâmetro técnico sobre o território, com o desenvolvimento de infra-estrutura viária e de comunicações, sobretudo em São Paulo. Esta urbanização ainda é seletiva, não atingindo todo o território, mas está na origem do processo de industrialização e polarização daquela que veio a ser chamada de “região concentrada” (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

Ao observarmos as origens das cidades brasileiras constatamos que os sítios escolhidos para suas fundações se deram em função de interesses diversos, e foram implantadas em pontos diferenciados deste vasto território nacional onde existe muita diferença de variados contextos regionais e sítios de características morfológicas muito particulares.

A particularidade inerente às formas urbanas das nossas cidades se deve a inúmeros fatores, dos quais relacionados, na maior parte das

vezes, com os seguintes aspectos: as diferentes influências e concepções de espaço que estão na origem da cultura urbana proveniente de Portugal com influência Espanhola.

Enquanto a primeira, vista como uma cidade que, não sendo planejada nos traçados geometrizados, era moldada e se expandia de acordo com o meio e ao incorporar o componente do relevo em sua configuração, remetendo aos modos de concepção de cidades medievais, acabou por ser preferida enquanto exemplar de planejamento urbano, se distinguia da segunda que com suas malhas ortogonais geradas pela Espanha levaria aos traçados em xadrez na América Espanhola, muitas vezes não se adaptando ao relevo, entre outros condicionantes naturais.

Neste sentido, a forma implantada pelos portugueses foi distinta do padrão espanhol por uma nítida associação ao sítio e pouca geometrização regulada, diferenciando dos traçados em xadrez implantados na América por parte dos Espanhóis.

E em caráter simultâneo em diversas partes do mundo absolutamente distintas. A fundamentação são critérios de forma-espaço específicos de associação ao território, ponderando a geografia diversa de variadas partes do mundo.

Para Teixeira e Valla (1999), as cidades portuguesas apresentavam características morfológicas bastante precisas, o que as distinguia das experiências urbanas de outras culturas. A forma-espaço resultou então de diversos fatores, entre eles: variadas influências e concepções espaciais presentes na cultura urbana portuguesa, especialmente a latina e a árabe; a escolha dos locais topograficamente estratégicos para disposição dos núcleos iniciais das cidades; estreita articulação dos traçados das cidades com o relevo local, elemento definidor de vias e praças, orientando o crescimento das cidades e sua consolidação; flexibilidade de estruturação das malhas urbanas, o que permitia a convivência de traçados de origens distintas, articulados em um todo urbano; localização de edifícios singulares segundo o relevo e o importante papel destes na estruturação dos traçados; a localização das edificações de acordo com a topografia e outros elementos naturais, o importante papel destas edificações na estruturação dos traçados urbanos; a lenta estruturação formal das praças urbanas, associadas a diferentes núcleos geradores e a funções distintas; a permanência da estrutura de loteamento e das tipologias de construção a ela associadas; processo de planejamento e consolidação da cidade portuguesa, sempre projetada no sítio e com o sítio, isto é, quer a cidade se desenvolva gradualmente quer se desenvolva a partir de um plano pré-definido, o seu traçado apenas se concretiza no confronto com a estrutura física

natural do território.

Apesar desta multiplicidade de referências e formas presentes na cidade portuguesa, Reis Filho (1968) menciona que "da parte dos portugueses, difícil de explicar os ambiciosos programas de urbanização dos períodos joanino²⁶ e pombalino²⁷ no Brasil e os planos de Salvador e São Luís, ou mesmo com algumas cidades portuguesas na Índia, no Século XVI (p. 72)". E diz ainda que "com menor refinamento que os espanhóis na América", porém frisa "mas com o mesmo empenho, os portugueses enfrentariam a questão da criação de novas cidades, na Índia (p. 72)", e conclui "no início do século XVI, onde chegariam a construir algumas dentro dos esquemas de inspiração medievo-renascentista" (p. 72).

Teixeira e Valla (1999, p. 215) reforçam o texto acima quando apontam que, apesar das características particulares de cada cidade colonial, da aparente casualidade como se estruturaram e desenvolveram, os modelos e tradição urbanos de referência partilhados asseguraram uma identidade formal e estrutural comum, conferindo-lhes "um inquestionável caráter português".

Estes autores referem à existência de componentes de natureza vernácula²⁸ e erudita²⁹ articuladas, que resultaram respectivamente da influência da "cultura mediterrânica, (...) grega que mais tarde se expressará também através da cultura mulçumana³⁰", e da "cultura

²⁶ Após a chegada da família real portuguesa no Brasil, iniciou-se o período joanino (1808-1821).

²⁷ Período Pombalino (1750 - 1777) refere-se ao período em que Sebastião José de Carvalho e Melo, o [Marquês de Pombal] exerceu o cargo de primeiro-ministro português, sob nomeação de Dom José I.

²⁸ Componente vernácula, sendo o resultado de uma "cidade que é construída sem recurso a técnicos especializados e em que se observa uma estreita relação do traçado urbano com as características topográficas dos seus locais de implantação. A vertente vernácula do urbanismo português, tem como característica fundamental uma grande ligação ao território.

²⁹ Componente erudita é a consequência da "participação de técnicos especializados, detentores de um saber intelectual, no desenho da cidade". A vertente erudita do urbanismo portuguesa, tem como característica fundamental basear-se, a maior parte das vezes, em sistemas ortogonais, e esta está presente em todas as épocas históricas.

³⁰ Relativo à influência da cultura mulçumana, ainda hoje é possível perceber desta influência nos traçados de algumas cidades, acontecendo o mesmo em nível da "permanência de certos hábitos de vida urbana, nomeadamente alguma

romana³¹", como argumentação para explicar as múltiplas referências e formas urbanas presentes na cidade portuguesa.

Segundo Teixeira (2000, p. 5):

Uma das principais características do urbanismo português é a sua capacidade de síntese destas duas vertentes (vernácula e erudita), que pode ser observada ao longo da história. Não existem tipos puros de traçados nas cidades de origem portuguesa. A cidade portuguesa caracteriza-se sempre pela síntese destas duas concepções de espaço, harmonizando num todo coerente, estas duas formas de fazer cidade, aí residindo, em grande parte, a sua especificidade.

Cada um destes componentes vai dar origem a um modelo de cidade distinto, no entanto Reis Filho afirma que até meados do século XVII, a política urbanizadora aplicada no Brasil por Portugal "consistia em estimular, indiretamente, à formação de vilas nos territórios pertencente aos donatários e a expensas desses reservando-se as tarefas correspondentes à fundação, em seu território, de cidades com funções de centros de controle regional" (REIS FILHO, 1968, p.73).

O processo de formação da cidade brasileira está diretamente ligado aos princípios urbanísticos da tradição portuguesa utilizados na colonização da América. Teixeira (2000) identifica a existência de padrões que aparecem na "estrutura global da cidade". Esses padrões estão presentes desde a escolha topográfica dos sítios e do traçado implementado, até a constituição dos elementos morfológicos –

incapacidade de entender e de usufruir plenamente os espaços abertos da cidade".

³¹ "Na cultura urbana portuguesa cada um dos pólos desta dupla realidade acentua-se ou esbate-se conforme as circunstâncias históricas ou geográficas. Por um lado, temos a cultura marítima, costeira e comercial, o império não territorial do controlo das rotas, que nos vem dos Gregos. Por outro lado, temos a cultura territorial e material, o império efetivo do controlo territorial, que nos vem dos Romanos". Estes autores referem, ainda, que "a cultura urbanística grega está associada a um conceito de espaço arquitetónico e urbano em que o objeto é preponderante: os elementos estruturantes fundamentais do espaço urbano grego são os objetos arquitetónicos, que são pólos aglutinadores e dão sentido aos espaços em volta. A cultura urbana romana, pelo contrário, está associada a um conceito de espaço em que, mais do que os edifícios, é o próprio espaço urbano que é o elemento fundamental, sendo este moldado pelas massas construídas que lhe dão forma" (TEIXEIRA, 2000, p.18).

quarteirões, lotes, ruas, praças –, resultando em certa composição arquitetônica.

Então, quando se fala da forma urbana das cidades brasileiras é importante ter presente que a evolução urbana brasileira é herdeira do colonialismo português que teve como característica, a maneira singular de estabelecer o controle e a administração da terra por meio de decisões pré-estabelecidas há milhares de quilômetros da colônia.

Mais tarde, com o afastamento da influência direta de Portugal após a independência, as cidades brasileiras continuaram a desenvolver sua forma, moldadas à luz dos seus problemas, seu território, sobretudo sua concepção espacial.

Assim, podemos afirmar que a concepção espacial da cidade brasileira está diretamente relacionada com o modo, a forma e o momento da construção da própria cidade, ou seja, com as circunstâncias culturais, históricas ou geográficas e, sobretudo, com a existência de um maior ou menor controle central, associado ao poder, ou seja, às políticas públicas.

Decorrentes deste processo, as cidades tradicionais construídas no Brasil possuem características morfológicas na tradição urbana portuguesa, vernácula e erudita, que via de regra percebe-se o predomínio do traçado irregular.

No que tange às diretivas relativas à criação de cidades e vilas no Brasil, há diferença de métodos do urbanismo colonial português em relação ao espanhol, a começar pela legislação. “Ao passo que estes possuíam um código legislativo de âmbito geral para ser observado pelos povoadores” (SANTOS, 2001 p. 48). Os portugueses limitavam a sua legislação ao que se continha nas Ordenações do reino, que cuidavam antes dos edifícios e servidões, com limitações ao direito de propriedade, do que como atuar para fundar as cidades. Consideradas cada qual como um caso particular, a exigir determinações específicas, que podiam variar de cidades para cidade. Com frequência, os preceitos contidos nas cartas régias, que tratavam da fundação de vilas e cidades, iam passando de umas para outras e constituindo-se em corpo de doutrina.

A partir do traçado original, a formação e desenvolvimento dos espaços públicos e privados se consolidam, prosseguindo de forma diferenciada do modelo colonial implantado na maioria das vilas e cidades do país que na grande maioria tipicamente portuguesas, as quais moldam seu desenho urbano à topografia.

Assim, as cidades consolidam seus espaços urbanos intensificando sua diferenciação, seus traçados se moldam no território,

seu todo é caracterizado pela existência da massa edificada onde coexistem antiguidade, variedade e diversidade, pela clareza dos espaços públicos e cuidado no seu tratamento, por uma forte concentração de equipamentos públicos e instituições, pela presença expressiva de atividades comerciais, pela complexidade das funções (PANERAI, 2006 p.141).

Desta maneira, quase sempre as cidades brasileiras seguem esta dinâmica.

O arquiteto Murilo Marx (1980, p. 23) ao descrever a cidade brasileira em sua publicação de 1980, discorre que:

A toponímia reveladora das nossas cidades exalta a importância do sítio urbano e das suas vantagens compreendidas. Revela a razão da escolha do lugar e a motivação funcional do estabelecimento. Consagrada pelos temas e pelos santos da religião dominante ou enfatizada pelo saber e pelo sabor da língua indígena, é muito significativa.

Este autor faz um paralelo entre a cidade de Salvador no território brasileiro, Lisboa em Portugal e Luanda na Angola, onde destaca características semelhantes o que caracteriza morfologias urbanas decorrentes do mesmo colonizador. Marx (1980, p. 23) revela que "no seio de aglomerações contemporâneas e muito maiores ficou, contudo o traço original dessas cidades", tanto na primeira, como na segunda permeiam com as mesmas características, que "permaneceram a cidade alta e a cidade baixa, no seu sítio espetacular e na sua relação secular". No caso da cidade de Salvador, o autor descreve que "desceu, no passado, lentamente para o porto, com auxílio de aterros e contrafortes. Repete agora o processo, esparramando-se pelas praias, onde não vingou sua Vila Velha e pelos arabescos fundos da sua topografia".

Marx (1980, p. 23) também menciona que,

Em geral, a cidade brasileira é irregular, tende à linearidade e, polinuclear, tem um contorno indefinido. Foi assim desde a sua origem, combatendo e derrotando as tentativas de ordená-las de outra forma, algumas significativas. [...] Os vícios e as virtudes dessa cidade apontam a paternidade ibérica e, particularmente, a portuguesa. [...] As características da cidade portuguesa na América se opõem às da fundação

espanhola no continente e nas Filipinas. Um desenho urbano especial foi trazido pelos castelhanos para atender a vasto projeto de colonização. Aprendido nos tratados de arquitetura dos teóricos renascentistas, definido em lei, implantado em lugares apropriados às imposições de um império em construção. [...] Como as cidades medievais, acomodando-se em terrenos acidentados e à imagem das portuguesas, as povoações brasileiras mais antigas são marcadas pela irregularidade. [...] É constante a presença de ruas tortas, das esquinas em ângulo diferente, da variação de largura nos logradouros de todo o tipo, do sobe-e-desce das ladeiras. O sítio urbano geralmente decide e justifica estes traçados irregulares.

Para Marx (1980, p. 25), as fundações urbanas mais recentes, particularmente as dos últimos dois séculos, além de terem outra implantação, são de traçado mais regular, com tendência ao desenho de tabuleiro de xadrez em terrenos mais planos e uniformes. Ainda assim, a sua expansão não tem respeitado o quadriculado original, moldando-se às condições topográficas ou fundiárias³². Tem evitado as elevações ou depressões mais acentuadas, existindo uma exploração comercial mais vantajosa das glebas que são loteadas. Então, o resultado é um conjunto heterogêneo de quadras e vias públicas com predominância ou não dos reticulados, dimensões e direções diferentes se contrapõem ou se justapõem (MARX, 1980).

Nos estados de São Paulo e Paraná, centenas de núcleos urbanos são frutos desta monotonia ordenada inicialmente em função dos cafezais o que resultou numa verdadeira colcha de retalhos maior como explicita Marx (1980) para confirmar a irregularidade geral. Salienta também que "há exceções que demonstram este aspecto típico das nossas cidades de ontem e de hoje", pois fundamenta ao descrever "fundada como primeira sede administrativa da nova colônia portuguesa, situou-se da maneira tradicional sobre escarpa e elevação. Salvador teve e guarda um centro reticulado, que luta por se adaptar um relevo rebelde³³".

Ao fazer este panorama geral das cidades brasileiras, Marx (1980,

³² Para Marx, as cidades do estado de São Paulo ilustram bem este fato: as setecentistas, no litoral como no planalto; as oitocentistas, ou mesmo as deste século; sobre as últimas em meados dos novecentos, ver o clássico estudo de MONBEIG, Pierre. *Planteus et pionniers de São Paulo*.p.313-7.

p. 26) exemplifica Niterói sendo outra cidade de plano regular do início dos oitocentos, "o seu crescimento e o contorno da baía de Guanabara lhe impuseram a recusa dos quarteirões bem alinhados".

E conclui, "finalmente com um desenho geometrizar, ao transpor com rapidez os limites da Avenida de Contorno, Belo Horizonte galgou as fraldas da serra do Curral Del Rei numa profusão caótica de loteamentos e contrastantes. A irregularidade acabou vencendo nestes e noutros casos de exceção (MARX, 1980, p. 26).

Ao apreciarmos estas descrições de Marx (1980), concluímos que por mais que uma cidade seja implantada em um sítio plano, ao seu crescimento sempre encontrará uma topografia diferenciada, barreira natural ou até mesmo artificial que tenderá a inevitável irregularidade.

Ainda Marx (1980, p. 27), "a linearidade é outra característica tradicional que chegou a nossos dias". Descreve ainda que "assim como algumas aldeias medievais se desenvolveram ao longo dos caminhos, explorando-lhes as vantagens comerciais, muitas das brasileiras tiraram proveito da mesma disposição". Ou seja, esta abordagem apenas confirma que com o surgimento de estradas, vias, rodovias surgem ao longo das mesmas, implantação de indústrias, comércio, residências, hotéis, conjuntos habitacionais entre "outros modelos que tantas vezes o espaço disponível era apertado entre montanha e o mar, ou um rio, e o mesmo é ocupado" (p. 27). Como exemplo a chamada zona sul do Rio de Janeiro.

Segundo este autor, "o sítio original de topografia acidentada tendia, como não acontece em Olinda, a se cercar de arredores igualmente tormentado" (p. 27). Cita também que, "Salvador, São Paulo e Rio, são amplos quadros urbanos bastante montanhosos em que o tecido de ruas e avenidas avançou muito além dos tímidos percursos coloniais. E o fez como pode em meio a obstáculos como a orla, várzea e colinas" (MARX, 1980, p. 37).

Parece evidente que a trama do traçado destas cidades já ultrapassou todas as barreiras e situações deparáveis com os obstáculos do sítio natural, sua relação aos elementos morfológicos e sucessivamente com a sobreposição de modelos de traçados diferenciados compõem o espaço urbano destas e outras cidades brasileiras.

Considerável também frisar que conforme Marx (1980, p. 27) "as duas cidades litorâneas, por isso, realizaram no correr de sua já longa vida grandes trabalhos de engenharia, derrotando empecilhos naturais consideráveis".

Marx (1980, p. 27) ainda descreve também toda a trama da

cidade, elementos de conexão e estruturação da parte alta da cidade com a parte baixa, e afirma que:

Crescimento de povoados em acrópole exigiu aproveitamento dos espigões ou linhas divisoras de águas para as vias e para as construções. Facilitava-se, desse modo à circulação e se garantia o escoamento das águas pluviais. O casario junto às ruas encontrava nessas cristas de terrenos mais sólidos que terminavam, sempre que possível, em quintais mais aptos à evacuação das águas servidas e dos dejetos. De outra parte, a ligação da cidade alta protegida, com a idade baixa servida pelo porto, criou caminhos sinuosos, em declive acentuado, que procurando o trajeto mais cômodo ou praticável, tornavam-se freqüentemente muitos longos. Esses percursos eram um chamariz importante para todo cidadão e, especialmente, para todo negociante se instalar. Certificam-nos de que, mais dia menos dia, as gentes e as poucas facilidades da vida urbana por ali passariam.

Para o autor, a paisagem urbana da cidade brasileira, sofreu forte influência por parte das vantagens decorrentes das ligações entre pólos da cidade, entre freguesias próximas, ou entre povoações diferentes, a qual confere a esta uma feição linear (p. 28).

Justifica também sua advertência, e nos remete a realidade dos acontecimentos que edificam consolidando a forma do espaço urbano da cidade contemporânea brasileira. De um lado, o arranha céu permite utilizar várias vezes um terreno, pois permite a sobreposição de área no que tange ao que se pode construir e comerciar. Diz também que as atraentes ruas, avenidas principais e autopistas, sofrem uma ameaça, as duas primeiras pela asfixia da sucessão desordenada de edifícios de vários pavimentos, e a terceira tão importantes para a economia regional, vão atraindo também grandes complexos fabris e habitacionais que tendem a congestioná-las, com perda de muitas de suas vantagens maiores para a região e suas aglomerações (MARX, 1980).

Segundo Marx (1980, p. 28), o traço linear de nossos centros é tão “saboroso” quanto possível gerador de privilégio. A cidade se acomoda às imposições da natureza como às da sociedade desorganizada ou despreparada para viver o urbano. Mais uma vez faz uma advertência.

No interesse da própria correção desta

peculiaridade sugestiva e no sentido da melhoria das condições de nossas cidades, ela deve ser estudada, avaliada, bem orientada e então valorizada e explorada. Antes que se dissolva numa mancha urbanizada disforme, física e socialmente. Desarrumada e injusta.

Outra característica é a irregularidade usual ao longo do serpenteado de construções, onde encontravam-se estabelecimentos religiosos com importante papel sócio-econômico-cultural no passado. Quase sempre, sua influência superava as de quaisquer outras instituições incluindo as do governo local, ou metropolitano (MARX, 1980).

Marx (1980) destaca que em torno das capelas curadas, paróquias, sés, irmandades e conventos surgiram às maiores concentrações de vida e de privilégio das cidades. O que resultou na formação de núcleos variados de atração no tecido urbano, com predomínio dos largos, pátios e terreiros, cada um para seu setor da freguesia eclesiástica.

Conforme destacou Marx (1980, p. 13), a união Estado-Igreja foi decisiva para viabilizar a política de urbanização e a gestão urbana nas colônias. A imbricada relação entre as recomendações civis e as recomendações eclesiásticas interferiu significativamente na paisagem das cidades brasileiras, desde a posição geográfica privilegiada das igrejas no tecido urbano, sua influência nos processos de surgimento dos primeiros assentamentos, na estruturação fundiária dos núcleos urbanos, no parcelamento e na transmissão das parcelas, na consolidação e no adensamento urbano, bem como no papel significativo de seus adros na estrutura urbana. Às igrejas das várias ordens religiosas correspondiam paróquias ou freguesias, unidades territoriais sob sua jurisdição, e as encostas, onde se localizavam, passaram a constituir pontos de referência destes domínios.

Outra análise, desta vez baseada em Afonso (1999), é possível distinguir três processos iniciais de assentamentos nas encostas brasileiras, que guardam semelhanças com os processos ocorridos nas cidades portuguesas: a implantação de cidades litorâneas em forma de cidade alta e cidade baixa; as cidades interiores localizadas no planalto, sobre morros e serras, e os núcleos iniciais situados em elevações e promontórios ao longo da costa, que desempenharam funções de vigilância e defesa do território. De acordo com Teixeira (2009), nos assentamentos inicialmente estruturados em dois níveis, as principais funções defensivas, regionais e administrativas da cidade e os estratos sociais mais abastados localizavam-se na cidade alta, enquanto as

funções comerciais e portuárias e o restante da população situavam-se na cidade baixa (TEIXEIRA, 2009). Com feições características das cidades portuguesas implantadas em domínios montanhosos, como demonstrou Guerreiro (2013, p. 46):

[...] eram, por exemplo, a localização sistemática do povoamento à meia encosta, virado a sul, ou no final de um promontório, situado na confluência de duas linhas de água; o estabelecimento de ruas segundo as curvas de nível, evitando as zonas de forte pendente; a localização de igrejas em pontos proeminentes do território e um padrão específico de espaço público não linear, como é o caso dos largos triangulares em zonas de encosta.

Nas cidades brasileiras, os portugueses possuíam estratégias precisas de ocupação e de distribuição no território. Teixeira (2009, p. 46), comenta que, independentemente do traçado (vernacular ou racional), a articulação desses elementos ocorria de forma paradigmática:

Quer se tratasse de traçados urbanos vernáculos, muito articulados com o território, quer se tratasse de traçados urbanos eruditos, traduzidos num plano regular, existia a preocupação de articular o traçado das ruas com a localização de edifícios notáveis, tirando partido da sua arquitetura mais elaborada, tornando-os pontos de referência na estrutura da cidade e **elementos estruturantes** na definição das hierarquias dos espaços urbanos. Grifos meus. Em relação ao espaço urbano das cidades brasileiras as praças aparecem como locais de articulação urbanística e arquitetônica, cujo espaço reúne as principais estruturas institucionais da cidade.

Característica fundamental na estruturação dessas cidades é a formulação de vários modelos de estrutura para abrigar funções e atividades diferentes. A configuração desses conjuntos urbanos consolidou um padrão urbanístico que se implantou na maioria das cidades brasileiras: espaços distintos de caráter cívico, religioso e comercial.

Ao observarmos a estruturação das cidades brasileiras, podemos afirmar que, na primeira fase de formação das cidades coloniais, encontram-se uma supremacia do modelo da praça religiosa. Essa

composição espacial decorre da presença das diversas ordens religiosas na Colônia e atesta a importância dessas irmandades no processo de colonização do Brasil. Segundo Marx (1980, p.54), “uma igreja, uma praça; regra geral nas nossas povoações antigas”. Na maioria das vezes, essas praças tornavam-se o centro vital da cena urbana: os “templos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício, nas freguesias ou nas maiores vilas. Congregavam os fiéis, e os seus adros reuniam em torno de si as casas, as vendas e quando não o paço da câmara”.

O processo de urbanização mais recente do país, ou aceleração da urbanização, gerou transformações nas características das cidades. Num primeiro momento, houve uma tendência à concentração demográfica nos grandes centros urbanos, acompanhando as oportunidades criadas pela instalação das indústrias, que preferiam estas localidades e suas respectivas redes de serviços.

A população do país passou a ser essencialmente urbana, quando foram lançadas as bases da industrialização no Brasil, entre o período que vai de 1930, até meados da década de 1970, onde se deu expressivo aumento da população urbana em praticamente todos os municípios brasileiros.

Milton Santos (2009) observou, posteriormente, uma tendência à desmetropolização, com um maior crescimento populacional em cidades médias – e mais acentuado ainda nos pólos regionais – do que nas metrópoles. O que ocorre neste último período, tendência que segue nos dias atuais, é uma maior dispersão das atividades secundárias e terciárias no território, explorando a rede de infra-estruturas consolidada, e principalmente o maior desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Temos aí, então, um exemplo de conformação territorial de acordo com o período técnico-científico-informacional.

Para Santos (2005), as cidades ocupam “vastas superfícies entremeadas de vazios”. “As cidades são grandes porque há especulação imobiliária e vice-versa; há especulação porque há vazios e vice-versa (...) o modelo rodoviário urbano é um fator de crescimento disperso e espraiamento da cidade (...). Mas o déficit de residências também leva à especulação, e os dois juntos conduzem à periferização da população mais pobre e, de novo, ao aumento urbano” (SANTOS, 2005.p.174).

Esse ciclo, presente no processo de urbanização das cidades brasileiras é notável nas grandes cidades, porém não só nelas. Nas cidades médias e pequenas encontramos processos semelhantes.

No caso das atuais cidades litorâneas médias e pequenas, a atividade turística é um dos vetores que estimula o processo de

urbanização. Tendo em vista o quadro atual de ocupação da zona costeira brasileira, os municípios litorâneos encontram-se cada vez mais pressionados, tornando-se aglomerações de crescente densidade populacional. Tal processo visa o máximo aproveitamento de áreas próximas ao mar e transforma expressivamente a morfologia das paisagens e dos seus sistemas naturais.

Pellegrino e Macedo (1986) destacam que o processo de produção do espaço costeiro está sendo colocado em dúvida pelas próprias contradições de sua organização, com a reprodução e implantação de modelos de ocupação urbana que não condizem com as peculiaridades deste ambiente natural.

Praticamente em toda a costa brasileira, o padrão urbano é de “caráter extensivo, definindo por manchas urbanas contínuas, que se estendem linearmente pela linha costeira que quase sempre estruturadas por uma via de acesso que corre mais ou menos paralela ao mar” (MACEDO & PELLEGRINO, 1996). Esse padrão se reproduz independentemente do substrato e dos sistemas naturais, provocando a ocupação de áreas de preservação permanente, como os manguezais, restingas, dunas e áreas de risco (falésias, vertentes íngremes, áreas inundáveis, terrenos instáveis).

Dentro desse processo de produção do espaço costeiro através da urbanização litorânea, as cidades e aglomerações se desenvolvem no seu contexto geográfico, representando a organização e desorganização das dinâmicas de sociabilidade dos locais onde se instala.

2.5 DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO LITORAL DE SANTA CATARINA

A abertura de caminhos partindo de São Paulo ou Rio de Janeiro em direção ao sul da Colônia fazia parte dos objetivos da Coroa Portuguesa em ampliar sua presença na região do Prata fazendo frente numa disputa secular com a Espanha.

Designado a uma visita de inspeção o capitão Manoel Gonçalves de Aguiar, em 1714 (por ordem do governador do Rio de Janeiro), avança pelo povoado de Laguna e o continente sulino, incluindo as terras de Rio Grande, incentivado pelo governo do Rio de Janeiro a investir nessa área e expandir o seu território, indo além do estipulado pelo Tratado de Tordesilhas (CABRAL, 1987).

Então, no caminho até o extremo sul da Colônia, pelo litoral, foram fundadas as povoações de Paranaguá (1648) no estado do Paraná, São Francisco (1658), Desterro (1675), Laguna (1676) no Estado de

Santa Catarina (Figura 02), Rio Grande (1737) e Viamão (1741) no Estado do Rio Grande do Sul, que serviam de fortificações e bases para novas expedições em direção ao sul ou ao interior do território.

Figura 2 - Mapa de Primeiras Povoações do Litoral de Santa Catarina



Fonte: Piazza, 1970

No estado de Santa Catarina durante o século XVIII, as vilas do litoral catarinense, São Francisco, Desterro e Laguna, estabeleciam contatos entre si por meio da navegação marítima e dos caminhos abertos junto ao litoral, por onde passavam as tropas de mueres vindas do extremo sul, conhecidas como o Caminho das Tropas (Figura 03). A primeira via de comunicação terrestre foi o Caminho dos Conventos³⁴ aberto para as Tropas no século XVIII. Que passava pela Capitania de Santa Catarina, partindo da Colônia do Sacramento e chegando às margens do rio Araranguá e subindo para o planalto serrano, seguindo até Sorocaba.

³⁴ Caminho aberto que ligava o litoral nas proximidades do Morro dos Conventos a Lages, por onde era levado o gado para São Paulo e Minas Gerais.

Figura 3 - Mapa dos Caminhos das Tropas



Fonte: Piazza, 1970 (Adaptado)

A partir destes caminhos, preexistentes transformados em estrada geral, novas vilas e cidades se formaram, dando origem a novas redes e caminhos.

2.5.1 As cidades catarinenses

Distribuídas por todo o território catarinense desde o litoral ao planalto, do leste ao oeste, do norte ao sul as cidades do estado de Santa Catarina encontram-se em um processo dinâmico de expansão a partir de seus núcleos iniciais, algumas com novos pontos de nucleações. Com a interligação destes através de vias primárias, secundárias e até mesmo terciárias se transformam em pontos focais estruturantes de toda uma rede de malha viária, e através de um jogo de escalas pode-se fazer análise de toda esta trama de urbanização do território catarinense.

Seguindo padrões semelhantes de ocupação do processo de colonização nos estados brasileiros, e com características naturais de aspectos morfológicos diferenciados, as cidades catarinenses ocupam de

certa forma as mais importantes centralidades no contexto de todo o território. Passamos aqui a classificar em dois, os distintos agrupamentos de cidades catarinenses, um primeiro, os das que ocupam a faixa litorânea e um segundo, os das que ocupam os demais espaços das regiões do território catarinense. Ressalta-se que este estudo se funda no entendimento da estrutura e sua integração dos aspectos da forma natural e urbana de um lugar pertencente a uma cidade litorânea. Por isso, aqui discorreremos sobre a forma das cidades litorâneas catarinenses.

Segundo Reis (2012, p. 52):

Todo o litoral catarinense apresenta uma mesma matriz histórica, apresentando marcas da estrutura colonial advinda da colonização luso-açoriana. A fundação das cidades de São Francisco do Sul (1658), Desterro, atual Florianópolis (1675) e Laguna (1676) que plasmou as bases da ocupação do território sul brasileiro. A configuração espacial dessas cidades, que se repete também em inúmeros outros centros regionais de menor porte, onde a praça central a beira-mar articula malha relativamente regular, constitui ainda hoje um dos principais elementos de identidade espacial da cidade litorânea catarinense.

Reis (2012) destaca que a atual rede urbana costeira catarinense, dispersando-se pelo território e misturando de forma bastante complexa usos permanentes, com crescimentos espontâneos se desenvolve aproveitando os caminhos coloniais e parcelamentos rurais preexistentes. De usos permanentes e balneários, coloca-nos modelos de urbanizações que mesclam, em casos de lazer e de produção.

As malhas e traçados das vias se consolidaram, a partir dos primeiros caminhos preexistentes, com a implantação de novos loteamentos regulares realizados no litoral catarinense dando origem a novas estruturas urbanas em forma de balneários que integram atividades praieiras ao cotidiano dos assentamentos. A regularidade da malha tende a gerar fluxos de passagem por todo o assentamento, incluindo percursos em direção à praia.

No caso do litoral catarinense verifica-se tanto a persistência do desenvolvimento de centralidades em padrões tradicionais como a presença dos novos padrões espaciais, que tendem à segregação com pouca ou nenhuma presença do espaço público. (ASSEN, 2011 P.33). Como exemplo os condomínios fechados com maior ocorrência no litoral centro - norte do estado e com menor quantidade no litoral sul.

Esta autora estabelece por hipótese que há relações intrínsecas entre padrões de expansão urbana e os de formação das centralidades, mas também a convivência de diferentes dinâmicas de expansão urbana e de padrões de centralidade. E chama de padrões o percurso do território que seguem as expansões urbanas vinculadas diretamente às estruturas de ocupação preexistentes.

Macedo (1993, p.48) ao estudar a paisagem, o litoral e formas de urbanização, do litoral brasileiro, fomenta subsídios para um projeto de gestão integrado ao projeto orla diz que "toda a ocupação é voltada para a exploração máxima dos valores paisagísticos ligados a praia e ao mar, pois esses são os focos de atração desse tipo de ocupação". Em função desses atrativos, vão sendo construídos, ao longo da linha de costa, caracterizados por uma ordenação formal a partir de caminhos que servem de apoio ao assentamento de empreendimentos em forma de loteamento sem nenhuma relação com estruturas pré-existentes, que representam um importante papel na indústria imobiliária. O que não é diferente no litoral catarinense.

Hoje com o traçado em processo de consolidação, as cidades sofrem transformações. Nas localidades balneárias o adensamento com a verticalização, uma verdadeira transformação nas redes de infraestrutura, por sobre as estruturas urbanas definidas no período anterior.

Alguns são os empreendimentos em forma de condomínios fechados, as ruas passam a exercer tão somente a função de acessibilidade: as atividades sociais se restringem à praia ou ao interior dos condomínios, expressando expectativas dos extratos sociais elevados aí locados, bem como a sobrevalorização dos espaços públicos urbanos (Reis 2012, p.54).

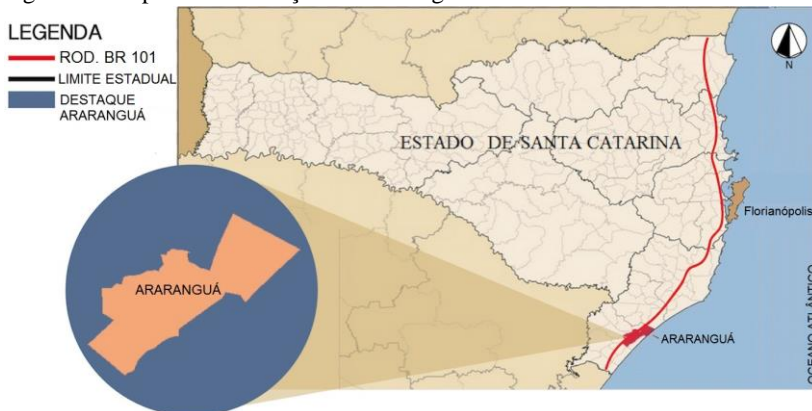
No litoral sul, as grandes praias retilíneas com a presença de restinga e grandes cordões de dunas recebem grandes loteamentos de configuração tridimensional horizontal³⁵ apresentando em geral grelhas reticulares com predomínio de quadras mais compridas na frente paralela ao mar, características gerais do bairro-jardim, com edificações isoladas nos lotes, ruas arborizadas, jardins e quintais particulares muitos deles com baixíssima ocupação.

³⁵ Entendido como tipo de loteamento que exige áreas planas, preferencialmente extensas e constituem a grande maioria dos empreendimentos imobiliários existentes compostos por habitações de não mais de dois andares.

CAPÍTULO III – A CIDADE DE ARARANGUÁ: SUA ORIGEM

Distante cerca de 210 km ao sul da capital Florianópolis, o município de Araranguá com área aproximada de 304 Km² está situado no litoral da região sul do Estado de Santa Catarina. É uma cidade polo e sedia a Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC) e sua localização pode ser vista na Figura 04.

Figura 4 - Mapa de Localização de Araranguá



Fonte: IBGE adaptado pelo autor -2015

Situada geograficamente nas coordenadas, 28° 49' 59" a 29° 59' 48" de latitude Sul e 49° 17' 26" a 49° 37' 23" de longitude Oeste de Greenwich, apresenta seu relevo plano, predominantemente formado por planície "litorânea³⁶, lacustre³⁷ e colúvio-aluvionar³⁸", com altitudes inferiores a 200 metros, com alguns morros, margeando rios e mar (PLANO DIRETOR DE ARARANGUÁ, 2003). O clima é predominante mesotérmico úmido, tendo verões quentes e uma temperatura média de 20°C. O município é banhado pela bacia do Rio Araranguá e quatro afluentes.

³⁶ Planície Litorânea corresponde a uma larga faixa situada na porção leste da região, paralela ao litoral, levemente inclinada para o mar, onde existem extensas praias arenosas, dunas e lagoas. (AMESC, 2001.)

³⁷ A Planície Lacustre é uma área plana decorrente de um processo de acumulação lacustre em decorrência de movimentação tectônica ou variação do nível marinho. (AMESC, 2001.)

³⁸ A Planície Colúvio-Aluvionar é uma superfície plana rampeada suavemente para leste, posicionando-se entre a Planície Litorânea e o Planalto das Araucárias. (AMESC, 2001.)

Araranguá faz parte do subsistema da planície aluvial, apresenta um relevo predominantemente formado por sedimentos inconsolidados, que constituem a Planície Costeira ou formam depósitos aluviais atuais, lacustre e "colúvio-aluvionar"³⁹ (Plano Diretor de Araranguá, 2003).

Como configuração dos seus limites geográficos, conforme Figura 05, ao sudoeste com o município de Sombrio, ao norte com município de Maracajá, ao leste com o Oceano Atlântico e com o município Balneário Arroio do Silva, ao oeste com os municípios de Ermo, Turvo e Meleiro. Ao noroeste com os municípios de Criciúma, Içara e Balneário Praia do Rincão.

³⁹ A Planície Colúvio-Aluvionar é uma superfície plana rampeada suavemente para leste, posicionando-se entre Planície Litorânea e o Planalto das Araucárias. Nesta planície se enquadra o terraço fluvial, encontrado próximo ao Rio Araranguá. A altitude média está em torno de dez metros em relação ao nível do mar (Carta Geológica – SH-22-X-B-IV). Faz parte de depósitos sedimentares quaternários com ocorrência de rochas das formações Rio do Rastro e Teresina. Tais depósitos sedimentares são apresentados por depósitos marinhos parcialmente recobertos por dunas litorâneas, formando a planície costeira. As áreas baixas restringem a ocupação humana devido as constantes inundações. Enquanto que as áreas de paleodunas sofrem com a erosão intensa quando desprovidas de vegetação. Muitas destas áreas são protegidas da ocupação por questões legais de legislação federal específica. Os afloramentos de rocha da formação do Rio do Rastro são constituídos por siltitos, argilitos e arenitos finos esverdeados, arroxeados e avermelhados, com representação local de bancos calcíferos com abundantes fragmentos de conchas. Tendo como exemplo deste afloramento as elevações do Morro dos Conventos.

Figura 5 - Municípios limítrofes de Araranguá



Fonte: IBGE alterado pelo autor - 2015

Em 03 de abril de 1880, o município de Araranguá emancipou-se de Laguna. Atualmente abriga uma população de aproximadamente 61.251 habitantes. Tem como principais atividades para sua economia a agricultura, o turismo, o comércio e algumas indústrias, entre elas a metalúrgica, cerâmica, moveleira e confecções, além do setor de serviços e turismo. Conta também com uma boa infraestrutura de serviços, saúde, educação e turismo. Seu setor agrícola é movido por cerca de 16% de sua população, que reside no meio rural. Entre os principais cultivos estão o arroz, mandioca, feijão, fumo e milho⁴⁰.

Na atividade do turismo, Araranguá recebe visitantes de vários lugares tanto brasileiros, quanto estrangeiros que buscam atrativos para lazer, prática de esportes, descanso e também para contemplação da beleza natural, o que tem influenciado bastante na dinâmica de ocupação. Esta atividade tem sido uma das grandes transformadoras de toda a costa litorânea, entre elas nosso objeto de estudo, o Morro dos

⁴⁰ Dados do IBGE de 2010.

Conventos, que em sua dinâmica de urbanização conta com seus atrativos naturais entre eles, o mar, a praia, as falésias, as dunas, a restinga e o rio que tem o mesmo nome da cidade.

3.1 ARARANGUÁ: EVOLUÇÃO URBANO-TERRITORIAL

A estratégica situação geográfica serviu, desde os primórdios, de ponto de partida para o processo de colonização.

No ano de 1727, o Sargento-mor da Cavalaria, Francisco de Souza e Faria, partiu da Vila de Laguna, pelo litoral, ao encontro do Rio Araranguá a fim de dar início aos trabalhos de abertura de um caminho, nova rota que seria por ele traçada. O Caminho dos Conventos ou Estrada de Sousa e Faria teve como ponto inicial o então hoje denominado Morro dos Conventos, passando pelos Campos de Cima da Serra até chegar a Curitiba.

Francisco de Souza Faria, relata ao Padre Diogo Soares, como foi feita abertura da Estrada, onde Hobold (2004, p. 76) dá ênfase aos tópicos mais importantes.

Francisco de Souza Faria, quando em porto do Rio Grande, relata como era de prescrição regia anos mais tarde, um memorial denominado “Notícia” – datado de 21 de fevereiro de 1738 e dirigido ao Padre Diogo Soares. [...] saindo de Laguna marchei com toda tropa pela praia a buscar o Rio Araranguá, e nele o sítio a que chamam os Conventos, distantes de Laguna, e ao Sul dela pouco mais de 15 léguas [...] dei princípio ao caminho rompendo mato fechado, e dando a pouco mais de uma légua com um pântano, que teria meia légua de largo, em que foi possível fazer-lhe uma estiva para podermos passar. Passando ele, dei quase a meia légua com um grande ribeirão que deságua no Araranguá, se chama Cangicaçu, e braça e meia de Largo. Passando o Cangicaçu busquei logo a margem do Rio Araranguá, e seguindo-a passei nela vários córregos e ribeiros fazendo em uns pontos, e desbarrancando em outros para poder passar. Chegando no lugar que chamam as Itapabas passei o Rio Araranguá, [...] cortadas de vários córregos, e rios.

Assim que foi aberto o Caminho dos Conventos em 1727, o trecho catarinense de terras entre os rios Mampituba e Araranguá passou a ser mais utilizado constantemente por caravanas e tropas de muares que vinham desde a Colônia do Sacramento. Quando foi descoberto e aberto o Caminho de Viamão em 1732, no estado do Rio Grande do Sul, e que ligaria com os caminhos já existentes do planalto, parte expressiva das tropas deslocou-se para o interior, seguindo em direção às feiras de São Paulo (ALMEIDA, 1945).

Contudo, isto não significou o abandono do Caminho dos Conventos, que se estendia até Laguna. Com a abertura do Caminho dos Conventos (1727), mesmo com a descoberta do novo Caminho de Viamão (1732), o litoral catarinense passou a ser mais utilizado já que era de uso funcional de circulação de mercadorias e pessoas. Durante décadas, estas terras não passavam de simples corredor, aberto pelas seguidas diligências lideradas por militares, expedições, aventureiros, tropeiros, bugreiros, colonizadores e outros, que, denominado desbravadores, que se embrenhavam na mata, seguiam rios e “descobriam” lagoas, capturavam, aprisionavam e comercializavam índios, escravos e buscar pedras preciosas. Missionários e emissários da corte e do Presidente da Província, também percorriam estes caminhos, que além do litoral aberto, ofereciam na abertura da foz de um rio, uma tentadora visão da única entrada para o interior da desconhecida região.

Durante o período colonial e boa parte do Império, a comunicação entre as vilas do litoral brasileiro era feita por via marítima, a ligação com o interior, por meio da navegação fluvial e dos caminhos. Entretanto, as ligações do interior com o litoral eram todas independentes entre si, criando, segundo Caio Prado Júnior (1996), uma “disposição fragmentária de comunicações”, sem as devidas conexões, formando “pequenos sistemas autônomos” de povoamento tanto no litoral como no interior.

Segundo Santos (1973, p. 73-74), sabe-se que antes dos colonizadores, existiam vários povoados indígenas. Os "Carijós, Xoklengs⁴¹" que viviam no litoral foram os primeiros a entrar em

⁴¹ Os carijós, também chamados cariós e cários, eram os indígenas que ocupavam o território que ia de Cananeia, no atual estado de São Paulo, no Brasil, até a Lagoa dos Patos, no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Os carijós eram considerados, pelos colonizadores portugueses, índios dóceis, trabalhadores e bem-intencionados.

³⁹ Os xoklengues, xokleng, laklaño ou botocudos são um grupo indígena brasileiro que habita as áreas indígenas Ibirama-La Klãnõ, Postos Velhos, Rios

contato com os “brancos”. Praticavam a agricultura e a pesca, cultivando a mandioca que era à base de sua alimentação. Portanto, o povoamento inicial de Araranguá iniciou-se com indígenas de diversas culturas. Inevitavelmente, os primeiros imigrantes chegaram a conhecê-los.

Na bacia do Araranguá existem inúmeras lagoas próximas à foz deste, interligando-os. Foi exatamente nas proximidades das lagoas e foz dos rios que várias famílias se fixaram. Neste contexto, os rios e lagoas serviram como meio de locomoção, subsistência, demarcação de limites e interiorização da região. Inúmeras propriedades possuíam seus limites tendo o mar ou os rios e lagoas como principal meio demarcatório.

Hobold (2004) afirma que os primeiros grupos humanos instalaram-se no Morro dos Conventos perto da foz do Rio Araranguá, porém, mais tarde, a população foi se fixando à margem esquerda do rio. Em função da inconfundível barra do piscoso Rio Araranguá e da necessidade da abertura de novas estradas, a terra passou a ser não somente passagem, mas também paragem. Surgiam, assim, as primeiras casinhas, de madeira e cobertas de palhas.

Outras, até instaladas como ponto de pousada, ou pequeno comércio de gênero que pudessem suprir as necessidades imediatas dos viajantes, pois como ilustra o texto:

[...] Dada a excelência de navegabilidade interiorana que representava o Rio Araranguá, na época dos primeiros colonizadores aventureiros, vindos de Laguna, presume-se evidentemente que ambas as margens do rio fossem exploradas pelos mesmos para os suprimentos e coletas de madeiras de lei, encontrando-se aqui ou lá choças de ramagens, para pouso eventual dos caçadores e madeireiros. No entanto, fator mais preponderante de permanência e fixação de um módulo populacional se localizaria a margem direita do

dos Pardos e a comunidade do Quati (Porto União), no estado de Santa Catarina, no Brasil. No sul de Santa Catarina, na medida em que os italianos foram ocupando a região e desmatando a vegetação, se depararam com os xoclogues, que, da floresta, retiravam seu sustento. Em represália à invasão de suas terras, os índios passaram a atacar as colônias italianas, fato que foi usado pelos imigrantes para criar a ideia de que os índios eram incapazes de conviver com a civilização, justificando seu aniquilamento. Em consequência, recorreram à figura do bugreiro, geralmente brasileiros ou mesmo imigrantes mais destemidos, que perseguiram os indígenas e promoviam verdadeiras chacinas, a fim de garantir a posse da terra por parte dos imigrantes.

Rio Araranguá, numa distância aproximada de 20 km acima de sua desembocadura, por via aquática, onde se constituía denominado pouso Capão da Espera (HOBOLD, 2004, p. 81).

Sabe-se que ao longo dos caminhos de condução do gado, iam surgindo lugares de pouso para abrigar tropeiros e suas cargas ao fim das jornadas diárias, no entorno imediato deste início de caminho, também surgiram os alguns pontos de pouso que deram início a pequenos assentamentos.

A antiga região de Araranguá, que deve seu nome ao Rio topônimo, ou o Rio Iritinguá do termo tupi-guarani denominado pelos índios carijós, abrangia o território compreendido entre as bacias hidrográficas de Urussanga e Mampituba, entre o Oceano Atlântico e os contrafortes da Serra do Mar (PIMENTA, 2000).

As primeiras ocupações nesta região datam entre 1727 a 1730, ocasionadas pelas tropas de gado proveniente dos campos de Viamão e Rio Grande, que vinham pelo litoral em direção a Laguna, de onde eram levados por mar para São Paulo e Minas Gerais. Esta ocupação deu-se junto ao caminho, pois as tropas necessitavam de paradas periódicas, acarretando a ocupação da área, com estâncias de gado, casas, abrigos para as cargas, tropeiros e outros viajantes (HOBOLD, 1994).

O relevo plano junto ao rio favoreceu o povoamento da região. Surgiu assim o primeiro núcleo de moradores fixos daquela região, que inicialmente chamada de “Pouso Capão da Espera⁴²”, pelos tropeiros e situado a aproximadamente 20 km de distância da desembocadura do rio (HOBOLD, 1994).

A cidade de Araranguá constituiu-se como resultado dos caminhos percorridos pelos tropeiros que pretendiam rumar para o planalto serrano. “Araranguá era pouso obrigatório para as tropas vindas do sul, pois os tropeiros sempre paravam antes de um rio para descanso e depois enfrentarem a íngreme e perigosa escalada ao Planalto da Serra do Mar (HOBOLD, 1994, p.41)”.

Capão da Espera, sito pela localização geográfica quase no início da estrada Conventos/Curitiba, é pouso obrigatório para as tropas, vindas do sul antes de enfrentarem a íngreme e perigosa escalada ao Planalto da Serra do mar, pela Serra da Pedra... enquanto as manadas dos animais tropeados descansavam ou abasteciam junto às

⁴² Capão da Espera, como era então conhecida a cidade de Araranguá.

aguadas e nas pastagens ou vegetação silvestre, no local onde atualmente está assente a Praça Hercílio Luz, onde os tropeiros e seus camaradas acomodavam-se para umas horas de repouso,... (HOBOLD, 1994, p.51).

Araranguá mesmo que deslocada da costa e dos principais eixos de conexão do período colonial e imperial, de alguma forma, sempre foi ponto de centralização do sul catarinense. Seu desenvolvimento se deu a partir da função relacionada ao tropeirismo, transformando-se de centro de pouso a local de moradia. Houve crescimento do comércio local para atender às necessidades imediatas da população instalada e de passagem (HOBOLD, 1994).

Esta região era produtora de mercadorias agrícolas (açúcar mascavo, farinha de mandioca, tonéis de aguardente), oferecidas às tropas militares e às famílias açorianas de colonização, graças às facilidades do transporte terrestre. A nucleação originária da vila de Araranguá constitui-se como resultado do caminho percorrido pelo gado e consequente abertura da estrada entre o Morro dos Conventos e Curitiba entre 1726 e 1727 (PIMENTA, 2000).

Segundo Galvão (1884), a partir de 1732 as sesmarias⁴³ começaram a ser concedidas em caráter provisório, tornado-as definitivas na região somente 20 anos depois. A imigração açoriana, iniciada a partir de 1748, incrementou decisivamente o crescimento demográfico de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Uma parte foi mandada para a Ilha de Desterro, outra foi distribuída pelo interior do distrito de Laguna, povoando e fundando novos núcleos em Viamão e o restante dirigido para o Rio Grande do Sul. Capão da Espera também recebeu diversas famílias açorianas, deixando seus registros culturais no artesanato, nas construções e costumes do cotidiano.

O serviço religioso dependia das viagens de párocos advindos de Laguna que circulavam pela região, de vilarejo em vilarejo. A praça central constitui-se, então, como elemento aglutinador das atividades e de organização no núcleo inicial.

Os moradores de Capão da Espera viviam da agricultura de subsistência, da exploração da madeira, da pecuária e principalmente do comércio voltado ao atendimento dos tropeiros. Com a abertura de outro caminho, denominado Novo Caminho das Tropas, que ligaria os campos de Vacaria a Lages, diminuiria consideravelmente o tráfego de tropeiros no Vale do Araranguá, fazendo com que a população buscasse uma

⁴³ Espaço de terra devoluta, doada pelo governo.

alternativa de sobrevivência, passando a desenvolver a atividade agrícola de subsistência e de abastecimento para mercados do centro do país.

Seu território abrangia as terras desde as margens do rio Urussanga até o oceano Atlântico; ao sul, pelas margens do rio Mampituba, fronteira com o Rio Grande do Sul e a oeste a Serra do Mar.

Segundo Pimenta (2000), em 1848 a então chamada Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens (antes Capão da Espera) passou a ser Campinas, hoje denominada Araranguá, o centro da vida civil e religiosa de toda a região do vale do Araranguá (PIMENTA, 2000).

A chegada dos imigrantes europeus (italianos, alemães e poloneses) na região, a partir de 1875, não repercutiu diretamente no crescimento populacional da sede da Freguesia, mas no seu território. Essas famílias, orientadas pelo governo, fundaram novas colônias no interior, como foi o caso de Criciúma, Turvo, Meleiro e Itoupava. Em 1880, a Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá eleva-se à categoria de município, cuja sede será coincidente com a freguesia, agora transformada em Vila, com a denominação de Vila de Araranguá. Foi elevada a categoria de município, emancipando-se de Laguna. Então, em 1881 é votada a primeira Câmara de Vereadores de Araranguá, os quais só assumiram em 1883, quando então com a posse dos vereadores, instala-se efetivamente o Município de Araranguá.

Já em 1886, instituída como sede do município Araranguá conforme ilustra a Figura 06 recebeu um projeto de arruamentos desenvolvido pelo engenheiro Antônio Lopes Mesquita que tratava, então, de dotar a vila de um plano de ordenamento territorial condizente com sua nova condição.

Figura 6 - Vista parcial centro de Araranguá.



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá -1886

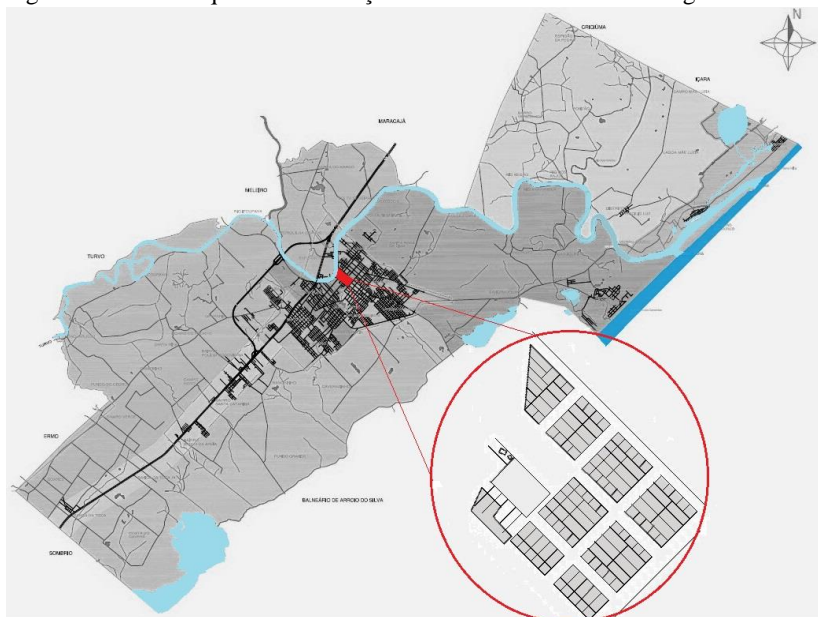
Este projeto tinha característica distinta das demais formas de ocupação das cidades de colonização portuguesa no Brasil, pois suas ruas apresentavam grandes dimensões, dando a Araranguá a qualidade de “Cidade das Avenidas”. As vilas e cidades construídas desde o Brasil colonial eram orientadas por leis e posturas administradas pelo Ouvidor⁴⁴. O município foi elevado à categoria de cidade em 1921 (DALL’ALBA, 1979), com uma população de 40.180 habitantes.

“Surpreende o traçado em o engenheiro não transformar indisciplinadamente velhos caminhos, como de hábito na época, em ruas ou avenidas nutridas de muitas e audaciosas curvas, com o só fito de consolidar vinculações entre áreas de interessado se que, no futuro, poderiam constituir entrave a quaisquer projetos de loteamento (HOBOLD, 1994, p. 81).

⁴⁴ O Ouvidor era um juiz posto pelo donatário em suas terras, para cuidar dos diversos assuntos jurídicos. A elevação de um povoado a categoria de Vila era um título de reconhecimento (político e econômico) atribuído, que lhe possibilitava sua integração política e econômica com as demais vilas e cidades da colônia, e a instalação da Câmara de Vereadores trataria dos assuntos ligados a vida civil daquela comunidade.

Pimenta (2000, p.04), em seus estudos menciona que "o plano elaborado pelo engenheiro, propunha uma malha em xadrez ao longo da curva do Rio Araranguá, respeitando a escolha do sítio anterior de localização do centro da vila" e ainda que "além do traçado das ruas, o plano proposto orientava o parcelamento do solo, dividindo as quadras em lotes regulares". Conforme apresentado na Figura 07.

Figura 7 - Em destaque Reconstituição do Plano Urbano de Araranguá - 1886.



Fonte: Pimenta, 2000 adaptado pelo autor

Para a autora,

Esta estrutura bastante regular, na verdade, não apresentava nada de novo em relação aos planos urbanos implantados pelos europeus principalmente nos países coloniais, quer seja a partir dos modelos das “bastides” francesas ou das “poblaciones” espanholas. Os tratados renascentistas concebiam, também, modelos da cidade ideal, segundo os princípios racionalistas baseados na regularidade e na geometrização, atuando no sentido da formação de todo um ideário na forma de pensar e organizar as cidades (PIMENTA, 2000, p. 05).

Segundo registro de um antigo morador, feito na obra de Hobold (1994), a sede foi descrita da seguinte forma:

Possuía, em 1894, aproximadamente 28 casas, sendo aproximadamente 20 cobertas de telha de barro e as restantes eram feitas de palha e estuque. Na pequena praça de 50 metros em quadro estava situada a capela de tábuas toscas...

Em frente à mesma, numa casa de estuque e palha, instalava-se o quartel e pouco atrás em outra maior, a municipalidade (HOBOLD,1994, p.64).

A fundação da freguesia ocasionou um adensamento populacional e, conseqüentemente o enriquecimento de sua economia. Com a dinâmica desta economia a localidade recebeu melhoras na sua infraestrutura ocasionando também a vinda de imigrantes (Figura 08). Com isso a expansão das atividades agrícolas, com o plantio de mandioca e cana de açúcar mudou a paisagem da freguesia durante a metade do séc. XIX.

Figura 8 - Centro de Araranguá início do século XIX



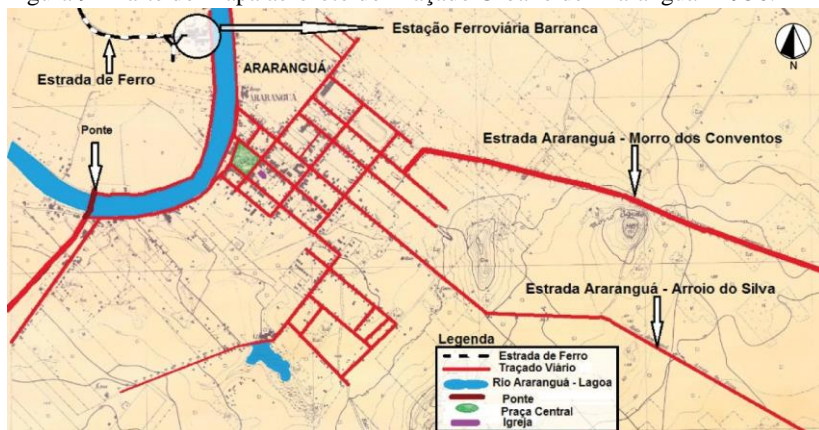
Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá

Porém, o desenrolar da vida urbana orienta-se no sentido de desenvolvimento do plano urbanístico original, mas é acrescido da ampliação da área pública destinada ao espaço da centralidade urbana (LEFEBVRE, 1969 apud PIMENTA, 2000).

Com a descoberta do carvão na região, no ano de 1870 já eram conhecidas as reservas e já era feita a concessão da lavra do carvão

regional, surge a construção da Estrada de Ferro D. Francisca devido a necessidade de escoamento da produção. Partindo da cidade portuária de Imbituba, os trilhos que formariam os ramais ferroviários implantados por fases, atingem Laguna, Tubarão e Criciúma em 1923 e em fevereiro de 1926 um novo ramal chega até a margem esquerda do rio Araranguá, conforme sinaliza a Figura 09, na localidade da Barranca.

Figura 9 - Parte do Mapa aerofoto do Traçado Urbano de Araranguá - 1956.



Fonte: Geofoto Ltda - 1956 - Alterado pelo Autor

A ferrovia significa a introdução do progresso técnico e de comunicações, trazendo atrás de si a estação telegráfica e a agência postal para Araranguá. Nesta mesma época surge urbanização às margens do rio Araranguá, acompanhando o período de industrialização do município.

O papel da ferrovia intensifica-se na medida em que o assoreamento do Rio Araranguá transforma as condições fluviais. Em janeiro de 1927 foi inaugurado o transporte de passageiros que ligava Araranguá até Imbituba e em 1928, deu-se início ao novo ciclo de transporte de cargas. Araranguá estava ligada ao porto de Imbituba e Laguna, que agilizava o transporte de mercadorias e passageiros para as demais cidades, e principalmente com Laguna, que escoava toda a produção do interior, mediante o porto, para São Paulo e Rio de Janeiro.

Hobold (2004, p.92), destaca que "em vista de a barra do Rio Araranguá não ter mais oferecido segurança de navegabilidade, esse ramal férreo conjunto com os Portos de Laguna e Imbituba, foi de suma utilidade, possibilitando por aproximadamente 40 anos um transporte seguro e eficiente, de ida e volta no mesmo dia, caso se quisesse".

O desenrolar da vida urbana orienta-se no sentido de desenvolvimento do plano urbanístico original acrescido, felizmente, da ampliação da área pública destinada ao espaço da centralidade urbana (LEFEBVRE, 1969 apud PIMENTA, 2000).

A praça conforme destacada recebeu a nova Prefeitura, inaugurada em 1927, próxima à Igreja matriz destacadas na Figura 09, ao lado do Salão Paroquial. A cidade começou a projetar seus esforços no sentido da formação de sua centralidade.

No período compreendido do ano de 1925 até 1950, Araranguá sofreu diversos desmembramentos de seu território, ocasionando um declínio populacional e também alterações econômicas. No ano de 1925 fora desmembrado Criciúma e Turvo em 1948.

Araranguá perdia boa parte de seu território e com isto também, a arrecadação de impostos e recursos que seriam gerados em decorrência da exploração do carvão, uma vez que a maior parte das jazidas de carvão, fator econômico preponderante na economia local da época, estavam em áreas que passaram a pertencer ao município de Criciúma.

Com isso, o declínio na economia e a estagnação no crescimento do município de Araranguá, que já enfrentando problemas de ordem econômica, enfrentara também as disputas e impasses políticos frente ao cenário regional, pois "o período denominado Estado Novo chegava ao fim em 1945. A Constituição de 1946 direcionaria ações do Estado Brasileiro até 1967, quando seria revogada pela ditadura militar. As velhas oligarquias catarinenses buscavam espaços para reacomodar suas forças, buscando estruturar seus interesses e suas siglas partidárias e criar novas bases de sustentação nos municípios" (HOBOLD 2004, p.246).

Para consolidar, reacomodar tais interesses, estimular o crescimento e a economia do município de Araranguá, um grupo de empresários toma uma iniciativa e busca, na época, uma alternativa para reerguer o crescimento da cidade. Apoiam-se no setor turístico para fomentar tal estímulo. Com isso nos início dos anos 50, lançam um "grande" empreendimento, denominado "Cidade Balneária Morro dos Conventos⁴⁵", lugar que até então era praticamente desprovido de habitações por ser apenas ponto de passagem. Este empreendimento consistia em uma grande cidade balneária um moderno complexo imobiliário a ser implantado defronte ao mar.

⁴⁵ Denominação ao empreendimento por parte do empreendedor.

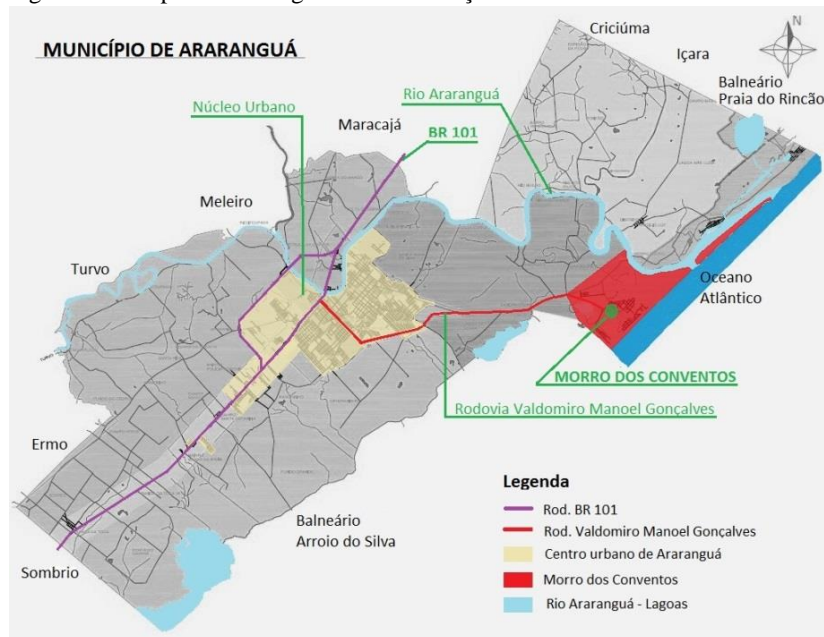
3.2 BAIRRO BALNEÁRIO MORRO DOS CONVENTOS

3.2.1 Localização e contexto do Bairro Balneário Morro dos Conventos

O espaço natural em que o Bairro Balneário Morro dos Conventos foi edificado situa-se no litoral do território do município de Araranguá, esta cerca de doze quilômetros (em linha reta) a leste do centro da cidade.

É parte da porção sudoeste do município que sobre solo arenoso esta limitada ao norte com o rio Araranguá até sua foz e ao leste com Oceano Atlântico, ao sul o município Arroio do Silva e ao oeste com áreas agrícolas num entorno de $28^{\circ} 55' 29, 7194''$ de latitude S e $49^{\circ} 22', 5189''$ de longitude W conforme demonstra Figura 10 e 11.

Figura 10 - Mapa de Araranguá com localização do Morro dos Conventos

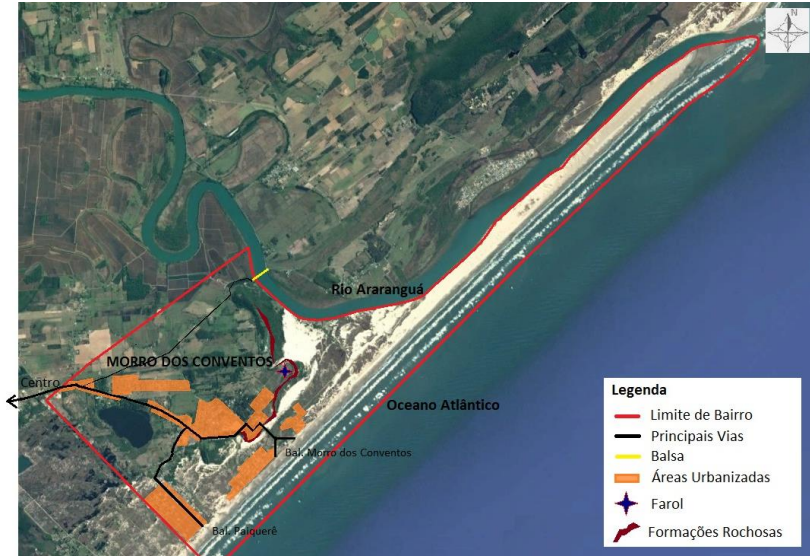


Fonte: Elaboração própria a partir IBGE (2015)

Na figura 11 pode-se observar que parte de sua ocupação esta distanciada da orla devido às barreiras naturais sendo elas as formações rochosas, as dunas e a restinga que aumentam o afastamento. O acesso é realizado através da rodovia Valdomiro Manoel Gonçalves ou pela

beira da praia ou também pela travessia do rio Araranguá por uma balsa que liga os balneários às áreas agrícolas.

Figura 11 - Limites da área de estudos do Bairro Balneário Morro dos Conventos



Fonte: Elaboração própria a partir Google Earth (2015).

O contexto geográfico desta área é marcado por um visual cênico aparentemente homogêneo, uma linha de costa do mar se estende no sentido Nordeste/Sudeste. As cotas baixas seguem paralelas formando uma faixa praial plana e ampla de areias que se estendem até ao encontro da linha de dunas móveis de areia.

Um pouco mais ao nordeste esta faixa de areia se alarga, prolongando-se ao longo da margem direita do Araranguá conformando, aí um "oásis" quando do encontro do oceano com a desembocadura do Rio Araranguá. O rio avança no sentido sudoeste, molda e corta todo o território formando duas áreas distintas conforme seu traçado sinuoso, e segue em direção ao centro da cidade de Araranguá. Margeia o centro da cidade e seguindo seu percurso natural até seus afluentes e nascentes.

Trata-se de uma configuração geomorfológica de ampla planície costeira-marinha, feições topográficas variadas como dunas (móveis, semi-fixas e fixas), terraços, planícies, depressões, lagoas, lagunas, cursos d'água de pequeno e grande porte e morros isolados, nas quais se estabelece um mosaico vegetacional de significativa heterogeneidade

denotando ecossistemas de singular complexidade. (PROSUL 2006, p.68).

a. Aspectos Climáticos

Localizado numa zona subtropical ao Trópico de Capricórnio, a área é influenciada por massas de polares no inverno e tropicais no verão caracterizando bem as estações, ou seja, clima temperado e mesotérmico (com temperaturas medianas) subtropical, constantemente úmido (com alto índice de chuvas).

O clima é predominantemente muito agradável, as chuvas são distribuídas uniformemente durante o ano e os verões mais rigorosos. Quanto ao número de dias ensolarados, a média anual fica em torno de 230 dias e a temperatura média em torno de 19,1°C. O clima da região é bastante influenciado pela proximidade do mar e pelas formações rochosas.

Durante o verão as condições climáticas são elevadas, com média de 26°C podendo atingir 38 °C. Com esse calor e muita umidade no ar, as chuvas são caracterizadas por pancadas associadas a trovoadas, geralmente no período da tarde. Nessa época, geralmente nos meses de janeiro e fevereiro é que são registradas as maiores precipitações.

No outono é a estação mais estável com dias ensolarados, temperaturas mais amenas e sem chuva. É nesta época que começam a chegar as massas de ar frio, diminuindo a temperatura para a entrada do inverno. Nessa estação, também podem surgir temperaturas mais elevadas, em torno de 28 °C que caracterizam os chamados veranicos.

O inverno é caracterizado pela chegada de massas de ar frio, quando as temperaturas diminuem em torno de 8°C a 18 °C. Os ventos passam a ser muito mais frequentes predominando o vento sul. As chuvas passam a ser mais escassas.

Na primavera as condições climáticas são mais instáveis. A estação é caracterizada pelo predomínio do céu nublado com pancadas de chuvas isoladas. Nos meses de setembro a dezembro pode-se perceber o aumento gradual da temperatura, e mesmo o cinza do céu não impede a contemplação das cores que dominam a paisagem local.

Uma característica constante e importante na caracterização do clima deste Balneário é uma ventilação abundante com predominância de ventos NE.

b. Aspectos Geológicos

Inserido no Domínio da Cobertura de Sedimentos Cenozóicos, formados durante o Quaternário Holocênico, englobam simultaneamente os sedimentos litorâneos e os de origem continental. Entre os primeiros destacam-se os depósitos praias de natureza quartzosa, com morfologia típica de feixes de restinga que correspondem aos depósitos sedimentares inconsolidados situados junto à linha de costa, formados em ambientes marinho, fluvial, eólico, lagunar ou misto (GAPLAN, 1986).

As dunas móveis localizam-se na praia, e se diferenciam pela ausência de forma definida em função dos ventos e por não apresentarem indício de formação de um horizonte pedogênico. As dunas mais antigas ocupam uma faixa de 3 a 4 km ao longo da costa atlântica e ao longo de algumas lagoas. Estão consideravelmente consolidadas pela vegetação e, ao contrário das dunas móveis, apresentam um horizonte superficial mais ou menos. Nessas áreas predominam Neossolos Quartzarênicos e Espodosolos (EPAGRI; CIRAM, 2001).

A faixa de terreno arenoso não se resume à área ocupada pelas dunas. Em alguns locais, essa faixa se estende por cerca de 10 km da orla marítima, onde o terreno é de topografia quase plana, Borges e Porto Filho (2001) descrevem que no Morro dos Conventos e arredores, ocorrem duas feições geológicas distintas: a primeira, que dá origem à elevação [falésia] denominada Morro dos Conventos (fig.12), a qual foi gerada a partir da compartimentação por fenômenos tectônicos que ocorreram na Bacia do Paraná; a segunda, formada por sedimentos inconsolidados areno-siltico-argilosos, que dão origem à Planície Costeira e que recebem depósitos sedimentares desde o final do Mesozóico até o presente.

Figura 12 - Vista parcial das formações rochosas no Balneário Morro dos Conventos a partir das dunas.



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá -1958

c. Aspectos do Solo

Segundo a Classificação Brasileira de Solos (EMBRAPA, 1999), os solos do Balneário Morro dos Conventos, são considerados Neossolos Quartzarênicos, ou seja, são essencialmente quartzosos, apresentando textura areia ou areia branca nos horizontes até no mínimo 150 cm da superfície do solo, ou até o contato lítico; essencialmente quartzosos, apresentando nas frações areia grossa e areia fina 95% ou mais de quartzo, calcedônia e opala e, praticamente, ausência de minerais primários alteráveis. Estes solos eram denominados anteriormente de Areias Quartzosas (EPAGRI; CIRAM, 2001).

E apresenta baixos teores de nutrientes minerais assimiláveis pelas plantas, constituindo restrição forte a sua utilização agrícola (KER et al. 1986; MOSER, 1990).

d. Aspectos Hidrológicos

É uma região bastante complexa hidrológicamente onde esta a desembocadura de toda a bacia do rio Araranguá, possuindo também um sistema de lagoas que configuram notável variedade de ecossistemas conforme podemos observar na Figura (13).

Figura 13 - Vista parcial aérea da planície da foz do rio Araranguá

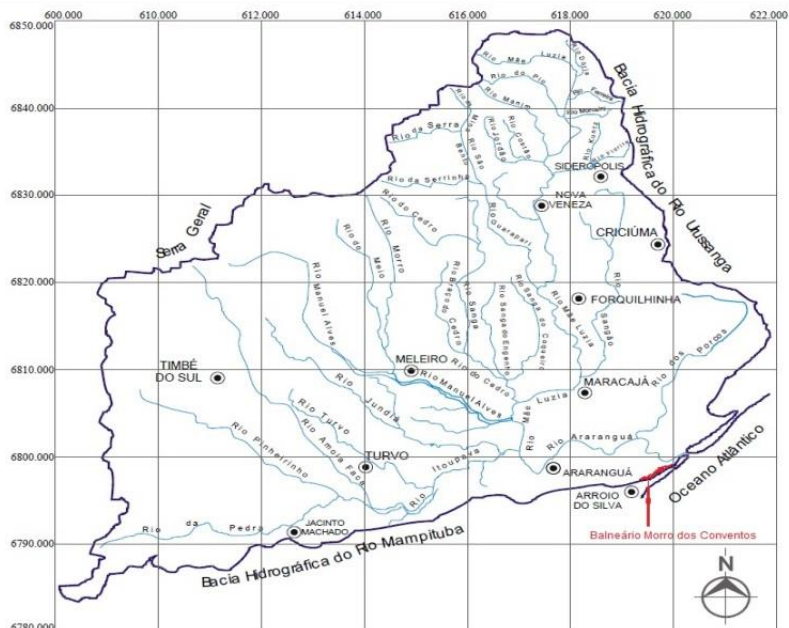


Fonte: Tadeu Santos (2002).

A bacia do rio Araranguá situa-se no extremo sul catarinense esta entre as coordenadas geográficas $28^{\circ} 30'$ e $29^{\circ} 20'$ S e $49^{\circ} 15'$ e 50° W, fazendo parte do sistema de Vertente do atlântico (ALEXANDRE, 2000).

Conforme a Lei de N^o 10.949, de 09 de novembro de 1998, o estado de Santa Catarina está dividido em 10(dez) Regiões Hidrográficas. A região em estudo conforme figura 14 encontra-se localizada na Região Hidrográfica de Número RH 10 que é representada pela bacia do rio Araranguá sendo responsável pela drenagem, de 11 municípios dentre os quais Araranguá e Criciúma, sendo que a sua área de drenagem é de 3.020km². (ALEXANDRE, 2000).

Figura 14 - Distribuição dos cursos de água da bacia do Rio Araranguá



Fonte: Krebs, 1997

Ao longo da bacia encontram-se algumas atividades de influência e poluidoras como atividades de mineração a céu aberto e minas de subsolo, curtumes, indústrias de cerâmica, metal-mecânica, vestuário, efluentes urbanos provenientes das cidades da região e principalmente por grandes áreas agricultáveis prevalecendo o plantio de arroz irrigado. “Nesta bacia localizam-se as áreas consideradas críticas do Estado em relação à disponibilidade hídrica e à qualidade das águas” (ALEXANDRE, 2000).

e. Aspectos da Vegetação

O Bioma Mata Atlântica conforme o Decreto Federal 750/93 (BRASIL, 1993) engloba áreas ocupadas pelas mais diversas formações entre elas Floresta Ombrófila Mista as restingas, Manguezais, Campos de altitude, brejos interioranos e Restingas.

As restingas brasileiras caracterizam-se como um conjunto de ecossistemas variados fitofisionomicamente, com vegetações em diferentes estágios sucessionais, sendo constituídas por um conjunto de

formas vegetacionais distintas, em toda sua área de ocorrência. A comunidade vegetal, desse ecossistema, sofre influência direta do Oceano Atlântico e das condições edáficas, apresentando predomínio de vegetação herbáceo-arbustiva (TEIXEIRA, 1986; WAECHTER, et al., 1985).

Segundo Leite e Klein (1990) a vegetação pioneira herbáceo-arbustiva da planície costeira sul catarinense, enquadra-se nos Domínios da Vegetação Pioneira sob Influência Marinha (restingas), onde existe uma grande variedade de ambientes circunscritos a esta formação, merecendo destaque, a faixa de praia, as dunas instáveis, as dunas fixas, as áreas aplainadas e plano-deprimidas e os costões rochosos conforme (Fig. 15 A-B).

Figura 15 – A - Vista norte parcial da cobertura vegetal da planície do Rio Araranguá. B - Vista sul parcial da cobertura vegetal da planície e das formações Rochosas



Fonte: Rodrigo Bonaldo Rafael (2007)

A cobertura vegetal da restinga está representada por agrupamentos herbáceo-arbustivos determinados pelas condições ambientais, como a salinidade, os ventos intensos, a baixa capacidade de retenção de água, a baixa fertilidade e ação antrópica.

Na beira da encosta das formações rochosas a vegetação cresce emitindo ramos, que se dispersam e em alguns pontos a ação do vento e as águas da chuva não permitem o enraizamento e a fixação da vegetação. Na parte superior, próximo à encosta, as copas das árvores estão voltadas para o nordeste, isso em decorrência da ação dos ventos nordestes e sul.

Tanto no topo do morro como na sua base vê-se ramagem das mais variadas espécies de palmeiras, ou seja, existe uma rica e exuberante vegetação com toda uma variedade de adaptações, dependendo da espécie e do local em que se encontra.

f. Aspectos Antrópicos

O Balneário de Morro dos Conventos, assim como as demais praias do país vêm sofrendo ação antrópica comprometendo a biodiversidade dos ecossistemas litorâneos.

De acordo com dados obtidos da Prefeitura Municipal de Araranguá, a população fixa do Balneário de Morro dos Conventos é de aproximadamente 2031 habitantes, que ocupam áreas distintas: a primeira, sobre e a oeste da falésia, onde a densidade de moradias é maior com aproximadamente 170 unidades; a segunda na faixa praiial junto à restinga propriamente dita, onde se encontra um pequeno aglomerado habitacional, composto por aproximadamente 210 moradias. Na parte plana junto a Rodovia e seu entorno, cerca de 364 unidades e no Loteamento Paiquerê um total de 197 residências. Entre estas residências a grande maioria exercem a função de casas de veraneio.

As edificações na sua grande maioria variando entre 01 e 02 pavimentos estão dispostas nos lotes respeitando o mínimo de afastamentos exigidos em lei. Na parte baixa defronte ao mar existem sete edificações com numero de 04 pavimentos. E o hotel na parte superior moldado ao declive do morro variando entre 01 e 4 pavimentos.

Na porção sul do aglomerado habitacional, onde a densidade de residências é mais elevada, observa-se sensível alteração no perfil paisagístico das dunas.

Figura 16 - Vista parcial do conjunto Morro dos Conventos a partir da Plataforma de pesca do Balneário Arroio do Silva



Fonte: Arquivo pessoal (2014)

Na temporada de verão, este número chega a triplicar, atingindo por volta de 6000 pessoas, fato preocupante devido ao impacto representado pela súbita elevação da densidade populacional.

Os turistas demonstram grande atração pela falésia e dunas existentes no local, considerando-as como áreas de lazer. O uso indiscriminado e a falta de um serviço de guia e orientação tem gerado uma dinâmica com danos ambientais à falésia, à vegetação e à fauna.

A região sofre impactos ambientais, principalmente em razão da especulação imobiliária, da falta de planejamento turístico, bem como a introdução de espécies exóticas como *Pinus* spp., *Casuarina equisetifolia* entre outras. E também a prática de esportes sobre as dunas com jeepcross, motocross e sandboard.

g. Aspectos relevantes

Como característica peculiar, tem-se por atrativos os espaços naturais que despertam os mais diversos interesses na sua utilização, pois seu cenário é caracterizado pelo mar, pelo rio, por vegetação rasteira e arbustiva, por dunas móveis de areia branca, costão das rochas (falésias), campos, capões, lagunas, tabuleiros, restingas que formam a planície costeira do vale do rio Araranguá.

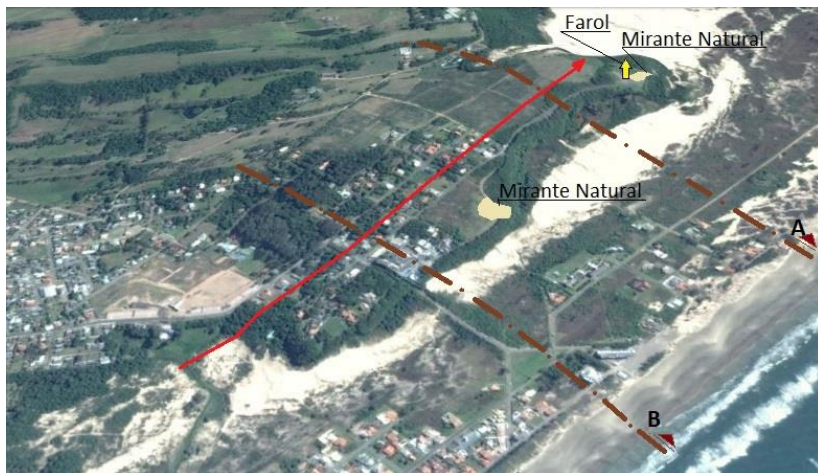
São elementos naturais, permanentes e determinantes que atuam como barreiras naturais. Estas caracterizam delimitações que induzem numa ocupação não homogênea, e que influenciam diretamente no processo de ocupação do referido lugar.

Estas determinações do espaço natural são características marcantes na morfologia do balneário. A maior parte deste espaço natural é protegida por legislação específica ambiental sendo consideradas áreas de preservação permanente.

As formações rochosas mais elevadas que o tabuleiro em que se encontra forma uma divisão no território, aflorando na direção norte sul com altitudes em aproximadamente 83 metros de altura no seu ponto mais alto em relação ao tabuleiro conforme a figura 17. Formadas a partir da erosão das escarpas do planalto, na direção leste-oeste apresentam um pequeno declive, chegando até a parte plana de maneira descendente que é onde se encontra a maior parte do tecido urbano.

E no sentido noroeste nas cotas mais altas, cria-se um espaço com características de mirante natural, marcado por um farol datado de 1953, que orienta embarcações e navegações desta porção do litoral brasileiro.

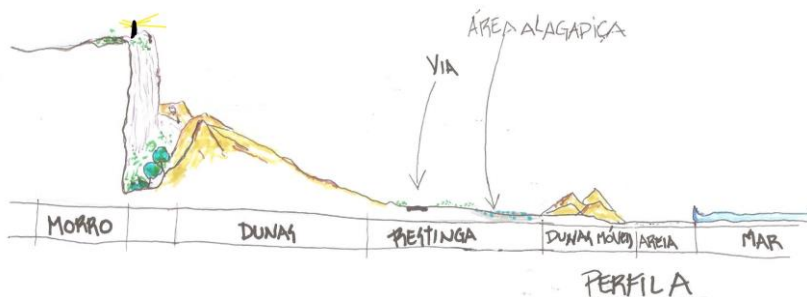
Figura 17 - Vista parcial do território do Bairro Balneário Morro dos Conventos em evidência as Cotas mais altas - Farol e Mirante Natural

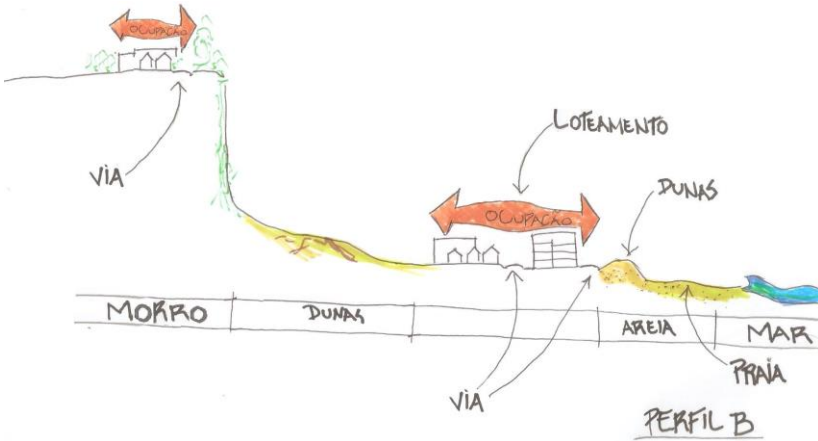


Fonte: Elaboração própria a partir Google Earth (2015).

Nas imagens abaixo, observa-se dois perfis, onde verifica-se a predominância da das formações rochosas, a sua influência na composição da paisagem e sua relação com as edificações e demais aspectos naturais. (Ver Fig.18)

Figura 18 - Perfil urbano-ambiental da ocupação





Fonte: Elaboração própria (2015).

Através da sua forma natural o mirante proporciona também, a contemplação da paisagem no campo visual, que num raio de quase 360° graus, pode-se observar a toda a planície costeira do vale do rio Araranguá formada pelas dunas móveis, pequenos capões de vegetações, restinga, lagunas, e as cotas mais baixas que formam a praia prolongando-se em sentido noroeste até a da margem direita da foz do Rio Araranguá e seu encontro com o mar conforme figura 19.

Figura 19 - Vista parcial sentido noroeste, a partir do mirante natural (próximo ao Farol).



Fonte: Arquivo pessoal do autor-2014

A partir da outra margem do rio, pode-se observar a conformação de áreas agrícolas de solos arenosos e alagadiços, que se misturam entre alguma vegetação e se misturam neste campo visual com aglomerados esparsos de ocupações em processos de urbanização, como o caso da Comunidade de Ilhas.

Na figura 20, as dunas brancas que de forma descendente se aproximam até a vegetação do leito do rio. Mais distante, ao fundo

lagoas, vegetações, dunas se diluem nesta paisagem com outras ocupações, entre elas, a Comunidade de Ilhas, a de Barra Velha e Balneário Praia do Rincão, que com seus aglomerados de edificações, a linha de costa do mar e a linha do horizonte sobre este delimitam o final da paisagem ao encontro do céu. Mais a direita as áreas agrícolas permeiam o cenário ao entorno do Morro Agudo, que se destaca de forma isolada entremeadado nas áreas de plantações dos arrozais, ora alagadas, ora germinadas. E ao fundo a linha da cota mais alta da Serra Geral, que emoldurada com alternância do seu relevo valoriza-se sob o contraste do céu.

Figura 20 - Vista parcial sentido noroeste, a partir do mirante natural (próximo ao Farol).



Fonte: Arquivo pessoal do autor-2014

Uma configuração de paisagem observada de um local estratégico de formação natural, moldado para a contemplação da paisagem na dimensão do campo visual, que enaltece o grande valor paisagístico natural. Como característica peculiar e importante na caracterização do clima do Bairro Balneário Morro dos Conventos é que perto das escarpas os ventos Figura 21, em sua maioria são de S/SE. Este fluxo forma um “U”, que gera uma rota diferenciada de ventos na região. (SCHEIBE,2004).

Figura 21 - Vista parcial da ação dos ventos sobre as dunas próximas as escarpas (Paredão rochoso) do Bairro Balneário Morro dos Conventos.



Fonte: www.guialitoral.com (2015)

Como característica peculiar, tem-se por atrativos os espaços naturais despertando os mais diversos interesses na sua utilização. A praia com sua extensa orla tem sido um espaço de utilização coletiva com maior concentração de usuários principalmente no verão, período em que o contingente de pessoas aumenta de forma significativa.

Sobre este sítio, podemos dizer que a ponta de terra formada pelo rio Araranguá desembocando no Atlântico conforme Figura 22 constitui um sítio de rara beleza, uma das mais contempladas paisagens da região. Constituem como elementos marcantes do sítio juntamente com as escarpas, o rio, o mar, as dunas elevadas, o "alto" e o "baixo", a praia ao leste, as restingas, as áreas alagadiças entremeadas nos cordões de dunas que percorrem sentido noroeste e nordeste.

Figura 22 - Vista parcial da foz do rio Araranguá com Oceano Atlântico



Fonte: www.gualitoralsul.com (2015)

"Esse é o quadro no qual se vão acumular sucessivas adaptações e readaptações para constituir" (SERRA, 1987, p.121), o Bairro Balneário Morro dos Conventos na cidade de Araranguá. Para Lamas (2004, p.63), a forma urbana não poderá ser desligada do seu suporte geográfico - e este é um elemento tão importante como os fatos construídos. O sítio contém já em muitos casos a gênese e o potencial gerador das formas construídas, pelo apontar de um traçado, pela expressão de um lugar.

Neste processo de ocupação, que iniciara antes das legislações preservacionistas alguns dos elementos do espaço natural não eram considerados como barreiras naturais, e naquela época resultou da permissão de ocupação por parte do poder público. Porém, nos anos seguintes, tais legislações passaram a vigorar e a partir destas, limites são impostos, resultando a fragmentação dos espaços, resultando uma organização espacial do Bairro ora com áreas construídas ora com áreas de preservação.

A partir desta percebe-se um equilíbrio, uma harmonia no cenário entre o construído e o natural. Para Le Corbusier (1969, p.129) o Espírito cartesiano, natureza e homem na unidade e na harmonia, e não artifício de uma sociedade fora da natureza.

3.2.2 Histórico - O projeto e implantação da "Cidade Balneária Morro dos Conventos"

O empreendedor nos anos 50 trouxe uma proposta com base de traços Modernista⁴⁶ para a criação da denominada “Cidade Balneária Morro dos Conventos⁴⁷”, que fora imposta sobre um lugar mais naturalizado. Tratava-se, então, de um novo modelo de planejamento a ser implantado neste segmento litorâneo, um grande loteamento com aproveitamento total do espaço, uma ação especulativa do ponto de vista da otimização de lucros, com formas e medidas dos lotes que dão mais lucro enfim superdimensionado que desconsidera quase que totalmente os elementos naturais, o que causaria vários problemas ambientais.

Seu plano inicial conforme Figura (23) previa uma ocupação ostensiva do uso do solo que desconsiderava boa parte das características morfológicas naturais do sítio natural do lugar.

Figura 23 - Mapa do empreendimento - Cidade Balneária Morro dos Conventos



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Observa-se nas Figuras 23 e 24 que esta zona do município passou a ser dividida em duas unidades espaciais. Uma primeira, a parte plana fronteira ao mar onde concentraria um maior aglomerado devido ao grande parcelamento e formação dos lotes, e a segunda em dimensão menor na parte elevada. Uma via marcada na cor vermelha, de eixo

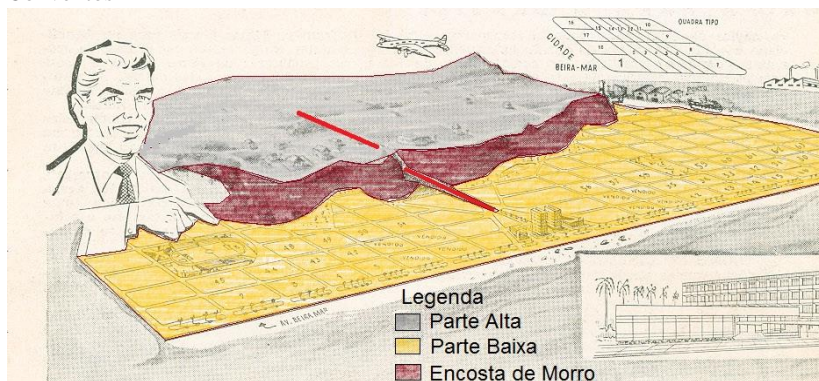
⁴⁶ Na condição de movimento cultural e artístico que se iniciou na Europa, o Modernismo se difundiu no Brasil com os manifestos de vanguarda, amplamente dispostos na Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo. Na arquitetura, a busca por resoluções dos problemas causados pela Revolução Industrial e pelo desenvolvimento do capitalismo tornou-se uma das premissas básicas do modernismo, no qual há um redirecionamento da organização espacial através do planejamento urbano.

⁴⁷ Denominação ao empreendimento por parte do empreendedor.

bastante marcante (um corte no morro) em sentido leste - oeste perpendicular a linha de costa do mar, faz a estruturação da parte alta até a parte baixa.

As características de parcelamento fora a divisão através de um traçado reticulado com quadras retangulares de maiores dimensões no sentido noroeste-sudoeste. Na parte alta, as quadras de bordas apresentam traçados adaptados à sinuosidade das vias de contorno das bordas do morro e a partir destas, as demais, dispostas paralelamente uma a outra, se moldando através das suas retículas ao sítio natural. Em pontos estratégicos praças também funcionariam como espaço público estruturador deste grande empreendimento.

Figura 24 - Perspectiva do empreendimento - Cidade Balneária Morro dos Conventos



Fonte: Arquivo pessoal - Intervenção do autor 2015 Anexo II

Este empreendimento modernista, embasado numa proposta bastante inspirada na história, na sociedade de consumo, determinada e marcada nas leis de mercado, na época sem regulamentação por parte dos poderes públicos, sendo que nesta proposta de arquitetura Formalista⁴⁸ constata-se claramente tal influência. Propagandas veiculadas conforme anexos 1 e 2 no jornal Correio do Povo de 27-05-1956, "**Notícia importante da Europa para o Brasil! A França vai reformar Santa Catarina**" transcreve entrevista publicada na Revista do Globo de 24-03-1956 que enfatiza a construção de portos na costa

⁴⁸ Visto como Arquitetura Formalista, voltava-se para a simbiose de efeitos compositivos, de vocabulário e princípios próprios e de linguagem simbólica, que se expressava através de metáforas, sinais e aspectos emblemáticos, tudo com a intenção de transmitir tensão entre estes elementos na mesma obra.

catarinense **"No Rio Araranguá será construído um grande Porto Marítimo, próximo as Minas de Carvão de Santa Catarina"**, inspirados na arquitetura popular e comercial de modo provocativo e atraente. Uma linguagem na busca de espaços, ao invés de lugares. Tratava-se de um grande parcelamento de terra, conforme texto transcrito abaixo do encarte, anexo que sinalizava ser o maior empreendimento da época para toda a região sul do estado.

Na cidade baixa, n/ desenho, nota-se as futuras construções do estádio p/ desportos (terá piscina com água do mar), prédios de apart. Em condomínios, muralha de pedras, Avenida Beir Mar (c/50 mts. Largura e 4.000 mts. Comprimento, cuja Avenida terá ao centro 20mts. De canteiros Arborizados) etc. etc. - Vê-se também a perspectiva do Edifício de 4 Pisos, 54 Apart. (funcionarão no Andar Térreo: - Boate, Restaurante, Barbearia etc.) em construção na Av. Beira mar, sendo que os apartos, já vendidos - serão entregues no início de 1957e/ os resp. Fogões Elétricos instalados, recebendo os mesmo - Força e Luz - Dia e Noite, em abundância, fornecida pela Gigantesca Usina Termo-Elétrica da Cia. Siderúrgica Nacional já em pleno funcionamento. - N/Desenho também se nota o Futuro e Grandioso "Prto Siderúrgico de Araranguá", - e o AVIÃO - simbolizando a existência do - AEREO PORTO - a 11 Kms. Do Morro dos Conventos (sic) ANEXO 2

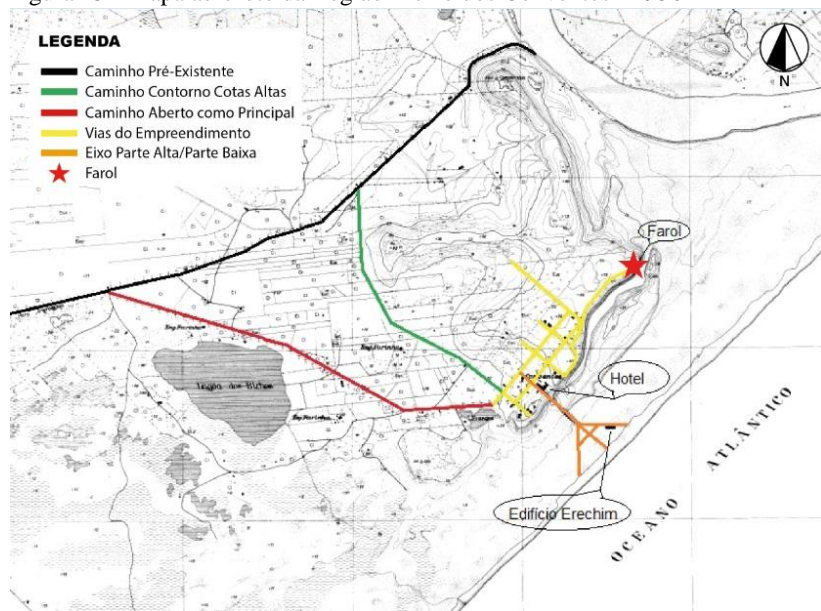
Ainda neste mesmo encarte chamadas através de frases do tipo:

Algumas das Impressões Obtidas de Proeminentes Brasileiros Sôbre a Maravilhosa Cidade Balneária "MORRO DOS CONVENTOS", "[...] ALI NÃO FALTA NADA, EM NATUREZA PARA SER, UM DIA, EQUIPARADA AS MELHORES DO MUNDO", "O planalto do Morro dos Conventos, além de apresentar um panorama magnífico apresenta condições de salubridade RECOMENDÁVEIS A TODOS OS QUE PROCURAM RECUPERAR SEU ESTADO FÍSICO", "Bendita seja, COMO RECANTO DE RECUPERAÇÃO DA SAÚDE HUMANA (sic) ANEXO 2.

Ainda no início década de 50, o que era apenas projeto, passou a sair do papel e deu-se o início da implantação da “Cidade Balneária Morro dos Conventos”, quando a partir de alterações no sítio natural começaram a serem realizadas as movimentações de terra e a abertura das primeiras vias que estruturariam as demais.

A Figura 25 datada de 1956 do “Plano Nacional do Carvão⁴⁹” apresenta as primeiras vias que formavam os caminhos existentes e as novas vias que já começavam a estruturar o sistema viário do futuro bairro Balneário Morro dos Conventos.

Figura 25 - Mapa aerofoto da Região Morro dos Conventos - 1956



Fonte: Geofoto Ltda – 1956 –Alterada pelo autor

Na cor preta, pode-se visualizar o percurso do caminho pré-existente que fazia parte da rota do Caminho dos Conventos, na cor verde o caminho que contornava na planície as cotas mais altas e aproximava a chegada ao Morro. Na cor vermelha, a abertura de uma via de ligação de forma estratégica, que atravessava toda a planície aproximando e facilitando o caminho para a chegada à cidade balneária. Na cor amarela, as primeiras vias, que configurariam o espaço da parte

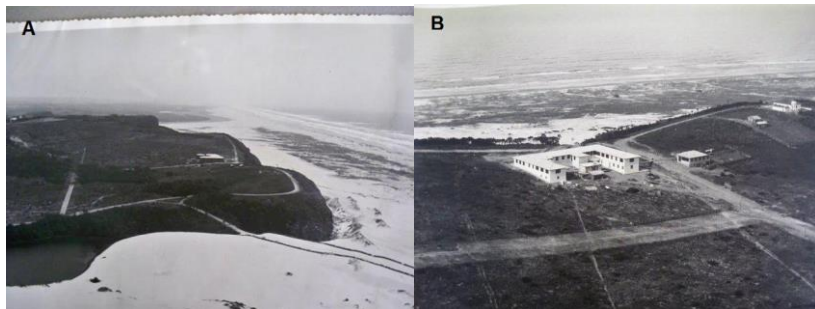
⁴⁹ Brasil, Lei nº 1.886, de junho de 1953. **Aprova o Plano Do Carvão Nacional e dispõe sobre a sua execução.**

alta do empreendimento. E na cor laranja, a obra mais significativa, o grande eixo de ligação que estrutura a parte alta com a planície que faz frente ao oceano.

Ao confrontarmos imagens da época (fotografias) a seguir, com o mapa de 1956 do Plano Nacional do Carvão, constata-se que neste algumas das obras pertencente ao complexo "Cidade Balneária Morro dos Conventos" já estavam construídos. Portanto, as imagens fotográficas são anteriores à elaboração do mapa.

As imagens A e B da Figura 26 revelam serem anteriores ao mapa do Plano Nacional do Carvão datado de 1956, pois, observa-se que apenas as vias de contorno nas bordas e mais duas principais que estruturariam as demais já estavam abertas, enquanto que no mapa já constava as vias secundárias. Ainda nestas, constata-se que a edificação maior, trata-se do hotel, em fase final de construção. Era todo de madeira em tons de amarelo claro, com janelas verdes, uma construção que acompanhava o declive do terreno. E mais a direita da imagem "B" aparecimento das primeiras edificações na porção direita da imagem.

Figura 26 - Abertura das vias e construção do hotel e outras edificações início anos 50



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá, 1955.

Em 1953, fora construído um farol com aproximadamente 8 metros, e uma altura de foco em relação ao nível do mar de 82 metros apresentado na Figura 27, com sua função de orientar os navegadores. O farol erguido em frente ao penhasco passou a integrar a paisagem na borda de ponta do morro, que passou a ser referencial em várias escalas do território.

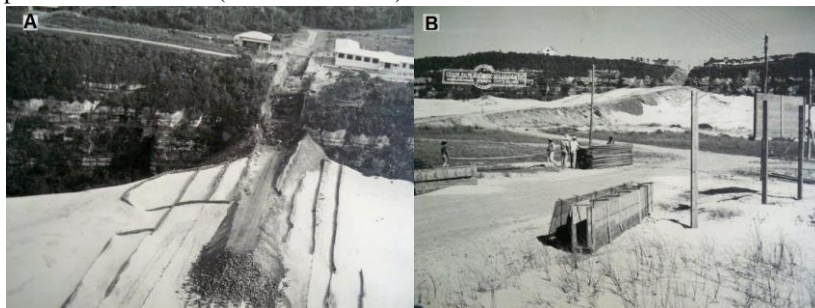
Figura 27 - Farol datado de 1953 e sua localização na ponta do Morro dos Conventos



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá - 1955

Ainda neste mesmo período, paralelo a construção das edificações, observa-se nas imagens A e B da Figura 28 os trabalhos de escavação e terraplenagem para a abertura da via com maior expressividade em termos de estruturação urbana do Balneário já estava em execução. Via esta que estrutura todo o balneário conectando a parte das cotas mais altas da planície sobre o morro, até as cotas baixas da planície litorânea fronteiriça ao mar.

Figura 28 - Vista parcial da execução trabalhos de escavação e terraplenagem para abertura da via (eixo estruturante)



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá - 1955

O traçado da escavação dessa via, conforme Figura 29 - A e B, passa paralela e abaixo da fachada sul do hotel, cria uma diferença de cotas de níveis entre a via (abaixo) e o hotel (acima). Dois são os ambientes criados, o destaque do hotel acima da via e a via que estrutura a parte alta com a planície baixa passando por um nível bem inferior em relação ao nível do hotel. Esta via, assim como estrutura no sentido leste,

oeste a porção da planície próxima ao mar com a parte alta, também atua como um divisor da parte alta. Cria dois espaços com ocupações diferenciadas, do lado direito o hotel e do lado esquerdo uma área destinada a residências unifamiliares.

Figura 29 - A -Vista parcial da fachada sul do hotel e corte no morro para passagem da via de conexão. B - Vista parcial corte no morro e a via de conexão sentido mar acima passarela de ligação entre lados



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá -1956

A partir da conclusão da abertura da via, deu-se o início das obras do edifício Erechim com sua localização conforme Figura 30 A e B sinalizado na cor vermelha o qual foi concluído no início do ano de 1956.

Figura 30 - A Vista parcial da terraplanagem da via estruturadora da parte alta com a parte da planície frente ao mar. B – Vista parcial do Edifício Erechim

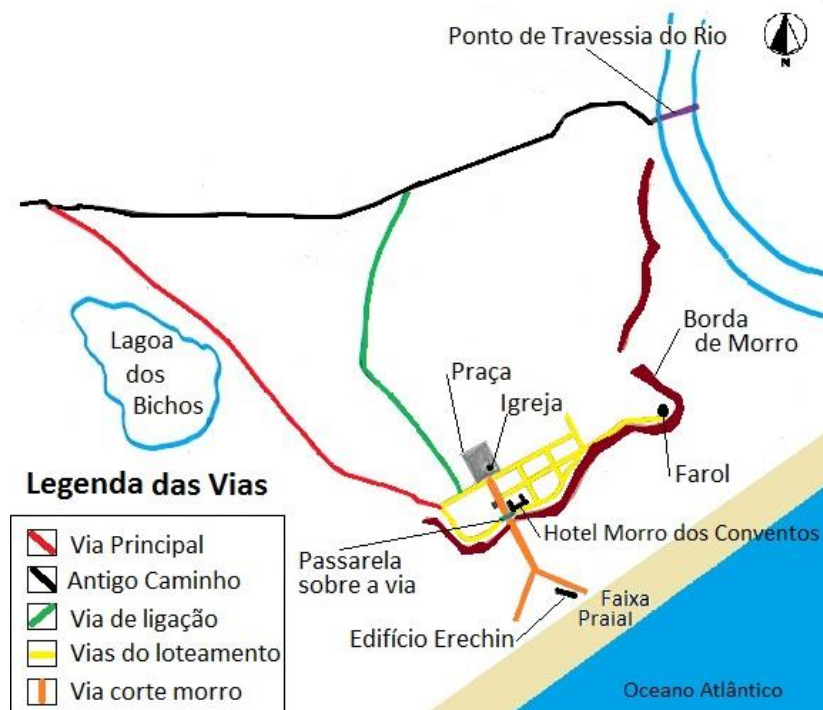


Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá -1956 com marcas desde autor

Com a implantação do traçado viário inicial, e a conclusão das primeiras obras da “Cidade Balneária”, o Morro dos Conventos passa a ser notícia ganhando destaque no cenário de toda a região.

Este processo inicial de abertura das vias com a construção das edificações foram certamente os elementos basilares para a constituição da morfologia juntamente com os elementos naturais na configuração do espaço com o início da estruturação do balneário em rede de circulações, a partir das relações entre vias/edificações e elementos naturais o que é apresentado nas Figuras 31 e 32.

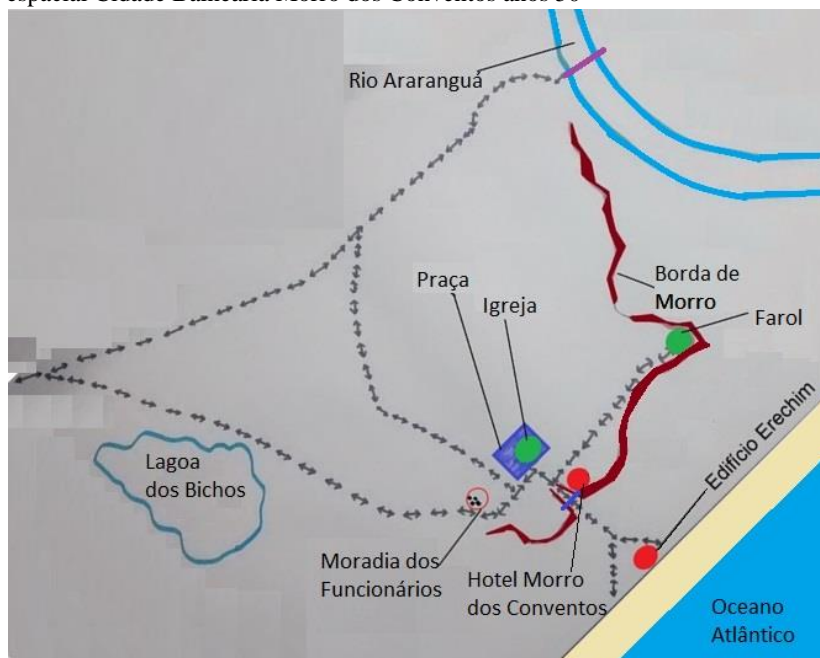
Figura 31 - Estruturação da Cidade Balneária Morro dos Conventos anos 50



Fonte: Elaboração do Autor (2015)

O hotel, o Farol, a Igreja, o Edifício Erechim e abertura das vias em especial a entre morros, foram obras pioneiras na estruturação do balneário que agregadas aos elementos naturais, serviram de fio condutor para estruturar toda uma relação de percurso e rotas entre eles. Gerando assim a possibilidade por parte dos visitantes, moradores a circulação e ao lazer de contemplação da natureza.

Figura 32 - Rede de caminhos - Estrutura geral Elementos da composição espacial Cidade Balneária Morro dos Conventos anos 50



Fonte: Elaboração do Autor (2015)

Ao final dos anos 50, o empreendedor reserva uma área para a formação do que seria na época uma vila, a primeira nucleação para moradia dos funcionários do complexo e seus familiares. Tratava-se de um parcelamento inicial de uma gleba de terra, em lotes de dimensões pequenas variando entre 12X25 que passou a ser visto como uma ótima opção de investimento por parte dos visitantes por estar inserido em uma região promissora.

Além da ocupação por parte dos funcionários do Complexo Turístico, empreendedor propicia a comercialização dos terrenos aos visitantes, concluindo assim mais uma etapa do processo de formação do lugar que vai se consolidando. Em linhas gerais, esse processo de ocupação verificado no Morro dos Conventos alterou expressivamente a paisagem original. Aos poucos, de forma planejada, a parte alta e as baixas do morro vão sendo cada vez mais utilizadas para a ocupação urbana.

A região passa a prosperar. Paulatinamente novas obras são edificadas com a fixação de algumas famílias, no loteamento destinado

aos funcionários e seu entorno. A comunidade do Morro começou se expandir e como base principal da economia paralela ao empreendimento turístico, a agricultura, com destaques as culturas da mandioca, milho, cana e feijão. Nos anos 60 dois engenhos de farinha são implantados na estrada que margeia as cotas altas em sentido travessia do rio.

Na figura 33 pode-se observar a igreja, erguida na forma de capela em madeira que dividia com um galpão de bailes, o espaço da praça compondo a paisagem com a vegetação alta.

Figura 33 - A Vista parcial da praça, Igreja e Galpão de Madeira



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá -1959 com marcas desde autor

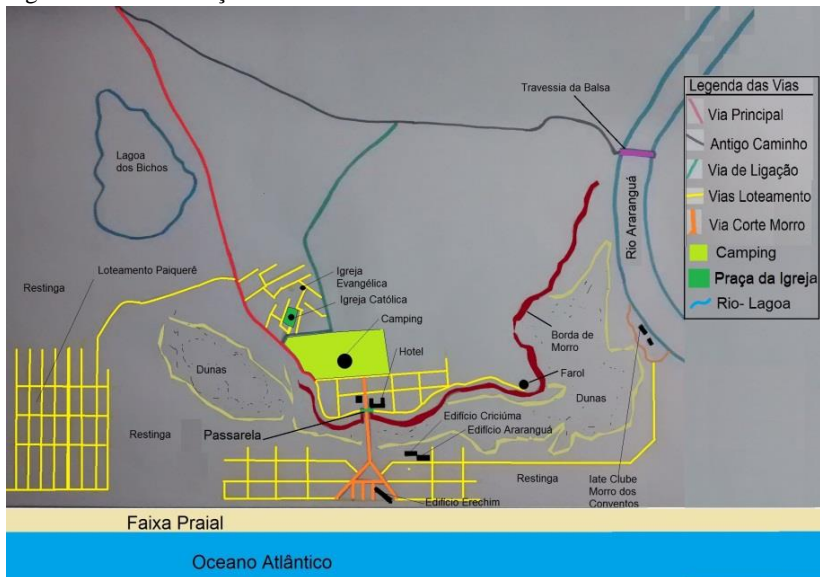
Tereza Cardoso, moradora do Morro dos Conventos desde seus sete anos, hoje com 66 de idade fala da utilização deste espaço. Que o lugar por excelência de convívio social da época era a área onde estava a Igreja, um espaço de praça não consolidado que mesmo não sendo executado o projeto, salienta que a igreja no terreno que deveria ser a praça e que hoje é o camping era o centro dos acontecimentos "era ali que todos se encontravam, era ali que namorávamos", relata também que, "próximo a Igreja tinha um galpão de madeira, muitos bailes aconteciam, fui em muitos", o que em nosso entender se deve certamente à sua localização e dimensão. Este espaço, ao que parece, foi durante muito tempo lugar de eleição para os divertimentos públicos, para a realização de missas e de outros eventos e, também, para encontros públicos, além, religiosidade, como de trabalho e até atos políticos. Este era o espírito do lugar para aquela época.

Os divertimentos públicos da época eram os jogos de bochas, as "peladas" futebol e os bailes. Embora se saiba que os dois primeiros se realizavam em espaço aberto e o segundo em salão de madeira junto ao espaço da praça, próximo da Igreja. Uma singularidade deste lugar da cidade, onde igreja, residências, unidade hoteleira e engenhos de farinha coexistiam num mesmo espaço.

"Tudo se juntava perto, numa profusão farta de vida e crença religiosa, como se o profano e o sagrado, unidos, fizessem parte comum do mesmo destino". (BITENCOURT 2007, p.47).

No final dos anos 60, deram início a mais dois edifícios residenciais, estes na planície defronte ao mar conhecida como a parte baixa do Morro dos Conventos. A iniciativa partiu de um grupo de empresários que em sociedade, optaram em construir cada um com 04 pavimentos, próximo as elevadas dunas e ao paredão rochoso, conforme localização que mostra a Figura 34.

Figura 34 - Estruturação da Cidade Balneária Morro dos Conventos anos 70



Fonte: Elaboração do Autor (2015)

Neste mesmo período algumas vias secundárias são abertas na porção baixa da cidade balneária, conforme ilustra a Figura 35 e sobre os lotes de dimensões de 15X40 metros, surgindo de forma esparsa, as primeiras edificações como casas de veraneio. Na parte alta são edificadas também casos como casas de veraneio e outras como moradia fixa próximas ao hotel.

Figura 35 - Vista parcial da porção parte alta com vistas ao hotel. Em evidência as residências e ao fundo a linha do horizonte sobre o mar.



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá – 1958 com marcas do autor

Nos anos 70 para incrementar a dinâmica do balneário os proprietários do hotel decidem na construção de um camping⁵⁰ exatamente sobre o espaço destinado a praça e a igreja. Aumentando as significativamente as dimensões da área que já de propriedade do empreendedor e que fazia divisa com a praça. Assim o empreendedor permutou uma nova área para a igreja ao lado do loteamento destinado aos funcionários e também executou a construção mesma.

Na figura 36 pode-se observar a marcação da área onde foi implantado o camping Morro dos Conventos, próximo ao hotel. A passarela de conexão sobre a via que liga os dois lados da porção alta, ao fundo sinalizado na cor vermelha o centro da cidade de Araranguá.

⁵⁰ Entendido como Espaço reservado para a prática do "Campismo" com estrutura de suporte para um bom funcionamento. "Campismo" hoje não significa propriamente apenas a utilização de uma tenda, mas toda e qualquer atividade que envolva a utilização de toda a gama de material de campismo, seja ele o mais simples, ou o mais complexo e sofisticado.

Figura 36 - Vista parcial da porção parte alta com vistas ao hotel



Fonte: Arquivo Histórico de Araranguá com marcas deste autor

O camping Morro dos Conventos com uma área de aproximadamente 95.000 m², arborizada passou a ser um grande estruturador do bairro, uma nova modalidade com vistas a incentivar e atrair o turista. Provido de instalações que varia desde cabanas para casal, área para montagem de barracas e trailers, aluguel de barracas, cozinha e banheiros coletivos, churrasqueiras, parque para as crianças, piscina com área para tomar sol, bar com mesa de bilhar e pimbolim, estacionamento interno e externo, vigilância noturna, e uma equipe de funcionários para manter a limpeza e a organização que se pode observar na Figura 37.

Figura 37 - Imagens internas Complexo do Camping Morro dos Conventos



Fonte: www.hotelmorrodosconventos.com.br composição do autor (2015)

Este espaço configurava um local familiar, e assim se tornou. Os campistas se encontram um ambiente seguro, próximo à natureza podendo desfrutar a montanha e o mar onde podem deixar seus filhos soltos com toda a tranquilidade possível. O auge de seu funcionamento se deu nas décadas de 70, 80 período em que recebia um grande contingente de turistas nacionais e estrangeiros entre estes argentinos, uruguaios. Este foi o ponto de suporte ao turista de maior concentração e circulação de pessoas que a cidade balneária tenha absorvido.

Ainda na década de 70, em paralelo a implantação do camping um novo empreendimento surge, denominado Yate Clube Morro dos Conventos é implantado as margens do rio Araranguá na parte baixa da planície abaixo do farol entre os paredões rochosos e o rio, conforme indica Figura 38. Um local destinado a práticas de atividades náuticas com toda infraestrutura básica oferecendo: piscinas, marina, área para lazer e descanso, salão de festas, restaurante, bar, churrasqueira, trapiche, deck no restaurante e espaço equipado para festas e shows.

Figura 38 - Imagens Complexo Iate Clube Morro dos Conventos



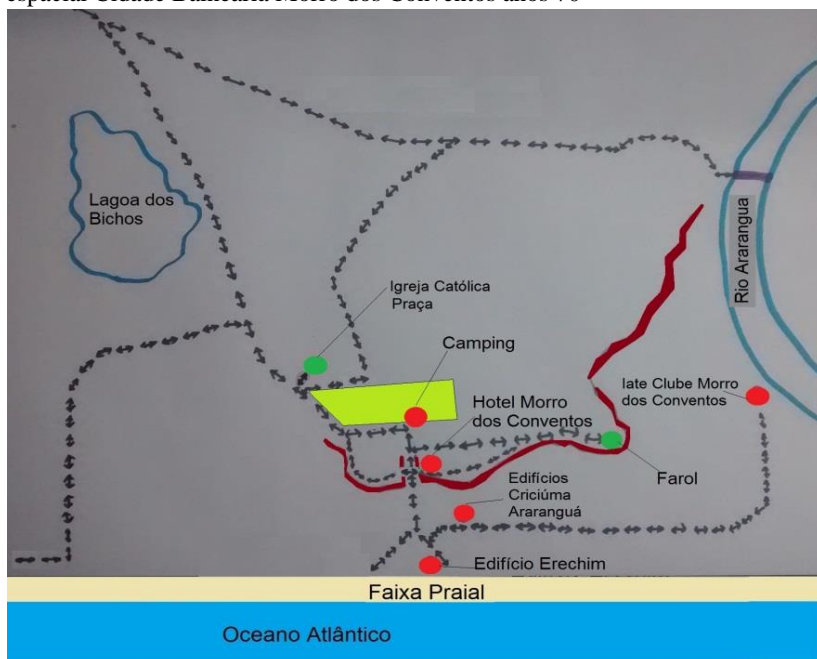
Fonte: www.hotelmorrodosconventos.com.br- Composição do autor (2015)

Ainda na figura 38, um espaço entre o aberto e fechado, ponto de referência regional de atividades náuticas e destaque por sediar a maior festa popular que se tinha em termos de carnavais em toda região. Festa que por já ser popular, ganhou expressividade em função do grande contingente de pessoas entre moradores, turistas nacionais e estrangeiros que no verão buscavam alguma forma de lazer hospedagem nos espaços destinados ao lazer e turismo da "Cidade Balneária Morro dos Conventos".

No final dos anos 70 e início dos anos 80 surgem dois novos loteamentos que não faziam parte do empreendimento "Cidade Balneária Morro dos Conventos". O primeiro na planície litorânea defronte ao mar, ao sul das cotas mais altas, porém aprovado sobre área de preservação permanente, e o segundo na planície mais afastada, próximo à entrada do bairro, porém em área atualmente considerada rural.

Ao final dos anos 80 o Balneário Morro dos Conventos estava com novas relações em seu cotidiano, novos espaços, novas estruturas, novos percursos conforme se observa na Figura 39. Estes constituem um conjunto de importantes elementos que solidificaram a formação espacial do Balneário.

Figura 39 - Rede de caminhos - estrutura geral e elementos de composição espacial Cidade Balneária Morro dos Conventos anos 70

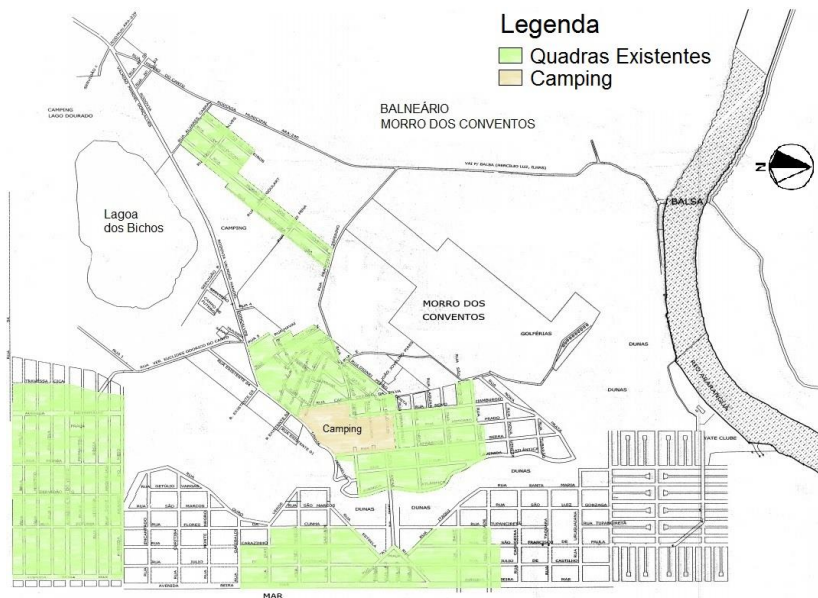


Fonte: Elaboração do Autor (2015)

No ano de 1981, o primeiro plano diretor da cidade é aprovado e passa a vigorar. Em seu mapa de arruamento referente ao bairro Balneário Morro dos Conventos apresentado na Figura 40, constava todo o loteamento inicial e os demais posteriores. Parte da “Cidade Balneária Morro dos Conventos” com sua ocupação sobre as áreas de preservação permanente, entre elas as dunas, restinga, beira do Rio Araranguá e topo de Morro, assim como o loteamento Paiquerê, que deveriam ser protegidas conforme **Lei Federal 4.771, de 15 de setembro de 1965**, que Institui o novo Código Florestal.

Ambientalistas em desacordo com a tendência de uma ocupação excessiva e na busca de formas para garantir integridade destas áreas de preservação permanente, acionam órgãos de proteção ao meio ambiente da esfera estadual e federal. Por estarem em desacordo com a legislação pertinente, órgãos federais entre eles Ministério Público Federal (Anexo 03) e IBAMA, determinaram a preservação das áreas que ainda não haviam sido ocupadas, o que resultou em ações na justiça por constituírem áreas do patrimônio da união.

Figura 40 - Mapa do Plano Diretor de 1981 - Vias - Bairro Balneário Morro dos Conventos



Fonte: Prefeitura Municipal de Araranguá - Alterado pelo autor (2015)

A partir das determinações vindas dos órgãos federais, o município passou delimitar as áreas das quadras já existentes com construções, passou a considerar proibida toda ação sobre áreas que estivessem fora do limite das áreas já em processo de urbanização. Um acordo determinou que apenas as áreas que possuíam já a efetivação das vias e já edificadas poderiam vir a receber novas construções. No entanto a municipalidade passa a ter critérios mais rigorosos quando da aprovação e emissão de novas licenças de construção.

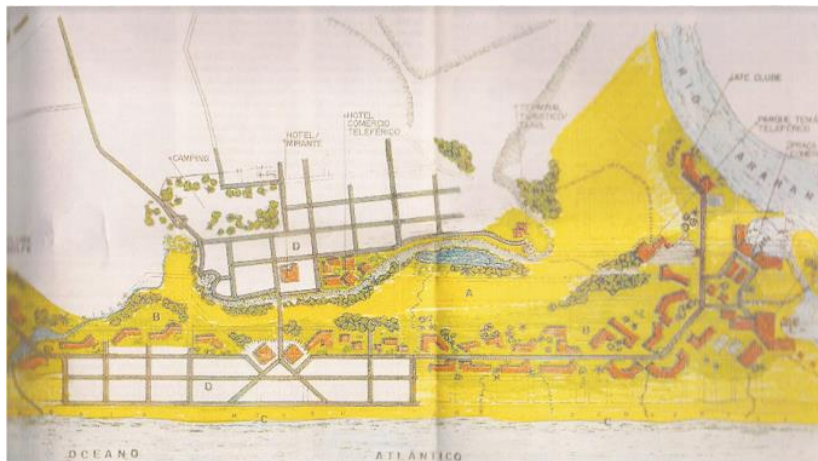
Construir ali da maneira como foi proposto pelos empresários, e que o no plano de 1981 absorvera, seria criar um ambiente que reflete a desigualdade da sociedade e desconsidera a história do local – criando 2.700 lotes sendo que destes aproximadamente 1.800 sobre áreas de preservação ambiental.

Os empreendedores fizeram em 1996, uma tentativa de liberação de parte da área de preservação permanente para construções, propuseram um novo projeto urbanístico, é o que se pode ver através da Figura 41 amplamente divulgado no município.

Nesta proposta, consistia em uma ocupação reduzida de terrenos, uma ocupação de forma linear ao longo da via que segue até o Iate Clube

as margens do Rio Araranguá. Porém aumentando índices de aproveitamento, a altura das edificações e uma redução considerável do número de lotes a serem ocupados em relação a proposta inicial. Esta proposta manteria a densidade populacional, mas o meio ambiente ficaria "preservado".

Figura 41 - Proposta do empreendedor de 1996 para ocupação da parte Baixa da Cidade Balneário Morro dos Conventos



Fonte: Jornal da manhã (1996)

Existe um consenso entre Ministério Público Federal de que este local deve manter as suas características principais, pois neste espaço, existe a predominância dos elementos naturais, entre eles as dunas, as restingas, as bordas, encostas de morro, praia com longa faixa de areia e o que rio exerce função importante no escoamento de toda a bacia do Araranguá. Estes se relacionam com a grande formação rochosa, permitindo sua visão de longe.

Outra característica importante é a continuidade da paisagem sem elementos construídos sobre o espaço natural de preservação, que possam ou venham a interferir na qualidade do conjunto natural. Todas e quaisquer características seriam alteradas com a construção de condomínios de qualquer espécie, sobre as áreas de preservação.

Ocorreram algumas propostas e investimentos por parte do Estado em tentativas para a formação e fixação da barra do rio Araranguá. Essa seria uma alternativa como forma de escoamento das águas e também da drenagem de toda a área alagadiça do Balneário, em especial nas proximidades da foz do rio.

Nos anos que se seguem, as modificações que o Balneário vem absorvendo são as construções de residências que pouco a pouco homogeneizam o tecido urbano e configuram uma nova paisagem urbana. Hoje com uma estabilização do crescimento, o Balneário Morro dos Conventos ainda é uma das praias mais procuradas para atividade turística, por se constituir de elementos naturais que compõem e marcam a paisagem. Porém nas últimas décadas, nenhum novo empreendimento surgiu para que a "Cidade Balneária" continuasse com suas atividades voltadas ao turismo da mesma forma que fora nos seus tempos áureos dos anos 70 e 80.

3.3 ELEMENTOS ESTRUTURADORES DA MORFOLOGIA DO BALNEÁRIO MORRO DOS CONVENTOS

Os elementos estruturadores da morfologia do Balneário Morro dos Conventos, em especial os espaços públicos e o seu significado social têm sido substancialmente modificados frente à ocupação do Balneário. Após sucessivas transformações resultantes do processo de ocupação, aqui são apresentados os principais elementos que estruturaram estas transformações, sendo eles: O conjunto de vias, o rio, a passarela, a praça, os passeios, trilhas e demais espaços públicos naturais que atualmente representam os mais significativos elementos da estruturação da Morfologia do Balneário.

Também as transformações ocorridas na dinâmica de ocupação e na forma de utilização do espaço, modificam as estruturas preexistentes. Novos loteamentos contribuem para a formação e alterações especialmente as relacionadas às novas configurações dos espaços públicos. O traçado viário resultante assume uma lógica, quando da prevalência do construído sobre parte das áreas de preservação permanente.

3.3.1 Traçado, Parcelamento e Edificações

O balneário é estruturado por um conjunto de vias organizadas que variam desde os cruzamentos em ângulo reto como acontece no sistema ortogonal, como também com a incidência de vias com desenho sinuoso, ambos os perfis traduzindo a identidade do balneário.

O traçado das vias é um dos elementos que define a conformação do tecido urbano, descrito por Panerai (2006) como elemento que integra a superposição ou imbricação de três conjuntos: a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações. A análise do tecido urbano é

feita pela identificação de cada um desses componentes e suas relações com o espaço. Partindo desse pressuposto, apresentamos o recorte com os limites de bairro do Balneário Morro dos Conventos e sua estrutura atual, conforme a delimitação adotada pela municipalidade através das Figuras 42, 43 e 44.

Figura 42 - O Tecido Urbano - Bairro Morro dos Conventos - Vias



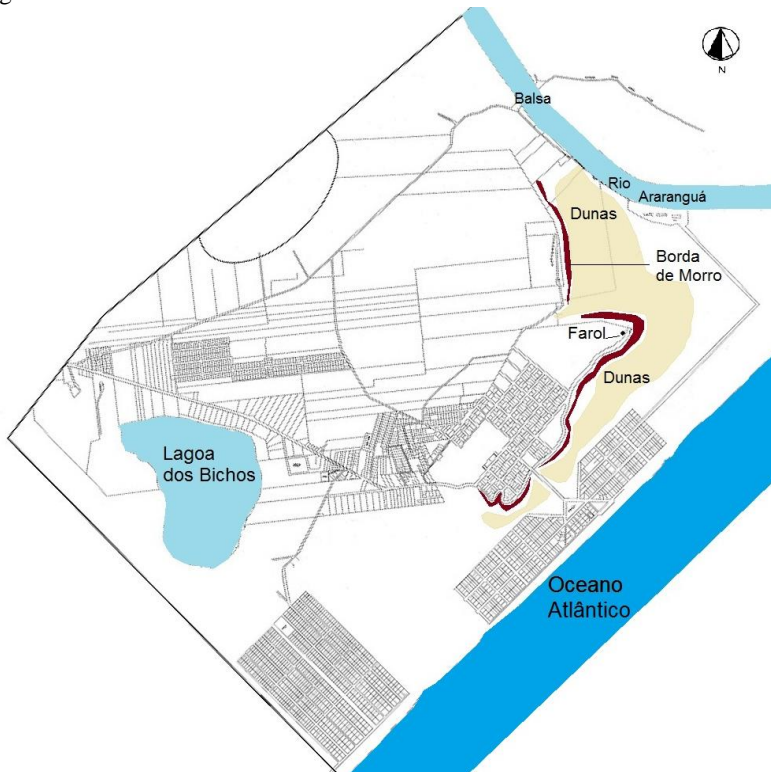
Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

As vias de circulação formam um dos mais poderosos e estáveis agentes conformadores da cidade, e acumularam sempre múltiplos desempenhos. Além da circulação do tráfego, possuem funções cívicas, sociais, culturais, sanitárias: através das ruas, as cidades surgem aos olhos do transeunte com suas edificações, jardins e monumentos; pelas ruas se comunicam todas as partes componentes da cidade, nas ruas se reúnem as pessoas em suas mais espontâneas manifestações; muitas vezes as ruas funcionam como áreas livres que fornecem ar, luz e sol, aos edifícios; ao longo das ruas correm os serviços públicos de água, esgotos, eletricidade, entre outros.

Na Figura 43 pode-se perceber a relação das ruas com as parcelas, que segundo Panerai (2006, p.86), a relação rua /parcelas é o fundamento para a existência do tecido urbano. À rua - que conduz de um ponto a outro, de um bairro a outro ao mesmo tempo que, dá acesso a outras ruas - estão associados lotes, de um lado e de outro. No Balneário Morro dos Conventos aparece também associado a espaços não loteados, como áreas de preservação, ao mar, lagos, e também a espaços livres.

Assim, corroborando com Panerai (2006, p.86), quando menciona que o parcelamento das quadras está intrinsecamente ligado à questão fundiária e formação dos lotes. A parcela não é um terreno a ser ocupado de quaisquer maneiras, mas uma unidade de solo urbano organizado a partir da rua, elemento básico deste estudo.

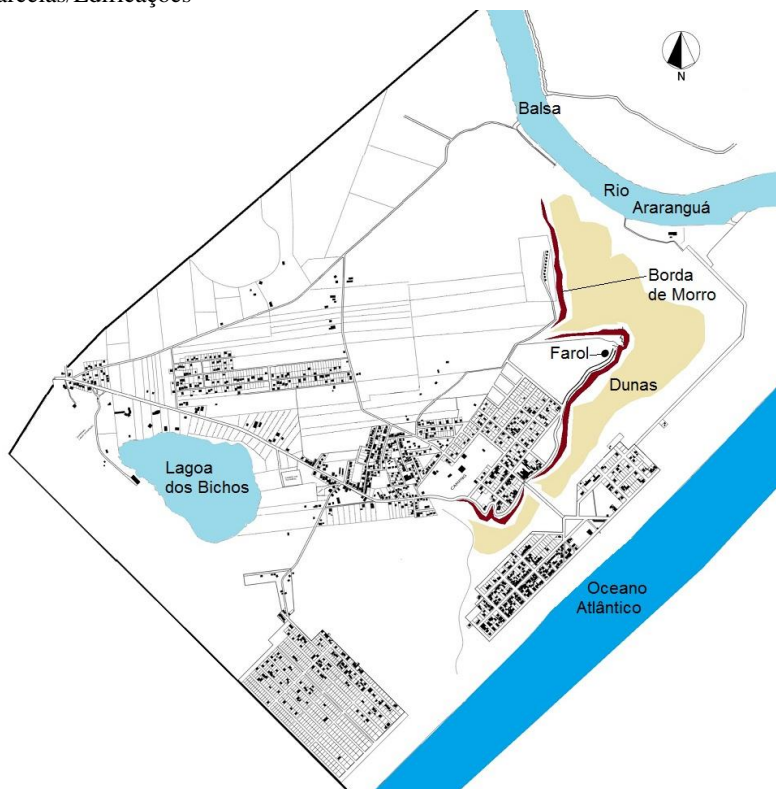
Figura 43 - O Tecido Urbano - Bairro Morro dos Conventos - Vias/ Parcelas



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

A observação dos grafos nos possibilita identificar os limites das propriedades e a implantação dos edifícios. A análise parcelar e suas características de formação, podem ser feitas utilizando-se de diversas ferramentas, ou, diversos pontos de vista, uns ressaltando as regularidades e agrupamentos, outros as fragmentações e as singularidades.

Figura 44 - O Tecido Urbano - Bairro Morro dos Conventos - Vias/Parcelas/Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

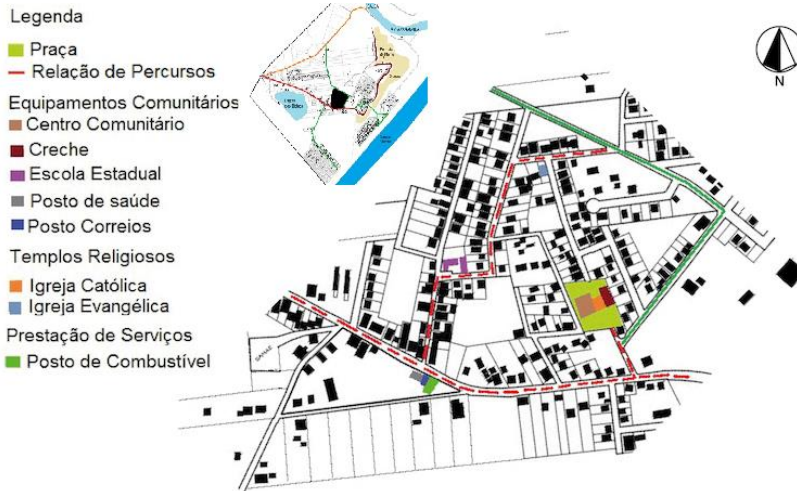
O que se observa no caso do Balneário Morro dos Conventos é que a estrutura fundiária ainda apresenta grandes glebas não parceladas e que mesmo nas áreas parceladas a ocupação ainda é rarefeita. Isto acarreta grandes vazios urbanos, além dos preservados pelas suas características de relevância paisagística e ambiental. O resultado é uma dispersão da ocupação do espaço do Bairro na qual as vias principais

representam um maior papel como elemento de ligação entre as áreas mais ocupadas do que propriamente de vetor de ocupação.

3.3.2 Espaços Institucionais e sua Relação com o Sistema de Espaços Públicos

Os espaços institucionais são apontados na Figura 45, sendo as igrejas, a creche, o posto de saúde, o posto de correios. Percebe-se também através do mapeamento que a relação que estes espaços institucionais possuem com os espaços públicos acontecem através da morfologia, a qual mostra que são dois os tipos de espaços públicos que os absorvem.

Figura 45 - Espaços Institucionais - Relação de percursos



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Um primeiro, relativo ao posto de saúde, o posto de correios e a escola, que inseridos dentro de um lote, fazem frente para as vias e a relação se dá de forma direta por vezes passam despercebidas no contexto espacial. A escola possui muro e gradil para protegê-la, ao mesmo tempo que o muro mais alto na sua lateral faz limite com a rua criando um barreira visual de grande extensão, aqui perde-se a relação entre um e outro é o que pode-se visualizar na Figura 46.

Figura 46 - Relação espaços públicos: Posto de Saúde, Posto Combustível, Escola.



Fonte: Arquivo pessoal do autor - Composição e intervenção do autor 2015.

Já o centro comunitário e a creche fazem parte da composição do espaço, que inseridos dentro de uma área de praça dividem este espaço com a igreja católica apresentado na Figura 47. Neste mesmo espaço existe um estacionamento, toda área é delimitada por cercas sendo e seu acesso principal se dá a partir de uma secundária que parte da via principal.

Esta praça é a única implantada até então no balneário e sua apropriação se dá pelos moradores como espaço de convergência por estabelecer uma relação direta entre o Centro Comunitário, com a Igreja e a Creche entre casamentos, catequese o que faz virar um ponto de encontro de pessoas. Este espaço é com frequência, utilizado em todas as estações do ano, onde são desenvolvidas atividades de lazer, capoeira, como campinho de futebol (peladas) entre outras brincadeiras. Nas festividades duas são as mais representativas, o Terno de Reis e Festa Junina. Seu espaço também é absorvido pelos usuários como estacionamento.

Figura 47 - Relação espaços públicos: Praça, Igreja, Centro Comunitário, creche e estacionamento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor - Sobreposição e intervenção do autor 2015.

Nota-se ainda na Figura 45 que as edificações no geral não ocupam toda a área do lote, cria uma predominância maior do espaço vazio, tornando uma ocupação mais rarefeita, e a relação de percurso criado é a partir da via principal direcionando aos espaços destinados aos equipamentos comunitários, templos religiosos e ao posto de combustível, este último serve como prestação de serviço e citado aqui por persistir sua localização ao tempo e servir como um dos principais pontos de referência do lugar.

3.3.3 Unidades Espaciais

Após recorrer ao processo histórico, e a cidade englobar elementos do passado, do presente e de projeções e perspectivas de futuro, efetuou-se a caracterização da evolução da ocupação urbana, sua formação espacial e o reconhecimento de todo o território do Bairro Balneário Morro dos Conventos.

Como método utilizado para análise deste território, definiu-se a divisão em Unidades espaciais considerando a homogeneidade de cada espaço, suas características de agrupamento a partir do traçado urbano e a formação de uma Unidade Espacial única referente aos compartimentos protegidos por lei, no caso das áreas de preservação.

A divisão em unidades espaciais serviu, para classificar e organizar as informações acerca do bairro, nas suas peculiaridades, usos, características naturais e construídas, que possibilitou agrupar características semelhantes na homogeneidade a partir de critérios específicos tais como, tipos de traçados, parcelamentos, ocupação do

solo, limites naturais, declividade, cobertura vegetal, mancha urbana, tipos de usos que agregados permitiram uma leitura mais precisa, proporcionando uma troca de escala para o presente estudo, bem como para estudos posteriores.

A forma do traçado viário, por se constituir em espaço público estruturante, foi um dos eixos que conduziu a pesquisa. A partir desta análise se pode obter um entendimento maior de outras dimensões do conjunto total da espacialidade do Bairro Morro dos Conventos.

Para estudo e classificação do território que o Bairro Morro dos Conventos compreende utilizamos a definição de unidades espaciais, a partir da diferenciação dos elementos constitutivos do tecido urbano, rede de vias, parcelamentos fundiários e as edificações, para posterior análise da morfologia de cada unidade. Panerai (2006), diz que a análise do espaço público pode ser feita como um sistema local que organiza o tecido. Este, em conjunto com o traçado viário, o parcelamento, os elementos naturais e os aspectos sociais. Foram os elementos que neste estudo contribuíram tanto para a delimitação das unidades e subunidades espaciais dentro do bairro como também serviram de dimensões de análise da morfologia de cada uma. No entanto consideramos complementares e essenciais outros critérios específicos entre eles suporte físico, estrutura/padrão de drenagem, cobertura vegetal, mancha urbana, legibilidade entre outras peculiaridades, que enriqueceram o trabalho.

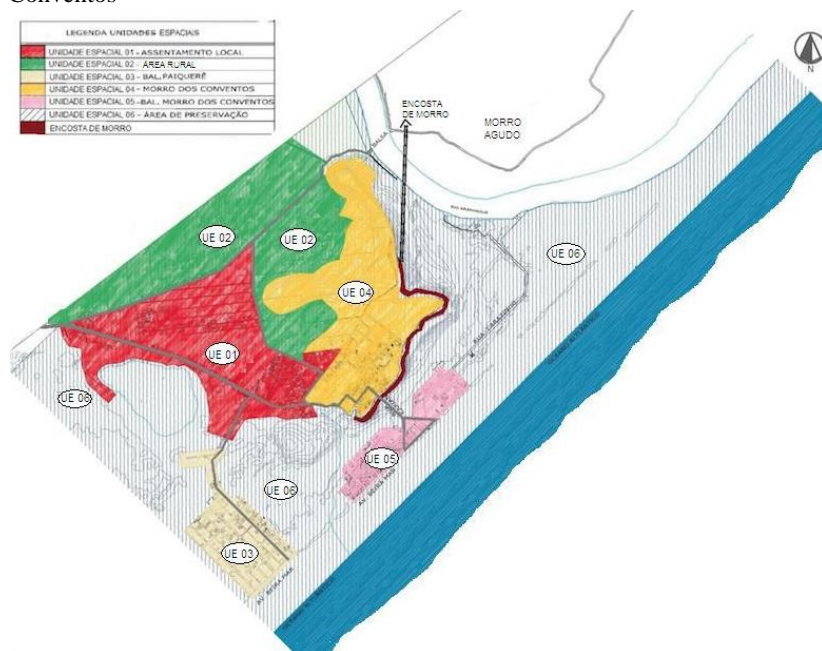
Outro critério para as divisões em Unidades espaciais, foi a existência de limitadores claros, muitas vezes oriundos do traçado viário ou da mudança evidente de padrões de ocupação. Esta distinção pode ser feita a partir de elementos que revelaram um histórico de ocupação diferente e suas junções, que possibilitaram a estruturação, o funcionamento e o entendimento do lugar, do seu desenvolvimento sócio econômico e da formação espacial do natural versus construído.

A análise dos aspectos naturais foi de fundamental importância para o entendimento da forma do espaço natural, que Serra (1936) destaca "não apenas determina a localização das aglomerações de adaptações do espaço, mas também a própria forma da cidade", e também do conjunto de elementos estruturadores do balneário.

Complementarmente procedeu-se a aplicação de mapas mentais, seguindo a proposição de Lynch (1960), para se ter uma aproximação e maior compreensão da imagem do lugar, relacionados às condições de orientação e identificação pelos indivíduos que a frequentam a partir da identificação dos atributos de sua estrutura espacial e seus espaços estruturantes.

Assim, a identificação das Unidades Espaciais Figura 48, considerou os elementos formais que puderam ser enquadrados e categorizados e, a partir disso, serem diferenciados dos elementos de outras unidades espaciais. A categorização levou em consideração a relação dos elementos estruturantes do território, os elementos naturais como definidores das Unidades Espaciais.

Figura 48 - Divisão das Unidades Espaciais do Bairro Balneário Morro dos Conventos



Fonte: PMA 2015 - Alterado pelo autor

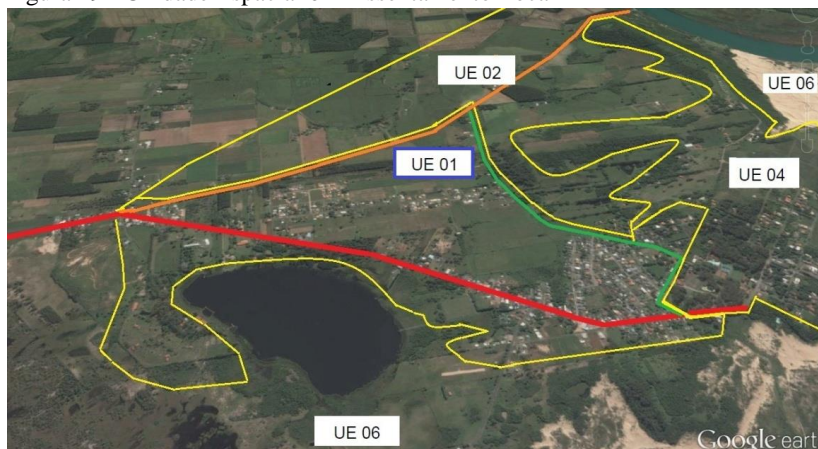
3.3.3.1 Unidade Espacial 01 (UE 01)

Classificada pelo autor como (UE01) - Assentamento Local é a unidade que apresenta a planície a principal Rodovia que conecta e estrutura o bairro. Com uma área total de 155.527 m² e um contingente populacional de aproximadamente 1.158 pessoas, corresponde ao local onde ocorreram os primeiros parcelamentos de terra através da estrutura fundiária, os primeiros assentamentos e atualmente a maior concentração de unidades habitacionais de moradores permanentes (cerca de 80%), comércio e elementos de serviços comunitários.

Esta Unidade situa-se desde a entrada do Bairro ao longo da principal rodovia até o início das cotas mais elevadas. Trata-se de uma faixa de planície que se estende em todos os sentidos tendo por limites os elementos naturais pertencentes a UE 06, e como forte elemento marcante a Lagoa dos Bichos ao sul. Ao oeste é limitada pela via que segue no sentido norte até a margem do rio Araranguá para a travessia da balsa e, posteriormente, pela UE 02 que também delimita no sentido norte.

Esta UE 01 organiza-se pelo traçado da rodovia, que por sua vez conecta a unidade às outras unidades espaciais. As edificações são em sua maioria de baixa altura com apenas um pavimento, dispostas de forma soltas nos lotes, não estão alinhadas e não obedecem um mesmo padrão de afastamento frontal ao longo da rodovia (via principal) em direção as cotas mais altas, sendo algumas com localização esparsa nas proximidades da lagoa dos Bichos, outras formando pequenos aglomerados. A ocupação rarefeita, que se configura nesta UE desenvolve-se ao longo da via principal. A unidade conta com grande número de vazios urbano por ser composta de grandes lotes. (Fig. 49)

Figura 49 - Unidade Espacial 01- Assentamento Local



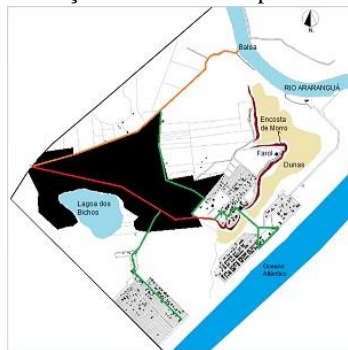
Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

A principal via denominada rodovia Valdomiro Manoel Gonçalves, traçado em vermelho na Figura 49, conecta o Bairro Balneário Morro dos Conventos em sentido ao centro do município de Araranguá, interliga todo o território da porção nordeste do município. Esta via, que atravessa toda a planície até chegar ao início do bairro na

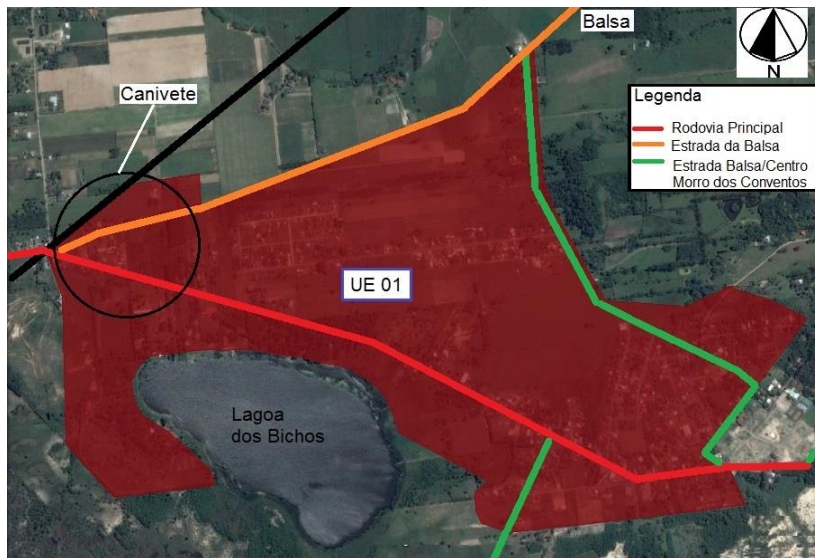
localidade de "Canivete"⁵¹ estabelecido pelos critérios municipais. Ao mesmo tempo, que conecta um ponto a outro, por estar mais elevada que as cotas da planície, cria uma ruptura passando a funcionar como um grande divisor das águas. O traçado da via que faz conexão com a cidade e também permite a travessia do rio através da balsa encontra-se em laranja. Em verde o traçado da via que conecta a área mais homogênea do bairro.

Nela situa-se a bifurcação que caracteriza a entrada do bairro e pode ser visualizado na Figura (50). Trata-se de uma faixa de planície que se estende em todos os sentidos, desde o encontro da margem do rio Araranguá ao norte e noroeste como também nas margens da Lagoa dos Bichos ao leste. Existe uma porção que contorna parte da outra margem da lagoa até o encontro das áreas mais elevadas decorrentes das dunas ao leste, nordeste e sudeste.

Figura 50 – Vista da delimitação da Unidade Espacial 01



⁵¹ Denominação oficial da comunidade situada na bifurcação da entrada do bairro Morro dos Conventos.



Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

Nesta bifurcação dois eixos se destacam. Um primeiro, representado na cor vermelha Figura (50) a via a principal, que ao atravessar toda a planície oeste do Bairro, de poente a nascente, forma um eixo que une a partir da bifurcação até a parte alta da Cidade Balneária Morro dos Conventos. Esta via estrutura todo o traçado do bairro, dela partem outras vias que compõem e unem as demais Unidades Espaciais.

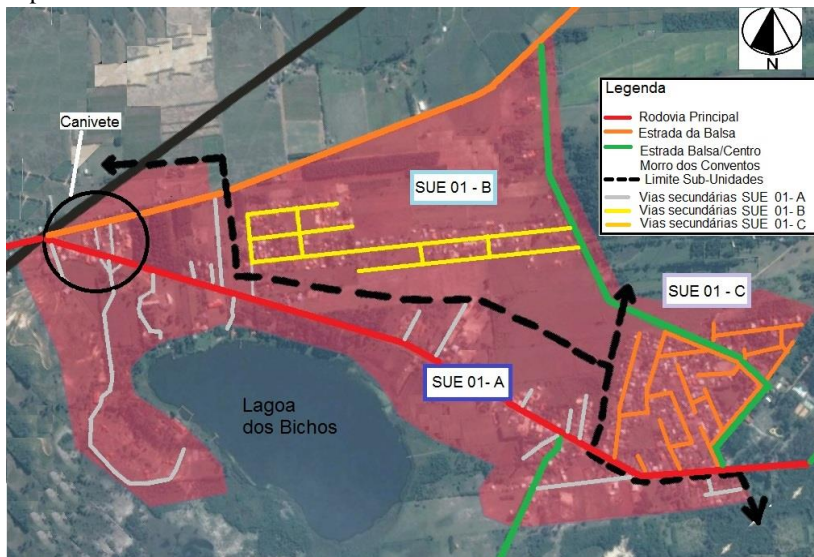
Panerai (2006, p.43) ao discutir a orientação dos grandes eixos rodoviários, coloca que são em geral estabelecidos antes da urbanização e herdados de caminhos antigos e estradas importantes, os eixos rodoviários são responsáveis de fato, pela estruturação das periferias.

E a segunda via, é representada na cor laranja (Figura 44). Parte da bifurcação segue sentido margem do rio para travessia da balsa, corta toda a planície da área rural. Esta estrada cria ao longo de seu percurso, condições de conectividade através de ruas dos recentes loteamentos esparsos, que a partir destes conectam-se em outras estradas adjacentes e interligam ainda a uma via na planície que contorna as partes de cotas elevadas. Esta faz a conexão direta da Cidade Balneária até a margem do rio para travessia da balsa. Trata-se de uma estrada de chão batido, uma via sobre o caminho antigo no período do processo de ocupação, que funcionou por muito tempo como ponto de passagem.

Esta unidade espacial tem como característica marcante a sua extensa planície cujo solo é parcelado. Atualmente se constitui, por áreas de ocupações permanentes, algumas porções estão destinadas a empreendimentos de lazer por seus proprietários e outras porções são caracterizadas por áreas agrícolas. Seu traçado urbano é formado por diferenciados modelos de assentamentos que determinam a malha e compõe a base estrutural da formação do tecido urbano do lugar.

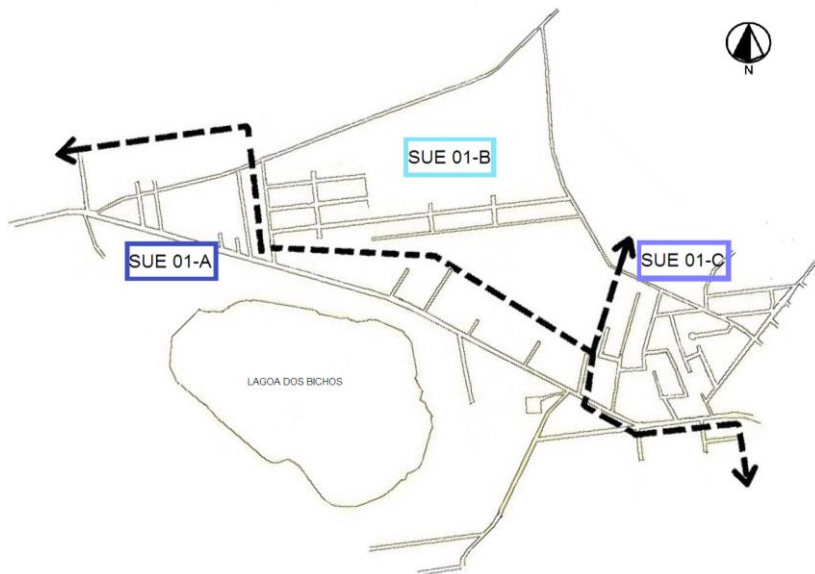
A partir dos traçados, vias existentes, formas de parcelamentos e dimensões dos lotes que caracterizam, diferenciam e estruturam o espaço público existente, passamos a classificar esta unidade espacial, em três subunidades: a sub unidade espacial 01- A (SUE01-A), a sub unidade 01- B (SUE01-B), e sub unidade 01-C (SUE01-B), que configuram diferentes processos, estágios de parcelamento e de ocupação, conforme Figuras 51 e 52 que serão descritas e analisadas a seguir.

Figura 51 - Vista da delimitação da Unidade Espacial 01 e Sub Unidades Espaciais



Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

Figura 52 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 01 e Sub Unidades Espaciais - Vias



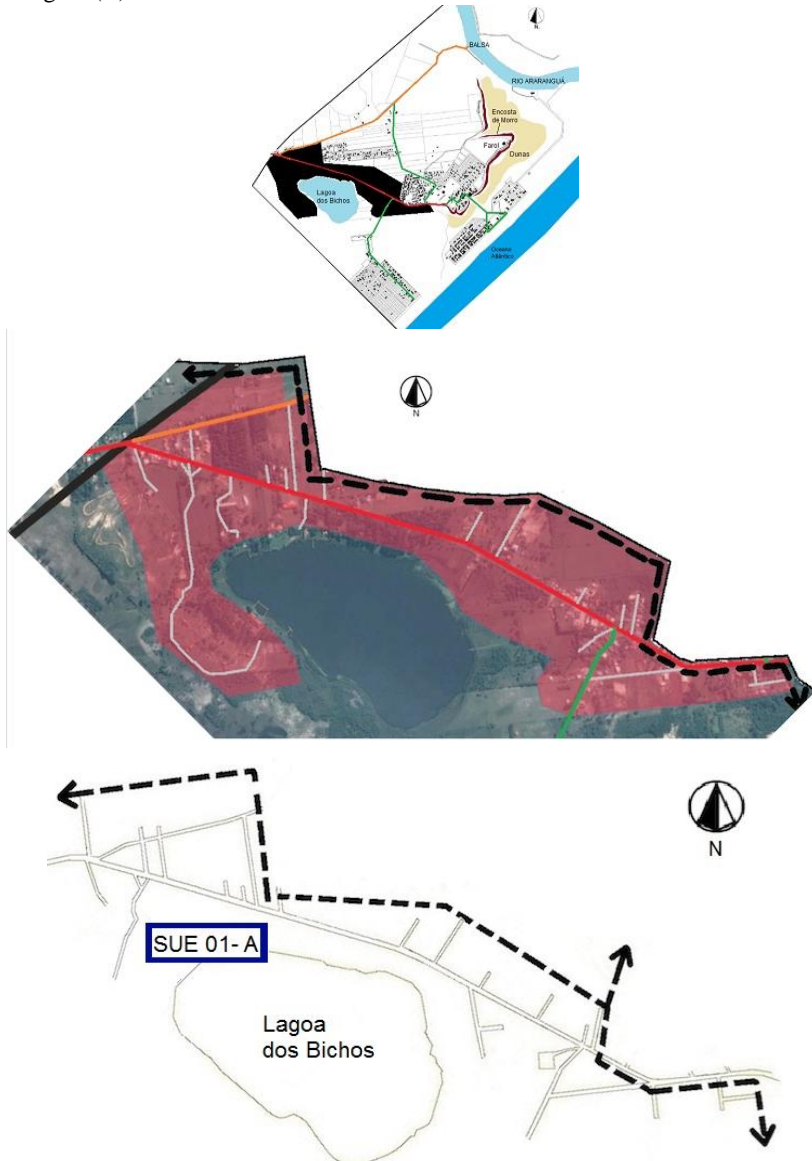
Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

3.3.3.1-a) Sub Unidade Espacial 01-A (UE 01-A) - Traçado linear "espinha de peixe".

Esta subunidade espacial tem como elemento caracterizador do seu espaço o traçado linear. Logo na entrada do bairro uma bifurcação que se constitui em ponto nodal. A partir desta, duas vias que seguem para caminhos diferentes que constituem, caracterizam os demais espaços e organizam-se em rede permitindo a distribuição e circulação.

A via principal, representada na cor vermelha conforme mostra a Figura 53, é asfaltada e denominada Rodovia Valdomiro Manoel Gonçalves segue no sentido leste, para a praia. Enquanto que a via secundária representada na cor laranja é sem pavimentação e segue no sentido nordeste, para a travessia do rio Araranguá.

Figura 53 – Imagem (A) Vista da delimitação da Subunidade Espacial 01-A. Imagem (B) Vista da Subunidade e suas vias.



Fonte: Google Earth- Alterada pelo autor
mapa PMA.

Fonte: Elaboração do autor a partir

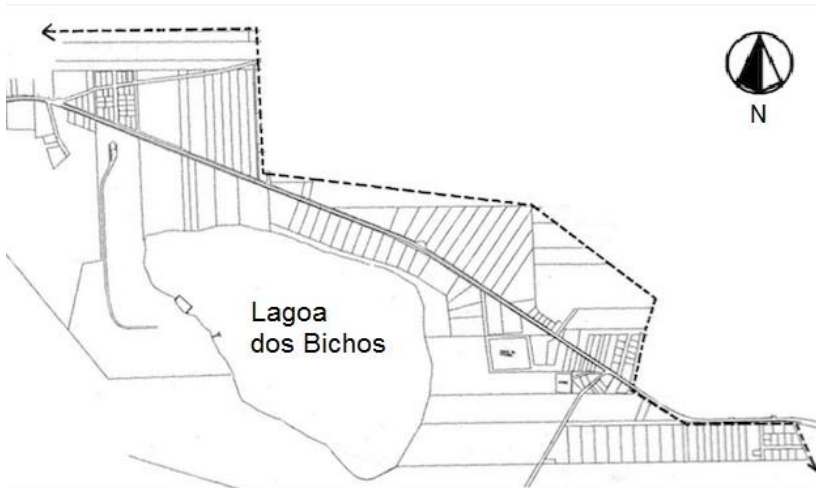
A partir da bifurcação, ambas as vias são caracterizadas por um traçado linear, sendo que a primeira com linearidade mais marcante ao longo de todo seu trajeto, enquanto a segunda tem somente seu início dentro da UE01 passando para a Unidade Espacial 02 com características das atividades agrícolas.

De forma geral nesta SUE, o traçado conformou-se em espinha de peixe com um crescimento espontâneo que se desenvolve aproveitando o caminho colonial e o parcelamento rural preexistente. Este tipo de crescimento caracteriza a expansão linear, cuja forma em espinha de peixe denuncia o anterior parcelamento agrícola do solo, que neste caso ainda é identificável no parcelamento.

O espaço público aqui é representado pelas vias que caracterizam o traçado linear e este estabelece a característica formal principal a partir das resultantes do parcelamento agrícola da terra conforme demonstra a Figura 54.

Figura 54 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Vias/Parcelas





Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

No Canivete (Figura 55), o tecido é fortemente condicionado pelo triângulo formado pela via principal e a estrada geral da balsa. Sendo que cada uma destas vias servem de limites e orientam uma malha interna a elas. Neste espaço percebe-se facilmente um parcelamento em lotes menores com a descaracterização da primeira estrutura fundiária que prevalece no restante da SUE, criando certa diferenciação pontual na homogeneização do restante da ocupação.

Figura 55 - Vista aérea a partir satélite da Bifurcação da localidade do Canivete. Na cor vermelha a via principal, na cor laranja a via secundária e na cor amarela via local.

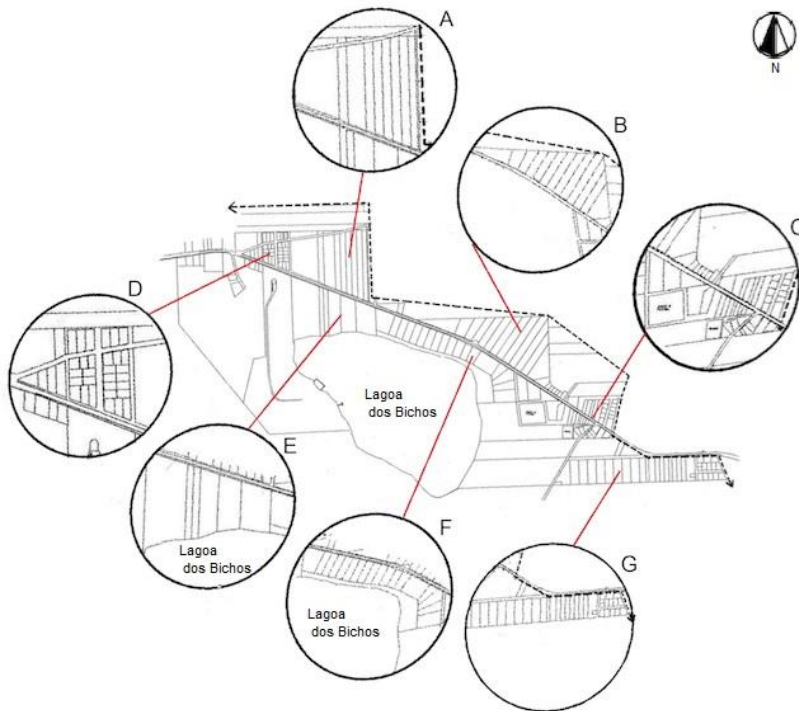


Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

Neste local, apesar de rarefeita, existe uma ocupação mais concentrada, existe a formação de um núcleo em que se percebe um aglomerado maior em relação às demais unidades habitacionais ao longo da Rodovia.

Através de aproximação do tecido urbano representado pelas vias e parcelas apresentado na Figura 56 pode-se observar as porções de parcelamentos que constituem esta subunidade.

Figura 56 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Detalhe Parcelas



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

O parcelamento na porção "A" mostrada na Figura 56, a predominância é a de grandes glebas estreitas e alongadas com duas frentes e dispostas paralelamente, pertencentes a primeira estrutura fundiária. São glebas que possuem formato irregular, quase retangular e, ainda nessa mesma porção, já aparecem as primeiras vias perpendiculares à via principal. São ruas abertas na gleba de uma mesma família e geralmente de apropriação restrita aos moradores.

Na porção "B" (Figura 56), pode-se observar que o parcelamento obedece padrões de lotes maiores com a divisão do estabelecido na primeira estrutura fundiária, estes de formas irregulares dispostos lado a lado, no entanto são áreas de testadas maiores que os descritos anteriormente, porém existe uma variação de dimensão em relação a suas profundidades de forma escalonada, como forma de fechamento da matriz de divisão inicial das glebas fundiárias.

O parcelamento da porção "D" da Figura 56, obedecem os padrões de lotes urbanos sobre pequenos arruamentos, conforme

estabelecido em legislações mais recentes voltadas ao parcelamento e implantação de loteamentos que caracterizam dimensões semelhantes, formando uma homogeneidade entre eles.

Porém, na medida em que se segue no sentido praia, ao lado direito da Rodovia, quando das porções "E" e "F" da Figura 56, observa-se a caracterização de áreas de terras da primeira estrutura fundiária com glebas de dimensões variadas com formato se aproximando do retangular e orientação da testada menor sempre fazendo frente para via principal. Estas áreas de terras pertencem a particulares, ou associações que por fazerem fundos com a Lagoa dos Bichos, hoje foram transformadas em sítios voltados para o lazer, espaços destinados a festas e encontros (Figura 57).

Figura 57 - Vista parcial dos sítios, destinados a lazer e festas ao fundo a Lagoa dos Bichos



Fonte: Arquivo pessoal - Composição e intervenção do autor- 2015

Também há um complexo turístico denominado Camping Dourado inserido na porção "E", mostrada na Figura 56. Sua implantação no final da década de 70, que por cerca de 20 anos manteve seu funcionamento com a proposta inicial, com auge nos anos 80, hoje se encontra desativado. No seu interior uma via de acesso restrito, que limita a continuidade do sistema viário, esta parte perpendicular à via principal, segue a margem da lagoa e estruturava todas as atividades que o complexo proporcionava aos hóspedes. É nesta porção que estão as

glebas de maiores testadas para a via principal e todas elas fazendo fundo com a lagoa.

Este que é o maior espaço público da SUE tem seu acesso restrito aos lotes privados, repetindo uma forma de ocupação que o litoral de Catarinense permitiu durante muitos anos em alguns de seus balneários.

A visualização da porção "C" na Figura 56 demonstra que sua configuração esta pautada na homogeneidade de parcelas dispostas lado a lado em menores dimensões. Isso porque o espaço entre a rodovia e a lagoa é menor, devido proximidade uma da outra. São parcelas em formato regular de forma retangular com a menor testada voltada para a via principal.

As características locais são idênticas às de outras formações litorâneas descritas por Reis (2012), onde. "O traçado em espinha de peixe estabelece a característica formal principal das localidades resultantes do parcelamento agrícola da terra".

Para este autor, o caminho preexistente transformado (estrada geral) e as vias laterais (ruas ou servidões) constituem estruturas básicas deste espaço público.

Trata-se de um traçado linear, uma rua principal que organiza a porção do território urbano, conecta a cidade e estrutura o bairro. Uma via de tráfego mais intenso, que atravessa toda a planície de campos com vegetação baixa e segregada do resto da cidade, que ao cruzar o bairro possui uma variação na sua largura quando chega ao seu final. Já transversalmente a essa via estão dispostas as ruas de tráfego local, que formam parte do "todo" conjunto de espaços públicos, são vias com larguras limitadas, que se estendem de acordo com as condições topográficas da planície e do parcelamento de terra.

Ao tratar as linhas de conexão como reguladoras da expansão urbana, Panerai (2006) define a forma linear como aquela na qual o crescimento "agarra-se" a determinados eixos conectores. Esta "adesão" à linha ordenadora pode tomar as mais diversas formas, como bairros delgados limitados às bordas de uma via ou urbanizações secundárias formando cachos articulados nas adjacências. Também os italianos Caniggia e Maffei (1981.p.132) trabalham este fundamento, denominando a linha-guia como percurso-matriz, a qual conecta dois pólos (ou nós) e orienta a formação do sistema edificado (edilizia su percorso matrice).

Uma das principais virtudes desta concepção está na simplificação dos sistemas de transporte e abastecimento, e a concentração da via de grande tráfego em faixa interna ao

desenvolvimento linear, mas segregada da mesma, antecipando, portanto muitos problemas urbanos.

Por outro lado o desvirtuamento do crescimento linear é o desenvolvimento marginal ao longo da via principal, onde essa é invadida por pedestres e tráfego local, em prejuízo de seu rendimento, segurança, velocidade e amenidade, ao contrário da verdadeira cidade linear onde é mantida a indispensável proteção das vias arteriais contra qualquer forma de violação.

É nesta via que o comércio local se desenvolve. Entretanto, nesta subunidade são poucos os que de exercem maior aos transeuntes que circulam de automóvel. Os que param para fazer compras, tendo em vista que estes estabelecimentos na maioria das vezes não dispõem de estacionamento, o fazem nas margens da via e até mesmo nas áreas destinadas às calçadas, em grande parte não existentes (Figura 58). Há existência de alguns pontos de parada de ônibus, mas a grande maioria, desprovido de abrigo ou identificação.

Figura 58 - Vista parcial dos comércios e suas relações com a via principal



Fonte: Arquivo pessoal - Composição do autor- 2015

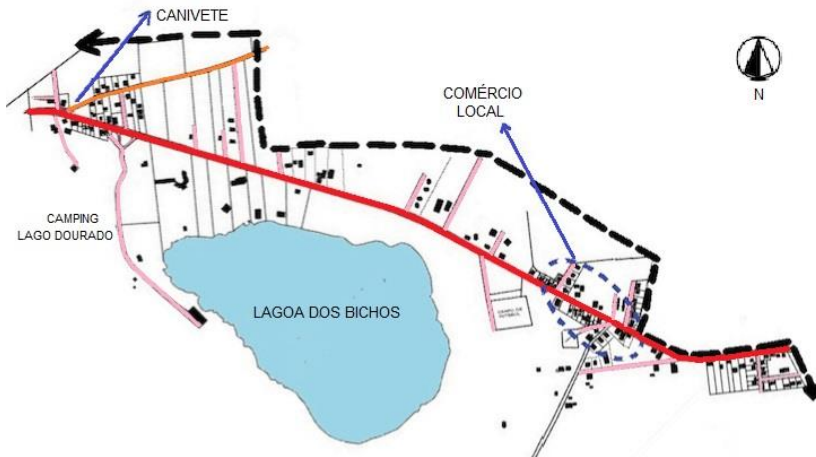
Trata-se de comércios voltados para a via principal, que é desprovida de passeio público ou estacionamento, sendo tais funções exercidas pelo acostamento.

A relação de funcionamento da via por pedestres, automóveis, motos, ciclistas entre outras formas de locomoção são bastante intensas,

como identificado por Panerai (2006) o "múltiplo, quer dizer, formado pela soma dos centros correspondentes aos diferentes grupos sociais ou aos diferentes usos (que variam conforme a época) de um mesmo grupo".

As edificações desta unidade são dispostas em seus lotes não uniformes e na grande maioria de 01 pavimento, dispersas (Figura 59) e a maior parte destas unidades exercem a função de moradia.

Figura 59 - Vista parcial Subunidade Espacial -A - Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

A paisagem é composta por uma mescla de vegetação, usos urbanos rarefeitos e dispersos, com predomínio do uso residencial e pouco comércio.

De qualquer maneira, o fundamental é a noção de crescimento linear e seus pressupostos no que diz respeito à primazia dos canais estruturadores no processo de formação de cidades, independentemente do que possa acontecer no desenrolar posterior do crescimento ou do que possa existir nas pontas das linhas. Em grande parte dos casos, aliás, estes pontos terminais têm sua importância central relativizada (seja qual for o tipo ou o caráter desta centralidade, conforme discutido acima) à medida que a linha que os alimenta adquire maior relevância sendo ela própria o elemento condensador das atividades comerciais e de serviços. É uma lógica bastante óbvia, na qual o caminho único para determinado lugar ganha densidade ao servir-se do necessário movimento de passagem como "convite" para a alocação de atividades que se

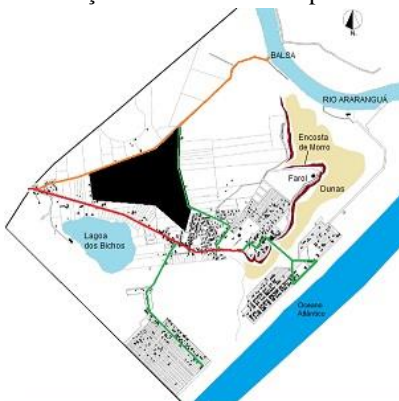
aproveitam justamente da presença constante de transeuntes, como é o caso do comércio e dos serviços.

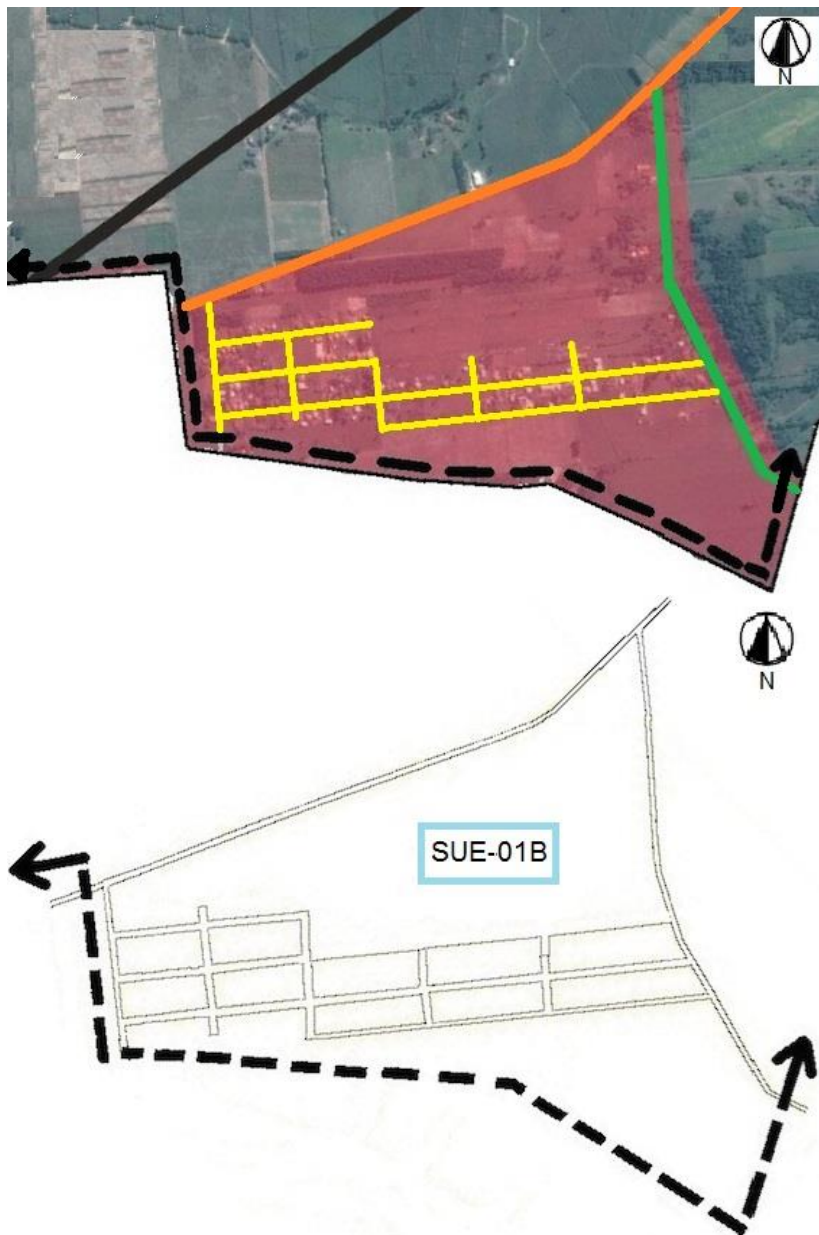
Trata-se de um Bairro de movimento moderado com evolução lenta, onde não há inconvenientes em persistir o comércio na "via principal". No entanto há ausência de uma continuidade de passeio público que sustente uma mobilidade continuada.

3.3.3.1-b) Sub Unidade Espacial 01-B (UE 01-B) - Traçado com malha orgânica

Esta subunidade espacial conforme Figura 60 é a porção de ocupação mais recente do bairro, esta situada entre a subunidade 01-A e a Unidade espacial 03 que constitui parte da Zona Rural, uma planície considerada agrícola. Perante a legislação municipal do plano diretor vigente, encontra-se inserida em uma porção da área mapeada como sendo área rural, porém liberada para ocupação, onde já existem loteamentos aprovados pela municipalidade.

Figura 60 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 01-B e suas vias.





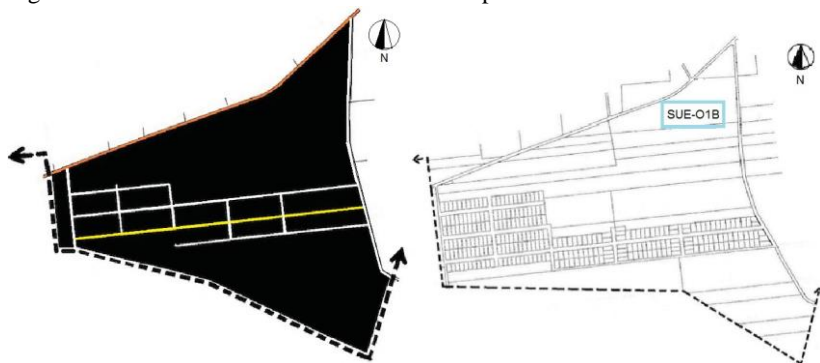
Fonte: Google Earth- Alterada pelo autor

Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

O processo de ocupação desta área se deu, a partir de um desmembramento inicial, no final dos anos 90 que a partir de uma gleba geral o proprietário vem configurando o espaço desta Sub Unidade, através de sucessivos desmembramentos e parcelamentos, com aprovação do município.

Como característica principal na formação de sua espacialidade, o espaço público é caracterizado a partir de um traçado de malha orgânica sobre a planície onde a configuração das quadras acontece de forma regular. Seus lotes dispostos lado a lado em dimensões mínimas atendem a legislação e caracterizam uma homogeneidade conforme demonstra a Figura 61.

Figura 61 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Vias/Parcelas



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

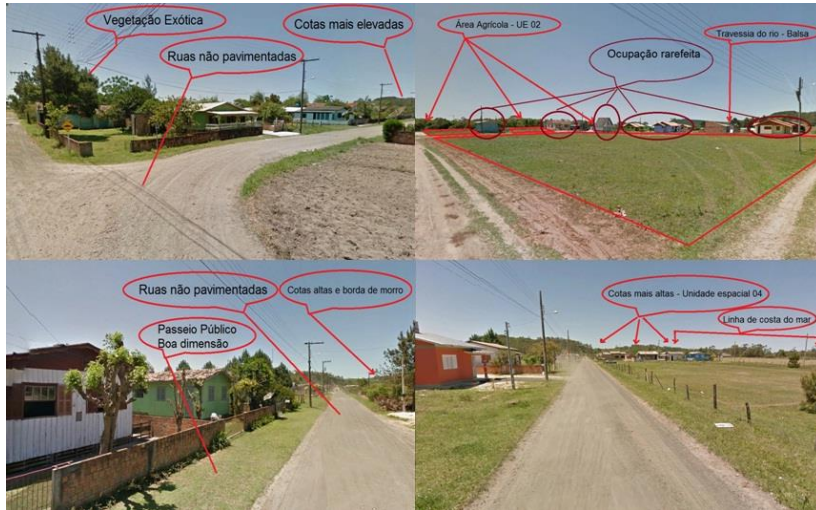
A partir de um primeiro parcelamento, com apenas uma quadra em formato retangular de maior dimensão no sentido sudoeste nordeste, deu-se o início da ocupação desta porção da planície. O sucesso de vendas e a grande aceitação devido o valor econômico e as condições facilitadas de pagamento, culminou em parcelamentos sucessivos e sistemáticos em dimensões similares, que lado a lado formam um novo tecido da malha ainda em processo de urbanização.

A hierarquização das vias em ruas e suas travessas dispostas paralelamente, formam suas quadras de formato retangulares alongados (Figura 62). Os lotes distribuídos perpendiculares às faces mais alongadas e seguem padrão quase mínimo em suas dimensões de testada e profundidade estabelecidas em lei.

Em síntese, a partir de um desmembramento inicial o traçado vai se consolidando quando agregados novos loteamentos. Hoje, já com uma

trama em desenvolvimento, o traçado é reticulado ortogonal⁵², quadras retangulares com maiores dimensões no sentido sudoeste nordeste ocupam uma pequena porção deste território sobre a planície. A principal via estruturadora possui uma continuidade e faz a conexão com outra unidade e subunidade conforme consta nas imagens da Figura 62.

Figura 62 - Vista parcial das residências, das vias e suas relações com o entorno



Fonte: Arquivo pessoal - Composição do autor (2015)

Esta via é qualificada como a principal dentro desta subunidade. Trata-se de uma via de tráfego local, sem pavimentação. Um espaço público estruturante, que compõe o "todo"⁵³. Organiza a disposição das demais ruas que dispostas de forma regular organizam, moldam as quadras e distribuem nesta unidade o tráfego local, as unidades habitacionais estão distribuídas de forma esparsa. Percebe-se aqui que a partir da construção das residências configura-se o espaço público com o cercamento dos lotes após a edificação das moradias.

⁵² A tipologia dos traçados reticulados pode ser classificada, quanto ao ângulo (ortogonal ou irregular), quanto aos quarteirões resultantes (quadriculado ou retangular), quanto ao conjunto de quarteirões (homogêneo ou heterogêneo). YUNES, 1995

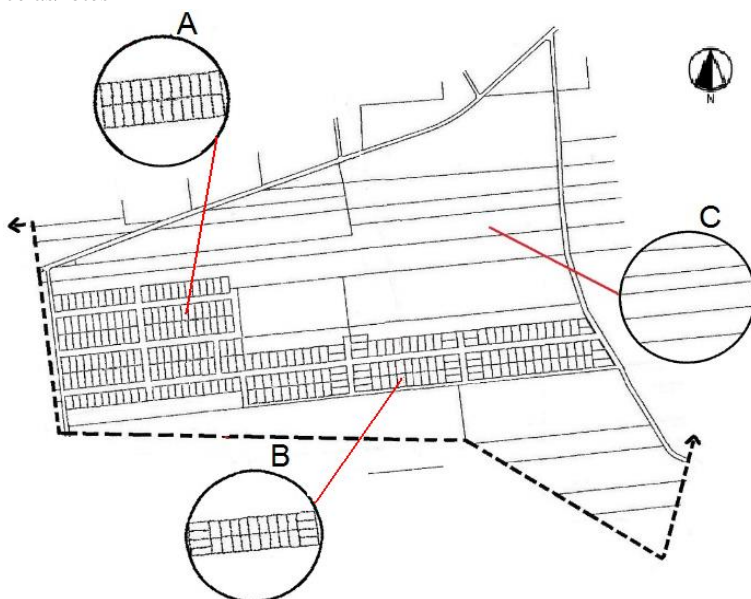
⁵³ Visto como o conjunto de espaços públicos através das vias com larguras limitadas, que se moldam na planície conforme parcelamentos de terra em forma de loteamentos e desmembramento aprovado na municipalidade e seus lotes já em processo de ocupação na planície de campos com vegetação rasteira.

A progressividade do crescimento urbano baseado no parcelamento rural da terra ocupa, via de regra, áreas já impactadas pela agricultura. O crescimento baseado no parcelamento rural da terra avança, a partir da estrada geral, em direção às áreas de preservação ambiental.

Para Reis (2014) a progressividade leva a situações onde, em uma mesma localidade, podem estar lado a lado faixas já urbanizadas, usos rurais, vegetação em recomposição e floresta primária. O resultado final, resultante do somatório de inúmeras atuações pontuais não planejadas, e algumas clandestinas, costuma ser desastroso em termos dos impactos na paisagem.

Uma aproximação de um conjunto de lotes conforme mostrado na porção A da SUE1-B (Figura 63) possibilita a percepção de que as quadras são formadas por lotes retangulares, dimensões mínimas estabelecida em lei e são dispostos lado a lado em forma sequencial. Sua menor dimensão faz frente para a via, no seu fundo faz divisa com lote nas mesmas condições de disposição e dimensão, e estes fazem frente para outra via paralela a anterior. Não há evidência de reservas de área para espaços públicos.

Figura 63 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Detalhe parcelas/lotes



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

A visualização da porção "B" na Figura 63 mostra que sua configuração esta seguindo os mesmos padrões descritos anteriormente, no entanto uma pequena variação na disposição dos lotes das menores dimensões das quadras. São parcelas em formato regular de forma retangular com a menor testada voltada para a via de menor dimensão.

A porção "C" da Figura 63 apresenta um parcelamento que ainda mantém o estabelecido na estrutura fundiária, suas glebas possuem formas regulares e dispostas lado a lado com testadas menores voltadas para as vias. De formatos retangulares e na proporção de grandes dimensões nas profundidades que ainda mantém certas características da matriz de divisão inicial das glebas fundiárias.

Na formação e configuração das quadras podemos observar que não existe tratamento de diferenciado para os lotes de esquina, o que caracteriza por parte da municipalidade e uma falta de preocupação com o desenho para a estruturação do espaço público e conseqüentemente uma especulação por parte do loteador.

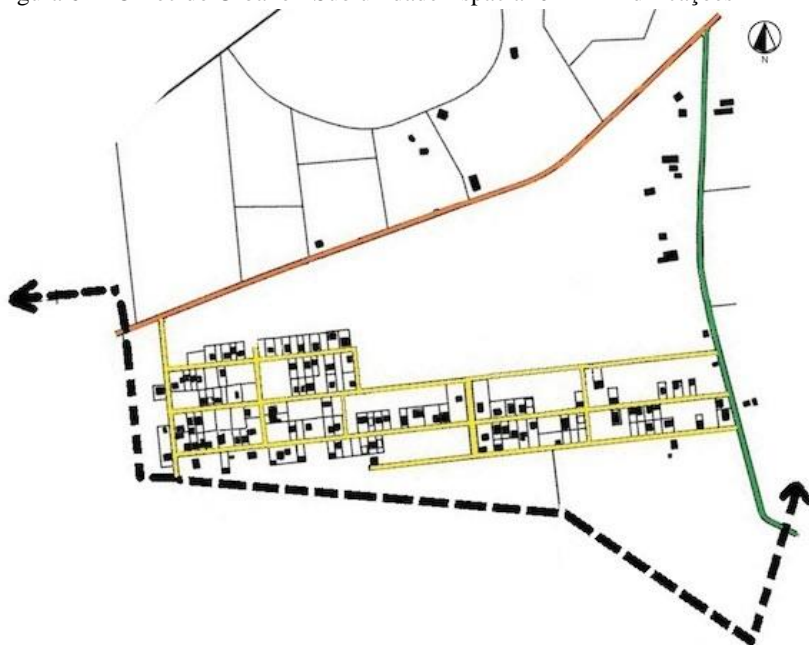
Panerai (2006, p.86) ao discorrer sobre recortes fundiários e parcelares aborda que a relação rua/parcelas é o fundamento para a existência do tecido urbano. À rua - que conduz de um ponto a outro, de um bairro a outro, ao mesmo tempo em que dá acesso a outras ruas - estão associados lotes, de um lado e de outro.

Nesta unidade espacial, há ainda a predominância das glebas fundiárias, no entanto as já desmembradas e loteadas possuem em suas quadras uma característica de homogeneidade.

Trata-se de uma área de expansão urbana, com características de ocupação voltada para uma população de poder aquisitivo de baixa renda, exclusivamente de uso residencial, sendo a maioria dos proprietários moradores fixos.

As edificações são todas de 01 pavimento, com função residencial, implantadas cada qual no seu lote e, via de regra, respeitam os devidos afastamentos. A quantidade de lotes vazios é superior aos já edificados como pode ser observado na Figura 64.

Figura 64 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Esta subunidade corresponde a uma zona de transição com a Unidade Espacial 02 - Área Agrícola e tem ainda como suporte físico vegetação rasteira formando campos, com poucas árvores. Está inserida numa área cuja porção oeste é utilizada para a produção agrícola. Já ao leste e ao sul, a vegetação é de restinga.

Evidencia-se a lógica atual de parcelamento especulativo da qual decorrem as similaridades e que são fundamentadas mais nas práticas urbanísticas do que nos regramentos legais. Atualmente, a estrutura fundiária urbana inicial ainda é a responsável pela organização espacial dos processos de nucleação de povoados dispersos, pois o parcelamento urbano inicial é fator que ainda comanda a configuração espacial. Atualmente é conhecido também como loteamento Lago dos Conventos.

Em suma, esta subunidade espacial é zona residencial situada na região noroeste do bairro, possui uma configuração simples, em que o traçado é ortogonal, os cruzamentos das vias ocorrem em ângulos retos, os lotes são praticamente homogêneos e a sua forma é sempre retangular, com exceção dos lotes fronteiriços a via secundária que

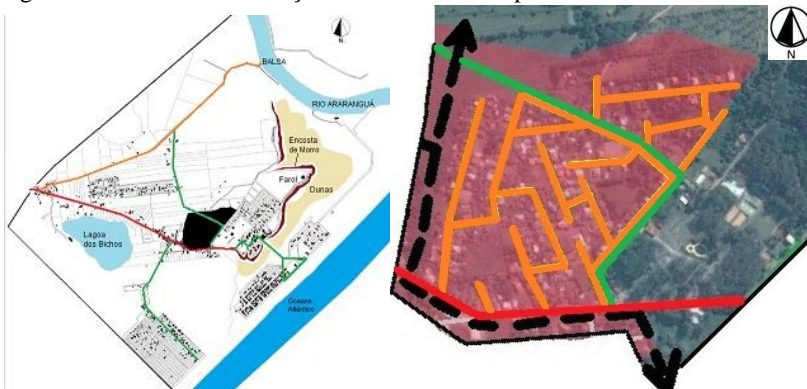
margem o início das cotas mais altas e conecta a parte alta do Balneário até a travessia da balsa.

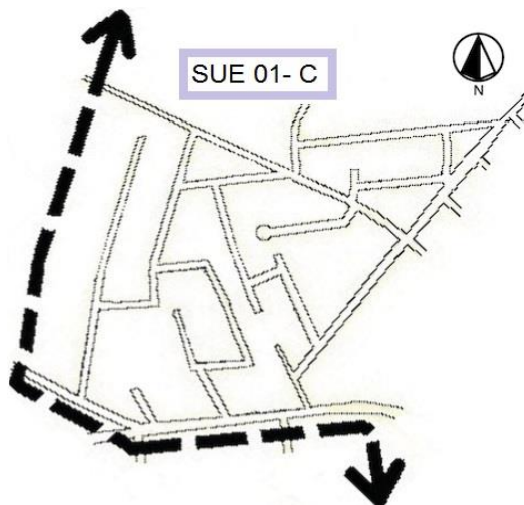
3.3.3.1-c) Sub Unidade Espacial 01-C (UE 01-C) - Traçado Orgânico Irregular

Esta sub unidade representada através da imagem da Figura 65, é caracterizada no lugar e conhecida como núcleo local ou ocupação antiga. Essa subunidade faz limite com a unidade espacial 04, o limite entre elas é o muro que circunda a área pertencente ao Camping. Atualmente tem a maior ocorrência de edificações e concentração de moradores do Bairro, desde o processo de início de implantação da cidade Balneária e ocupação do Morro dos Conventos.

Sua formação se deu a partir da necessidade de assentar os funcionários do complexo turístico, Cidade Balneária Morro dos Conventos e posteriormente em ofertar terrenos com valores mais acessíveis para novos moradores e empregados do complexo que buscavam assentamento. O próprio empreendedor deste referido complexo foi quem viabilizou a destinação desta área, para assentar as famílias dos seus funcionários.

Figura 65 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 01- C – Vias





Fonte: Google Earth- Alterada pelo autor

Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Esta subunidade se diferencia das demais, por possuir um traçado reticulado irregular, por sediar em seu interior uma praça, os templos religiosos, a escola, a creche, o centro comunitário e poucos estabelecimentos comerciais que estão encontrados voltados para a via principal, esta representada na cor vermelha.

Em seu interior uma trama composta por um traçado de vias geometrizadas irregulares, conforme imagens da Figura 66, de ruas pavimentadas estreitas, na maioria com estreitos passeios públicos, alguns revestidos outros gramados. Estes são alguns dos elementos que caracterizam o espaço público desta subunidade espacial.

Figura 66 - Vista parcial das ruas estreitas, passeios, muros e relações Rua X Lotes

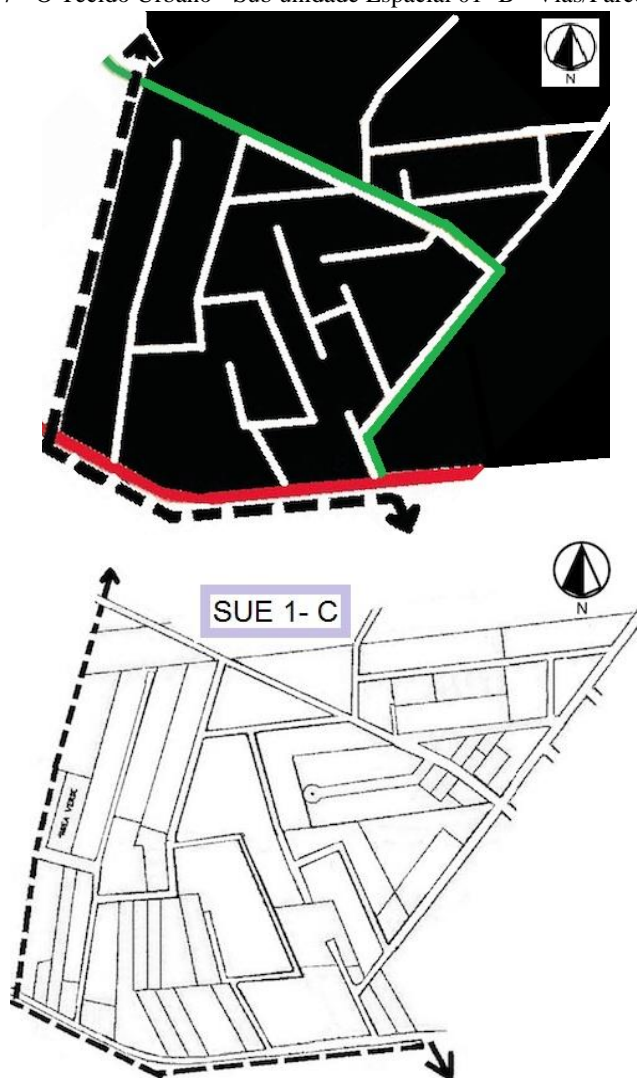


Fonte: Arquivo pessoal - Composição do autor- 2015

Uma das principais características dessas ruas é o fato de que quase todas são retas, algumas apresentando uma deflexão. Os lotes de formatos irregulares acompanham o traçado geometrizado destas vias estreitas.

Situado ainda na planície, sendo a área de transição entre a planície e a parte alta pode-se observar o tecido urbano na fig. 67, que a forma das quadras são irregulares, suas vias são retilíneas, porém com desvios do eixo que alteram a angulação (fletidas). Quando do encontro de uma a outra, formam ângulos diferentes do 90° .

Figura 67 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- B - Vias/Parcelas

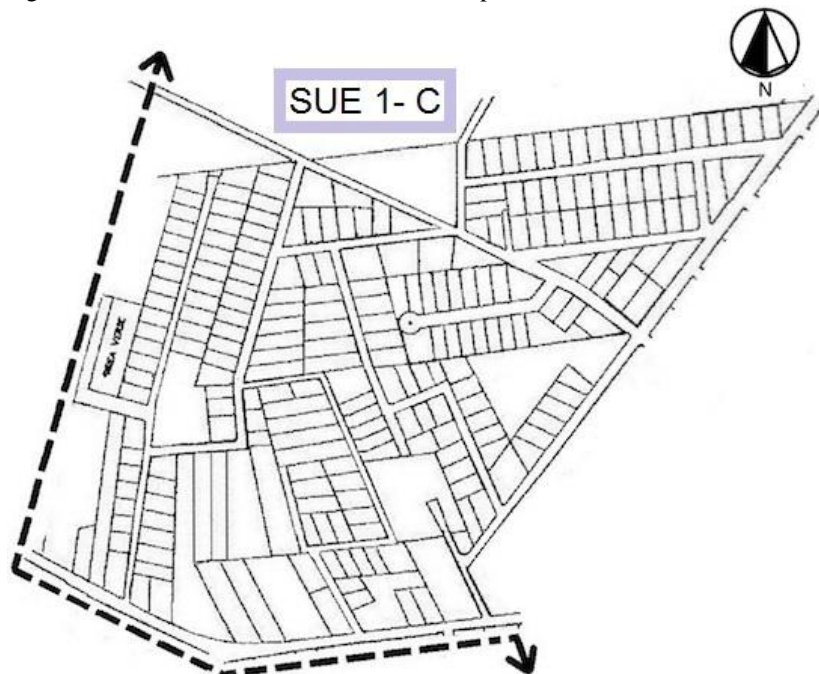


Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Ainda na Fig. 68 observa-se que esta composição de traçado, acaba por formar desenhos geometrizados descontínuos, onde as ruas iniciam e terminam sem formar uma rede contínua. Sua estruturação geral está consolidada a partir de duas vias que estruturam as demais. Os lotes na grande maioria são pequenos alguns se diferenciam por

manterem dimensões da divisão inicial da terra, porém prevalece a homogeneidade com dimensões pequenas de 12x25 metros, o que caracteriza e justifica para a época o loteamento para funcionários, pois são lotes de padrão popular, otimizando assim espaço com uma oferta maior em quantidade.

Figura 68 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- C - Parcelas/Lotes



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Camillo Sitte (1996) manifestou seu desagrado pelas longas ruas retilíneas e pelas intersecções viárias em ângulo reto. Ao mesmo tempo, ele defendeu a utilização, nos traçados urbanos, de vias curvas ou fletidas, bem como variadas irregularidades de desenho - traços estes que se faziam presentes em cidades medievais não planejadas. (SITTE, 1996, p.127).

Isso levou alguns seguidores seus a se inspirarem no traçado dessas cidades na hora de projetar expansões urbanas, pois para Sitte (2006) o urbanismo espontâneo medieval deveria constituir um modelo para novos projetos urbanísticos.

Este traçado irregular nos remete ao que Lamas (2006 p.160), descreve como sendo "tentação medieval", também identificada com a

urbanística orgânica, que surge em diversos períodos, servindo a recusa do racionalismo e do traçado geométrico.

Ao analisarmos esta porção, observamos que, com intencionalidade ou não, está evidente a presença dos elementos elogiados por Sitte e a não presença daqueles por ele condenados. Nele aparece uso de (a) ruas fletidas; (b) irregularidades com pequenos largos que se formam artificialmente em vez de se cortarem, para reduzir a quantidade de cruzamentos; (c) becos muito estreitos que seccionam algumas quadras; e, (d) quarteirões de formas variadas e irregulares. Dessa forma, reduziram-se a um mínimo a rua retilínea e os cruzamentos que Sitte tanto criticara.

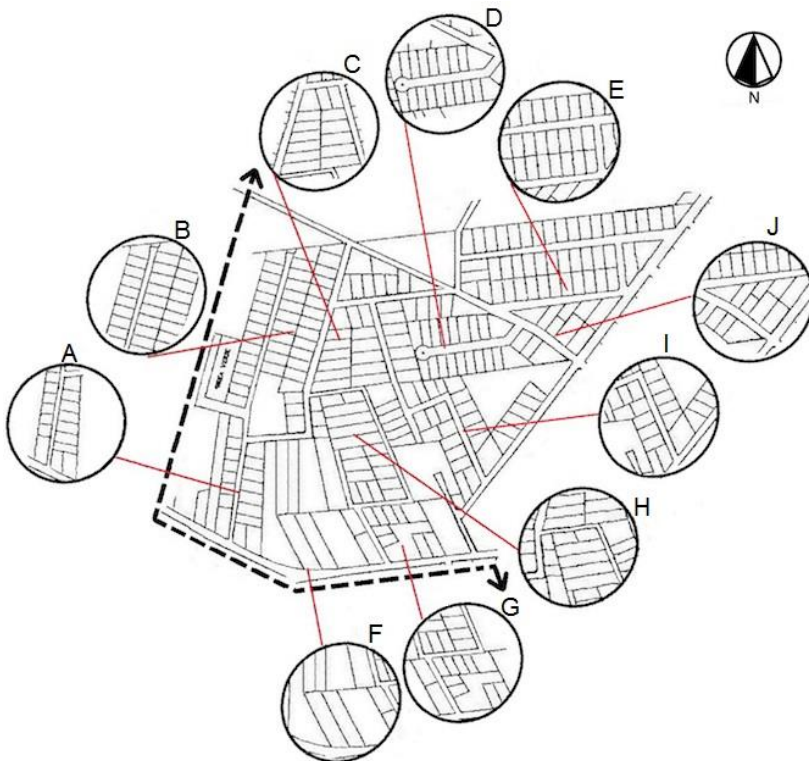
As ruas são estreitas com dimensões variáveis, pavimentadas com lajotas e calçadas estreitas, percebe-se uma preocupação em relação à organização, porém a disposição das edificações nos lotes é aleatória, existindo alternância entre a existência de quintais e áreas permeáveis no interior das quadras e não existência destes aspectos.

Naquela porção o formato do loteamento deixa de ser quadrado ou retangular adquire formas irregulares, o que também contribui para a existência dessa adaptação de traçado. O traçado ortogonal permanece mesmo de forma mista. Os lotes não apresentam qualquer tipo de uniformidade, podendo ser retangulares, quadrados, trapezoidais ou mesmo de formatos indefinidos bastante recortados. As suas dimensões também são muito variáveis, uns muito grandes, outros muito pequenos.

Com uma aproximação e detalhes evidenciados na Figura 69 pode-se observar que as porções A, B e H os lotes possuem as mesmas características, com formatos retangulares, mesmas dimensões e dispostos lado a lado com a menor testada fazendo frente para a rua.

Na porção C, pode-se observar que ainda são mantidas porções maiores, o que pode evidenciar o primeiro parcelamento a partir das glebas fundiárias.

Figura 69 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01 - A - Detalhe Parcelas/Lotes



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Nas porções D, E, F, I e J, da Figura 69 observa-se que na composição das quadras os lotes aparecem de forma irregular com formatos diferenciados, isso devido os trechos das vias nas quais estão inseridos possuírem seus cruzamentos menores ou maiores que 90º graus. Fato este que faz gerar desenhos geométricos com dimensões variadas para o fechamento dos lotes dentro das quadras, e conseqüentemente uma não padronização em seus desenhos.

Aquí o formato do loteamento deixa de ser quadrado ou retangular, adquirindo formas irregulares, o que também contribui para a existência dessa adaptação de traçado. O traçado orgânico permanece mesmo de forma mista. Os lotes não apresentam qualquer tipo de uniformidade, podendo ser retangulares, quadrados, trapezoidais ou

mesmo de formatos indefinidos bastante recortados. As suas dimensões também são muito variáveis, uns muito grandes, outros muito pequenos.

A porção G (Figura 69) resulta da tentativa de consolidação de um espaço mais privativo em um parcelamento a partir de uma gleba maior. Uma única via com "cool de sac" ao final distribui os terrenos de dimensões padrões, caracterizando uma homogeneidade.

As ruas desta subunidade são segmentos retilíneos que partem na maioria das vezes em ângulos das vias que as estruturam em seu perímetro, dispostas paralelas uma as outras, porém sem continuidade, insinuam o encontro uma com outra próxima, mais a frente, porém não acontece tal conexão. (Figura 70).

Figura 70 - Vista parcial das ruas fletidas estreitas, ângulos e relações Rua X Lotes



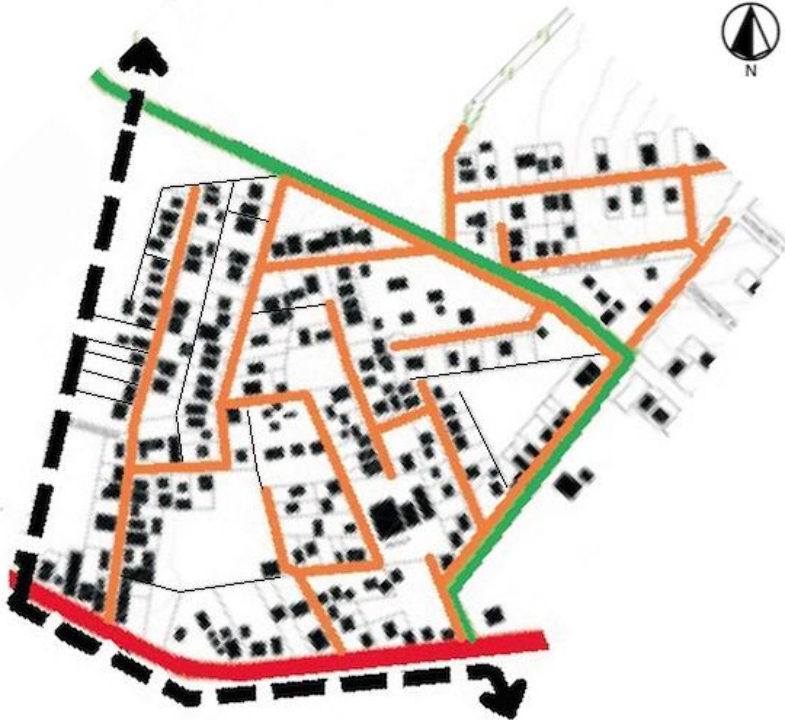
Fonte: Arquivo pessoal - Composição do autor (2015)

Por sua localização como a área central (centrinho), as características do sítio não inibiram a especulação da área, tendo em vista sua boa integração ao sistema viário e sua localização privilegiada pela grande oferta de equipamentos públicos e serviços.

As edificações são todas de 01 pavimento, ocupadas por população de baixa renda, a tipologia habitacional é de construções com afastamento, delimitadas por muros baixos ou telas, com afastamento caracterizando um alinhamento predial. A quantidade de lotes edificados é superior aos vazios conforme demonstra Figura 71, porém o espaço

não edificado prevalece ao construído e tais unidades exercem a função habitação.

Figura 71 - Vista parcial Subunidade Espacial 1-C - Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Em síntese, nesta subunidade, os resultados apontam um traçado irregular, no qual aparece nitidamente a hierarquia de vias em ruas e travessas "beco". As ruas e travessas conformam um espaço público em forma de labirinto, sem continuidade que gerou lotes com características diferenciadas, gerando polígonos de diferentes formas, variando desde os retangulares alongados aos quadrados, paralelogramas e triângulos.

Através da imagem da Figura 72 pode-se observar que a paisagem é composta por uma mescla de vegetação, usos urbanos concentrado, com predomínio do uso residencial, pouco comércio e entidades institucionais.

Figura 72 - Vista parcial aérea evidenciando as vias principais ao centro urbanização.



Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

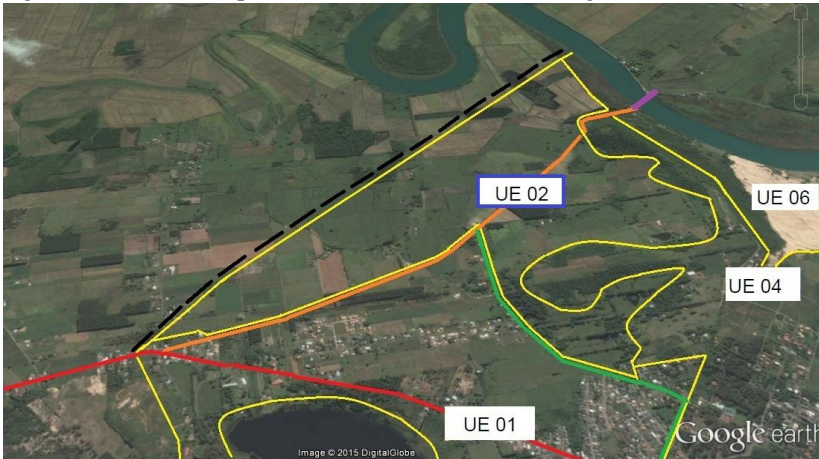
3.3.3.2 Unidade Espacial 02 (UE 02) - Zona Rural - Planície Agrícola

É a unidade que possui como principais características a ruralidade, com uma área total de aproximadamente 1.77.715 m², distribuídas em aproximadamente 35 glebas de terra e uma população estimada de 230 pessoas é onde estão concentradas as propriedades agrícolas e que são desenvolvidas atividades rurais. Perante a municipalidade classificada como área agrícola.

A planície Agrícola tem por limite a borda do Rio Araranguá ao norte que pertencente a UE 06, a oeste e sul com área de planície também agrícola, porém fora do limite de Bairro conforme decreto municipal. Na direção nordeste com o início das cotas mais altas da UE 04 restante das direções e tem como limite a UE 01.

Esta UE, também se organiza a partir dos principais eixos do traçado e é formada por grandes glebas sem parcelamento e pouquíssimas edificações de altura não superior a um pavimento. As glebas possuem dimensões e formatos variados. Percebe-se que, quanto mais próximo do elemento natural do Rio Araranguá, a atividade agrícola é mais representativa. (Ver Figura 73)

Figura 73 - Unidade Espacial 02 – Zona Rural-Planície Agrícola

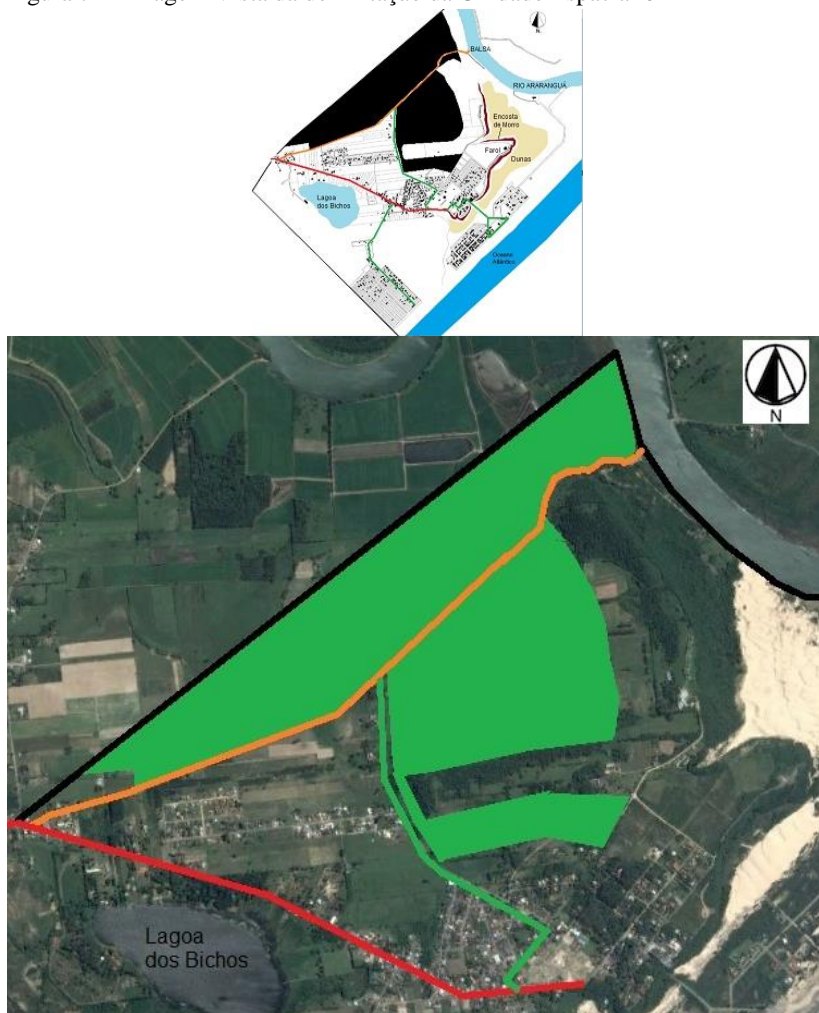


Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

Nota-se, destacada em amarelo, a Unidade Espacial 02 fazendo limite com a Unidade Espacial 01 abaixo da imagem. Ao lado direito da imagem o limite com a Unidade Espacial 04 quase no Rio o limite com Unidade Espacial 06. Em vermelho salienta-se a conexão do traçado da via principal do bairro no sentido leste-oeste. Em laranja traçado da via que margeia e secciona a UE 02 e faz conexão da cidade à travessia do rio através da balsa. Em verde o traçado da via que conecta a área mais homogênea do bairro até a via que chega até a margem do rio onde existe a travessia através da balsa.

Esta unidade espacial apresentada através da Figura 74 é caracterizada pela planície que possui como principais características a ruralidade. É onde estão concentradas as propriedades agrícolas e que são desenvolvidas atividades rurais. Perante a municipalidade classificada como área agrícola.

Figura 74 - Imagem Vista da delimitação da Unidade Espacial 02



Fonte: Google Earth- Alterada pelo autor -2015

O espaço rural e urbano no Brasil vem sofrendo transformações em função das dinâmicas de produção sócio espaciais decorrentes de processos espontâneos e também da intencionalidade, produzida principalmente de investimentos governamentais em infraestrutura e projetos produtivos.

O município de Araranguá se constituiu como centro articulador, local de forte comércio, fator ligado a sua história como parte do

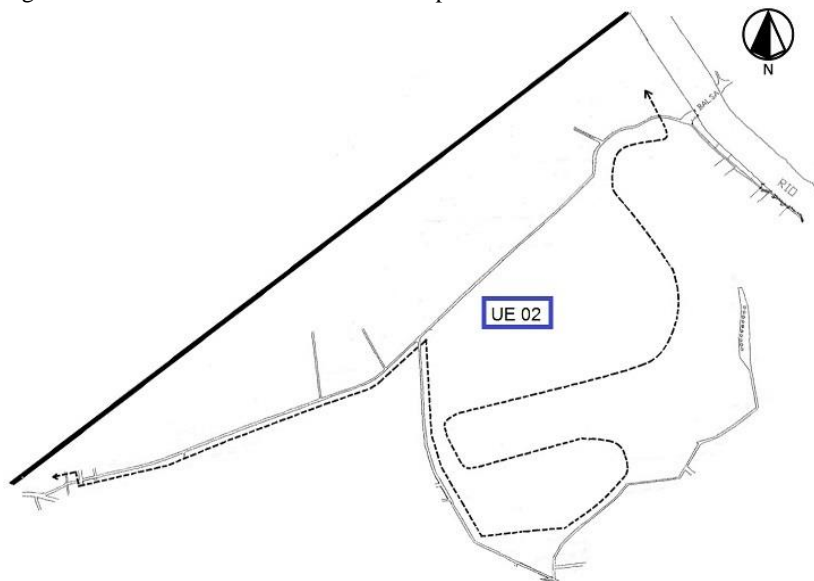
caminho das tropas. Porém, seu interior e municípios próximos que fizeram parte de seu território, hoje já emancipados, estão ligados principalmente à atividade agrícola. Dessa maneira, as áreas mais afastadas do centro urbano ainda mantêm esta atividade desenvolvida pelas famílias.

Normalmente as habitações paulatinamente construídas às margens das estradas, próximas à recursos hídricos, apresentavam uma dinâmica de lento crescimento, quando comparado às áreas urbanizadas. Isso também ocorre na planície litorânea ao nordeste no município de Araranguá principalmente ao longo da Rodovia Valdomiro Manoel Gonçalves, nas localidades de Lagoa da Serra, Manhoso e Canjiquinha, estas anteriores ao perímetro do Bairro Morro dos Conventos.

Como suporte físico a Rodovia Municipal ARA 240, parte da bifurcação no Canivete, e é uma estrada de chão batido que faz a conexão até a Balsa, estruturando este território.e a conexão com a Comunidade de Ilhas que fica do outro lado do leito do rio. Um trecho da ARA 240 é o limite deste setor e atravessa toda a área rural dividindo em duas áreas com as mesmas características.

A partir da Figura 75 pode-se visualizar que esta unidade é composta por apenas uma via que atravessa a área rural e a partir desta surgem pequenas ruas (picadas) particulares que conduzem até o interior das parcelas.

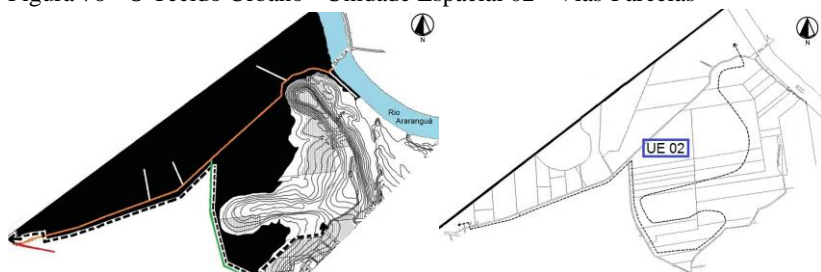
Figura 75 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Porém percebe-se nas imagens da Figura 76 que outra característica marcante desta unidade é o parcelamento que se dá ainda através das glebas fundiárias, que devido estarem sob estas condições, hoje ainda são consideradas áreas agrícolas.

Figura 76 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias-Parcelas



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Parte desta planície agrícola, Figura 77 é inundável (principalmente nas cheias do rio), o que favorece o plantio de arroz, principal característica de estrutura/padrão de drenagem.

Figura 77 – Vista parcial da estrada secundária para área inundável com plantações de arroz



Fonte: Arquivo do Autor -2014

As características de cobertura vegetal são de vegetação rasteira, algumas vegetações mais altas compõem a paisagem, porém muito esparsas. Existem capões formados por árvores e arbustos concentrados próximo às cotas mais altas, e estes não foram alcançadas pelas plantações de fumo ou arroz. A vegetação rasteira domina as áreas de campos que são utilizadas para a pecuária com a criação de gado. Nas áreas aradas plantadas, o cultivo do milho, da mandioca, do fumo, feijão e até mesmo o pinus. Enquanto nas áreas inundáveis, a principal atividade de plantação é o cultivo de arroz. No entanto, ressalta-se aqui que toda esta produção é realizada em baixa escala, pois é uma agricultura familiar (Figura 78).

Figura 78 - Vista parcial da plantação de fumo ao fundo árvores, arbustos nas cotas mais altas.



Fonte: Arquivo do Autor - Intervenção sobre Imagem - 2014

As edificações são poucas e esparsas, seus lotes são extensos, mantendo as características dos parcelamentos iniciais, remetendo a Reis (2012) quando menciona as "preexistências territoriais herdadas da colonização do território", e aqui também se fazem presentes.

Neste setor as unidades habitacionais estão distanciadas entre si pelo campo, por plantações que se estruturam nas laterais de uma única via que faz toda a estruturação e conexão entre os lugares desta planície agrícola litorânea, o que evidenciado na Figura 79.

Figura 79 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias-Parcelas-Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Através da imagem da Figura 80 pode-se observar uma área de campo com pasto compondo a vegetação rasteira e algumas árvores, formando uma vegetação esparsa, paisagem que predomina nesta UE. Ao fundo, a vegetação de cobertura da parte mais alta do morro já na UE04. O esta área é utilizada para pastagem do gado, o que caracteriza uma bela paisagem no campo visual.

Figura 80 - Vista parcial do campo da zona agrícola, ao fundo cotas mais altas da Unidade Espacial 04



Fonte: Arquivo do autor - 2014

Em síntese uma via é a principal estruturadora desta área, a qual recebe uma segunda, ao lado esquerdo mais ao norte conectando esta primeira até a parte alta já urbanizada.

3.3.3.3 Unidade Espacial 03 (UE 03) - Balneário Paiquerê

A unidade é caracterizada através de é um loteamento denominado Balneário Paiquerê, idealizado nos anos 80 sobre a planície litorânea de frente para o mar com área total de 478.865 m², 884 lotes dispostos ortogonalmente em 32 quadras de forma concentrada e um contingente populacional de aproximadamente 408 pessoas com uma parcela significativa que residem o ano todo. Hoje caracteriza uma ocupação estritamente residencial de moradia permanente. As pessoas que possuem residência no local se deslocam para outros lugares da cidade de Araranguá para realizar suas atividades diárias, poucas unidades são sazonais de veraneio.

Esta UE possui através de um eixo um ponto de contato com a UE 01 e esta completamente envolvida e delimitada pela UE 06 que

representa as áreas de preservação permanente. No sentido leste, faz frente para o Oceano Atlântico, tendo como maior extensão de seu perímetro em contato com a UE 06.

É formada por edificações de altura reduzida que se organizam ao longo das vias que formam o traçado e que estão perpendiculares ao mar. O parcelamento é proveniente de um loteamento contemporâneo com seus lotes regulares, na sua maioria, lotes de 236 m² com 12 m de testada e 28 de profundidade, a ocupação é rarefeita existindo vários terrenos vazios. Ver Fig.81

Figura 81 - Unidade Espacial 03- Balneário Paiquerê



Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

Observa-se a UE 03 com o limite marcado em amarelo. Ao leste tem-se o Oceano Atlântico e nas demais direções, delimitada pela UE 06. Apenas uma via na cor verde faz a ligação desta unidade espacial com as demais Unidades Espaciais. Através de sua conexão, a via principal na cor vermelha é a principal articuladora do traçado do Bairro no sentido nordeste-sudoeste. Conhecido também como Balneário Paiquerê ou loteamento Paiquerê, foi implantado na década de 80 sobre uma de área de campos, dunas e restingas conforme é apresentado na Figura 82.

Figura 82 - Vista da delimitação da Unidade Espacial 03

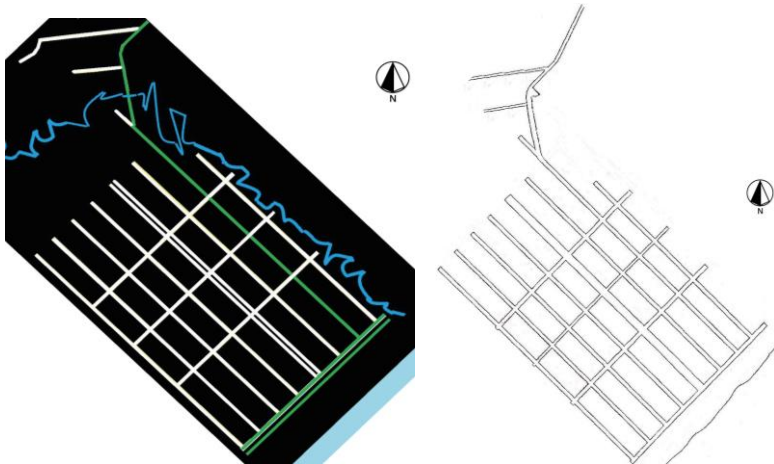


Fonte: Google Earth- Intervenção do autor (2015)

Estruturado com oito vias paralelas no sentido perpendicular à linha de costa do mar no sentido norte sul e quatro vias no sentido leste oeste formam uma malha de traçado ortogonal regular com 32 quadras retangulares de maiores dimensões no sentido leste oeste no sentido linha do mar para o interior formando dois conjuntos de quarteirões. Um primeiro com quadras de dimensões menores e o segundo, nas bordas no sentido leste-oeste com dimensões maiores.

Uma via principal marcada na cor verde conforme mostra a Figura 83, faz a conexão com estruturadora do bairro, atravessa todo loteamento no sentido mar, antes das dunas frontais encontra uma via beira mar, que segue interligando este município, ao município vizinho (Balneário Arroio do Silva).

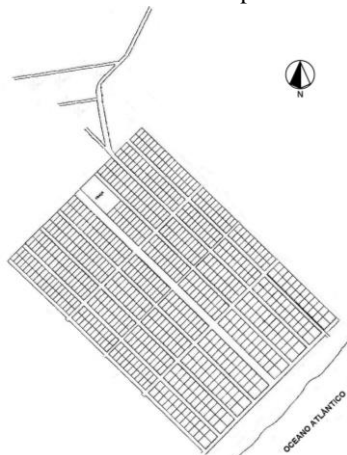
Figura 83 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 03- A – Vias



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Ao centro deste loteamento uma via em forma de avenida com duas pistas e um canteiro central forma o que deveria ser o eixo principal estruturador desta unidade, no entanto não tem continuidade no sentido leste-oeste. As vias secundárias estão distribuídas para os dois lados desta via e formam o traçado reticulado da malha ortogonal do empreendimento com quadras curtas e longas estruturando a grelha em quarteirões alongados de lotes padrão conforme demonstra a figura 84.

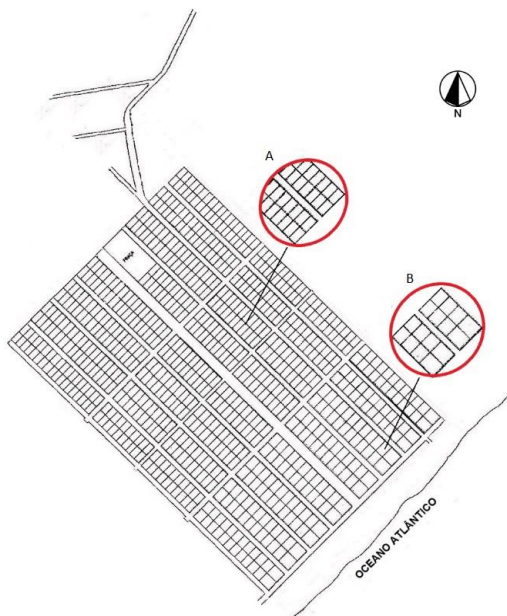
Figura 84 - O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Vias-Parcelas



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Com uma aproximação e detalhes evidenciados na Figura 85 pode-se observar que na porção "A" os lotes mantêm um mesmo padrão de dimensão, de 15x 35 metros, alinhados lado a lado, e na porção B, mais próximo ao mar, os lotes possuem uma maior dimensão, de 20X35 metros e os de frente para o mar com dimensões de 30x35. As parcelas que compõem cada uma das quadras têm 2 tipos padrões de dimensões.

Figura 85- O Tecido Urbano - Sub unidade Espacial 01- A - Vias-Parcelas-Lotes-Detalhes



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Outra característica desta UE é que a maioria dos proprietários de residências são moradores permanentes, onde para exercerem suas funções e atividades diárias se deslocam para o centro de Araranguá, ou proximidades. Durante o dia o balneário fica esvaziado e seus moradores retornam a noite, funcionando como um local dormitório.

Neste loteamento, balneário, existe apenas dois pontos de comércio, que pouco tem a oferecer e uma pousada. Este tipo de loteamento apresenta características próprias, não se encontra ainda totalmente consolidado, os lotes vazios predominam e poucos são os lotes que estão ocupados com as unidades habitacionais conforme mostra as imagens da figura 86.

Figura 86 - Vista das ruas, edificações, vegetação e vazios



Fonte: Arquivo pessoal - Composição do autor (2015)

As edificações desta unidade se organizam em torno de um pátio e possuem na maioria um 01 pavimento são dispostas em seus lotes com afastamento não uniformes e praticamente dispersas conforme demonstra Figura 87 e a maior parte destas unidades exercem a função de moradia.

Figura 87 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 02 - Vias/Parcelas/Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Não possui conexão direta (via) que liga este setor ao setor da parte baixa da cidade Balneária Morro dos Conventos o que faz ter uma característica importante para a manutenção da área de restinga que fica entre os dois setores.

Existe uma total desvinculação do contingente da sua população, apesar de possuir habitações de moradias permanentes, a estruturação das vias, funcionam apenas como ponto de passagem, exerce uma função de estruturador entre este Bairro e o município vizinho.

No verão devido os veranistas, turistas que se instalam nas proximidades e moradores da região, a circulação de pessoas, de automóveis aumenta significativamente por ser o único estes seguem no sentido bairro Morro dos Conventos, Balneário Arroio do Silva e demais localidades.

A sua cobertura Vegetal tem como característica principal a vegetação é rasteira e nativa. Ainda próximo às dunas da praia existem árvores que foram utilizadas como arborização, o pinus (*Pinus elliottii*) e casuarina. É necessário ressaltar que próximo da entrada deste balneário existe uma vegetação de restinga, entremeadas onde estão construídas as residências.

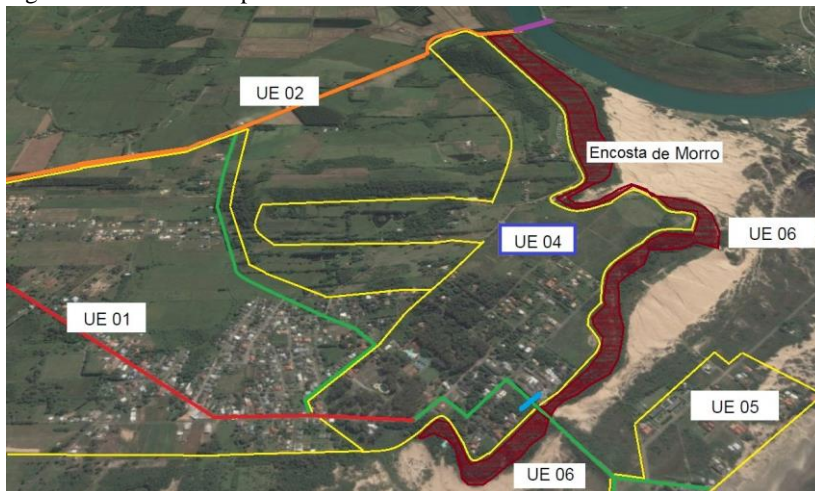
Esta porção, esta um pouco afastada da porção que é considerado a parte alta do Morro dos Conventos e também da porção que é caracterizada pela parte baixa do balneário Morro dos Conventos, e considerada também a mais procurada, por propiciar uma contemplação da natureza bastante procurada por turistas.

3.3.3.4 Unidade Espacial 04 (UE 04) - Morro dos Conventos - Parte Alta

Esta unidade é a porção das cotas mais altas que formam e integram a paisagem. É o primeiro local de ocupação do Morro dos Conventos pós-período de colonização. Esta unidade é constituída pelo remanescente consolidado da parte alta do plano inicial de ocupação, do parcelamento em lotes para fins residenciais que formavam o empreendimento lançado na década de 50, e também por glebas em forma de sítios/chácaras. É nela que existe a maior concentração de equipamentos destinados aos turistas. Como dados gerais, trata-se de uma área estimada em 1.77.715 m², sobre esta área aproximadamente 282 lotes estão distribuídos homogeneamente nas cotas mais altas, parte deles contornando a margem da borda de morro defronte ao mar e outra parte no seu interior. Sobre estes lotes 98 residências unifamiliares com altura entre 01 (um) e 02 (dois) pavimentos e um hotel de 04 pavimentos, com uma fixa de 400 pessoas aproximadamente.

Evidencia-se na transição da planície da UE 01 para a ocupação das cotas mais altas, que tem como maior perímetro de limite, a borda que forma a encosta do morro, destacada na imagem na cor grená. Esta unidade espacial está no ponto das cotas mais altas do Bairro, neste limite da encosta de morro pode-se observar pontos de vegetação nativa, elemento natural já pertencente a UE 06 nas cotas mais baixas. Ao lado direito da imagem o limite com a UE 02 e também o limite com a UE 01. Sua ocupação está mais consolidada na sua porção sul, proximidade das vias de chegada. Enquanto que as demais porções se materializam em grandes glebas de terra sem parcelamento, com predomínio de vegetação rasteira e alguns focos de vegetação remanescente. (Ver Figura 88)

Figura 88 - Unidade Espacial 04 - Morro dos Conventos



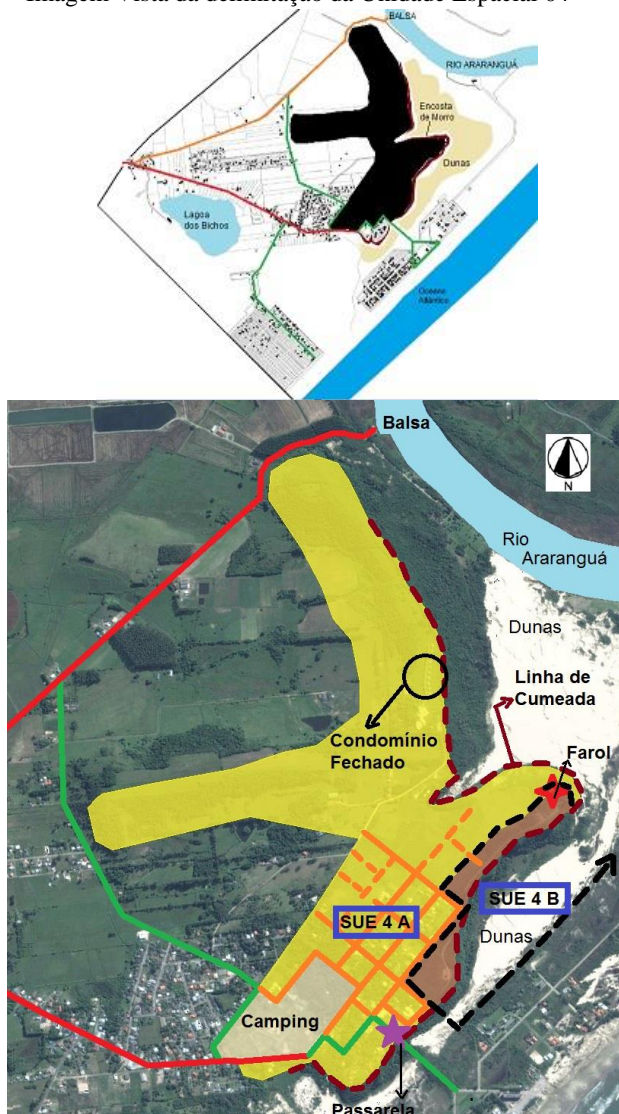
Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

Nota-se o limite da UE 04 marcado em amarelo. Na borda de morro (em grená) e com a UE 01 e UE 02 do lado direito da imagem. Em vermelho a via estruturadora, em verde as principais vias do traçado do Bairro. Em azul destaca-se a passarela que une os dois lados desta Unidade Espacial e acima lado direito da imagem, em roxo o ponto de travessia da Balsa.

Esta Unidade Espacial, apresentada na Figura 89 é toda a área integrante das cotas mais altas do morro, suas cotas estão acima do nível de 25 metros, onde há quadras residenciais, área hoteleira e de camping, área turística e áreas de preservação, implantada a partir dos anos 50

com lançamento do empreendimento Cidade Balneária Morro dos Conventos. Esta unidade ainda não se encontra totalmente consolidada, existindo muitos lotes vazios entremeados de residências edificadas a partir dos anos 60.

Figura 89 - Imagem Vista da delimitação da Unidade Espacial 04



Fonte: Google Earth- Intervenção do autor- 2015

Devido à existência de várias atividades nesta UE, classificaremos este território em duas subunidades, a primeira a sub unidade espacial 04- A (SUE04-A) onde estão inseridas as residências sobre a malha reticulada e as habitações nos terrenos sítios/chácaras. E a segunda, a sub unidade espacial 04- B (SUE04-B), que absorve a influência da questão do turismo. É preponderante sobre as demais por disponibilizar uma pista de salto e voo livre, o farol, o mirante, a entrada para a trilha que leva as dunas e o sambaqui.

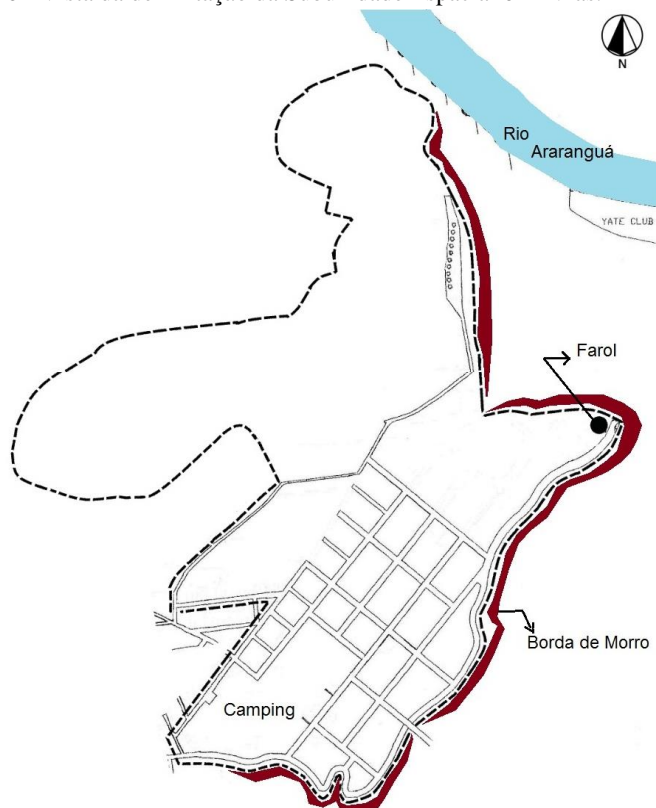
Pela notória importância que tem estes espaços públicos e atributos, elementos importantes de estruturação para o bairro (nível local) e para o município (nível regional), pois influenciam muito em toda estrutura regional.

Parte da SUE04-A, é caracterizada por uma malha urbana reticulada, com quadras de dimensões diferenciadas na sua maioria retangulares (retângulos maiores e menores que formam um desenho geometrizado).

O camping por várias décadas foi o principal protagonista de toda a estruturação do bairro, serviu como ponto de referência e também fomentando a base da economia local. Serviu como gerador de empregos e um forte gerador de renda local. Atualmente esta sendo transformado em condomínio fechado, já em processo de transformação o bairro vai perdendo aquele que foi um dos maiores pontos de referência regional.

Como característica principal na formação de sua espacialidade, o espaço público é caracterizado a partir de uma malha viária orgânica, com retícula retangular, sobre um plano inclinado até chegar as cotas mais altas onde a configuração das quadras acontece de forma regular, conforme apresentado na Figura 90.

Figura 90 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 - Vias.



Fonte: Elaboração do autor, a partir mapa PMA (2015)

Através do plano diretor de 1981 fora permitido o avanço da malha, estendendo-se até próximo ao Farol. Porém a área não se consolidou, em virtude de ali ter sido mapeado um sambaqui, tornando a área então de valor histórico e arqueológico. Em decorrência de fatos como este, o plano diretor da cidade em vigor contempla e consolida apenas o traçado existente, pois o mesmo se adaptou ao traçado existente, desta forma permanece impossível ampliá-lo. Assim a malha permanece estática uma vez que, grande parte dessas encontram-se inseridas em áreas de preservação por lei.

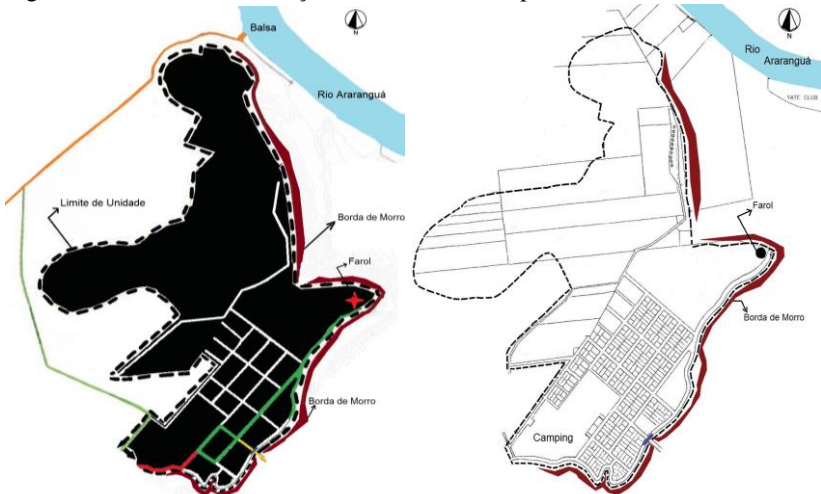
A outra parte desta subunidade é estruturada por uma única via, que passa na frente das áreas cujas propriedades são formadoras de sítios/chácaras, onde a unidade habitacional fica isolada no lote. Ao final

desta via estruturadora um condomínio fechado com 10 unidades habitacionais, estilo chalé que como hotel pousada funcionou por duas décadas a partir dos anos 80, em evidência na Figura 89. Este traçado de via nos remete a linearidade, porém em processo inicial.

O traçado e a malha aqui existente são resultado do projeto inicial da Cidade Balneária Morro dos Conventos quando do seu parcelamento em lotes urbanos e possuem dimensões em aproximadamente 15m X 40m em média.

Seus lotes dispostos lado a lado em dimensões mínimas atende à legislação e caracterizam uma homogeneidade conforme demonstra a Figura 91.

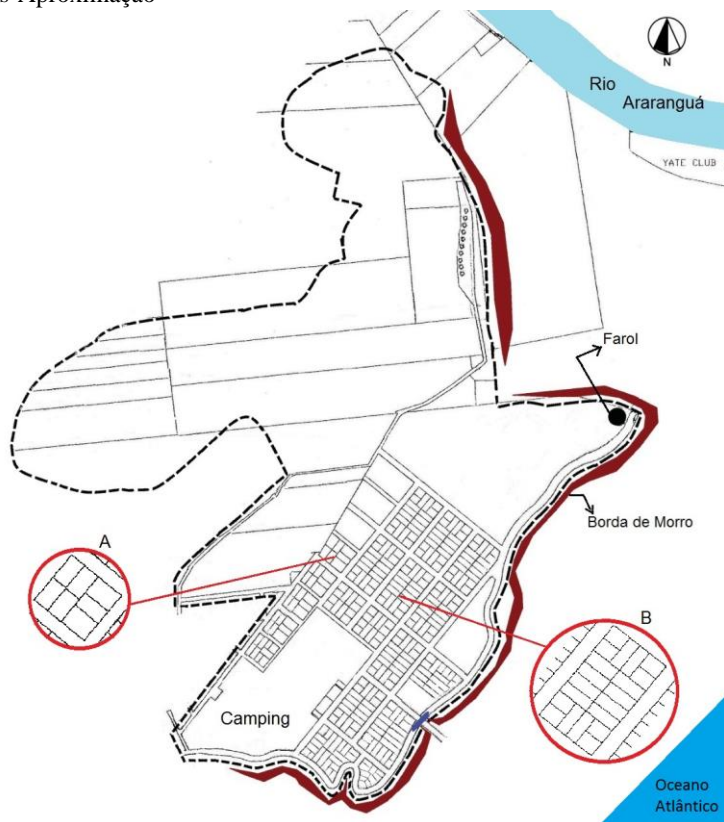
Figura 91 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 -Vias- Parcelas



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Através da uma aproximação de parte desta Unidade verifica-se que, o conjunto de quadras segue um mesmo padrão retangular com maior dimensão acompanhando a subida do morro. Os lotes seguem o padrão mediano e comprido com testadas que variam de 15 metros, com variação apenas nos lotes de esquina conforme demonstra a porção A da Figura 92, enquanto que a conformação da porção B, as quadras são menores quadrangulares e uma diferenciação na posição dos lotes, mas o conjunto mantém sua homogeneidade conforme as propostas iniciais do empreendimento.

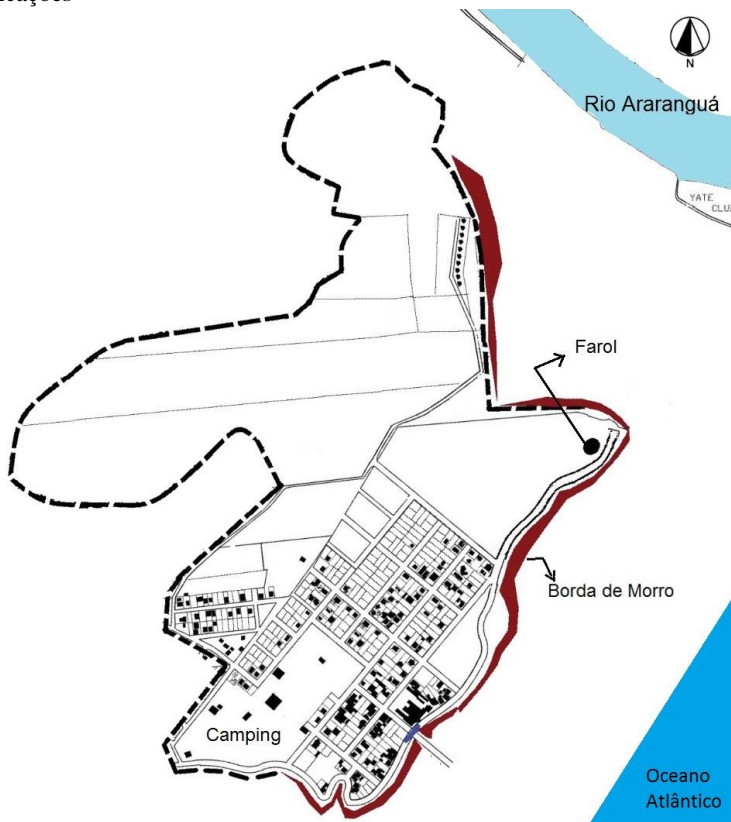
Figura 92-Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 –Vias - Parcelas-Lotes-Aproximação



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

As edificações desta unidade são dispostas em seus lotes uniformemente, conforme afastamentos estabelecidos em lei. Na grande maioria, as unidades possuem apenas 01 pavimento, porém devido à declividade passam a configurar unidades de 02 pavimentos, dispostas conforme apresentado na Figura 93.

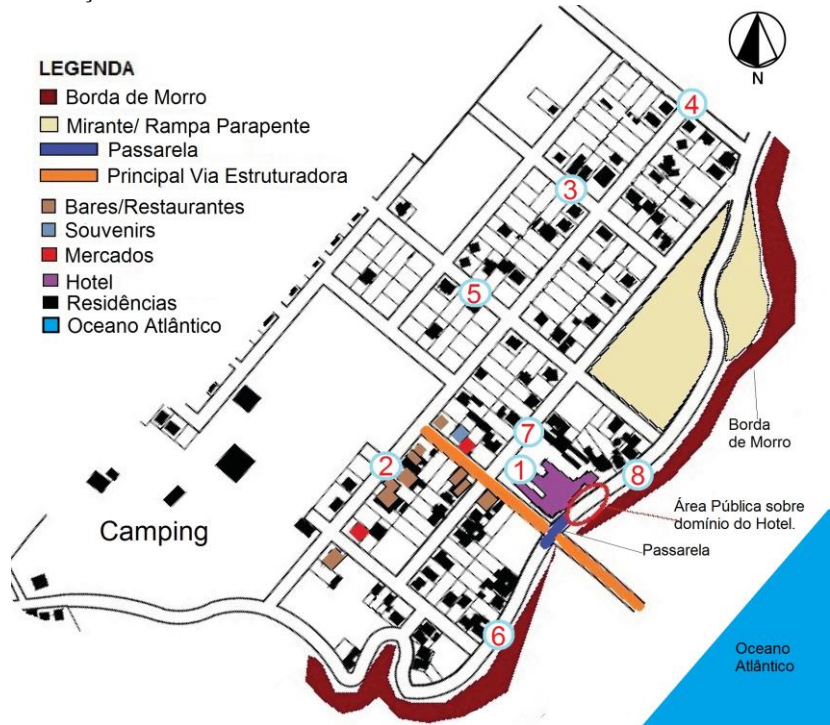
Figura 93 - Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04 -Vias- Parcelas-Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

A maior parte destas edificações tem função de moradia, com poucos pontos de comércio próximo ao camping. O hotel datado dos anos 50 permanece em funcionamento, e está situado ao lado do corte (via) do morro. Esta via é considerada o principal espaço público estruturador do bairro (via representada na cor laranja) na Figura 94 que une a parte alta com a parte baixa da cidade Balneária. O hotel com sua permanência vêm sofrendo alterações e reformas em sua edificação ao longo dos anos. Existe uma via defronte ao hotel que esta sendo utilizada como espaço de contemplação, no entanto pode-se circular por se tratar espaço público. É o que se pode visualizar da Figura 94.

Figura 94 - Aproximação da Subunidade Espacial 04 Vias- Parcelas- Edificações- Residências/Comércios



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

Figura 95- Imagens Vias-Passeio Público - Hotel - Edificações- Comércio



Fonte: Arquivo pessoal - Composição do autor (2015)

A área classificada como SUE04-B é vista nas Figuras 96 e 97, é onde estão inseridos alguns pontos significativos que se destacam como atrativos ao turismo e lazer. São lugares que devido seus atrativos de paisagem no campo visual funcionam como locais de contemplação da paisagem, com forte potencial a esta atividade turística, porém são locais

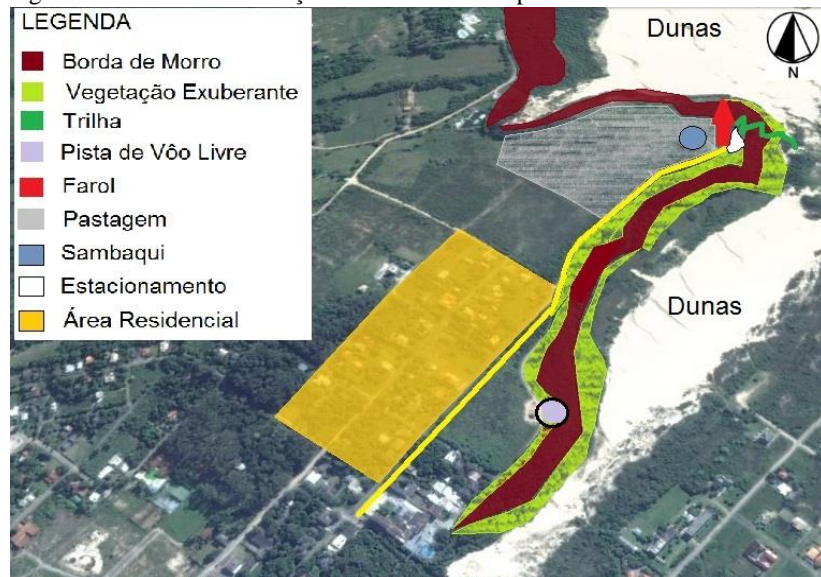
que não possuem infraestrutura básica, voltada ao desenvolvimento deste setor.

Figura 96- Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04-B



Fonte: Google Earth - Intervenção do autor (2015)

Figura 97- Vista da delimitação da Subunidade Espacial 04-B



Fonte: Google Earth - Intervenção do autor (2015)

Uma via linear sinuosa que atravessa uma vegetação exuberante é o único eixo de ligação entre o farol e a área residencial, nela pode-se

percorrer em paralelo a uma cerca que percorre ao longo da borda de morro e delimita. A área de entorno do farol possui um descampado e um bolsão de estacionamento, que recebe turistas para contemplarem a paisagem, ao mesmo tempo esportistas radicais praticam "rapel"⁵⁴. Atrás do farol, uma área com pasto mapeada como sambaqui, que serve de pastagem para o gado. O farol que no passado se destacava livre no gramado, hoje é delimitado por um muro para sua proteção da depredação.

Ainda próximo ao farol, na borda de morro, uma trilha no sentido descendente segue por entre a vegetação até ao encontro das dunas. Mais ao sentido da área residencial, nas proximidades do hotel Morro dos Conventos, um descampado na borda do morro utilizado com função de mirante e também como pista de voo livre, conforme ilustra as imagens da Figura 98.

Figura 98 - Vegetação exuberante - Rapel na borda de morro - Pista de voo livre.



⁵⁴ Significado de Rapel s.m. Montanhismo. Ação que consiste na descida de uma superfície vertical, paredão ou vertente, com o auxílio de cordas específicas. (Etm.do francês:rapel). Conforme dicionário online português www.dicio.com.br/rapel/



Fonte: Arquivo pessoal - Composição do autor (2015)

A sua cobertura Vegetal tem como característica principal a mata com espécies nativas na borda do morro, que protege, delimita e compõem a paisagem fixando-se também nas paredes das formações rochosas. As vias públicas na sua grande maioria não possuem pavimentação e a vegetação sobre elas são árvores e arbustos que nascem aleatoriamente nos espaços destinados a passeio público (calçadas). Por entre lotes vazios identifica-se pequenos capões de vegetação nativa entre as gramíneas rasteiras e nativa.

Nos lotes ainda prevalecem as vegetações nativas, que pouco a pouco vai sendo suprimida e nativas ornamentais passam a fazer parte do entorno das edificações. Na parte sul do morro há predomínio da vegetação nativa entre as edificações e algumas esparsas nas vias públicas.

Em síntese, a partir da implantação da Cidade Balneária nos anos 50, atualmente nesta unidade existe o predomínio de áreas lotes chácaras sem estarem parcelados em lotes menores, por outro lado na SUE04-B predomina o traçado⁵⁵ ortogonal com predominância do quarteirão retangular alongado no qual os lotes distribuem-se, na sua maioria, perpendiculares às duas faces mais alongadas no sentido norte- sul nordeste, conforme padrão tipo estipulado pelo empreendedor. Os lotes seguem na sua grande maioria o padrão estreito e comprido com testadas médias e grandes.

⁵⁵ A tipologia dos traçados reticulados pode ser classificada, quanto ao ângulo (ortogonal ou irregular), quanto aos quarteirões resultantes (quadriculado ou retangular), quanto ao conjunto de quarteirões homogêneo ou heterogêneo). YUNES, 1995

3.3.3.5 Unidade Espacial 05 (UE 05) - Morro dos Conventos

É a porção de ocupação consolidada, pertencente ao plano inicial de ocupação da década de 50, que esta na parte plana das cotas baixas fronteira ao mar. Com uma área total de 331.700 m², consta com 690 moradores (nº estimado) para o verão com aproximadamente 35 (nº estimado) que residem inverno e verão. Constitui-se de área ocupada por unidades residenciais na grande maioria sazonal como casa de veraneio com variação de altura entre 01 e 02 pavimentos, também por edifícios de até 04 pavimentos e de vazios urbanos. Esta área é única remanescente passível de ocupação, por estar envolvida circundada de áreas de preservação permanente.

A UE possui por limite ao leste o Oceano Atlântico, ao sul, ao oeste e ao norte o vazio, representado pela UE 06 - área de preservação permanente. Esta unidade espacial encontra-se isolada das demais já urbanizadas. Apenas uma via representada na cor verde faz a conexão com a UE 04 e posteriormente as vias das demais unidades espaciais. Organizando-se a partir deste eixo principal e através de uma simetria as vias paralelas ao mar organizam a malha quadriculada. É formada por edificações residenciais de altura variando de 1 a 4 pavimentos, com predominância das de 1 pavimento, geralmente isoladas no lote. Esta unidade espacial conta também com considerável número de vazios urbanos e seus lotes, em sua maioria, de 440 m² e 14m de testada (Ver Figura 99).

Figura 99 - Unidade Espacial 05- Balneário Morro dos Conventos

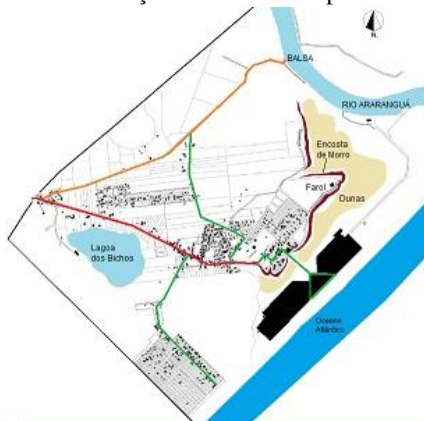


Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

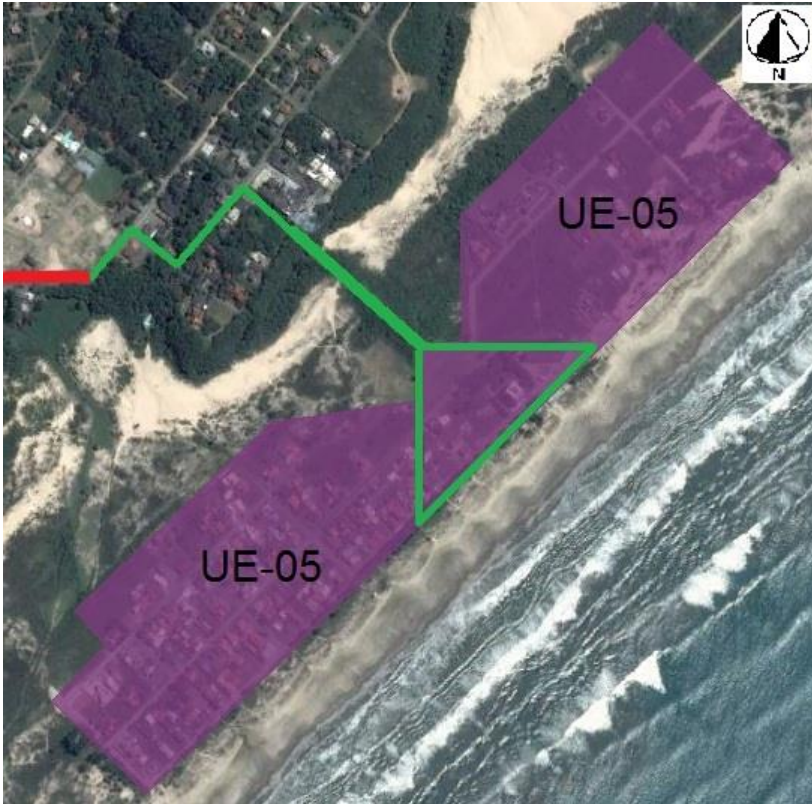
Nota-se os limites da UE 05 marcado em amarelo, fazendo limite, abaixo na imagem, com o Oceano Atlântico. Nas demais laterais seu limite é com a UE 06. Em vermelho destaca-se a conexão do traçado principal da do Bairro, em verde as principais vias estruturadoras das unidades espaciais com o restante do bairro. Em azul destaca-se a passarela e em grená a encosta de morro.

Conhecida popularmente no Bairro, como a "parte baixa da praia"⁵⁶, esta Unidade Espacial teve sua formação de ocupação a partir do empreendimento Cidade Balneária Morro dos Conventos, implantado no final dos anos 50 sobre a planície litorânea, nota-se através da Figura 100 a sua delimitação.

Figura 100 98- Vista da delimitação da Unidade Espacial 05



⁵⁶ Denominação dada popularmente pelos moradores.



Fonte: Google Earth- Intervenção do autor (2015)

Os limites físicos da UE constituem-se em barreiras, sendo três dos elementos naturais mais fortes na estruturação do balneário. Observa-se na Figura 06 as delimitações, ao leste pelo Oceano Atlântico, ao norte pelas áreas pertencentes a UE-06 (áreas de preservação) tendo como limite desta o Rio Araranguá e ao oeste também com áreas da UE-06 que esta delimitada pelo paredão das rochas que compõem as falésias e serve como pano de fundo do cenário da unidade em análise conforme imagem da Figura 101. Ao sul tem como limite a composição dos mosaicos das áreas de preservação, entre elas, áreas de restingas e dunas, pertencente a UE-06.

Figura 991 - Vista parcial da Unidade Espacial 05 e limites naturais.



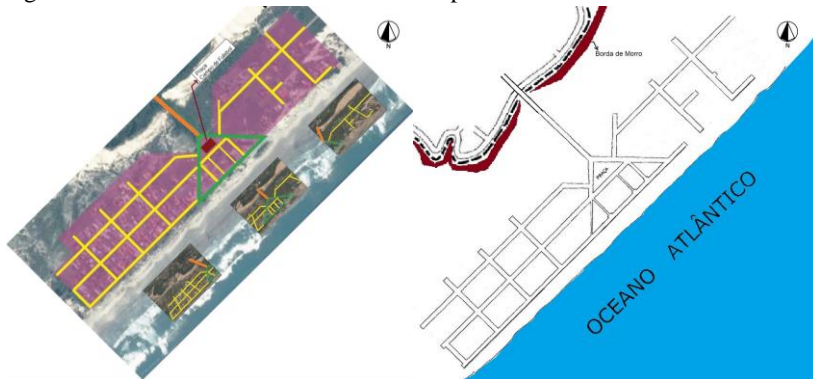
Fonte: Google Earth- Intervenção do autor (2015)

Esta Unidade tem traçado ortogonal, como a maior parte dos parcelamentos sobre as faixas de planícies litorânea das cidades brasileiras. A singularidade no traçado está em um eixo perpendicular ao mar, que se abre em duas vias simétricas e a partir destas três eixos paralelos a linha de mar formam as ruas. E destas no lado esquerdo quatro vias perpendiculares se sobrepõem formando o conjunto de quarteirões retangulares com maior dimensão paralelos ao mar. Enquanto do lado direito o traçado urbano também é ortogonal, porém torna-se um pouco linear uma vez que na porção norte desta UE existe apenas duas vias perpendiculares a via principal⁵⁷, que estão ocupadas no sentido leste e duas no sentido oeste.

No centro das ruas simétricas, um espaço em triângulo destinado a uma praça, hoje funciona como campinho de futebol e a partir deste uma via paralela entre o campo e a rua da beira mar dá continuidade à rua central do lado esquerdo desta UE. Destas três vias estreitas perpendiculares ligam a via beira mar. Do lado direito, apesar desta via ter sido aberta quando da sua implantação do loteamento, não se consolidou, o que reforça a morfologia linear, o que pode ser visualizado na Figura 102.

⁵⁷ Considera-se esta via a principal na porção norte desta UE, por distribuir as quadras e por ser a via que faz conexão com o Yate Clube Morro dos Conventos.

Figura 100 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 05- Vias



Fonte: Google Earth/ PMA - Intervenção do autor (2015)

Como característica principal na formação de sua espacialidade, o espaço público é caracterizado a partir de um traçado de um eixo perpendicular e ao seu final um desenho geométrico de forma triangular distribui as vias lateralmente. Uma malha orgânica reticulada retangular, sobre uma planície, a configuração das quadras acontece de forma regular, com uma praça no interior deste triângulo, parte do espaço integrante da formação do conjunto dos espaços públicos estruturantes desta unidade espacial.

A partir de um primeiro parcelamento dos anos 50, este conjunto é constituído por parcelas em forma de quadras em formato retangular de maior dimensão no sentido norte-sul. O conjunto de quadras que se unem ao triângulo formado pelo eixo principal, possuem em uma das laterais um formato pontiagudo composição da malha total. Os lotes retangulares possuem a medida de 15X40 metros.

Segundo Macedo (1999), o loteamento clássico, se organiza em função de uma via principal de acesso, seja uma rodovia ou uma simples via urbana, que pode ou não correr paralela à praia. Para o autor o loteamento que possui uma via beira mar denomina a urbanização litorânea clássica e as demais contemporâneas.

Este tipo de ocupação de veraneio modifica a morfologia existente para adequá-la ao ideário urbano do bairro-jardim, onde o terreno é modelado e parcelado de modo a receber casas e lotes convencionais de dimensões maiores que os existentes, dentro de uma malha urbana tradicional. Na Figura 103 pode-se visualizar a composição das parcelas.

Figura 1013 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 05- Vias-Parcelas



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015).

Para Sitte (1945), à monotonia das cidades projetadas em tabuleiro de xadrez, onde o observador diante de espaços que se revelam sem segredos, não mantém o diálogo rico de conteúdos com o ambiente urbano, contrariamente ao traçado irregular, preenhe de estímulos visuais. (SITTE, 1945, p. 10). Concorde-se que a monotonia do traçado acontece, porém percebe-se que este caso, não se aplica para esta porção do bairro, pois os elementos naturais atuam de forma monumental, são mais fortes, mais instigantes e determinantes nesta relação de estruturação da forma, entre o natural e o urbano.

Instigantes porque a partir da monotonia do traçado, o observador pode contemplar de forma harmoniosa todo o conjunto natural resultante, sem nele perder a instigação da revelação dos segredos, mantendo um diálogo rico de conteúdos, no qual o elemento natural prevalece ao urbano.

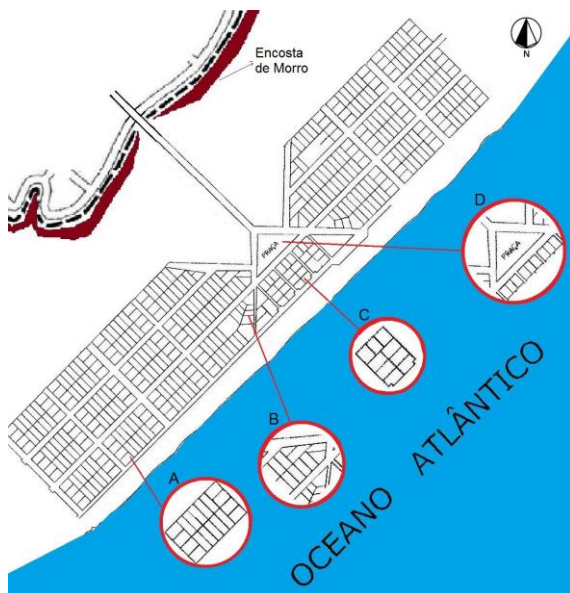
Destaca-se as dunas elevadas, o paredão rochoso do morro, a vegetação da borda do paredão que criam inúmeros segredos e despertam a curiosidade e os estímulos visuais que são aguçadas na contemplação. Sitte defende a composição formal que visa a fruição estética, aqui defendemos os segredos da natureza, para integrar a

paisagem urbana. A regularidade do traçado perde-se em oposição ao natural.

Com uma aproximação, da Unidade Espacial, através da Figura 104, observa-se que a porção "A" representa a maioria das conformações das quadras existentes nesta UE, são lotes que seguem um mesmo padrão dentro das quadras da UE 04, o que caracteriza fazer parte do mesmo processo de parcelamento, ou seja, pertencente ao "Complexo Cidade Balneária Morro dos Conventos". Consta-se também, que o conjunto de quadras segue um mesmo estilo padrão, retangulares com maior dimensão paralela à linha do mar.

Os lotes em conjunto de cinco no meio de quadra estão dispostos paralelamente, de padrão mediano e comprido com testadas de 15 metros com profundidade de 40 metros, e os da menor dimensão do retângulo estão dispostos em número de quatro, com dimensões de 20X30, o que igual a no tamanho do terreno.

Figura 1024 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 04 -Vias- Parcelas-Lotes- Aproximação



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

A porção "B" da Figura 104 apresenta a continuação dos lotes de meio de quadra nas mesmas dimensões estabelecidas pela porção

anterior, porém, devido ao encontro das vias simétricas, aqui existe um desenho na configuração da forma da quadra, com formato pontiagudo, para uma integração com as vias simétricas que formam um triângulo. Assim, os lotes passam a ser em forma de trapézios e triangulares.

A quadra da porção "C" em formato retangular possui sua menor dimensão formada por dois lotes paralelos à linha do mar, enquanto que sua profundidade é composta por um conjunto de quatro lotes alinhados dois a dois e na outra dimensão três lotes com frente para a praça do interior deste ângulo formado pelas vias simétricas. As áreas dos terrenos são correspondentes às demais.

Na porção "C" dessa Figura 104, apresentamos a quadra com formato triangular devido a simetria de duas vias em direção ao mar que partem da via principal estruturadora da parte alta com a parte baixa do "Complexo Balneário Morro dos Conventos", hoje esta instalado um parquinho infantil e um campinho de futebol. Pode-se observar nas imagens da Figura 105.

Figura 1035- Vista Parcial da Via Principal Parte Baixa/Alta- Praça/Campo Futebol - Residências lado Esquerdo/Direito - Vegetação Exótica - Vegetação de Restinga



Fonte: Arquivo Pessoal - Composição e intervenção do Autor 2015

Caracterizada como residenciais, as edificações desta unidade encontram-se dispostas em seus lotes respeitando o afastamento mínimo frontal. As vias que caracterizam os espaços públicos são todas pavimentadas em lajota, pedras e a via central entre beira mar e a paralela ao morro em asfalto, não seguem um padrão único de

pavimentação. As unidades habitacionais são compostas por edificações unifamiliares com variação de altura entre um e dois pavimentos, também a presença de alguns edifícios multifamiliares que variam entre dois e quatro pavimentos.

As edificações do lado esquerdo aparecem em maior quantidade e estão configurando uma homogeneidade na ocupação, enquanto do lado direito encontram-se praticamente dispersas (Figura 106).

Figura 1046 - O Tecido Urbano - Unidade Espacial 04 -Vias- Parcelas-Lotes-Edificações



Fonte: Elaboração do autor a partir mapa PMA (2015)

A sua cobertura vegetal tem como principal característica a presença de casuarinas nas vias públicas, passeios com gramados que formam o espaço público. No interior dos lotes para ajardinamento utiliza-se bastante vegetação exótica que ajudam a compor o entorno das edificações, compondo a paisagem desta unidade espacial. Na via beira mar próximo às dunas da praia existem uma maior concentração de casuarinas e também a vegetação rasteira para fixação das dunas. Ressalta-se aqui que próximo as edificações e lotes vazios, existe uma vegetação baixa, resquícios de restinga.

Em síntese, as ruas são paralelas à água (geratriz), assim como a face maior dos quarteirões e a maioria das testadas dos lotes. Há

predominância do quarteirão retangular alongado no qual os lotes distribuem-se, na sua maioria, perpendiculares às duas faces mais alongadas, conforme padrão tipo estipulado pelo empreendedor. Os lotes seguem na sua grande maioria o padrão estreito e comprido com testadas médias e grandes.

3.3.3.6 Unidade Espacial 06 (UE 06) - Áreas de Preservação Permanente

Esta unidade espacial se destaca por ser a maior área territorial do bairro de aproximadamente 7.317.156 m², e também por fazer limite com todas as demais unidades espaciais. É formada por áreas consideradas de interesse relevante por serem de Preservação Permanente com proteção legal, sendo elas: (a) Área e vegetação de restinga; (b) dunas; (c) costão ou encosta de morro; (d) Lagoa, riacho e Rio; (e) Praia.

Em certos pontos, esta unidade espacial também “toca” o oceano Atlântico e o Rio Araranguá. Materializa-se em grandes glebas de terra já parceladas com predomínio de vegetação remanescente. Ao norte e noroeste destaca-se o rio Araranguá. (ver Figura 107)

Figura 1057 - Unidade Espacial 06 - Áreas de Preservação Permanente



Fonte: Intervenção do autor sobre Foto Google Earth (2015)

Nota-se o limite da UE 06 marcado em amarelo com a praia e o Oceano Atlântico, com a UE 05, UE 03 e com a encosta de morro na cor grená.

A exuberância natural da área é reconhecida, citada pelos primeiros desbravadores da região (DALL'ALBA, 1995). Este setor é caracterizado pelos espaços naturais que permaneceram após a ocupação, devido seus aspectos de conformação e dos seus atributos naturais são áreas de preservação permanente conforme legislação nacional.

Segundo Lamas (1993, p.67), esta noção recente de defesa do ambiente natural surge justamente em decorrência da crescente ameaça à integridade dos sítios que vão se tornando um bem raro e conseqüentemente precioso, na medida em que, a partir do século XX, o uso e exploração do território se sobrepõe a qualquer processo equilibrado que visa sua otimização.

Consideradas de preservação, estas áreas estão entremeadas às áreas já ocupadas ou ainda em processo de ocupação, ambas formam uma composição, um verdadeiro mosaico. O construído avançando sobre o natural e este sobre o construído, uma dinâmica constante que modifica as bordas entre um e outro.

As bordas nesse caso são entendidas como, as áreas de fronteira construída e a natural, entre as áreas do bairro, conforme descreve Lynch (1985) ao colocar os elementos marcantes da paisagem urbana:

"São as bordas características dos setores e marcam visualmente seu término. [...] Muitas vezes os limites se confundem com barreiras ao crescimento (antigas ou atuais), o que faz sentido, uma vez que elas são elementos importantes na formação do tecido." (LYNCH, 1985).

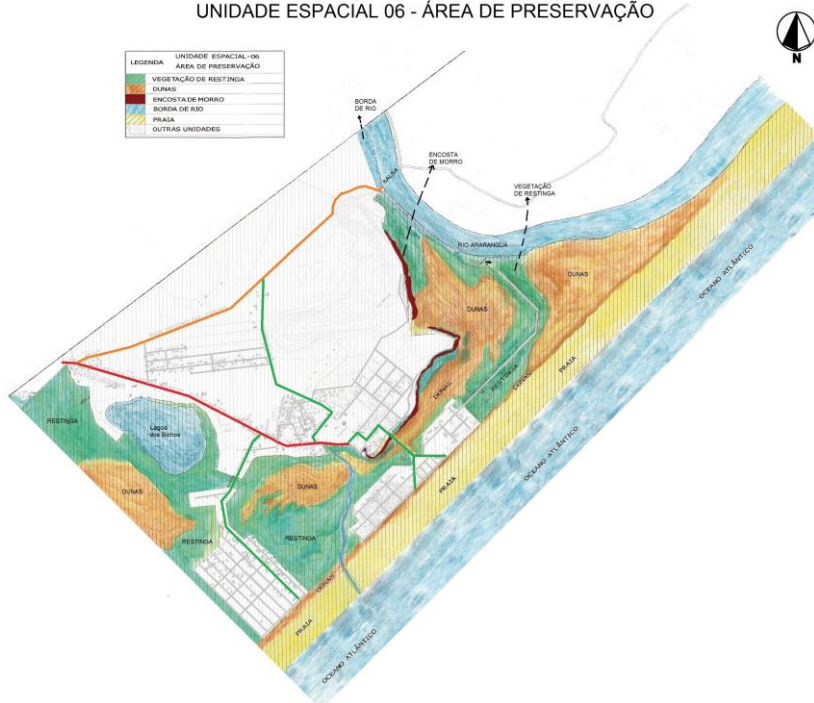
Além disso, o bairro possui diversas características comuns a outras áreas periféricas da cidade, principalmente no que se refere às suas origens e às formas de ocupação, sem muito controle e de forma não coerente com as áreas de preservação o que para muitos soa como desorganizada e sem planejamento.

Para efeitos de preservação a Lei Federal que Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa é a de nº 12651 de 25/05/2012. Versando sobre "As áreas de preservação permanente e da delimitação destas áreas", contempla o Capítulo II que através do artigo 4º é explícito ao determinar quais áreas são consideradas como "Área de Preservação Permanente", em zonas rurais ou urbanas.

Na configuração espacial do Bairro Morro dos Conventos com uma variação bastante significativa, diferentes são as áreas de preservação, entre elas: bordas de rios e demais cursos d'água, ao redor de lagoas, nascentes, topo de morros, montes, montanhas e serras, nas encostas ou partes destas, com declividade superior a 45°, equivalente a 100% na linha de maior declive, nas restingas, como fixadoras de dunas ou estabilizadoras de mangues, nas bordas dos tabuleiros ou chapadas, a partir da linha de ruptura do relevo, em faixa nunca inferior a 100 (cem) metros em projeções horizontais, dunas, proteger sítios de excepcional beleza ou de valor científico ou histórico e asilar exemplares da fauna ou flora ameaçados de extinção.

A partir destas considerações do instituto legal, apresentamos as áreas de Preservação conforme a Figura 108 que compõem esta Unidade Espacial: (a) Área e vegetação de restinga; (b) dunas; (c) costão ou encosta de morro; (d) Lagoa, riacho e Rio; (e) Praia.

Figura 1068 - Mapa com a delimitação da UE06 - Áreas de Preservação
UNIDADE ESPACIAL 06 - ÁREA DE PRESERVAÇÃO



Fonte: PMA- Alterada pelo autor (2015)

a. Vegetação de Restinga

Morro dos Conventos está localizado no âmbito do Bioma Mata Atlântica, com formação vegetacional considerada "Restinga", que situadas em terrenos predominantemente arenosos de origem marinha, lagunar e eólica estas comunidades vegetais Figura 109, formam um complexo pioneiro que depende mais da natureza do solo que do clima e são característicos de praias, cordões arenosos, dunas e depressões associadas a planícies.

Figura 1079 - Vegetação de Restinga



Fonte: Arquivo pessoal com intervenção do autor sobre Foto. (2015)

A vegetação de restinga recobre e fixa a duna e a protege ao desacelerar a ação do vento na superfície, acumular as areias em sua base e originar, assim, a rampa que caracteriza a duna frontal. Esta cobertura vegetal abrange áreas de ante-dunas, dunas móveis, semi-fixa, fixa e baixada úmida. Estão no entorno das lagoas, riachos e também nas proximidades do leito do Rio Araranguá, entre outros diversos corpos d'água perenes e temporários. Percebe-se através da Figura 110, que na UE 06 mantém uma boa porção desta vegetação com suas características predominantes e parte em processo de regeneração.

Figura 108 - Vegetação de Restinga por entre as dunas



Fonte: Arquivo pessoal com intervenção do autor sobre Foto. (2015)

O termo restinga foi definido pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA, 1999), através da Resolução N°261 de 30 de Junho de 1999, para fins de regulamentação do Artigo 6° do Decreto N°750 de 10 de Fevereiro de 1993, sobre as normas e restrições de uso da Mata Atlântica. Segundo esta resolução:

“Entende-se por restinga um conjunto de ecossistemas que compreende comunidades vegetais distintas, situadas em terrenos predominantemente arenosos, de origem marinha, fluvial, lagunar, eólica ou combinações destas, de idade quaternária, em geral com solos pouco desenvolvidos. Estas comunidades vegetais formam um complexo vegetacional edáfico e pioneiro, que depende mais da natureza do solo que do clima, encontrando-se em praias, cordões arenosos, dunas e depressões associadas, planícies e terraços.”

A utilização do solo de forma demasiada impulsionou a destruição destas áreas de vegetação de restinga nesta região. Esta utilização contribuiu para a desconfiguração destes ecossistemas e a perda da sua cobertura vegetal. Porém, ao longo dos últimos anos, a partir de legislações preservacionistas o abandono das atividades sobre a restinga vem apresentando diversos estágios de sucessão secundária, que

consiste na recolonização dos terrenos por espécies pioneiras, que criam condições para o aparecimento de espécies mais exigentes, o que leva a uma recomposição da vegetação original.

A preservação do perfil arenoso do solo é importante em áreas de restinga, pois por esse solo ser altamente poroso, a água das chuvas infiltra-se com facilidade, reduz os riscos de enchentes e os custos com obras de drenagem, ratificando a importância ecológica e econômica da restinga.

O processo de urbanização está diretamente relacionado com a redução da vegetação original na região.

b. Dunas

O relevo é o piso sobre os quais se fixam as populações humanas, desenvolvendo suas atividades. “As formas ou conjunto de formas de relevo participam da composição da paisagem em diferentes escalas. Relevos de grandes dimensões, ao serem observados em curto espaço de tempo, mostram aparência estática e imutável; entretanto estão sendo permanentemente trabalhados por processos erosivos e deposicionais, desencadeados pelas condições climáticas” (GUERRA; CUNHA, 1997).

Estas elevações de areia situadas ao longo da costa, logo após os cordões das praias e já fora da zona das marés, constituem as dunas. Seu modelado deve-se à ação dos ventos, podendo ou não ser fixadas por intermédio de vegetação (Figura 111).

No Bairro Balneário Morro dos Conventos, os campos de dunas acontecem de várias maneiras, na base das formações rochosas aparecem de forma majestosa, com porções bastante elevadas devido ação dos ventos (Figura 112). Sendo constituídas por uma elevação mais alta, seu desenho acompanha o desenho do o contorno das formações rochosas, porém entre estas uma faixa de vegetação.

Figura 1091 - Vista parcial das Dunas mais elevadas frente ao paredão rochoso



Fonte: Arquivo pessoal, 2008

Figura 1102 - Vista parcial das Dunas mais elevadas frente ao paredão rochoso entremeadas por vegetação



Fonte: Arquivo pessoal, 2008

Ao sul entre a Lagoa dos Bichos e a UE 03 conhecida como Loteamento Paiquerê, as dunas aparecem de maneira esparsa, ao contrário do que acontece na faixa de praia fronteira com o mar que formam, através de seus sucessivos montes, um verdadeiro cordão no sentido norte até ao encontro do Rio Araranguá. Na borda norte da encosta das elevações rochosas, uma imensa área de dunas segue de maneira descendente até a vegetação que emoldura a margem do rio Araranguá. (Figura 113)

Figura 1113 - Vista parcial das Dunas situações diversas



Fonte: Arquivo pessoal do autor 2008

Os processos de formação e modelagem do relevo são de ordem endógena (forças oriundas do interior da terra) e exógena (climáticas, hidrológicas, biológicas), levando à modificação das formas de relevo através do tempo.

Embora as dunas, hoje, representem um grande potencial paisagístico, em termos ambientais a sua ocupação e desestabilização tem representado a destruição destes potenciais. No entanto podemos ver nas imagens da Figura 114 que a paisagem desta Unidade Espacial, revela elevadas dunas e extensos campos de dunas na faixa praias desta zona costeira e ao seu entorno algumas lagoas e lagunas das quais são formações que tem um importante papel na estabilização da área de praia. Seu principal agente de formação é o vento; as dunas captam os

sedimentos provenientes dos maciços costeiros próximos barrando a chegada de sedimentos continentais ao mar.

Figura 1124 - Vista parcial das Dunas mais elevadas frontais e campos de dunas.



Fonte: Arquivo pessoal com intervenção do autor sobre Foto. (2015)

Na praia as areias finas, polidas, de alta maturidade que, por muito tempo, estão submetidas à ação das ondas e ventos formam um sistema fechado onde a elevação do nível do mar, o aumento na intensidade das ondas ou maior frequência de tempestades refletirá diretamente em erosão costeira por déficit sedimentar.

As dunas frontais formam uma faixa arenosa após a faixa praial, isto faz com que sofra com os problemas decorrentes da erosão marinha causada em momentos de ressacas. Nas imagens da Figura 115 podemos observar que a duna frontal da praia de Balneário Morro dos Conventos localiza-se próxima a área mais urbanizada da localidade.

Figura 1135 - Vista parcial das Dunas frontais e faixa praial frente à área mais urbanizada



Fonte: Arquivo pessoal com intervenção do autor sobre Foto. (2015)

Na área urbanizada são poucos exemplares, mas existem edificações que estão construídas quase que sobre as dunas frontais (ver

Figura 116). Estas edificações estão sujeitas, portanto, à ação erosiva direta do mar.

Figura 1146 - Vista parcial dos Campos de Dunas e construções sobre as dunas



Fonte: Arquivo pessoal com intervenção do autor sobre Foto. (2015)

Sarre (*apud* Cruz, 1998)⁵⁸ considera serem as dunas frontais as responsáveis pela defesa natural costeira, também Ian Mc. Harg (2000, p.7) concorda que as dunas estabilizadas constituem “o muro de defesa da terra”, com a vantagem de serem mais flexíveis que muros ou diques, uma vez que assimilam às ondas e ao mesmo tempo reduzem sua velocidade e amortecem sua força. Ao contrário, os muros de contenção costeira potencializam a força das ondas e terminam sucumbindo à batida constante do mar. A duna frontal é a reserva de areia que auxilia a proteger a costa do avanço do mar por ocasião de tempestades ou devido à elevação do nível do mar.

Quanto às dunas, a Resolução CONAMA 004/85 define estas como uma formação arenosa produzida pela ação dos ventos no todo, ou em parte, estabilizada ou fixada pela vegetação. As dunas servem de

⁵⁸ MUEHE, Dieter. Definição de limites e tipologias da orla sob os aspectos morfodinâmico e evolutivo. In: Subsídios para um projeto de gestão / Brasília: MMA e MPO, 2004. (Projeto Orla). 104 p.

barreira natural à invasão da água do mar e da areia em áreas interiores e balneários. Também protegem o lençol de água doce, evitando a entrada de água do mar.

Considerando-se as dunas de formação geológica recente, sua relativa estabilidade depende da vegetação fixadora. Se o uso de poços pouco profundos acarreta o rebaixamento do nível de água subterrânea para abaixo do permitido, a vegetação que estabiliza o terreno morre; por outro lado, com a construção de edificações em área tangencial ao “arraste litorâneo”, a fonte de areia que está repondo a duna será anulada. Outro fator importante seria a vulnerabilidade ao trânsito de pedestres sobre as dunas e vegetação de restinga é o que observa-se nas imagens da Figura 117.

Figura 1157 - Vista parcial do Acesso de veículos, estacionados e circulando na faixa praial



Fonte: Tadeus Santos (2015)

Atualmente por determinação do Ministério Público (Anexo 02) a circulação de automóveis na praia esta proibida. Esta prática é utilizada na região para facilitar o acesso aos balneários vizinhos, já que as vias de ligação ainda são muito precárias. Isto gera perturbação no ambiente praial, compacta a areia e afeta muitas espécies vegetais, ao destruir os bancos de sementes e espécies animais que ali vivem ou se alimentam, além de prejudicar as atividades de lazer dos moradores e turistas frequentadores das praias.

c. Costão e Encosta de Morro

As encostas aparecem como uma faixa estreita e descontínua no extremo sul de Santa Catarina e representam testemunhos do recuo da linha de escarpa conhecida como Serra Geral. As formas de relevo alongadas e irregulares avançam sobre as planícies costeiras onde a alta capacidade erosiva do principal rio eventualmente fragmenta o território e contextualiza a paisagem.

Na área em estudo a configuração natural destaca-se por sua grandiosidade na formação visual dos cenários locais. O morro existente neste setor é considerado uma referência geomorfológica na região litorânea do município de Araranguá (SC). Conhecido também como Geomonumento Morro dos Conventos. Trata-se de um geossítio, um pequeno morro testemunho em forma de falésia localizado, próximo da foz do rio Araranguá. (Figura 118).

Figura 1168 – Vista aérea parcial do geossítio no Morro dos Conventos



Fonte: Google Earth - Foto Panorâmico (2015)

Este morro possui uma elevação de aproximadamente 60 metros e é formado por rochas sedimentares da Formação Rio do Rastro. A partir da praia é possível visualizar as alternâncias composicionais do afloramento que apresentam basicamente camadas tabulares de areia e argilas. (Figura 119)

Figura 1179 - Vista parcial das camadas tabulares das rochas sedimentares



Fonte: www.panoramio.com.br em 21/05/2014

Nos arredores do geossítio ocorrem os campos de dunas que se estendem por toda faixa litorânea da praia. E na sua base ocorrem pequenas furnas que são acessadas por meio de trilhas a partir das matas de restinga e dunas. Estas furnas são consideradas sítios arqueológicos conforme apresenta as imagens A e B da Figura 120.

Figura 11820- (A)- Vista parcial localização das Furnas, a seta vermelha sinaliza a localização do Sítio Arqueológico; (B) Vista parcial da parte interna das Furnas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No topo da borda do morro está instalado um importante farol de navegação (1953) circundado por uma área com estacionamento e um mirante com vista privilegiada para a foz do rio Araranguá e mar. (Imagens da Figura 121)

Figura 1191 - Vista parcial do Farol datado de 1953 no Morro dos Conventos



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O Código Florestal Brasileiro (Lei 4.771 de 1965) definiu os topos de morro e montanha como Áreas de Preservação Permanente (APPs). A resolução CONAMA 303/2002, considera que áreas de topo de morro são definidas como sendo “delimitadas a partir da curva de nível correspondente a dois terços da altura mínima da elevação em relação à base⁵⁹” e que morros⁶⁰ e montanhas⁶¹ separados por menos de 500 metros devem ser considerados como um só. Portanto, as bordas e a encosta do morro desta UE funcionam como elementos naturais de preservação permanente e compõem a estrutura morfológica do espaço natural. Servem para um bom desempenho e interação dos diversos componentes deste ecossistema, e por outro lado, são atributos que

⁵⁹ base de morro ou montanha: plano horizontal definido pela planície ou superfície de lençol d’água adjacente ou, nos relevos ondulados, pela cota da depressão mais baixa ao seu redor. CONAMA (Resolução nº 303, de 20 de março de 2002)

⁶⁰ definição de morro: elevação do terreno com cota do topo em relação à base entre cinquenta e trezentos metros e encostas com declividade superior a trinta por cento (aproximadamente dezessete graus) na linha de maior declividade. CONAMA(Resolução nº 303, de 20 de março de 2002)

⁶¹ definição de montanha: elevação do terreno com cota em relação a base superior a trezentos metros. CONAMA (Resolução nº 303, de 20 de março de 2002)

compõem a paisagem e destacam-se por suas dimensões consideráveis, suas formas, sua altura, seu desenho e sua sinuosidade alongada. (Figura 122)

Figura 1202 - Vista frontal do geossítio a partir da praia do Morro dos Conventos. Na foto pode-se visualizar a estrutura tabular das rochas do Morro dos Conventos e as dunas presentes na área.



Fonte: www.cprm.com.br em 21/05/2014

Neste sentido tem uma função de extrema importância para composição da forma deste lugar. Funciona como elemento natural para ordenação e na estruturação deste território, bem como um controlador das dinâmicas populacionais de variadas espécies.

Nas bordas da parte alta, tem como principal função a estruturação do lugar, como elemento marcante para a prática do turismo de contemplação da paisagem, também como pontos de práticas de esportes radicais entre eles vôos de parapentes e escaladas (rapel). Atua também como mirante natural, que entre os meses de julho a novembro é possível observar as baleias francas que migram para a costa sul brasileira nos períodos de procriação.

Estas formações rochosas são elementos delimitadores do lugar. Funcionam como limites naturais que ajudam na divisão das Unidades Espaciais e como principal característica a sua notável colaboração com a sua imponência na paisagem para a percepção do lugar.

d. Água - Lagoa, riacho, Rio e- Borda de Rio

A hidrografia é forte na caracterização do lugar. Identificam-se na área formações relevantes, como as lagoas, riachos, os canais, as plantações e o mar, que, por seus limites infinitos fortalecem a identidade visual. O mar aberto revela um horizonte infinito que se impõe por sua extensão.

A água é uma fonte de vida, energia, conforto e prazer, um símbolo universal de purificação e renovação. Como um ímã primordial, atrai uma

parte primitiva e bastante profunda da natureza humana. Mais do que qualquer outro elemento além das árvores e dos jardins, tem o potencial de forjar um elo emocional entre o homem e a natureza. (SPIRN, 1995, p. 159)

A água é o mais precioso recurso das cidades. Ela não é apenas um pré-requisito para a saúde, é essencial à vida. A manutenção dos elementos naturais está fortemente conectada ao bom funcionamento do sistema hídrico característico do lugar, para isso, a áreas onde há dinâmica de circulação e inundação das águas superficiais ou subterrâneas devem ser resguardadas. Desta forma, uma proposta de ocupação urbana que considere os aspectos ambientais deve considerar a prevenção de enchentes, a manutenção dos recursos hídricos, conservação e recuperação da água dos mananciais. (ver Figura 123)

Figura 1213 - A- Vista parcial aérea do Rio Araranguá no Morro dos Conventos. B- Vista parcial no sentido norte a partir do Farol



Fonte: www.panoramio.com.br em 21/05/2014

A Lei 12.651/12 manteve o mesmo conceito dado para as APPs estabelecido no Código de 1965, considerando o caráter de preservação da área, independente de estar ou não coberta por vegetação nativa. Mantém ainda as funções ambientais, isto é, a preservação dos recursos hídricos, da paisagem, da estabilidade geológica e da biodiversidade, bem como de promover o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e de assegurar o bem-estar das populações humanas.

O conjunto das atividades urbanas define de forma bastante significativa o regime hídrico urbano. Para tanto, o entendimento da hidrografia local consiste em identificar áreas que possam vir a sofrer deslizamentos ou inundações, por causas naturais ou artificiais e até mesmo o modo como a forma urbana afeta os recursos hídricos disponíveis e o ciclo hidrológico. Isso significa compreender o espaço

necessário para o bom funcionamento da drenagem natural, da formação dos rios, das reservas subterrâneas e dos campos alagadiços nas áreas de intervenção.

O rio Araranguá é um exemplo, conhecido por suas constantes inundações na região, um dos motivos para isso acontecer é a sua pouca vazão quando encontra o Atlântico. Por outro lado seus atributos realçados na paisagem por suas dimensões consideráveis, sua forma alongadas, sinuosa e grande largura as fazem se destacar na paisagem.

A Lagoa dos Bichos faz parte do manancial hidrológico desta unidade espacial, situada mais ao sudoeste do território na planície onde recebe todas as águas da drenagem natural desta porção territorial e evidencia um imenso reservatório de água para onde fluem as águas subterrâneas que se deslocam das encostas em direção ao oceano. (Figura 124).

Figura 1224 - Vista parcial da Lagoa dos Bichos ao fundo propriedades da UE-01



Fonte: arquivo pessoal do autor (2014)

Da Lagoa dos Bichos seguem pequenos riachos de forma sinuosa atravessando a planície ao encontro do oceano. De forma sinuosa passa pelo canal artificial sob a via que faz a ligação ao Balneário Paiquerê, margeia pelos espaços por entre a restinga, as dunas e a borda norte das

margens do loteamento Paiquerê, seguindo em forma de pequeno arroio corrente. (Figura 125).

Figura 1235 - Vista parcial de riachos e canais a partir da lagoa dos Bichos



Fonte: www.panoramio.com.br em 21/05/2014

Nesta planície sedimentar, o lençol freático é bastante superficial, aflorando em alguns pontos e contribuindo para a formação de banhados. (Figura 126).

Figura 1246 - Vista parcial da formação de banhados



Fonte: www.panoramio.com.br alterada pelo autor 2015

Um segundo riacho que surge a partir da vegetação logo ao término das elevações rochosas da porção sul da UE05, seguindo também ao encontro do oceano. Percorre em meio a restinga, as dunas através do seu percurso natural até chegar na área urbanizada e ali, seu percurso foi desviado por uma drenagem, um canal retificado em sentido retilíneo que passa pela lateral sul em sentido reto até chegar as areias da praia.

3.4 SÍNTESE DAS UNIDADES ESPACIAIS

A partir da análise dos dados levantados, apoiado no estudo de caso apresentado, o trabalho oferece um panorama geral dos elementos que compõem o espaço natural e os elementos constitutivos do tecido urbano do Balneário Morro dos Conventos para uma compreensão da sua morfologia, afim, de contribuir em possíveis intervenções na ordenação dos espaços ocupados, ocupáveis e não ocupáveis de forma adequada para o desenvolvimento futuro do território.

Os subsídios fundamentais, que nos permitem compreender a morfologia na realidade local, são embasados pelo referencial teórico pesquisado e nos permitem dizer que a morfologia da atualidade e o modo como têm se estabelecido as transformações, bem como as fragilidades ambientais do sítio, apontam para a necessidade de sintetizar um conjunto de informações que permita discutir diretrizes propositivas para o desenvolvimento futuro do balneário, a morfologia dos seus espaços naturais, dos seus espaços construídos e as suas relações.

A fim de compreender o processo de ocupação, seus espaços públicos e a relação entre os ecossistemas existentes do todo, foi necessário descrever as formas de tecido urbano e a composição do espaço natural, através da divisão do território em 06 Unidades Espaciais, que resultou no entendimento de cada uma das Unidades, das suas características, peculiaridades e dos elementos que o constituem na configuração dos espaços.

A Unidade Espacial 01 se mostrou com forma urbana diversificada, a partir de três características de ocupações diferenciadas, estas formas de nucleação encontram-se normalmente associadas a zonas de povoamento linear disperso com pequena ocupação concentrada na SUE-01-A. Embora se verifique claramente a abertura de novos arruamentos para garantir os acessos às parcelas existentes e com pouca ocupação (SUE-01-B). As estruturas lineares observadas nem sempre determina delimitações espaciais claras, há uma dispersão no território, contudo trata-se de uma ocupação ordenada e que segue a estrutura

fundiária pré-existente. A SUE-01-C caracteriza-se por uma ocupação mais concentrada e densa, sendo que suas transformações ao longo do tempo não alteraram profundamente sua estrutura, o que talvez se deva ao fato dos tecidos deste aglomerado serem antigos e portanto com características urbanas mais marcadas. No entanto, a forma urbana dos aglomerados apresentam variações no nível da malha que resultam fundamentalmente do processo de crescimento mais recente. Os elementos considerados estruturados da morfologia resultante foram as vias principais de ligação da cidade com o bairro e com outros núcleos fora deste, a estrutura fundiária pré-existente e a concentração dos equipamentos comunitários.

Ao cruzarmos informações obtidas através dos mapas mentais (ANEXO 01), constata-se que, na percepção dos entrevistados, estes elementos estão presentes como elementos de legibilidade, sendo que a via principal estruturadora do Bairro foi evidenciada na Categoria de via (11%). Observa-se também, que na categoria dos equipamentos comunitários/posto de combustível, os estabelecimentos comerciais, que atuam como pontos de convergência e pontos focais foram citadas perfazendo uma porcentagem de (9% do total dentro desta categorias), são pontos focais que pouco foram evidenciados nos mapas mentais, considerando que esta constatação deve-se ao fato de que na grande maioria dos entrevistados que mencionaram este item foram os moradores desta Unidade. Pode-se concluir que, embora sejam elementos importantes na conformação da morfologia urbana e que foram considerados no estudo, em relação à legibilidade tanto para os moradores como para os turistas foram elementos muito pouco evidenciado. E como elemento natural marcante apareceu a Lagoa dos Bichos que funciona como limite

A Unidade Espacial 02, apesar de se mostrar como uma área Rural e agrícola de pouca expressividade no Bairro Balneário Morro dos Conventos, a agricultura é atualmente a maior fonte geradora de renda para economia local, com predomínio de plantações de fumo, mandioca e milho, que durante as safras oferecem a geração de empregos para boa parte dos moradores deste lugar movimentando a economia local.

Esta Unidade apareceu nos mapas mentais (ANEXO 01), apenas como um local de passagem (caminho), devido a sua via estruturadora que leva até a balsa para travessia do rio. No entanto ela é de fundamental importância para a vitalidade do respectivo Balneário, também pela sua função de permeabilidade do solo. Mesmo que esta Unidade traga pouca referência aos entrevistados em relação aos elementos de ocupação antrópica, percebe-se que o “vazio” fez parte da

leitura da paisagem e incorporou de certa forma a legibilidade da morfologia do bairro. Na análise efetuada, esta área se diferenciou das demais áreas que ainda mantêm características naturais, pois mesmo estando “vazia” ela é uma área antropizada e interfere tanto na paisagem como na morfologia do bairro.

A Unidade Espacial 03 evidenciou a figura do loteamento sobre uma planície bastante ampla. Seu desenho orgânico, no qual suas vias possuem papel fundamental, apoiado nas curvas de nível (planície costeira), resulta em uma povoação relativamente escassa, formada por unidades esparsas. Trata-se de uma Unidade afastada das demais áreas urbanizadas, ocupando os terrenos entre a planície litorânea de frente ao mar e as áreas de preservação permanente (UE-06).

Quando do cruzamento de informações com as dos mapas mentais (ANEXO 01), observou-se que a referida Unidade foi mencionada apenas dentro da categoria de Ocupações/Edificações e com pouca representatividade (5%). Entende-se que a falta de articulação e o distanciamento das outras áreas ocupadas esta Unidade é muito pouco percebida pelos moradores do bairro e pelos visitantes e representa um papel pouco relevante para a legibilidade do bairro. Talvez isto ocorra por ser uma ocupação horizontal e que não faça parte de pontos focais significativos. De qualquer forma, a percepção dos entrevistados que incluíram elementos desta Unidade em seus mapas foi a de unidades isoladas que formavam uma mancha de ocupação afastada das demais. Salienta-se aqui que a maior parte desta parcela foram os entrevistados da própria Unidade. Conclui-se para a grande maioria dos entrevistados este loteamento não faz parte do bairro.

As Unidades Espaciais 04 e 05 apresentaram características em que ambos os casos, é possível reconhecer estas áreas pela sua rígida geometria com planos ortogonais. Em geral, foram concebidas como áreas de residência destinadas à burguesia e classe média, pois eram as únicas que podiam pagar os altos valores dos lotes, resultado da localização do empreendimento, conforme assinala Capel (1983). Ele lembra as diferenças em cidades menores, onde a burguesia continuou morando nos centros tradicionais. Como este tipo de parcelamento tornou áreas socialmente seletivas devido ao seu custo, não absorveram todo o crescimento urbano, pois não acolheram residências populares.

Ao cruzarmos as análises iniciais com as características e elementos dos Mapas Mentais (ANEXO 01), pode-se perceber que a Unidade Espacial 04 foi a que mostrou maior legibilidade dos elementos do espaço público como estruturadores do Bairro. O maior marco referencial do Balneário encontra-se nesta Unidade. O Farol foi

evidenciado em 29% dos mapas e também o Hotel que apareceu em 33% dos mapas como pontos referenciais, ambos implantados na mesma época. Nota-se aqui que, devido a permanência do Hotel ao longo das décadas ele passou a ser considerado como um marco referencial.

Os desenhos dos mapas mentais retrataram também os núcleos das ocupações residenciais da parte alta. As vias que apareceram como principais são a que segue até o farol representando 11%, ao seu final o estacionamento com 4%, e a via que conecta a parte alta e a parte baixa com maior representação em 21%.

O cruzamento com a Unidade Espacial 05 mostra uma correlação direta com a Unidade Espacial 04, pois como ambas estão unidas pela principal via estruturante, esta foi a mais evidenciada pelos entrevistados, confirmando ser um elemento estruturador da morfologia e da legibilidade do bairro. Constatou-se que realmente esta via é a maior articuladora das Unidades estudadas e o mais significativo espaço de estruturação do bairro. Outro elemento importante de legibilidade da UE-5 e do bairro é o Edifício Erechim, por se tratar de uma Edificação erguida nos anos 50 e a primeira edificação da parte baixa do Balneário e sua permanência ao longo da evolução do bairro o consolidou como um marco referencial. Também foram evidenciados nos desenhos os edifícios Araranguá e Criciúma em menor proporção (10%), devido a suas implantações estarem na base da parte alta anterior às dunas e estarem lado a lado representando um conjunto de edificações modernistas.

Percebemos também nas UE-04 e 05, que os elementos naturais são os que mais constam de todos os mapas mentais (ANEXO 01). Tanto na parte alta como na parte baixa estes elementos naturais estão mais correlacionados ao limite imposto pelo paredão das falésias. Do ponto de vista da análise visual da paisagem local, os elementos naturais são os elementos que, tanto na análise morfológica efetuada como na percepção da maioria dos entrevistados, se destacaram na paisagem e na morfologia do bairro. Isto confirma estes elementos naturais como os principais estruturadores da imagem do Morro dos Conventos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da morfologia urbana do Balneário Morro dos Conventos, dos seus elementos estruturadores e conformação urbana é o resultado de uma análise atenta das variações da forma do Balneário e dos seus elementos morfológicos, assim como dos fenômenos que lhe deram origem ao longo de oito décadas.

Compreender a dinâmica do território no espaço e no tempo é uma das vias para consagrar um melhor entendimento do modo de intervir no futuro. É neste sentido que esta Dissertação espera poder constituir-se como uma contribuição síntese para esse reconhecimento.

Com isso, a análise da forma urbana precisa considerar os diferentes momentos históricos, além de reforçar que pode se constituir em importante caminho para se compreender as transformações que ocorreram e que ainda se encontram em curso no espaço urbano, uma vez que evidência, os processos que atuam nesta dinâmica espacial e temporal.

No Capítulo “A Cidade, sua Morfologia e Paisagem” nos aprofundamos em um estudo teórico que possibilitou um maior entendimento e compreensão da Cidade, da Morfologia Urbana, da Forma Urbana e suas Análises. Contemplou também o estudo dos Espaços Públicos Urbanos, a Origem e Morfologia das Cidades no Brasil, a Dinâmica de Ocupação no Litoral de Santa Catarina e As Cidades Catarinenses que levaram à identificação da dinâmica de ocupação urbana e da sua relação com os elementos da morfologia das cidades.

O Capítulo “A Cidade de Araranguá: Sua Origem” representou um conhecimento a cerca do histórico do município, na Sua Morfologia Urbana, uma aproximação maior do processo de Ocupação e a Proposta Inicial da “Cidade Balneária Morro dos Conventos”, seu Traçado, Parcelamento e Edificações. Aqui possibilitou a primeira leitura por meio da Morfologia do Balneário Morro dos Conventos Contemporâneo. A estrutura morfológica levou a constatação dos elementos estruturadores como seu Traçado, Parcelamento, Edificações e da grande importância dos elementos naturais como características de permanência em diferentes escalas com capacidade para condicionar a ocupação do Balneário Morro dos Conventos.

Neste capítulo, também a divisão do Balneário em 06 Unidades Espaciais para um estudo mais minucioso da sua estruturação, forma dos traçados viários, padrões espaciais Urbanístico-arquitetônicos potencialmente capazes de relacionar com a escala da Cidade à escala

Local, seu entorno evidenciando seus aspectos do meio construído e do meio natural.

Para uma maior compreensão de como as pessoas apreendem e formam a imagem do balneário, o ANEXO 01 através de um questionário, de uma confecção de um Mapa Mental traduziu em “Uma Aproximação à Imagem Pública do Morro dos Conventos” que gerou um mapa síntese do local.

Foi partindo-se desta perspectiva que realizamos o estudo da Morfologia do Balneário Morro dos Conventos, baseando-se em conceitos pré-estabelecidos, através da revisão bibliográfica, fundamentada em metodologias e estudos anteriores, relacionados à forma urbana, entre eles: Serra (1936), Lynch (1960), Lamas (2004), Panerai (2006), complementada com o levantamento de informações e da caracterização da evolução da ocupação urbana.

O Morro dos Conventos, desde muito cedo, marcou a sua posição no litoral sul catarinense, recorrer ao processo histórico como forma de entendimento da morfologia urbana no estudo das cidades, foi de fundamental importância para compreensão das dinâmicas da ação das diferentes gerações, das suas acumulações e substituições.

A identificação das características morfológicas e dos elementos estruturantes do espaço do referido lugar, contribuiu para um entendimento amplo do processo de formação espacial do território.

Assim, os elementos da estruturação do espaço do Balneário Morro dos Conventos contribuem no sentido de compreender as dinâmicas e a complexidade do espaço urbano X espaço natural, suas relações com entorno e o significado para a região.

Na percepção das pessoas entrevistadas na pesquisa, de acordo com os dados coletados e analisados no estudo de caso (ANEXO 01), o sítio apresenta características peculiares em seus espaços construídos e aqui, seus elementos naturais desempenham um papel importante para a formação das suas paisagens que contribuem em manter a atividade turística, a legibilidade para apreensão e formação da imagem do Balneário Morro dos Conventos pelos atores sociais, representado por seus moradores, frequentadores e visitantes.

Isso se deve ao fato de o ambiente natural da região caracterizar-se por diferentes composições vegetais, específicas das áreas costeiras do centro-sul do país. No Balneário Morro dos conventos suas expressivas paisagens naturais, são caracterizadas pelo encontro entre o mar, o rio Araranguá, as dunas, as falésias, planícies quaternárias, a restinga e as montanhas da Serra Geral. A qualidade ambiental e visual desses ecossistemas tem sido afetada pela ocupação antrópica, com

redução da biodiversidade, da fauna, da flora e contaminação de recursos hídricos.

Evidenciou-se na análise, que no referido Balneário o seu crescimento se deu após um surto ocupacional desregulado, que se estendeu sobre áreas de interesse paisagístico e ambiental e hoje tem estado quase que estagnado, com pouca transformação em seu território. Isso se deve tanto em existência de grandes glebas ainda não urbanizadas que pode resistir em função da pouca pressão da especulação imobiliária como também pela efetiva atuação dos órgãos ambientais em impor limites no crescimento. Cabe salientar que as grandes glebas conforme consta nas informações no órgão competente do cadastro do município, pertence a empresários que podem estar aguardando momentos propícios de mudanças no mercado imobiliário para lançar novos empreendimentos, o que poderia mudar substancialmente a relação de forças e a pressão sobre as áreas de preservação hoje ainda existentes.

A continuidade dos processos de crescimento coloca em pauta uma das questões mais delicadas e importantes no presente espaço urbano do Balneário Morro dos Conventos, que se refere à delimitação entre área urbanizada e ambiente natural. Atualmente, parte dessas áreas de preservação não se relacionam com a ocupação urbana e em outra parte existe uma maior aproximação. No entanto se faz necessário aprimorar essa relação e fazer com que essas áreas de preservação tornem-se espaços de mediação entre o meio construído e o meio natural.

A importância que as áreas de proteção ambiental atualmente desempenham como núcleos de preservação dos ecossistemas esta diretamente relacionada à possibilidade delas serem os limites da ocupação e fazerem parte de um sistema mais amplo voltado a uma sustentabilidade ambiental do local. As áreas de preservação necessitam estar associadas a áreas urbanas com diferentes níveis de proteção do sistema natural. Nesse sentido, através de um estudo mais aprofundado com outras linhas do conhecimento científico para o estabelecimento de possíveis zonas de transição, entre áreas com predominância das características naturais e áreas com predominância das características urbanas, sugere a delimitação de áreas mais favoráveis à ocupação urbana.

Salienta-se aqui, que se passaram quase 08 (oito) décadas e não houve a consolidação e homogeneização nas áreas existentes passíveis de ocupação, o que encaminhou ao presente estudo.

Se, por um lado, são restringidos os usos urbanos em áreas de preservação, por outro, podem ser recomendáveis para os usos de lazer, recreação ou turismo, desde que estas atividades não tragam impactos aos ecossistemas. Torna-se essencial, que as diversas atividades que venham ocorrer estejam sob controle dos órgãos ambientais e de planejamento, estabelecendo-se os limites através de estudos ambientais e modelos de gestão que venham ser implantados a partir dos preceitos da gestão e da educação ambiental do lugar. Uma educação voltada tanto à comunidade local como ao turista, pautada na morfologia do Balneário para entendimento das funções dos espaços. Este entendimento permite o direcionamento da implantação de projetos consistentes que levem em consideração a integração dos aspectos ambientais e urbanos, como forma a garantir a continuidade da presença de diferentes ecossistemas através das áreas de proteção ambiental e de preservação da comunidade local.

A importância da continuidade dessas áreas justifica-se tanto em termos paisagísticos quanto ambientais. Ao se levar em consideração questões relacionadas à paisagem urbana, percebe-se que as áreas de preservação são elementos fundamentais na morfologia para consolidação da identidade da região.

O estudo possibilitou perceber a relevância desse sítio, tanto no cenário ambiental, como cultural da região e do Estado. Constatou-se, ainda, a importância do patrimônio paisagístico, intangível, cultural e material, identificados na área. Importa lembrar que é notável a necessidade de preservação e manutenção do sítio em função de suas características peculiares.

Além de seus atrativos naturais, as relações sociais e culturais estabelecidas na escala local do Balneário são reforçadas nos depoimentos e entrevistas e revelam-se como elemento característico para formação do espírito do lugar. O estudo de caso revela, também, que a paisagem aparece como elemento principal na apreensão do lugar a partir do momento em que os usuários apontam esses elementos na constituição da imagem mental do local. O turismo no Balneário Morro dos Conventos apresenta-se como alternativa de desenvolvimento, potencializando transformações expressivas na forma e no uso dos espaços públicos.

O Morro dos Conventos faz parte da cidade e deve ser integrado ao planejamento urbano, com a condição especial de ser um local com características particulares.

A organização e planejamento da atividade turística através da defesa dos interesses públicos, devem coibir controlar ações ambientais

predatórias, a fim de controlar processos inadequados de ocupação com a aplicabilidade de normas adequadas que controle a especulação do uso do solo.

Assim, coloca-se ainda a necessidade de inserir o conhecimento gerado sobre a morfologia do bairro nas estruturas de gestão territorial, promovendo a mobilização dos atores sociais em torno da implantação de um Plano de Gestão integrada que o considere, envolvendo o poder público local, a comunidade e a iniciativa privada para promover a conscientização crítica e a participação direta da população local.

A metodologia desenvolvida para a leitura da análise do espaço público, Morfologia Urbano/ Natural do Balneário Morro dos Conventos sugere a continuidade do estudo em outros elementos constitutivos do espaço natural e do construído, um estudo das relações entre o tipo construído e forma urbana, de uma análise dos elementos da estrutura urbana, dos processos de crescimento, do estudo das tipologias, as unidades e as relações de vizinhança, do natural como elemento de integração ao desenvolvimento.

Além disso, uma aproximação de escala em cada uma das Unidades Espaciais. No intuito de propor a continuidade da pesquisa, uma questão que caberia ser explorada é a caracterização e análise de estudos de casos em outras localidades, com características da morfologia similares, possibilitando traçar comparativos e novos referenciais para aprimorar a metodologia.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Sonia. **Urbanização de encostas: crises e possibilidades – o Morro da Cruz como um referencial de projeto de arquitetura da paisagem**. 1999. 645 f. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ALEXANDRE, N. Z. **Análise integrada da qualidade das águas da Bacia do Rio Araranguá (SC).. Florianópolis: Ed. UFSC, 2000. 297 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.**

AMESC– **Associação dos Municípios do Extremo Sul de Santa Catarina**. <http://www.amesc.com.br> acesso em 20.01.2001.

ARAÚJO, Anete. **Camillo Sitte: um precursor dos estudos de percepção espacial?** Revista de Urbanismo e Arquitetura, vol. 1, No 1 (1988) p.53-62.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ASSEN DE OLIVEIRA, Lisete. **Caminhos da centralidade contemporânea. Um jogo de escalas**. Arquitetura de Cidade Contemporânea. Centralidade, Estrutura e Políticas Públicas/Lisete Assen de Oliveira, Gilcéia Pesce do Amaral e Silva, Adriana Marques Rossetto (orgs)- Itajaí: UNIVALI, 2011.384 p.:Il.; 23cm

In: Congresso Internacional de Americanistas, 53, 2009, Universidad Iberoamericana. Anais. México: ICA-Universidad Iberoamericana, 2009. Pág.1-15. CD-ROM

BARDET, Gaston. **Naissance et meconnaissance de l'urbanisme**. Paris: SABRI, 1951.

Beaujeu-Garnier, J. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pág. 37. 1980

BENEVOLO, Leonardo. **As origens da urbanística moderna**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

_____. **História da arquitetura moderna**. São Paulo. Perspectiva. 1976.

BETTENCOURT, Luísa Catarina Freitas Andrade. **Morfologia urbana da cidade de Funchal**. 2007.

BRASIL. Lei nº 1.886, de junho de 1953. **Aprova o Plano Do Carvão Nacional e dispõe sobre a sua execução.**

_____. Presidente da República. Dispõe sobre o corte, a exploração e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração de Mata Atlântida. **Decreto Nº 750, de 10 de fevereiro de 1993**. Disponível em:

<http://www2.ibama.gov.br/~misis/cnia/lema_texto/Decreto/DC00750-100293.htm>. Acesso em: 14 jun. 2014.

_____. Lei n.º 12.651, de 25 de maio de 2012. **Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.**

CANIGGIA, G. e MAFFEI, G.L. - **Composizione Architetonica e Tipologia Edilizia** -1-Lettura Dell'Edilizia di Base - Veneza, Marsilio Editori, 1981. P.132.

CAPEL, H. **Capitalismo y morfologia urbana em Espana**. Realidad Geográfica. Barcelona. Ed. Los Libros de La Frontera. Vol. 04, 1983

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. 5. ed. São Paulo, Editora Pini, 1990, p.54).

DUFLOTH, J.H.; CORTINA, N.; VEIGA, M.DA. MIOR, L.C. (ORG) **ESTUDOS BÁSICOS REGIONAIS DE SANTA CATARINA**. FLORIANÓPOLIS. EPAGRI, 2005. CD-ROM.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro Nacional de Pesquisa de Solos (Rio de Janeiro). **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Brasília: Embrapa produção de informação, Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 1999.

EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina). **Dados e informações biofísicas da unidade de planejamento regional sul catarinense-UPR7**. 2001.

EPAGRI/CIRAM – Empresa de Pesquisas Agropecuária De Extensão Rural de Santa Catarina. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e agricultura; Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia e Santa Catarina. **Dados e informações bibliográficas da Unidade de Planejamento Regional Litoral Sul Catarinense – UPR8**. Florianópolis: EPAGRI,2001.

FRIEDMAN, Howard S.; SCHUSTACK, Miriam W. **Teorias da personalidade**: da teoria clássica à pesquisa moderna. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Martins, Fontes Editora. 1991 p.26-7.

GUERREIRO, Maria Rosália da Palma. **O território e a edificação: o papel do suporte físico natural na gênese e formação da cidade portuguesa**. 2002. 226 f. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Lisboa, 2002.p.206. Apud SCHLEE Mônica Bahia. PAISAGEM E AMBIENTE: ENSAIOS - N. 32 - SÃO PAULO - P. 33 - 66 - 2013. P.46.

GUIMARÃES, Pedro Paulo. **Configuração urbana. Evolução, avaliação, planejamento e urbanização**. São Paulo. Prolivros. 2004.

HILLIER, Bill. **A lógica social do espaço hoje (excertos do livro)**. Brasília: FAU-UnB, 1986.

HOLANDA, Frederico. Arquitetura sociológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, V. 9, N. 1 / maio, 2007.

JAPIASSU; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1996.

KER, J. C.; ALMEIDA, J. A. DE ; FASOLO, P. J. ; HOCHMÜLLER, D. P. **Pedologia: Levantamento Exploratório de Solos. In: Levantamento de Recursos Naturais:Projeto RADAMBRASIL**. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. p.:405-540.

KOHLSDORF, Maria Elaine.**Dimensões Morfológicas dos Lugares.Dimensão Topoceptiva**. Brasília: ed. FAU-UnB / SDU-GDF, 2005, pp.01-09.

LACAZE, Jean-Paul - **A cidade e o Urbanismo**: Instituto Piaget, Flammarion, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMAS, J.M.R.G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Calouste Gulbenkian/ Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2004.

_____. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Gulbenkian, 2000.

_____. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Gulbenkian, 1989.

LE CORBUSIER. **Urbanismo (1925)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. **Maneira de pensar o Urbanismo**. Coleção SABER - Publicações Europa - América. Tradução de José Borrego, 1969.

LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. Espacio y política: **El derecho a la ciudad, II**. Barcelona: Ediciones península, 1972.

_____. **Le retour de la dialectique**: 12 mots clef pour le monde moderne. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986.

LEITE, P. F.; KLEIN, R. M. **Vegetação. Geografia do Brasil, IBGE, v. 2, p.113- 150,1990**. 71

LEVY, Albert. **La qualité de la forme urbaine. Problématique et enjeux**. Paris: École d'Architecture de Paris La Villette, 1982.

LINHARES, Maria Yedda; TEIXEIRA, Francisco Carlos. **Os alimentos que fizeram o Brasil**. São Paulo: Embrapa. 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____. **A Boa Forma da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MACEDO, Sílvio S. **Paisagem, urbanização e litoral: do éden à cidade**. Tese de Livre-docência, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1993. Disponível em:

<<http://www.io.usp.br/DOB/Labs/bioma/macedo2.htm> > Acessado em 06/07/2015.

MACEDO, Sílvio S. **Paisagem, litoral e formas de urbanização.** In:(MORAES Antônio C. R. de, ZAMBONI Ademilson) Ministério do Meio Ambiente/ Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão. Projeto Orla Subsídios para um projeto de gestão / Brasília, 2004.

MAGNOLI, Miranda M. E. M. **Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana.** 1982. Tese (Livredocência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARX, Murillo. **Cidade brasileira.** São Paulo: Melhoramentos: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MERLIN, P. (Ed.). **Morphologie urbaine et parcellaire.** St. Dennis: Espaces, 1998.

MYNAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec. 1993.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. (2004). **A Relação Urbano-Rural no Brasil Contemporâneo.** In: II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2004, Santa Cruz do Sul. Anais do II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz: EDUNISC.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

NEVES, André Lemoine. **A transferência da cidade portuguesa para o Brasil:1532-1640 – Tese de Doutorado – PPDU/UFPE, 2009, p. 241.** Apud Dornelles 2011.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: Towards a phenomenology of architecture.** Londres: Academy Editions. 2008.

ORLANDI, Verônica. **Proposta Urbanística e Valorização da Memória no Bairro Morro dos Conventos.** Trabalho Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo - UFSC - Florianópolis 2015.

PANERAI, P. **Análise urbana.** 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 2014.

_____. **Análise urbana**. Brasília: Editora da UNB, 2006.

PANERAI, Philippe, CASTEX, Jean, DEPAULE, Jean-Charles. **Formes urbaines: de l'îlot à la barre**, Marseille: Éditions Parenthèses, 2004.

PARK, Robert Ezra. **The City: sugestions for a human behavior investigation at the urban enviroment**. In: American Journal of Sociology, XX (march, 1916), P. 577-612.

PESCARINI, I. A. **Revitalização de avenidas em São Paulo. Considerações morfológicas**. 2003, p. 65. São Paulo. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc065/mc065.asp>>. Acesso: 08 maio. 2015.

PELLEGRINO, Paulo R. M.; MACEDO, Silvio S. **Ética e estética: o destino do litoral. Paisagens e Ambiente: ensaios**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. N.1 p.117-124, 1986.

PELLEGRINO, Paulo R.M. & MACEDO, Silvio Soares **Do éden à cidade - transformação da paisagem litorânea brasileira**. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R.C.A. Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 156-160.

PIAZZA, W. F. **Atlas Histórico do estado de Santa Catarina**. Florianópolis: DCSEC, 1970. 100 p.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Araranguá: expansão e plano urbano**. GEOSUL, Florianópolis, v.15, n.29, p.79-109, jan/jun.2000.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14388>

PINCHEMEL, Philippe & PINCHEMEL, Geneviève. **La face de la Terre, éléments de géographie**.5 éd. Paris: Armand Colin, 1997, 517p.

PORTO FILHO, E. **Geomorfologia**. In: **Complexo Ecoturístico-Habitacional Morro dos Conventos: Estudo de Impacto Ambiental**. Florianópolis: Sócio ambiental. 2001.

PROSUL, SC Parcerias S. A. **Relatório de Impacto Ao Meio Ambiente –RIMA – Rodovia Interpraias SC-100**. Maio/2006

RANGEL, Ignácio. **Dualidade Básica da Economia Brasileira**. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1957. 109 p.

REIS, Almir Francisco – **Permanências e Transformações no espaço costeiro**: formas e processos de crescimento urbano-turístico na ilha de

santa Catarina. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, USP, 2002.

REIS, Almir Francisco. **Simpósio Temático: Arquitetura Urbanidade e Meio Ambiente - Crescimento Urbano, Turístico, Meio Ambiente e Urbanidade no Litoral Catarinense**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (2000).

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil 1500/1720**. São Paulo: Pini, 1968.

REIS, Nestor Goulart. **Notas sobre o urbanismo no Brasil**. Primeira parte: período colonial. Cadernos LAP. Série Urbanização e Urbanismo. São Paulo: FAU/USP, 1995.

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar. A história e o futuro da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa: Cosmos, 1977.

SAMPAIO, Andréa. **Ordenação da forma urbana: um mal necessário?**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 11. 2005, Salvador. Anais... Salvador: ANPUR 2005.

SANTOS, Milton. **A cidade e o urbano como espaço-tempo**. CIDADE & HISTÓRIA - Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. UFBA - FAU/MAU. Salvador, 1997.

SANTOS, Carlos Nelson F. **Preservar não é tombar, renovar não é pôr tudo abaixo**. PROJETO nº 86. S. Paulo: Projeto, 1986.

_____. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: EFF/EDUFF e São Paulo: Projeto Ed. 1988.

SANTOS, Cláudia Regina. **Proposta de critérios de ordenamento para a área de influencia direta sobre a Área de Preservação Permanente (vegetação de restinga e fixadora de dunas) do litoral catarinense: bases para uma gestão costeira integrada**. Revista de Gestão Costeira Integrada 7(1):17-32, 2007.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: **Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A cidade e o urbano como espaço-tempo**. Cidade & História - Modernização das cidades brasileiras nos Séculos XIX e XX. UFBA - FAU/MAU. Salvador, 1992.

- _____. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo: razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996 (1999 3aed).
- _____. **A urbanização brasileira.** 5 ed. Hucitec: São Paulo. 2008.
- _____. **Espaço & Método.** 4 ed. São Paulo: Nobel, 1997a, 88p.
- _____. **Metamorfoses do espaço habitado.** 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997b, 124p
- SANTOS, Paulo Ferreira. **Formação de cidades no Brasil colonial.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.
- SERRA, Geraldo. **O espaço natural e a forma urbana.** São Paulo: Nobel, 1984.
- SILVA F., Olavo Pereira da. **Arquitetura luso-brasileira no Maranhão.** Belo Horizonte: Unesco, 1998.
- SILVA, Edna Lúcia. MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3. ed. Florianópolis: LED/UFSC, 2001.
- SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos.** São Paulo: Ática. 1992.
- TEIXEIRA, M. B.; COURA NETO, A. B.; PASTORE, U.; RANGEL FILHO, A. L. R. **As regiões fitoecológicas, sua natureza e seus recursos econômicos – Estudo fitogeográfico. In: Levantamento de recursos naturais. v.33. Porto Alegre: IBGE, 1986.**
- TEIXEIRA, M. C.; VALLA, M. **O urbanismo português. Séculos XIII – XVIII.** Portugal – Brasil. Livros Horizonte, 1999.
- TEIXEIRA, Manuel C. Patrimônio urbano dos países de língua portuguesa: raízes e manifestações de um patrimônio comum. In: **SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA**, 3, 2009, Ouro Preto, Anais... Ouro Preto, 2009, p. 1-13. Apud SCHLEE Mônica Bahia. PAISAGEM E AMBIENTE: ENSAIOS - N. 32 - SÃO PAULO - P. 33 - 66 - 2013. P.46.
- _____. **Comunicação apresentada no Colóquio "A Construção do Brasil Urbano", Convento da Arrábida - Lisboa 2000.**

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

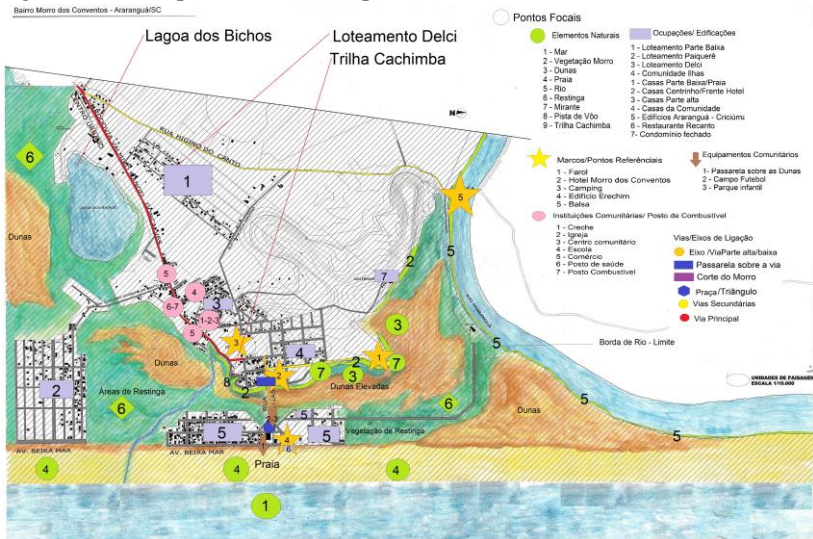
ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ANEXO

ANEXO I – UMA APROXIMAÇÃO À IMAGEM PÚBLICA DO MORRO DOS CONVENTOS

Neste trabalho, a aplicação de questionários busca compreender como os usuários apreendem e formam a imagem que possuem do Bairro Balneário Morro dos Conventos e quais os elementos responsáveis pela caracterização desta imagem. Foram entrevistadas 56 pessoas, sendo 11 moradores da UEA 01, 02 da UEA-02, 07 da UEA-03, 09 da UEA-04, 08 da UEA-05 e 19 veranistas e turistas eventuais, através de questões abertas. O que gerou um mapa síntese do bairro. (Figura 127).

Figura 1257 - Mapa Síntese dos Mapas Mentais



Fonte: Elaborado pelo autor.2015

Na primeira questão, o respondente é convidado a informar que idéias ou símbolos a palavra Morro dos Conventos sugere a ele e como descreveria fisicamente o lugar. O Morro como assim conhecido, foi caracterizado como um lugar transcendental capaz de emanar uma energia incomum, muitos o descreviam como luz de paz de espírito, de relaxamento e tranqüilidade, um lugar parado no tempo. Os elementos da paisagem característicos das conformações da região foram muito utilizados quando os usuários descreveram o lugar, entre os mais citados apareceram o farol, o Rio Araranguá, cordões de dunas e as dunas

isoladas ao pé do morro, as falésias, o mar, a vegetação, o camping, o hotel e a passagem no corte do morro com a passarela acima.

A segunda questão trata especificamente do mapa mental⁶². Lynch (1998) acredita que tais imagens resultam de um processo bilateral entre o ambiente e o homem, e sugere que estas imagens ambientais podem ser decompostas em identidade, estrutura e significado considerando a subjetividade inerente ao significado, que lida com valores não objetivos e, muitas vezes, emocionais.

Conforme Lynch (1998), os principais elementos estruturadores da imagem ambiental – marcos, nós, limites, setores e percursos – podem ser identificados nos mapas e, a seguir, agrupados com vistas a identificar as imagens públicas, comuns à maioria dos habitantes de uma cidade. O mapa mental é caracterizado por imagens que combinam os espaços urbanos (vias, ruas, praças) a outros aspectos e elementos físicos relacionados em um espaço de ação detalhado.

Identificou-se na pesquisa que, corroborando os estudos de Lynch (1998), o mapa mental define o ambiente percebido pelo respondente e indica a importância de um elemento físico em relação a outro. Assim, a combinação da forma física com o espaço de ação da pessoa possibilitaria a condução de ações cotidianas na cidade.

O percurso cotidiano pelas vias de uma cidade reforça a estruturação mental ou a percepção que as pessoas têm em relação a um determinado ambiente. De modo inverso, a escolha de um percurso diferente altera esta percepção, causando uma sensação de perda de direção ou sentido, em função da falta dos elementos mais familiares presentes no mapa mental.

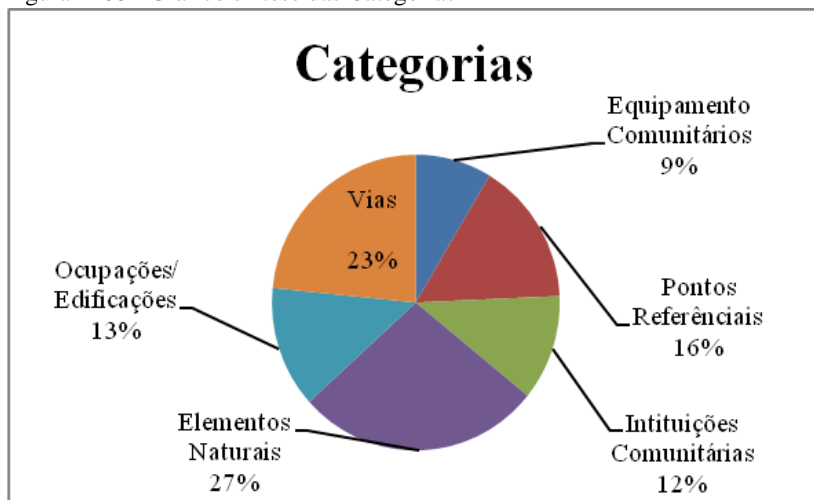
Os mapas (ver exemplo nos Anexo 01) facilitam a identificação de áreas ou aspectos urbanos que possuem imagem fraca, ou seja, que resultam de falta de legibilidade, de clareza arquitetônica e força. A aplicação da técnica de mapas mentais permite que o pesquisador saiba o quanto o respondente conhece seu ambiente e quais são os elementos e aspectos físicos mais fortes na estruturação de sua imagem mental.

Através da leitura das informações do questionário, obtidas na entrevista com os moradores e dos mapas elaborados construiu-se a

⁶² O texto abaixo foi utilizado como o indicativo da sua construção: Gostaríamos que fizesse um desenho do Morro dos Conventos a partir da referência indicada. (Bifurcação do Canivete localizado no início do Bairro acesso principal ao local). Desenhe-o exatamente como se estivesse fazendo uma rápida descrição do percurso para um estranho, incluindo todas as características principais, elementos que você considera importante.

imagem pública ou intersubjetiva da população. Na análise dos dados, constatou-se a presença de diversos elementos integrantes da paisagem urbana e natural, o que resultou na necessidade de criar agrupamentos destes elementos, que resultou 06 categorias distintas assim denominadas conforme ilustra a Figura 128: Elementos Naturais, Pontos Referenciais, Instituições Comunitárias, Ocupações/Edificações e Equipamentos Comunitários.

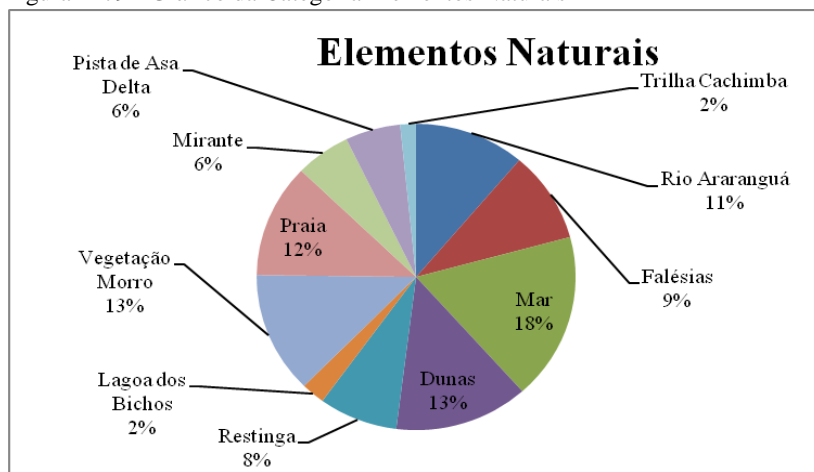
Figura 1268 - Gráfico síntese das Categorias



Fonte: Elaboração do Autor 2015

Os Elementos naturais foram os que mais se destacaram, representando 27% do total de entrevistas, pode-se observar a representação em percentagem dos seus elementos integrantes dentro desta categoria na Figura 129.

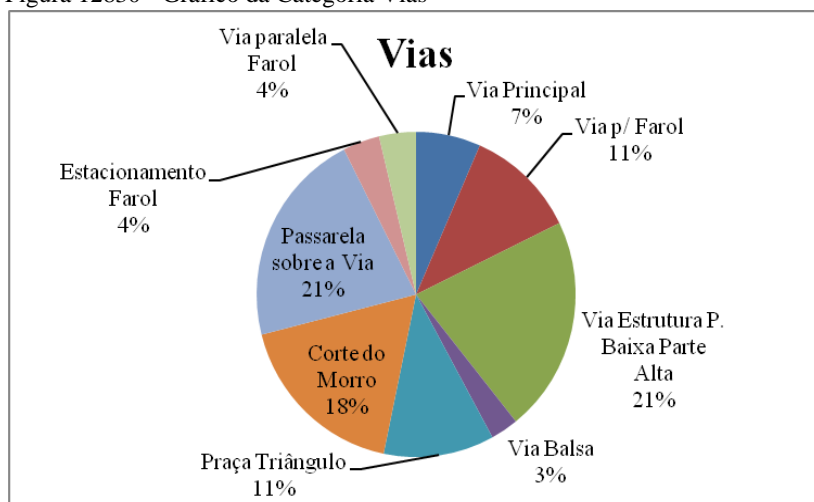
Figura 1279 - Gráfico da Categoria Elementos Naturais



Fonte: Elaboração do Autor 2015

As Vias exercem um papel de elemento estruturador do lugar, representaram um total de 23% do total de entrevistas entre as que se destacaram dentro desta categoria, observa-se na Figura 130.

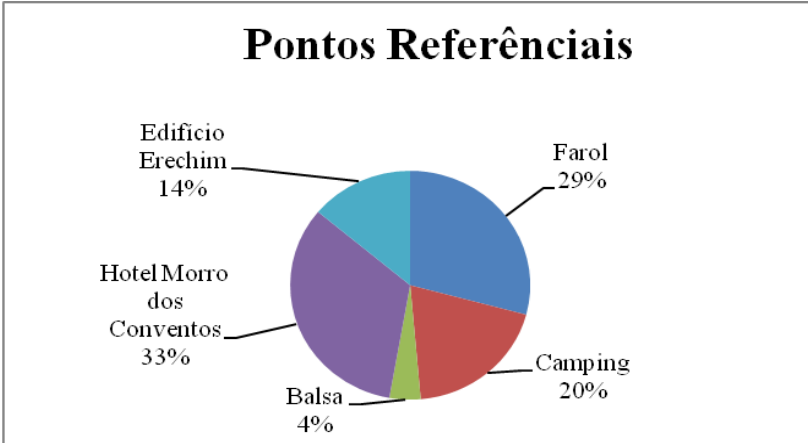
Figura 12830 - Gráfico da Categoria Vias



Fonte: Elaboração do Autor 2015

Os Pontos Referenciais aparecem nos mapas mentais de 16% dos entrevistados conforme a Figura 131, onde se pode observar os elementos que a constituem e suas porcentagens dentro desta categoria.

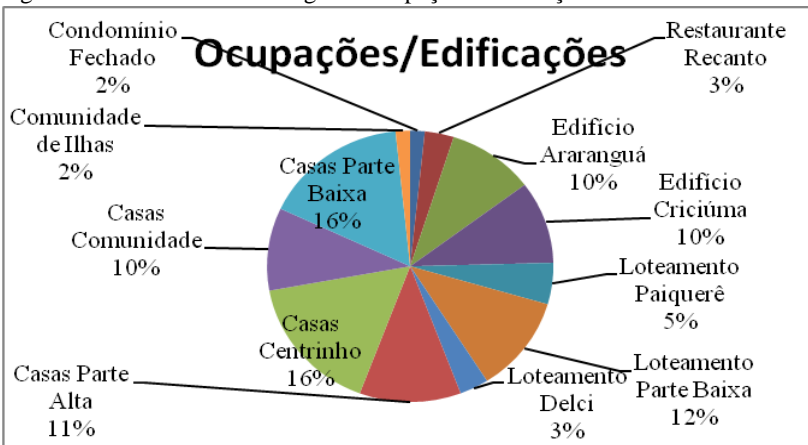
Figura 1291 - Gráfico da Categoria Pontos Referenciais



Fonte: Elaboração do Autor 2015

As Ocupações/Edificações aparecem nos mapas mentais de 13% dos entrevistados. Através da Figura 132, observa-se os elementos integrantes desta categoria e suas respectivas porcentagens referente ao agrupamento.

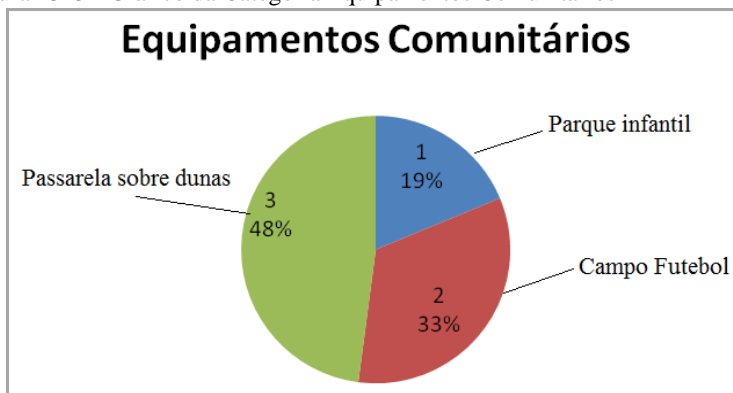
Figura 1302 - Gráfico da Categoria Ocupações/Edificações



Fonte: Elaboração do Autor 2015

Os Equipamentos Comunitários aparecem nos mapas mentais de 13% dos entrevistados. Através da Figura 133, observa-se como elementos integrantes a passarela sobre as dunas representando 48% desta categoria, o campo de futebol na praça em 33% e o parque infantil em 19% ambos situados no final do eixo do corte do morro na parte baixa.

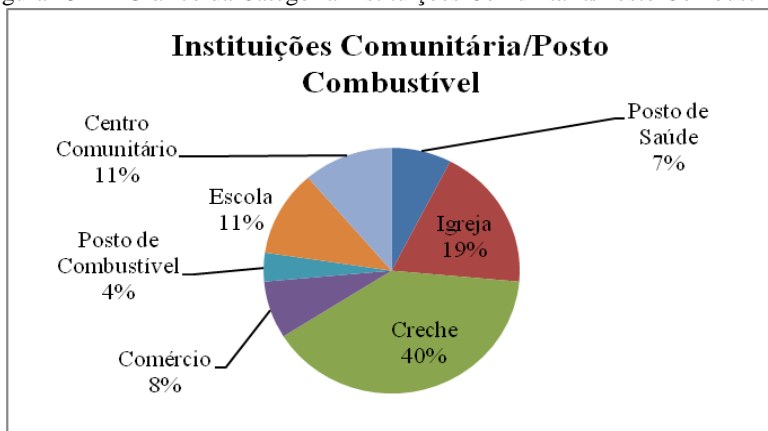
Figura 1313 - Gráfico da Categoria Equipamentos Comunitários



Fonte: Elaboração do Autor 2015

As Instituições Comunitária/ Posto de Combustível, representadas em 12% do gráfico de categorias, apresenta como resultado a representatividade a partir dos elementos que o constituem e pode-se observá-los através da Figura 134.

Figura 1324 - Gráfico da Categoria Instituições Comunitária/Posto Combustível



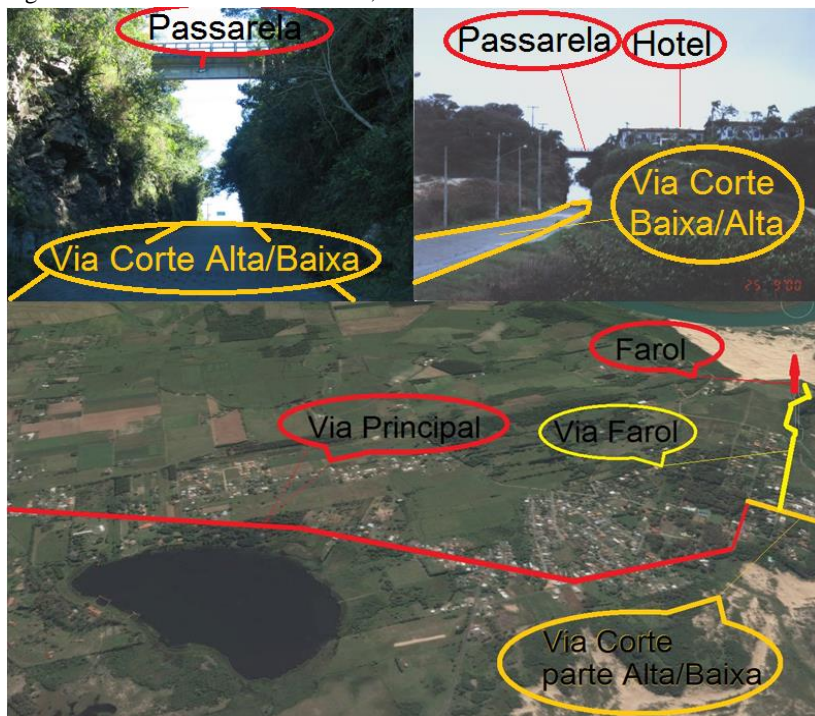
Fonte: Elaboração do Autor 2015

Após estas constatações podemos apresentar os seguintes resultados:

3.4.1 Quanto aos limites: Os limites são referências laterais que distinguem duas partes do espaço. Da análise dos resultados obtidos constatou-se que há uma clara definição dos limites permeáveis na direção Norte/Leste/Sul, em função da praia, do rio, das dunas, da restinga e do nascer e pôr-do-sol que criam imagens exuberantes e cenográficas. Já na direção Norte Sul os limites definem-se como não permeáveis e são definidos pelas construções, cordão de dunas e relevo. Observa-se, que o caminho principal da localidade se apresenta também como importante elemento de ruptura entre as partes do espaço, contribuindo para a definição dos limites na imagem formada pelos moradores/entrevistados.

3.4.2 Quanto aos caminhos: Os caminhos são os vários trajetos que acompanham o observador no seu cotidiano ou situações adversas. Não estão necessariamente vinculados ao sistema viário, podendo ser entendidos como qualquer tipo de canal de circulação, como ruas, vias, estradas, avenidas, becos, trilhas etc. É através dos caminhos que ocorre a apreensão e conseqüente memorização do espaço, e por isso estes são considerados estruturadores dos demais elementos. Neste estudo de caso constatou-se que a Rodovia de Chegada ao Morro, a via que conecta a parte alta com a parte baixa do morro e a via que segue ao Farol são as principais vias da malha viária do lugar (Figura 135), caracterizando-se como caminhos de forte intensidade para o total dos entrevistados. Vias estas exercem papel de elemento estruturador do lugar, conforme demonstrado nos mapas elaborados pelos entrevistados (ver Anexos 1,2,3 e 4).

Figura 1335 - Vista Parcial do Farol, entorno e Funcionalidade



Fonte: Intervenção sobre panorâmio Google/Composição do Autor sobre Arquivo Pessoal

3.4.3 Quanto aos marcos referenciais: São balizamentos ou pontos de referência que se destacam na área em estudo pela singularidade e contraste de suas características morfológicas em relação ao entorno. Os mapas mentais produzidos pelos entrevistados mostram em sua totalidade como marco referencial de forte intensidade a edificação do Farol (imagens da Figura 136), um elemento que marca a paisagem, se perde na escala do entorno devido à monumentalidade das formações rochosas, porém se sobressai na paisagem por sua posição e funcionalidade.

Figura 1346 - Vista Parcial do Farol entorno e Funcionalidade



Fonte: Arquivo Pessoal Intervenção e composição do autor

O hotel, o camping, a passarela e a via de ligação entre a parte alta e a parte baixa, a praçinha ao seu final também foram citados como referenciais. Os elementos naturais que se destacam na paisagem são as dunas, as falésias, a praia, o rio (ver Anexos 1, 2, 3 e 4).

3.4.4 Quanto aos bairros: São partes da cidade ou da porção em estudo, de dimensões variadas, que são concebidas na estrutura da imagem segundo sua individualidade de formas, atividades e significados específicos em relação às demais. São avaliados segundo a continuidade de suas temáticas e a clareza de seus limites. As porções apontadas pelo total dos moradores/entrevistados apresentam-se todas com forte intensidade e clareza, coerência, de modo a distinguirem-se uns dos outros, configurando a região como um conjunto de fragmentos de ocupação que formam os espaços do todo, do “bairro”/lugar, dividido por áreas de preservação permanente que intensificam a clareza da formação com espaços fragmentados, o que nos leva a concluir com clareza que existem a dispersão de conjuntos morfológicos a partir da fragmentação da ocupação. Ficou claro que para os entrevistados o Loteamento Paiquerê representado pela UE 03, não faz parte do bairro.

3.4.5 Quanto aos pontos focais: São elementos da porção em estudo definidos pelo movimento que propiciam, caracterizando-os como zonas de confluência ou dispersão de pessoas. O ponto focal de maior hierarquia citado em todas as entrevistas e mapas mentais foi o Farol (Apêndice1, 2, 3 e 4), por sua representatividade no contexto histórico, pela funcionalidade, pelo destaque na composição paisagem e por se localizar em na ponta alta das formações rochosas. Como focos secundários aparecem a vegetação da encosta de morro, as dunas elevadas e a praia. A estrutura da Imagem tenderá a ser clara e permitirá boa orientação quando os pontos focais estruturarem-se hierarquicamente. Como pontos focais citados pelo total de entrevistados destacam-se, ainda na rodovia estruturadora do lugar, a via que liga a parte alta da parte baixa da Cidade Balneária e via que leva ao mirante e Farol, os pontos onde há o comércio, restaurantes e bares instalados. Os serviços geram pontos de encontro e movimentação de pessoas. Estes pontos de aglomeração caracterizam-se, portanto, como sendo os principais pontos de chegada do estrangeiro ao Balneário Morro dos Conventos que desconhecem, os elementos integrantes das Instituições Comunitária, estes mais fortes para os entrevistados da UE01.

O caminho presente no mapa mental corresponde à principal via estruturadora da localidade, a passagem no corte do morro até a parte baixa e a via que segue até o Farol. Da mesma forma, o ponto focal, bem como a totalidade dos marcos referenciais citados situam-se na "Cidade Balneária Morro dos Conventos", a partir do final do caminho principal, nas vias secundárias a partir desta. É importante destacar que os elementos da imagem urbana são os caminhos e os pontos focais, que mais diretamente vinculam-se, ao se constituírem em condicionantes e objetivo dos deslocamentos urbanos. No caso dos marcos referenciais, estão interligados à rede de caminhos e pontos focais, constituem-se como balizadores de movimentos cotidianos e elementos de referência e identidade do local por sua localização e composição da paisagem.

MAPA MENTAL 01 - MORADOR



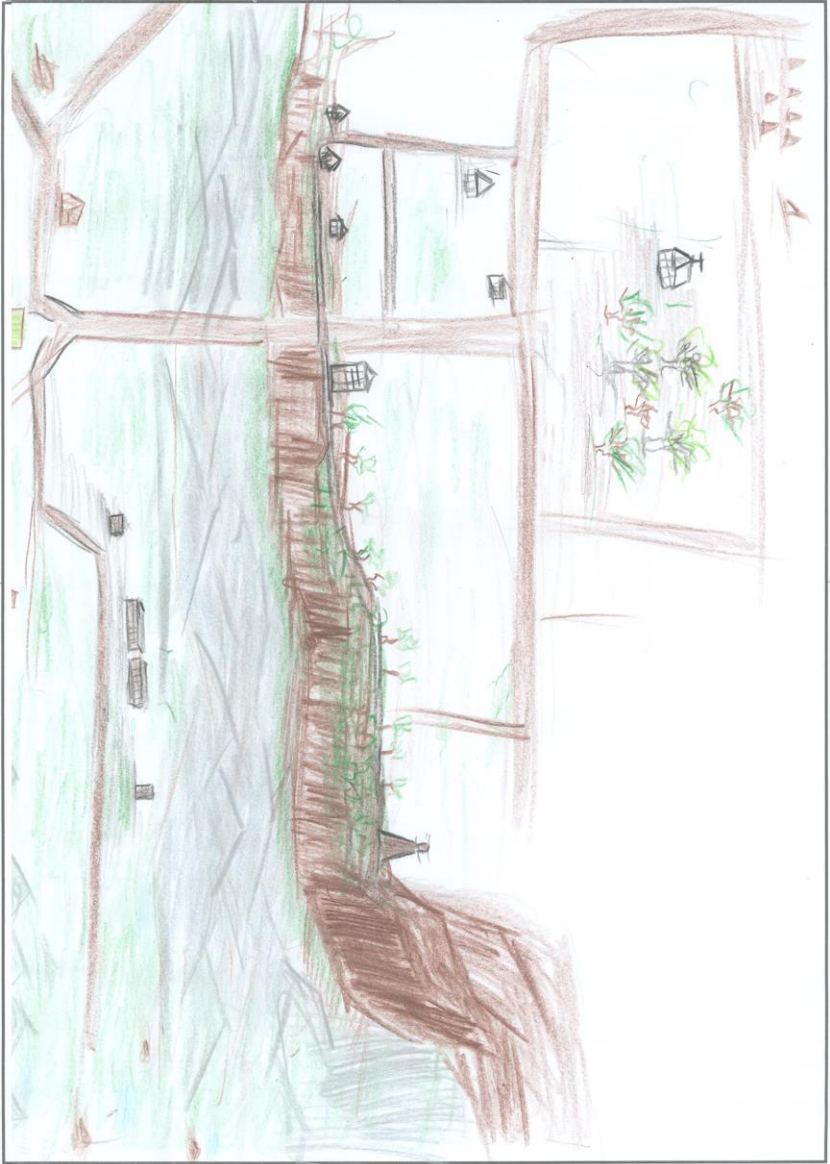
MAPA MENTAL 02 - MORADOR



MAPA MENTAL 03 - TURISTA



MAPA MENTAL 04 - TURISTA



ANEXO II – FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO EMPREENDIMENTO - LADO 01

CIDADE BALNEÁRIA "MORRO DOS CONVENTOS"

Lista de Preços — Plano de Vendas Especial — Para 100 Lotes

Tabela Para Venda "SEM ENTRADA" — Terrenos a Venda na CIDADE BEIRA-MAR

QUADRA	LOTE	FRENTE METS.	AREA MET.	PREÇO	100 PRESTACOES
QUADRA N.º 2	1 e 6	15,50	675,20	65.000,00	650,00
	2 e 7	15,50	670,00	60.000,00	600,00
	3 e 8	15,50	670,00	60.000,00	600,00
	4 e 9	15,50	670,00	60.000,00	600,00
	5 e 10	15,50	670,00	60.000,00	600,00
QUADRA N.º 3	1 e 6	17,85	778,50	70.000,00	700,00
	2 e 7	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	3 e 8	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	4 e 9	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	5 e 10	17,85	770,00	65.000,00	650,00
QUADRA N.º 4	1 e 6	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	2 e 7	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	3 e 8	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	4 e 9	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	5 e 10	17,85	770,00	65.000,00	650,00
QUADRA N.º 5	1 e 6	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	2 e 7	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	3 e 8	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	4 e 9	17,85	770,00	65.000,00	650,00
	5 e 10	17,85	770,00	65.000,00	650,00

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

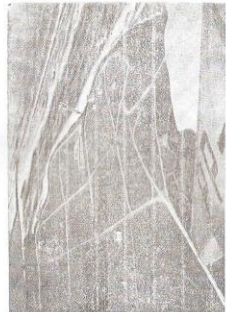
PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

PREÇO ESPECIAL — Para as quadras 2, 3, 4 e 5, com 40 metros de frente, o preço será de 50% de desconto sobre o preço normal.

Cidade Balneária Morro dos Conventos



Condomínio Exclusivo de Venda
ARY ANTUNES RAMOS
 Pr. 15, Novembro, 42 (Alto Dourado, Bairro C. de Fátima) — Fone: 221.100 (5)
 Fone Alamo — Rua Grande do Sul, 100
VERANEIOS DE MAR E SEIRA
 Localizados em: ARAUCÁRIA S. Catarina — R. do Carmo, 100 — Fone: 221.100 (5)
 F. de Juremundo, de. Camaró da Sul, 100, Fátima, 100, F. de Juremundo, de. Fátima — 100, Fátima.

Vista aérea de "MORRO DOS CONVENTOS" demonstrando as vantagens de localização, acesso, segurança e comodidade para o turista e o morador. O terreno é plano e a vista é maravilhosa. O acesso é fácil e a localização é excelente. O terreno é plano e a vista é maravilhosa. O acesso é fácil e a localização é excelente.

CIRCULAR

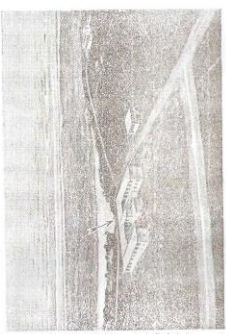
Prezados Senhores:

Tenho a honraria de ler o prelo do anexo e o conteúdo das notícias e chego a conclusão de que V. S. e seus entes queridos — gozarem saúde e prosperidade — em futuro próximo.

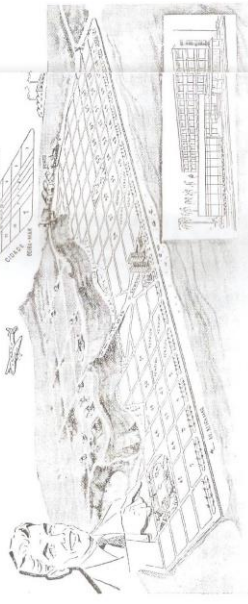
Outrossim, como testemunho do importante negócio que lhes estamos oferecendo, transcreveremos valiosas impressões de prominentes riograndenses sobre a Cidade Balneária "Morro dos Conventos".

Ary Antunes Ramos

Cordiais Saudações



Visto de alto, oferece-se a oportunidade de adquirir um terreno de 100 metros quadrados, com vista para o mar e para a cidade. O terreno é plano e a vista é maravilhosa. O acesso é fácil e a localização é excelente. O terreno é plano e a vista é maravilhosa. O acesso é fácil e a localização é excelente.



APÓS LER — Fica a gentileza de levar esta oportunidade a seu conhecimento — proporcionalmente a uma gentileza —

ANEXO III - FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO EMPREENDIMENTO - LADO 02

Algumas das Impresses Obtidas de Proeminentes Brasileiros Sobre a Maravilhosa Cidade Baileira "MORRO DOS CONVENTOS"

... ALIADO FAZIA NADA, EM NATUREZA PARA SERE EM DIA, FORÇAPARADA AS MELHORES DO MUNDO" - VICTOR GRABET (Advogado, Ex-Presidente das Ass. Leilões e Ex-Governador do R. G. Sul)

Prof. Dr. ENANI ESTRELA (Adv. Engenheiro e Cón. Distrito Central do Uruguai)
Vistes com interesse aguçado a cidade baileira "Morro dos Conventos", cuja beleza, estrutura e...

Prof. Dr. ELIZO PAGLIOLI (Ex-Grande do Sul e ex-Professor de Porto Alegre)
O plano do Morro dos Conventos, além de apresentar um maravilhoso conjunto de...

Deputado Dr. JOAO CARUZO (Adv. Ex-Presidente da Assembleia Legislativa e Ex-Ministro da Justiça)
Nos oportunidades em que visitei "Morro dos Conventos" tive a impressão de que...

Decemburgador Dr. CARLOS THOMPSON FLORES (Advogado e Decemburgador do Uruguai)
"Morro dos Conventos", vejo longe de mim que fiz de seu meio muito estudo de...

NOTICIA IMPORTANTE DA EUROPA PARA O BRASIL
A FIANÇA VAN REFORMAS SANTA CATARINA - Com este título, o destacado jornalista...

Liquera, Araraquã e Imbituba geladas como o Polo Sul, na fol e ornamentadas, localizadas em...

Dr. RODOLFO DAGNINO (Ex-Grande do Sul)
A honramos dos costumes florestais do rio, tecido de um lado e suave deslizamento das...

Prof. Dr. JOAO CARUZO (Adv. Ex-Presidente das Ass. Leilões e Ex-Governador do R. G. Sul)
O Centro de gravidade da Zona Geométrica Cartesiana, está em média 39 kms. do eixo...

Decemburgador Dr. CARLOS THOMPSON FLORES (Advogado e Decemburgador do Uruguai)
"Morro dos Conventos", vejo longe de mim que fiz de seu meio muito estudo de...

Liquera, Araraquã e Imbituba geladas como o Polo Sul, na fol e ornamentadas, localizadas em...

20
anos
JORNAL DA MANHÃ

CRICIÚMA, QUINTA-FEIRA
31 DE JANEIRO DE 2013

GERAL

jm@jmeat.com.br • www.jmeat.com.br

Francieli Oliveira
Criciúma

NO MORRO DOS CONVENTOS

MPF busca impedir acesso de automóveis nas dunas

Araucária

O Ministério Público Federal em Criciúma ingressou com Ação Civil Pública contra a circulação irregular de veículos automotores nas dunas e praias situadas na orla marítima de Araucária e junto à foz do rio Araucária, prática que vem se tornando massiva na região. Conforme o MPF, além dos prejuízos ao ecossistema costeiro, há a questão da segurança dos banhistas e de mais frequentadores do respectivo espaço público, que é de uso comum do povo. A ação busca cessar também os danos ao sossego público causados pela circulação descontrolada de veículos sobre praia e dunas, além do espaço estar sendo utilizado para festas durante a madrugada, que acarretam deposição de lixo no local.

Assinada pela procura-



ULSSES JOBIM
Belezas naturais do Morro dos Conventos são defendidas pelo Ministério Público Federal

do um conjunto comparável a uma bomba-relógio", desata Rafaela.

Pedidos da ação

O MPF requer, entre outros pedidos, que o Município de Araucária seja compelido a sinalizar e colocar obstáculos físicos (muros de concreto, cancelas ou outros meios comprovadamente eficazes) nos acessos atualmente existentes às praias de todo município. Também deverá implantar controle efetivo dos veículos que podem acessar a faixa de praia, franqueando o acesso apenas aos carros oficiais e viaturas necessárias à limpeza, segurança e policiamento.

Outro pedido é que se vede o estacionamento de automóveis na faixa de praia e demais áreas de preservação permanente (dunas e restingas) e promova sua respectiva fiscalização.

em janeiro deste ano, inclusive durante a madrugada, que confirmaram os fatos narrados pela ONG Sócios da Natureza.

Conforme a ação, as imagens colhidas pela PM mostram, durante o dia, a circulação intensa de carros na praia e estacionados sob as dunas, além de muitas motos circulando no local. "Os veículos trafegam em alta velocidade, indistintamente aos banhistas e demais pessoas frequentadoras do balneário que tentam repousar no local", afirma a procuradora. "À noite, a área se transforma em um verdadeiro baile funk a céu aberto, no qual carros e pessoas se misturam em uma dança perigosa. Além-se à poluição sonora a degradação da área de praia e dunas e a reunião desordenada de pessoas, sem qualquer medida de segurança, formen-

formou que o 19º Batalhão da PM já havia constatado a situação na temporada de 2011. O fato foi repassado à Administração Pública Municipal de Araucária a fim de impedir o tráfego de automóveis na faixa de praia. A PM possui, inclusive, gravações em áudio e vídeo na faixa de praia do Morro dos Conventos, gravadas

cos não podem se omitirem especialmente do dever de fiscalização e de utilização do poder de polícia administrativa na proteção do meio ambiente. A ação teve início por meio de representação da ONG Sócios da Natureza, que confirmava notícia veiculada pela Oscip Preserv'Ação. Oficiada, a Polícia Militar in-

dora da República Rafaela Albertici de Barros Gonçalves, a ação afirma que compete ao Município, réu da ACP, dentre outras atribuições, a regulamentação, o planejamento e a operacionalização do trânsito em seu território, além da execução de atividades de fiscalização do tráfego. Para Rafaela, os órgãos públi-